

~~60~~ X
21301

R I M A S
D E
J O Ã O X A V I E R
D E M A T O S

С А М І Я

ЛІТЕРАТУРА

С П І С О К

Р

R I M A S
DE
JÓÃO XAVIER
DE MATOŚ
ENTRE OS PASTORES
DA ARCADIA PORTUENSE
ALBANÓ ERITHREÓ
DEDICADAS Á MEMORIA
DO GRANDE
LUIZ DE CAMÕES
PRINCIPE
DOS POETAS PORTUGUEZES
DADAS Á LUZ
POR
CAETANO DE LIMA E MELLO.
TOMO PRIMEIRO.
Terceira Impressão.

*Var
y las*



L I S B O A

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA. 1782.
Com licença da Real Meza Censória.

Vende-se na loja da Imprensa Regia á Real Praça do Commercio.

R. T. M. A. S.
DE
JÓÃO XAVIER
DE MATOS

ALVARO RIBEIRO
PROFESSOR E MEMORIA
DE GRADUAÇÃO

Nem eu delicadezas vou cantando,
Co' gosto do louvor, mas explicando
Puras verdades já por mi passadas,
Oxalá forão fabulas sonhadas.

CAMÕES. *Cang. X.*

CAPTÃO DE LIMA E MELLO



LIBRO

NA REGIA OFFICINA TYPGRAPHICA

1870

PROLOGO

JUDICIOSO Leitor , as Poefias de JOÃO XAVIER DE MATOS tão conhecidas , e eftimadas dos noſſos Portuguezes , são as que offereço neste pequeno volume á tua curiosidade : Elle poderia fer maior , ſe fora vencivel o pouco apreço , que faz o A. das ſuas admiraveis compoſições , tanto em prejuizo dos que amão a bella ſimplicidade , e prézão mais os veſtidos proprios da natureza , do que os adornos empreſtados da Arte : Tu , que deve ſuppôr deſte número , não deſapprovarás o trabalho , que tomei , para dar-te a ler em hum ſó Livro os Teocritos , os Lobos , e os Bernardes.

Vale.

SO-

PROLOGO

Uniao do Brasil, as Fozes da
 João Xavier de M. A. e
 conhecidas, e estimadas dos nossos
 mizes, são as que offereço a
 quem volume à sua curiosidade; Elle
 poderia ser maior, se não tivesse
 pouco espaço, que tem o A. das
 sibilivas compendias, tanto em
 junco dos que já se offereça a
 hade, e porão mais os vestidos
 pios da natureza, do que os adorns
 empalhados da Arte; Tu, que deo
 impõe a este mundo, não desaprova
 as o trabalho, que tomei, para dar
 te a ser um livro de livro os
 tos, os livros, e os heranças.

Vale



SONETO

AFOITO córte o mar o navegante,
Por engrossar nos lucros a fazenda;
Feche o soldado os olhos na contenda,
Por deixar do valor próva bastante:

Palacios mil o cortezão levante,
Porque a cega lisonja mais o attenda:
O Rei grandes exercitos estenda,
Por conquistar a terra mais distante:

Trabalhe em fim por terra, e mar profundo
A louca, immoderada gente humana,
Que eu na minha pobreza he que me fundo:

Já huma alta ventura não me engana:
Seja a todos pequeno embora o Mundo,
Que eu caibo muito bem nesta choupana.

RIMAS

SONETO

M Arino pescador no Téjo andava,
Deitando a rede hum dia, e outro dia;
Mas por mais que a deitava, e recolhia,
Não recolhia mais que o que deitava.

Outra vida buscar determinava,
Vendo tão contra si a pescaria:
Do lanço, e do batel se despedia,
E nas humidas praias o encalhava.

Na pobre vida de pastor succede;
Mas faltão-lhe os cabritos na espessura;
Como algum dia os camarões na rede;

Por quanto he natureza a desventura;
Em vão he trabalhar; que não procede
Da mundança do estado a da ventura.

S O N E T O

N Esta Aldea, onde estou, meu bom Fileno,
Graças a Deos, alegremente passo:
Pesco humas vezes, outras vezes caço:
O ar he são, he fertil o terreno.

Não bebo aqui de amor cruel veneno,
Nem ouço as vis escusas de hum escaço;
Não ando ás cortezias; e se as faço,
He a quem me não tem por mais pequeno.

Os homens são fieis; ha temperança
No vestir, e comer; paz, e alegria
Vivêião sempre nesta vizinhança,

A idade de Ouro pouco mais seria;
Só me falta humia Bemaventurança,
Que era o ter-vos na minha companhia.

SONETO

LA' vem apparecendo a minha Aldea
Junto daquella serra defabrida,
Que por entre arvoredos escondida
Confusamente a vista me recrea.

Mas a qual creatura será fea
A habitação, aonde foi nascida!
Por mais grandeza, em que se passe a vida,
Sempre em fim he madrastra a terra alhea:

Alli, fugindo ás mãos de quem me engana,
Soubera-me livrar das falsidades,
Que o Mundo tece á simples gente humana;

Quem de todo abraçára estas verdades;
E lá da minha rustica choupana
Diffesse, para sempre: A Deos Cidades!

SONETO

NÃO choro como aquelle, que em perigo
Naufragou entre as ondas soçobrado:
Nem clamo, como o misero soldado,
Que foi cahir nas lanças do inimigo:

Não gemo como aquelle, que em castigo
Tocou duros grilhões encarcerado:
Nem pasmo como algum, que desterrado
Perdeo da amada Patria o doce abrigo:

Sinto mais forte mal, pena mais dura;
Pois sem nunca sabir da minha Aldea,
Inda a vida anda em mim menos segura:

E se não, vejão se ha cousa mais fea,
Que vir a precisar (triste Ventura!)
Na propria terra de cabana alhea!

SONETO

V Aó os annos fugindo, e vai a idade
Correndo apôs dos meus: Vão as tardanças
Entre consumidoras esperanças
Gastando inutilmente a mocidade:

Huma vez defengana-se a vontade
No contínuo exercicio das mudanças;
Outra vez já tentada das lembranças,
Se torna a confiar da variedade:

Assim se passa o tempo mal seguro,
Continuamente fabricando enganós,
Com que a todos promete hum bem futuro;

Mas eu, que estou exprimentando os danos
De tão incerta vida, que procuro?
Se não me aproveitar dos defenganos?

SONETO

JA', Fortuna cruel, tenho assentado,
Por mais estaveis bens, que me offereças,
Que de balde no engano me interessas,
Pois já vivo incapaz de ser tentado.

Se tenho, ha tanto tempo experimentado,
Que só para os roubar, he que os começas;
Agora guarda as tuas vans promessas,
Que eu te perdoe haveres-me enganado.

Dos teus dons apparentes desconfio;
Sómente da razão não desespero,
Com que a viver seguro principio:

Já nem me tardas, nem tambem te espero;
E se quanto me offreces renuncio,
Tudo me sobra, porque nada quero.

SONETO

S Alve, Templo seguro, onde a vontade,
Os naufragios de Amor já não recea,
Beijando aquelle Altar, que se alumea
Da inextinguivel tocha da verdade:

Aqui deixo á razão, e á liberdade
Despedaçada a misera cadea;
Agora isenta a alma, e livre a idea
Ouvirei cá de longe a tempestade:

Gemendo estão os miseros humanos;
E a mim já não me altera aquelle estrondo,
Que infurdeceo esta alma tantos annos:

De lá me chama Amor, e eu não respondo;
Que para não me urdir novos enganos,
Nunca mais faberá, que aqui me escondo.

SONETO

SE acaso deito a vista da lembrança
Pelos longos desertos do passado,
Não encontra o solícito cuidado,
Mais que apenas os fitios da mudança:

Se a memoria outra vez, que não descança,
Se volta para o tempo não chegado,
Nas contingencias de hum futuro estado
Tropeça com mil riscos a esperança:

Em fim, se na presente adversidade
Recordo estas razões, basta hũ só dia,
Para fazer-me triste em toda a idade:

Pobre idéa, cançada fantezia?
Que não descobre em tanta variedade
O mais pequeno instante de alegria!

SONETO

Mil tempos resisti á força dura
Do fero Amor; mas elle acautelado
Tinha a ultima industria escogitado
Em se valer da vossa formosura:

Assim o fez: Mostrou-me a face pura;
Quiz fugir-vos, não pude; enamorado
Perdi o esforço de que andava armado,
Que de vós nenhuma alma está segura:

De meu amor cruel executora,
He toda vossa a gloria da conquista,
Recolhei os triunfos vencedora:

Quem no Mundo haverá q̄ vos resista?
Se o mesmo Amor, para render-me agora,
Foi pedir o soccorro á vossa vista?

SONETO

Quando nas mãos de Amor me vi sujeito,
A razão em mil erros consentindo,
Jurei de nunca mais, em lhe fugindo,
Sujeitar-me a seu barbaro preceito.

Ora pude escapar-lhe, e ver desfeito
O duro laço, que me andára urdindo,
Até que pouco a pouco fui sentindo
De novas chammas inflammar-se o peito.

Olhando então por mim, achei quebrada
A ligeira promessa, a hum brando rogo,
Por minha propria mão sacrificada;

Que juras contra Amor, por desafogo,
São votos de tormenta já passada,
Que depois que serena esquecem logo,

SONETO

V Em, ó Ninfa gentil, que não merece
O meu antigo amor, que assim te escondas:
Vem, doura as aguas desse mar, que fonda,
Bem como o faz o Sol, quando amanhece.

Se a conversação minha te aborrece;
Já não digo, cruel, que me respondas;
Mas se quer, lá de longe sobre as ondas;
A meus faudosos olhos apparece.

Como se me figura, ó Ninfa amada,
Que já o crystallino corpo erguendo,
Vens sobre as crespas ondas levantada;

Mas só vem meu engano apparecendo;
Era huma onda, ergueo-se encapellada,
Lá se vai entre as outras desfazendo.

SONETO

T Raz-me aos males de Amor tão costumado
O meu forçoso, o meu cruel Destino,
Que em ser alegre já, não imagino,
Pois vivo de viver desesperado.

Deo-me a beber, por cópo tão dourado,
O veneno de Amor desde menino,
Que as mesmas qualidades de malino
Me tem naturalmente sustentado.

O proprio mal, que a todos mais consume,
Porque nasce de Amor, he o meu sustento;
Que a quem he fogo, não offende o lume.

Já matar-me não póde o meu tormento;
Pois creado com elle por costume,
Fez em mim natureza o sentimento.

SONETO

Fugindo fui de Amor, que me seguia
Com arco, aljava, e settas indignado,
De ver que tantos tiros tinha errado,
Sem lhe deixar fazer a pontaria.

Voltando o rosto ás vezes lhe dizia,
Como quem hia de correr cançado:
Que me queres, cruel? Defenganado
Já puderas estar da vã porfia.

Eis-que subitamente me apparece
Defronte a iniqua Mãi, que em mim pegava,
Porque fugir ao Filho não pudesse;

Mas como eu, della, já ferido andava,
Amor, que o golpe vio, desaparece,
Mettendo as settas outra vez na aljava.

S O N E T O

Que me quereis, memorias de algum dia?
Trazer-me nova mágoa á conjectura?
Onde he tão diligente a desventura,
Escusa mensageiros a agonia.

Se vindes por fazer-me companhia,
Eu cedo desse obsequio; que he loucura;
Não podendo eu comvosco ter ventura,
Querdes vós comigo ter valia.

Deixai-me descansar, triste memoria!
Que além de sem razão, será fraqueza
Conseguir de quem foge huma victoria.

Deixai-me; e se nasceis da ligeireza,
Com que voou a minha instavel gloria;
Segui-lhe agora a mesma natureza.

SONETO

SO' com o Grande, e immortal Camões
 Me ponho a conversar noites, e dias:
 Ora nas lacrimofas Elegias,
 Ora nas magoadíffimas Canções:

Aqui me conta mil perseguições
 De Fortuna, e de Amor por tantas vias;
 Que olhando para as minhas agonias,
 Tirando sempre vou sabias lições.

Sobre elle os olhos outras vezes paro
 Já meios de agua; e digo então comigo:
 Oh alma grande, espirito preclaro!

Que em vão me queixo ao Ceo do meu castigo!
 Pois como não será comigo avaro,
 Quem foi tão pouco liberal comtigo?

SONETO

DO gosto, que já tive n'outra idade,
Que faço em recordar a longa historia?
Senão serve de mais esta memoria,
Que para mantimento da saudade?

Só pôde da apprehensão a actividade
Fingir presente a cousa transitoria:
Que lucro pois, de andar fingindo a gloria,
Senão fazer invejas á vontade?

Ora eu hei de vencer esta porfia,
Por ver se hum pouco o coração descança,
Indo pôr n'outra parte a fantezia.

Mas oh desejo vão, louca esperanza!
Como posso esquecer-me da alegria,
Se consiste o meu mal nesta lembrança?

SONETO

Neste, que julga o Mundo abatimento,
Em vez de me alterar, vou conformado:
Se em qualquer tempo, se em qualquer estado
He certa a quéda, de que serve o augmento?

Se hum longo, e perennal contentamento
Entre os humanos a ninguem foi dado;
Embora gyre o meu voluvel Fado,
Com tanto que me deixe o soffrimento.

Eu parto, fim, com animo disposto;
E quanto mais o meu pezar profundo,
Tanto a razão o vai trocando em gosto.

Inda o desterro me será jucundo;
Porque tendo á desgraça alegre o rosto,
He Patria para o sabio todo o Mundo.

SONETO

Senhora, esses espiritos ditosos,
Que andarão nesta vida desterrados,
Na Patria estão dos Bemaventurados
Inda mais vivos, inda mais gostosos.

Se perdêrão teus mimos amorosos,
No Ceo não falta quem lhes faça agrados;
E nos braços dos Anjos delcançados
Não vivem já, como nos teus, chorosos:

Bem sei que a maternal humanidade
Não será facilmente transitória;
Mas tambem a razão vence a saudade.

Conserva embora delles a memoria;
Mas cheia de huma tal conformidade,
Que, se he possível, lhes augmente a gloria.

SONETO

Quantas vezes pacifico, e contente
Debaixo daquella arvore sombria,
Deitado sobre a relva adormecia,
Ouvindo murmurar esta corrente?

Quantas tocando a flauta alegremente;
(Porque inda então d'amores não sabía)
O pequeno rebanho que trazia,
Era todo o meu trafego innocente?

Perdi a quietação desta bonança;
E só n'um voltar de olhos, sem cautela;
Perdi tudo o que tinha na esperança:

Ninguem se fie em si, e menos nella:
Em fim, porque não tenha igual mudança,
Se acaso vir Lorinda, fuja della.

SONETO

PÉga, Lucrecia, no punhal violento,
E dando exemplo de constancia ao Mundo,
Executa no peito hum sem segundo
De heroica acção honrado atrevimento.

Parece que bastava o seu tormento
A fazer-lhe inda hũ golpe mais profundo;
Mas não pôde com animo iracundo
Esperar que a matasse o sentimento:

Abre a fatal ferida, o sangue corre
A remir tanta injúria; e antes que clame
Do Esposo a offensa, honradamente morre!

Cruel parece, mas ninguem lho chame,
A misera Lucrecia; pois discorre
Que ha morte honrada, quando ha vida infame.

SONETO

Filho, por mais que a Praça combatida
Vejas, ou por valor, ou por destreza,
Não reees morrer; porque a vileza
Só consiste na entrega, ou na fugida:

Ainda que ceda a espada enfraquecida,
Corra por conta da alma a fortaleza:
Não está na tua mão ganhar a empreza,
No teu valor está perder a vida.

Eu tambem aqui morro; mas o honrado
Constante amor da Patria está primeiro:
Bem to deixo na acção recommendado;

Que se á Praça não sirvo já guerreiro;
Ao menos no conselho, que te hei dado,
A socorro depois de prisioneiro.

SONETO

N Aõ foi divida ão, mas natural
 Em vós, do fal a nõva promoçãõ;
 Que ministrado por tão sãbia mão
 Ninguem se deve desgostar do fal.

Será o bem commum, ferá igual
 No gyro da fiel distribuiçãõ;
 Que o mesmo fal, que impede a corrupçãõ,
 Tambem corrompe, se se applica mal.

Dando á terra de novo outro esplendor,
 Fareis em minas de ouro converter
 As marinhas do fal, que daqui for.

Os nacionaes, e estranhos o hão de ver;
 E huns, e outros vos darão louvor,
 Em quanto o Sado para o mâr correr.

S O N E T O

MEu Pai, o nupcial ajuntamento
Foi sempre todo o objecto ao meu cuidado;
Achei Conforte em discriminação, e agrado
De nobre, e singular merecimento.

Ella tem das virtudes o ornamento:
Não ha dote mais rico; e o nosso estado
Para ser tão feliz, como sagrado,
Só lhe faltava o seu consentimento.

Bem que d'elle abusei, ao que parece,
Os meus designios regulei de forte,
Que queixar-se a razão nunca pudesse:

Nem ha para o perdão outra mais forte,
Que ser tal a Conforte que elegeisse,
Qual buscando-ma Tu, fosse a Conforte.

SONETO

O Uvio Amor teu canto, e surpendido
Da magica harmonia, que escutava,
O arco, e as duras setas, que empunhava;
Deixou cahir das mãos, como esquecido.

Depois tornando em si mais advertido,
A teus mimofos pés depoz a aljava;
E aquelle, que vencendo almas andava,
De teu celeste canto foi vencido.

Cada vez cheio de mais novo espanto
Amor confessa, que da humana gente
Os corações não sabe mover tanto.

Rendeo-te as armas: Como andou prudente!
Pois de que servem ellas, se o teu canto
Fere inda as almas mais suavemente?

SONETO

A Caso fui senhor, rico, estimado,
Que perdeffe depois honra, e dinheiro?
Depois de General, fui prizioneiro?
Desci do aureo Sceptro ao vil cajado?

Fui guardador de numerofo gado,
A quem depois ficasse hum só cordeiro?
Fiz serviços á Patria aventureiro,
Que me visse depois mal premiado?

Se nada disto fui, onde me querem
Levar idéas vans, que o Fado ordena,
Só porque mais o meu focego alterem?

Seja qualquer que for a minha pena:
Oh bemaventurados os que derem
Ao cahir huma quéda tão pequena!

SONETO

Que será isto? As Ninfas enfeitadas?
 O Têjo a longa barba penteando?
 Os Pastores as frautas temperando?
 Sem comer as pacificas manadas?

Todas as portas dos casaes juncadas?
 Fóra do ninho os passaros cantando?
 E nos troncos das arvores gravando
 Letreiros as Serranas apressadas?

Hei de chegar-me a ler; porque o que vejo,
 E traz a todos geralmente ufanos,
 Denota algum grandissimo fetejo:

Diz o letreiro: *Al-voçaras, Serranos,*
Que a Ninfa Tutelar do nosso Têjo,
A formosa Filippa, hoje faz annos.

SONETO

Huns graciosos olhos matadores,
Que ás vezes por mortaes ficão, mais bellos,
Huns dourados finissimos cabellos,
Das madeixas do Sol desprezadores:

Humã face, de donde as proprias cores
Da matutina luz tirão modêlos;
Huns agrados tão doces, sem fazellos,
Que por elles Amor morre de amores;

Hum riso tão parcial da honestidade,
Que no insensivel causará destroço,
Quanto mais na razão, e na vontade:

Esta he a Minha: Oh timido alvoroço!
Eu tomo de dizello a liberdade:
Esta he a Minha... a Minha... mas não posso.

SONETO

P Or que foges, Pastora, a hum desgraçado,
Correndo atrás de ovelhas neste outeiro?
Olha que inda que fou pobre vaqueiro,
Val o meu coração mais que o teu gado:

Sem ti ando ha mil dias desgarrado:
Espera hum pouco; que não he primeiro
Acudir aos balídos de hum cordeiro,
Que ás queixas de hum Pastor desconsolado.

Mas vai, Pastora, a mais cruel que ha hoje;
Não queira o Ceo, que tanto me persegue,
Que o meu continuo suspirar te enoje.

Socega tu, e eu tambem socegue;
Já que por hum rebanho, que te foge,
Queres deixar huma alma, que te segue.

SONETO

EU vi huma Pastora em certo dia
Pelas praias do Téjo andar brincando,
Os redondos feixinhos apanhando,
Que no puro regaço recolhia.

Eu vi nella tal graça, que faria
Inveja a quantas ha; e o gésto brando,
Com que o sereno rosto levantando,
Parece namorava quanto via.

Eu vi o passo airoso, a compostura,
Com que depois me pareceo mais bella,
Guiando os cordeirinhos na espessura.

Eu o digo de rodo; vi a Estélla:
De graça, de candor, de formosura
Só poderei ver mais, tornando a vella.

SONETO

CRuel, fica-te em paz, e o vil intento
Consegue embora, como o tens disposto :
Teus olhos, tuas lagrimas, teu rosto,
Já nada tem comigo valimento :

Já está no meu feliz conhecimento
Restaurada a razão, perdido o gofio :
Nem he a vez primeira, que o desgofio
Faz cobrar o perdido entendimento.

A mesma dor da offensa recebida
Me fez tornar a mim : Já não me falles
Na rota fé mil vezes promettida ;

E por mais ansias, que affectada exhales,
Chega tarde o remedio da ferida,
Que eu já curei meus males com meus males.

SONETO

SE intenrais nesse engano industriosa
 Ser a minha gentil fera homicida,
 Para que he de cruel tirar-me a vida,
 Quando podeis matar-me de formosa?

Fareis, mostrando a face portentosa,
 Que fique sendo a morte appetecida:
 Deixai de acautelar-vos escondida,
 Que em vós indicios são de criminosa:

Assim me matareis mais á vontade,
 Mostrando-me essa Angelica figura:
 Que o mais não he valor, fora impiedade:

Tão infame fereis, e eu sem Ventura;
 Que por dar hum triumpho á crueldade,
 Negueis huma victoria á formosura?

SONETO

A Deos, Pastora ingrata, já de Aleixo
Não te recordes mais, perde a esperança;
Que eu apago também a segurança,
Que no tronco gravei deste alto freixo.

Mas se entre os defenganos, que te deixo,
Ainda recordo a tua infiel mudança,
O tempo riscará esta lembrança,
Que também a corrente gasta o feixo.

E posto, que lembrar-me possa a historia
Do nosso amor por força da saudade,
Hão de os aggravos confundir a gloria:

Mas triste allivio he este na verdade!
Se inda para riscar-te da memoria,
Preciso que me lembre a falsidade.

SONETO

SE eu me víra n'um bosque, onde não désse
Sinal, vestigio humano de habitado,
De verdenegras ramas tão fechado,
Que ainda alli de dia anoitecesse:

Se então lá de hũa balsa ao longe houvesse
Gemendo hum mocho, e tudo o mais calado;
Só d'entre alguns rochedos pendurado
Com som medonho, hum rio alli corresse:

Em fim n'um lugar tal, onde os meus dias
Consumindo se fossem na certeza
De não tornarem mais as alegrias:

Faminta ainda a triste Natureza,
Cercada alli de tantas agonias,
Nem então se fariára de tristeza.

SONETO

Depois que a mil tormentos offrecido,
Já de mui larga idade tinha o peito,
Amor me appareceo tão contrateito,
Que me enganou depois de conhecido.

Parêce que ou Amor compadecido,
De meus males estava satisfeito;
Ou que eu de novo á dura Lei sujeito,
Tinha já seus enganos esquecido.

Mas não foi erro em mim, nem nelle engano:
Em mim, porque mui bem o conhecia;
Nelle, porque mil vezes foi tyrano.

Pois donde tal defordem nasceria?
Da fraqueza nasceo de hum peito humano,
Que do mesmo que teme, se confia.

SONETO

Que assim sahe a manhã serena, e bella!
Como vem no Horizonte o Sol raiando!
Já se vão os outeiros dividando:
Já no Ceo se não vê nenhuma Estrella:

Como se ouve na rustica janela
Do patrio ninho o rouxinol cantando!
Já lá vai para o monte o gado andando:
Já começa o barqueiro a içar a véla:

A Pastora acolá, por ver o Amante,
Com o cantaro vai á fonte fria:
Cá vem sahindo alegre o caminhante;

Só eu não vejo o rosto da Alegria:
Que em quanto de outro Sol morar distante,
Não ha de para mim nascer o dia.

SONETO

Como está este sitio socegado!
Que assim caminha surdo este ribeiro!
O vento não faz bulha no salgueiro:
Que feio o monte está, que triste o prado!

Dos guardadores não se escuta o brado;
Té parece que dorme o Mundo inteiro:
Só pela encofa lá daquelle oureiro
Vejo hum lume ora accezo, ora apagado:

Algum Pastor será, que a porta abrindo,
Na choupana estará fazendo lume:
Como se vai o coração cubrindo!

Pois que importa o socego, se o costume
Faz com que sempre n'alma esteja ouvindo
Os estrondos, que faz o meu ciume?

SONETO

P Or mais que faça hum atrevido estudo
De expôr á excelsa Tirce o meu desejo,
Buscando vella só, só porque a vejo,
Em lugar de dizer-lho, fico mudo:

Animo-me outra vez, fallo, e com tudo
Não fei se por temor, se por cortejo,
Abaixo os olhos, encho-me de pejo,
E fico então mais triste, que sizudo.

Ella, que estes affectos me tem visto,
Pergunta-me: *Que tens?* Para explicallo
De mais valor o animo revisto:

Vou a dizer-lho, balbuciente fallo,
Formo algumas razões, atemo, infisto,
Mas de novo suspiro, tremo, e callo.

SONETO

POz-se o Sol; como já na sombra fea,
Do dia pouco a pouco a luz desmaia!
E a parda mão da Noite, antes que caia,
De grossas nuvens todo o ar semea!

Apenas já diviso a minha Aldea;
Já do cypreste não distingo a faia:
Tudo em silencio está: Só lá na praia
Se ouvem quebrar as ondas pela arêa.

Co' a mão na face a vista ao Ceo levanto,
É cheio de mortal melancolia,
Nos tristes olhos mal sustenho o pranto:

E se inda algum allivio ter podia,
Era ver esta Noite durar tanto,
Que nunca mais amanhecesse o dia.

SONETO

OH quem pudera á sombra deste arbusto
Passar o tempo da restante vida,
Cantando para sempre a despedida
Da habitação, aonde mora o fusto!

Faz deste monte o tráfego robusto
Inveja á dignidade mais subida:
E adora o cortezão a immensa lida
De hum mando inda pezado, quando he justo.

Oh bemaventurada desistência
Daquelles, que por tão feliz bonança
Trocárão das Cidades a opulencia!

Só em ti, se ha no Mundo segurança,
Póde, ó santo lugar, sem contingencia
Gozar huma alma a paz, em que descança.

SONETO

Que triste, que profunda soledade
Se observa aqui de cima deste outeiro!
Não anda lá no mar nenhum barqueiro,
Não se ouve algum rumor cá na Cidade.

Como da Lua a frouxa claridade
Pratea aquelle monte derradeiro!
Não sabe a vista aonde vá primeiro
Fartar o pensamento de saudade:

O Ceo sereno como está fizudo!
Quieta a planta, o mar adormecido,
A terra socegada, o vento mudo;

Mas que estrondo fizera, e que alarido
Ceo, planta, mar, e terra, vento, tudo,
Se rompesse o silencio o meu gemido!

SONETO

Divina Laura, se vencer deixasses
Dos meus queixumes o teu genio esquivo,
E para mim com rosto compassivo
Esses formosos olhos inclinasses:

Viras servir-te, em quanto me mandasses,
Ou fosse com razão, ou sem motivo;
Viras-me por meu gosto andar captivo,
Por mais, e mais grilhões, que me deitasses;

Viras esta alma, que tu mesma feres,
A teu mando sujeita, expôr-se forte
A quantos riscos idear puderes:

Mas ah! Que inda es cruel da mesma sorte!
Já sei que o que de mim sómente queres,
He ver em lugar d'isto a minha morte.

SONETO

Agora, em quanto despertando a gente,
Lá no patrio Orizante a luz não raia,
Gozarei da frescura desta praia,
Se tanto o meu Destino me consente,

Verei do Téjo a placida corrente,
Como enrolada sobre a areia espraia;
Ouvirei entre os ramos desta Faia
Queixar-se o rouxinol suavemente.

Mas louco, em fim, em q̃ me estou detendo!
Queria estar huma hora socegado,
Cuidando que era pouco o que pertendo?

Não; que voando Amor junto a meu lado,
Com magoada voz me está dizendo,
Que inda vivo de Laura desprezado.

SONETO

Vio Alberro a Filena, enamorado
Tanto no gésto da Pastora ardia,
Que só por merecella, lhe offrecia
Tudo quanto mandava o seu cajado;

Mas ella, que só tem todo o cuidado
Na tarefa, que traz da lá que fia,
Hum sorriso lhe deo, com que faria
Mover o coração mais focegado.

Suspira Alberto, e chama-lhe tyrana:
Filena então se sobrealta, e altera,
E dá-lhe as mãos receosamente humana.

Satisfeito o Pastor confia, e espera:
Vão ambos conversar para a cabana.
Oh se isto mesmo a mim me succedêra!

SONETO

Dormindo estava Algano ; e porque Alberta
Junto a si lhe parece que est'í vendo ,
Abrindo os braços , as mentiras crendo ,
Com elles cuida que a Pastora aperta.

Tanto aquella ventura tem por certa ,
Tanto se vai de amor enternecendo ,
Que á força de hum gemido estremecendo ,
Só consigo abraçado então desperta.

Desperta , e diz : *Que importa que a alegria
De ver-te me fugisse , se suspeito
Que me fazes eterna companhia ?*

*Inda existes a mesma no conceito :
Se faltas no lugar , em que te via ,
Foi porque te escondeste no meu peito.*

SONETO

Chegou o tempo, em fim, que eu mais temia:
Manda a Fortuna que de ti me ausente;
E mil vezes Amor, que o não consente,
Ao coração preloco mo dizia.

As mimosas palavras, que te ouvia,
Quando a escutallas tornarei contente?
Quando verei teu rosto brandamente
Voltar-se para mim como algum dia?

Se esta certeza alguém me fora dando,
Inda que tarde, ao menos com meus ais
Tão longo mal iria alliviando;

Mas diz-me o coração segredos taes,
Que até receio perguntar-lhe o quando,
Pois póde responder-me: *Nunca mais.*

SONETO

Dormindo Anarda está. Quem te dilata
Que não vingas, Amor, a tua affronta?
Alli tens a cruel, de quem se conta,
Que só teu forte Imperio desbarata.

Gema huma vez, quem tantas vezes mata:
Agora, agora tens occasião prompta:
Impunha o arco, e com dourada ponta
De aguda setta, fere aquella ingrata;

Porém olha não sejas presentido;
Que se em ti põe os olhos penetrantes,
Em vez de vencedor, ferás vencido.

Mas ai que ella acordou! Tristes amantes,
Fugi, fugi, que rudo está perdido,
Pois vive Anarda ingrata, como d'antes.

SONETO

ALbino, cuja idade inda o levava
Por innocentes passos, certo dia,
Parando, a hum tanque, que sereno via,
Com desiguaes pedrinhas atirava:

Assim que davão n'agua, esta saltava,
E mil diversos circulos fazia:
A hum pequeno, outro grande succedia,
Até que outra pedrinha lhe deitava.

Eu este simples passatempo vendo,
Lembrei-me que também os desfavores,
Que padeço, huns dos outros vão nascendo:

E não depondo a Sorte os seus rigores,
Daquelle mesmo modo succedendo
Verei meus males cada vez maiores.

SONETO

Tanto neste faudofo apartamento
Vos representa Amor na conjectura,
Que erradamente a vista vos procura,
Cuidando ser verdade o fingimento.

Então, quanto me pinta o pensamento,
Imagens são da vossa formosura;
E se nelle outra cousa se figura,
He só temor do vosso esquecimento.

A's vezes, qual depois de hũ largo sonho,
Mil cousas, que me assustão de contino,
Na vaga idéa a revolver me ponho;

Mas queira o Ceo por esta vez benino,
Já que he falsa a Ventura que supponho,
Que seja engano os males, que imagino.

SONETO

Depois que a linda Altea destes prados
Ditosa foi fazer outra espessura,
Já não vemos correr a fonte pura,
Só se for a dos olhos magoados.

Tudo nestes contornos são cuidados,
Nascidos de tamanha desventura,
Piza sem dono o gado a semeadura,
Já se não vê na Aldea entrar cajados.

As Pastoras deixarão de ir ao rio,
As abelhas fugirão da colmea,
O rebanho se fez magro, e bravio:

Andão todos dizendo: *Altea, Altea,*
Onde estás? Torna a vir, que o teu desvio
Tem-nos feito mais perda que huma chea.

SONETO

A Deos, Natercia ingrata, a Deos impía,
Já tudo se acabou, rompeo-se a venda,
Já não levo cadcia, que me prenda;
Que a razão he mais forte, que a porfia:

A chamma se extinguiu, e a cinza fria
Sómente guardo por final da emenda;
Mas para que outra vez se não accenda,
Já está fóra das Aras, em que ardia.

Tua mudança (bem que n'alma gravo)
He na memoria só onde a contemplo,
Para não ser já mais de Amor escravo:

E da Verdade no piedoso Templo,
Das injurias de Amor, por defaggravo,
As cinzas, e os grilhões fivão de exemplo.

S O N E T O

Passa o frio Janeiro, o ardente Agosto,
 Torna Janeiro a vir, e Agosto passa,
 Lança-se, cresce, arranca-se a linhaça,
 E tu a maltratar-me por teu gosto.

Se te fallo em amor, voltas-me o rosto,
 Fazes-me quando muito huma negaça,
 Sem ser possível que te caia em graça,
 Por mais forças que nisso tenha posto:

Até os mais Pastores; que vem isto,
 Dizem, fazendo móta do meu trato:
Bem tem zombado Brazia de Callisto;

E se ateima o teu genio a ser-me ingrato,
 Olha Brazia, eu então deixo-me disto,
 Que não quero passar por infensato.

SONETO

Vio-me Altea, com livre desafogo
Gozar dos frutos de hum tranquillo estado;
E achando-me de Amor tão descuidado,
Chegou, ferio-me, e retirou-se logo:

Agora, que entre lagrimas lhe rogo,
Que remedee o mal, que me ha causado,
De longe está com gesto simulado
Ateando ainda mais de Amor o fogo.

Não ha maior traição, maior crueza,
Do que ferir-me, e assim negar-me a cura,
Como que nada do meu mal lhe peza:

Mal haja Amor! Mal haja a formosura!
Ella, porque em amor não tem firmeza;
E elle, porque em mim não tem Ventura.

SONETO

CUidei, ouvindo a doce melodia
Daquelle passarinho namorado,
Que alliviasse em parte o meu cuidado,
Como já n'outro tempo succedia:

E vendo as aguas, que esta rócha envia
A regar mansamente o verde prado,
Que, esquecido das muitas que hei chorado,
Com rosto enxuto agora cantaria.

O contrario succede, porque em quanto
O agradavel objecto está defronte,
Dos tristes olhos mais se engrossa o pranto;

Pois foi a minha gloria neste monte
Mais suave que as vozes desse canto,
Mais ligeira que as agoas desta fonte.

SONETO

M Andou-me, que cantasse Amor hum dia
Quantos effeitos seus huma alma sente;
E para começar mais altamente,
Logo á Ventura protecção pedia.

Puz-me a cantar; mas ella me fugia:
Importunei o Ceo, a terra, e a gente;
Que quem nasceo para chorar fõmente,
Por bem que cante, a todos enfastia:

Mil vezes disse a Amor que estava rouco,
E que era tido já da gente dura,
Humas vezes por nescio, outras por louco.

Rindo-se em fim da minha desventura,
Respondeo-me: *Não sabes que val pouco
Querer cantar de Amor, sem ter Ventura?*

SONETO

A Quelle, que inda espera ter Ventura
Com peito feminil, que louco espera!
Pois quando mais feliz se considera,
Então encontra a fé menos segura.

Como filha do mar a formosura,
Com elle ora se amansa, ora se altera:
Não he mais vária na Celeste Esfera,
A que muda tres vezes de figura:

O defengano, que este aviso inspira,
Não he segredo, que revelo agora,
He já defordem, com que o tempo gira:

Porque no peito de quem cego adora,
Se o gozto, assim que nasce, logo espira,
Já mais a desventura se melhora.

SONETO

DE Amor em tristes lagrimas banhado,
 De que nunca se feita o meu desgosto,
 Huma vez para o Ceo levanto o rosto,
 Outra vez para o chão olho inclinado.

Quasi sempre das gentes aparrado,
 Nos sitios mais desertos estou posto:
 Agora sobre a mão a face encosto,
 Agora vou correndo exasperado:

Mil idéas já formo, e já desfaço;
 E porque o Mundo em fim me não condene,
 Forço na boca hum riso frio, e escaço.

Affim ando, ó formosa Dinamene;
 Pois sendo a causa tu de quanto passo,
 Fazes tão pouco caso de que eu penc.

SONETO

Como soffres, ó Jupiter Supremo,
Que a gentil Galatea por seu gosto
Descance indignamente o alvo rosto
Nos braços vis do bruto Polifemo?

He possível passar de extremo a extremo,
Tocando aquelle singular composto
Com feias mãos, fujeito só disposto
Ao duro punho do pezado remo?

Tu pois, que o movimento te he fujeito
Da natureza em tudo tão conforme,
Não consintas agora este defeito:

Faze de Galatea hum tronco informe:
Vingue-se assim das Ninfas o respeito;
E se ama hum tronco, em tronco se transforme.

SONETO

P Onho tão livre os olhos em Damiana ;
Que a vejo ás vezes, e não fei se he ella ;
E ainda quando chego a conhecella,
Não me lembra se quer que foi tyrana.

De a ver alhea, de a julgar ufana,
Nem prazer, nem desgosto me desvela.
Graças a Deos, que já chegou aquella
Hora feliz, que a poucos desengana!

Que me deixasse em fim, que me fugisse,
Que me pôde importar, se daqui nasce
Conhecer a razão, já sou felice ;

Porém nunca cuidei que ella chegasse
A merecer tão pouco, quando a vísse,
Que nem para o desprezo me lembrasse.

SONETO

OS annos da feliz puerilidade
Chorei sem culpa, e consumi sem gosto;
Depois crescendo, vegetou-se o rosto
Daquella sombra, que authoriza a idade:

Foi-me sendo plausivel a maldade,
Buscando o allivio por caminho opposto:
Chamei prazer, ao que me deo desgosto,
Quiz acertar, fugindo da verdade.

Como despojo atado finalmente
Ao carro infame da cegueira estive:
Que mais fizera irracional vivente?

Nunca usei da razão, depois que a tive;
Que assim he triste, o que assim está contente!
Como vive enganado, o que assim vive!

SONETO

A Quelle amor , que tinhas n'alma escrito,
Onde está? Dize, ó falsa? Tão depressa
Como he possível, que hum amor se esqueça
Tantas vezes aos Ceos jurado, e dito?

O'praza aos mesmos Ceos, que imploro afflicto,
Que inda igual desventura te aconteça!
Pois como testemunhas da promessa
Hão de ser vingadores do delicto:

A' minha vista te castiguem logo
Com delamor, desprezo, e desagrado;
Porém que peço, que supplico, e rogo?

Não seja assim teu crime castigado;
Porque eu tenho mais prompto desafogo
Em chamar-te mulher; e estou vingado.

SONETO

Voa, faudoso Amor, e em breve giro.
Abrindo as brancas azas docemente,
A' bella Dinamene diligente
Leva da minha parte este suspiro.

Se o receber tão bem conforme infiro,
Desta memoria, que lhe devo ausente,
Dize-lhe tudo, o que minha alma sente,
Desde o seu custosissimo retiro.

Dize-lhe mais, que ao menos a amargura
Do seu esquecimento hum pouco adoço
Com tão nova, e suavissima escritura:

E que em fé do meu íntimo alvoroço
Fico (*dize que o viste*) com ternura
Beijando as letras, já que a mão não posso.

SONETO

O Tempo, que veloz desaparece,
As cousas d'ante os olhos apartando,
A vossa formosura respeitando,
Hoje com ella a todos enriquece:

Não corre para vós, antes parece
Que o veneravel gésto levantando,
Em vossas altas prendas contemplando,
De voltar o relógio então se esquece.

E com razão, que oppôr-se-vos fería
Profanar cegamente a immunidade,
Que a tão gentil presença se devia;

Mas ou por interesse, ou por vaidade,
Quer mostrar, quanto póde neste dia
Acreditar-se a si com vossa idade.

SONETO

Seja-te parabem, Téjo sagrado,
Do grande Anfriso a companhia honrosa;
Outra vez este bem desfruta, e goza
Das tuas claras Ninfas rodeado:

Das ondas gravemente levantado,
Ouve-lhe agora o verso, agora a prosa,
Com que a pezar da crítica invejosa
Fará sempre o Mondego celebrado;

E em quanto o ouves cantar tão altamente
De invicta palma, de triunfante louro,
Vai-lhe adornando a judicioza frente:

Depois reconta ao Seculo vindouro,
Que póde em fim a Lusitana gente
Ver na idade de Anfriso a idade de Ouro.

SONETO

COM alegre apressado movimento
Do Ceo vi já descer a alta Lucina ;
Porque assistir ao vosso nascimento ,
Senhora , o mesmo Ceo lhe determina :

Nascestes , e com brando tratamento
Logo em seus braços vos tomou benina ,
Onde cheia de amor , e acatamento
Vos está embalando , e lendo a fina .

De vós gostosos vaticinios canta :
Diz *que sereis feliz , quanto formosa ,*
Terna , compadecida , affavel , santa :

Diz em fim , *que sereis maravilhosa :*
Assim vos louva , assim vos acalanta ;
Ditosos vossos Pais , e vós ditosa .

SONETO

Irmã ditosa, que de cá subiste
Lá onde pena alguma se não sente,
Se razão pôde haver, com que se augmente,
Essa Gloria Immortal, que conseguiste:

Que alegre ficarias, quando viste
Entrar no Ceo essa alma inda innocente!
Como virias com razão contente
A receber o filho, que pariste!

Que o desejavas lá, Deos bem sabia,
Não te quiz demorar tão alta Sorte;
Goza, goza da sua companhia;

E praza a Deos, que na Celeste Corte
Te dê depois do derradeiro dia
Igual contentamento a minha morte.

SONETO

F Elices margens do saudoso Têjo,
Em cuja branca arêa finaladas
Estão de Dinamene inda as pizadas,
Que ausente adoro, que inclinado bejo.

Quando vejo estas praias, e a não vejo
Apanhando as conchinhas prateadas,
Choro as glórias de amor alli passadas,
Que nunca passarão do meu desejo.

Aqui lhe disse meus feis amores;
As ondas amancei, deive os ares,
Digão-no estas arêas, e estas flores.

Aqui tambem agora entre pezares
Direi aos Navegantes, e Pastores,
Que respeitem de longe estes lugares.

SONETO

ENcontrou-me esta graça em tal destroço,
Que nem ouso, Senhor, a recebella;
E por mais que em buscar-me se desvela,
Já não percebo o minimo alvorço.

Andou neste favor, que todo he vosso,
Industriosa a minha infauſta Estrella;
Porque, quando eu podia, não quiz ella;
E agora, que ella quer, he que eu não posso.

Olhai como este bem se desfigura,
Pondo-se ante os meus olhos por negação,
Quando ha de malograllo a conjunctura!

Que outra cousa, Senhor, quereis que eu faça?
Se me chega de sorte esta Ventura,
Que já se não distingue da desgraça.

SONETO

NÃO haverá hum sitio tão sagrado?
Hum lugar tão seguro, e defendido,
Aonde vá da Fortuna perseguido
Viver por algum tempo decaçado?

Não haverá; porque ella o tem jurado;
Metrendo a mão no lago denegrado:
Pobre de quem já vive tão perdido,
Que está para as Venturas reprovado!

E não receia o Mundo que o infeste
Meu hálito mortal? Inda consente
Que eu pize os matos deste monte agreste?

Como daquelle misero doente,
Que foi tocado da maligna peste,
Fugi, fugi de mim, ditosa gente.

SONETO

NO Templo entrei de Amor: Inda gelado.
O fangue tenho, do que nelle víra:
Alli está o ciofo, que delira,
De mil suspeitas vans atormentado.

Aqui o ausente em lagrimas banhado,
Longe hum pouco dos mais, triste suspira;
Hum jura fé, mettendo a mão na Pyra,
Outro não póde co' grilhão pezado.

Sobre as cruentas Aras de Cupido
Quentes entranhas, que inda estão vivendo,
Tem por tenções diversas offrecido.

Fugi, mortaes, deste lugar tremendo:
Se he o Templo de Amor tão desabrido,
Como será o seu Inferno horrendo!

SONETO

Que te veção meus olhos, não consente
 (Meus tristes olhos) por mais tempo o Fado;
 Sem ti para tão longe desterrado
 Irei viver, se viver posso, ausente.

Comigo irá teu nome eternamente
 Do negro esquecimento preservado,
 Sendo, se isto ser pôde, articulado
 Inda ao passar do Lethes a corrente.

E se algum dia vires, que á fineza
 De ser contigo agradecido, e humano
 Falto, sem dar de tanto amor certeza,

Não julgues não, que a antiga fé profano,
 Antes baixos os olhos, de tristeza
 Suspira, e diz e então: *He morto Albano.*

SONETO

P Ara ver se cantar-vos saberia,
 Depois que a frente de jasmins ornava,
 A cythara tomei, que não foava,
 E na garganta a voz se me prendia.

Do grão Pastor de Admeto, que me ouvia
 Em meu loccorro o espirito invocava:
 De novo a voz, e a cythara esforçava,
 E de novo com ella emudecia.

Eis-que se me apresenta em fôrma humana,
 Sorrindo-se de mim o Pastor Louro,
 Que em vez de me ajudar, me defengana:

*Sabe, mortal, me disse, que no Douro,
 Para cantar de tão gentil Sarrana,
 Somente he digna a minha Lyra de ouro.*

SONETO

DO rio as claras aguas, que soando
Correm por cima de asperos feixinhos,
A musica dos ledos passarinhos,
Que de longe se estão desafiando:

O murmurante vento, que assoprando,
Entorna o fresco orvalho dos raminhos,
O tremulo balar dos cordeirinhos,
Seus curvos saltos sobre a relva dando.

Tudo em vez de alegrar-me, me amofina,
Nem o rosto huma vez se quer levanto
A ver, o que se passa na campina.

Não he assim, ouvindo o vosso canto,
Que em virtude de voz tão peregrina
Nada no Mundo me consola tanto.

SONETO

TU, que os costumes, e as paixões retratas
 Em teus versos suaves, e Divinos:
 Tu, que das mãos de Gregos, e Latinos
 A sonora cythara arrebatas:

Tu, que as materias de Coturno tratas
 Por modos só do seu caracter dignos:
 Tu, que a pezar dos criticos malignos
 O teu, e o nosso credito dilatas:

*Sobe, ó Alcino, ao Menalo, voando;
 Da Arcadia o louro cingirás na frente,
 Que por cima dos mais vós levantando:*

Disse Apollo do throno refulgente,
 A' vista de teus emulos rasgando
 O volume da critica insolente.

SONETO

Este obsequio, Senhor, que vos envia
Meu animo fiel, curto parece;
Mas quem o pouco, que possui offrece,
Se mais tivera, muito mais daria.

Sobre singelas mãos não se avalia
A offerta pelo vulto, que apparece;
Que então a acceitação fora interesse,
Vício, que nunca em vós haver podia.

Bem fei que de meus versos a humildade
Subir não pôde áquelle desempenho,
A que antiga afeição me persuade;

Mas huma salvação comvosco tenho;
Saber que a vossa candida vontade
Mais préza hum dom de amor, que d'alto engenho.

SONETO

MOrreo o bom Luiz: Já não veremos
 Aquella boca para todos rindo:
 Hum sono perennal está dormindo:
 Já de ouvillo a Ventura não teremos.

Hum novo Heróe cortado em flor choremos,
 Que por mais que subamos o alto Pindo,
 Ao Ceo, para onde foi de nós fugindo,
 Já agora em vão por elle chamaremos:

Até para ficarmos mais saudosos,
 O seu frio cadaver nos tirárão
 D'ante os olhos tão tristes, e chorosos:

De vello as esperanças se acabárão;
 Venturosos aquelles, venturosos,
 Que as ultimas palavras lhe escutárão!

SONETO

Promettendo a Limano Dorothea
 Guardar-lhe a fé, que feu amor devia,
 Tomou por testemunha a luz do dia,
 E os juramentos escreveo na arêa.

O vento, que a revolve, e que a manea,
 Pouco a pouco a escritura desfazia;
 Vendo isto a Pastora, que faria?
 A Limano tambem riscou da idéa.

Vejão lá como a fé está bem segura
 Em peito feminil: Que documento
 Para quem crer mulher, ou crer Ventura!

Se ainda na que tem mais fundamento,
 Quanto diz, quanto escreve, quanto jura,
 He arêa, que a move qualquer vento.

SONETO

HUm dia, de Limano acompanhado,
 Descendo por hum valle mansamente,
 Cahio á minha vista de repente
 De hum tiro da Fortuna derribado.

Como vinha tão junto do seu lado,
 De medo me affustei naturalmente;
 Pois não sou inda assim tão descontente,
 Que já cahir não possa em baixo estado:

Não estou inda em mim, porque duvido
 Se daquelle defastre, por acerto
 Sahi, ou não, sem o saber, ferido;

* Que affombrado fiquei, Beliza, he certo;
 Mas não culpes quem anda estremecido,
 Vendo o raio cahir de si tão perto.

SONETO

Meu amado Mondego, meu amado
Mestre gentil, que sabio me educaſte
Do tempo, que benigno me hospedaſte,
Por onde quer que for ferei lembrado.

Cá toma conta da Paſtora, e gado,
Que já com teus ſalgueiros abrigaſte,
Aſſim nunca a Eſtação do Eſtio gaſte
Teu cryſtallino curso ſocegado.

Da Patria huma juſtiſſima vingança
De ti me leva a outros Orizontes,
Aonde pague a culpa como herança.

Por ti, por ella, são meus olhos fontes;
E ſe vivo, he fômente na eſperança
De ainda tornar a ſaudar teus montes.

SONETO

Que estranhos casos vi no monte, e prado,
 Em quanto ouvi teu canto: Aquelle outeiro
 Hum pouco se moveo, e este ribeiro,
 Para te ouvir melhor, ficou parado.

Desceo dos montes de tropel o gado,
 A Serrana, o Pastor, e o pegoreiro,
 O voraz lobo, o timido cordeiro
 Tudo ficou attonito, e pasmado.

Até a minha horrída Tristeza
 Batendo as negras azas fugiria,
 Se lho não impedisse a natureza;

Mas hum pouco suspensa da harmonia
 Deixou-me respirar, e foi destreza,
 Por ver se me matava huma alegria.

SONETO

A Onde andais, ó Parcas venenosas,
Enfanguentando as mãos? Como insolentes
De Cidadãos fieis, de Heróes valentes
Ides cortando as vidas preciosas?

Como em triste viuvez tantas esposas
Fazendo andais no mundo descontentes,
Como tantos filhinhos innocentes
Dos braços arrancais das Mães chorosas?

Voltaí-vos contra mim, vingue-se a Sorte,
Abbreviai-me a horrida partida,
Erguei a mão, que eu me sujeito ao córte;

Mas ha que imprecação mal proferida!
Para a morte dos outros basta a morte,
E em mim para morrer sobeja a vida.

SONETO

Formosíssima Olaia, o teu semblante
Não fei que graça tem, que almas cativa,
Assim não fora a tua tão esquivã,
Assim não fora a minha tão constante.

Ah! Que se te encontrára hum só instante
A minha adoração menos altiva,
Em vez de desprezar-me fugitiva,
Paráras a escutar meu rogo amante.

Então compadecida do meu pranto
Darias mil finaes de sentimento
Nesse rosto gentil, sereno, e santo;

Mas tão altos favores não intento,
Nem pôde ser, nem eu mereço tanto,
C'um volver dos teus olhos me contento.

SONETO

Ninfas destes vizinhos arredores,
Que tão altivas presumis de belas,
Cubriendo os vultos de custosas télas,
Ornando as tranças de festões de flores.

Sabei que Olaia, Olaia, os meus amores
Nunca precisará deffas caurelas:
Tanto vos vence a vós, quanto ás Estrellas
Vencem do claro Sol os resplendores.

Qual a fresca bonina, que florece
Da mão da Natureza cultivada,
Assim de Olaia a formosura cresce.

Não he tão bella a luz da madrugada,
Como Olaia gentil, quando apparece
Lá de longe a meus olhos deitocada.

SONETO

Quem nunca vio a luz formosa, e pura
De teus olhos gentis, de teus cabellos,
Póde, como eu já fiz, antes de vellos
Zombar de Amor, e rir-se da Ventura.

Póde desconhecendo, o que he ternura
Perguntar o que he fé, e o que são zelos?
Não ter faudades, não sentir desvelos,
E á minha inquietação chamar loucura;

Mas não depois de os ver, que derribado
Do seu alto descanso ficaria,
Chcio de confusão defenganado;

Pois perdendo o valor, em que se fia,
Morreria em teus olhos abrazado,
Prezo nos teus cabellos gemeria.

SONETO

ENtra o soldado envolto em fangue, e terra
Na amada Patria a descansar contente;
E huma vez ao vizinho, outra ao parente,
Conta os perigos da passada guerra.

Ora diz, *que subira huma alta serra*
Por entre o fogo do pelouro ardente:
Ora *que peleijando frente a frente*
Aos receios da morte os olhos cerra.

Depois colhendo vai para o futuro
Doces frutos da paz, que está gozando
Com vida alegre, e animo seguro.

Não eu assim, que apenas descansando
Dos conflictos de Amor tyranno, e duro,
Nova guerra me faz teu gesto brando.

SONETO

Qual Pastor, que do sono accommettido,
No chão os lassos membros encostando,
Da noite as tristes horas vai passando
Dos seus mansos cordeiros esquecido.

Té que do resplendor do Sol ferido,
A' força de seus raios despertando,
Abre os olhos, e o rosto levantando,
Fica por grande espaço suspendido.

Tal eu de ver teu rosto descuidado,
Nelle empregando a vista de repente,
De tanto resplendor fiquei pasmado.

Mas o fim deste caso foi diferente,
O Pastor levantou-se descansado,
E eu cahi ferido mortalmente.

SONETO

ALbano, quem es tu? Teu baixo estado
Não te confunde, não re defengana?
Qué das lavras, que tens, qué da cabana,
Onde estão as colmeas, onde o gado?

Que has de offercer a Olaia confiado,
Se te ouvir algum dia mais humana?
Porás aos pés de tão gentil Serrana
Hum çurrão pobre, hum pastoril cajado?

Anfias, suspiros, lagrimas, e ais
Para quem desconhece, o que he ternura,
Cuidas que são huns grandes cabedaes?

Pois sabe, que te diz a formosura,
Que ames menos, se queres valer mais,
Que onde sobeja Amor, falta a Ventura.

SONETO

SE eu pudera viver de noite, e dia,
Vendo sempre esse gesto delicado,
Que ditoso, que bemaventurado,
Formosa Olaiã, o meu amor feria!

Mas, em que estou mettendo a fantazia
Vão, ocioso, misero, coitado,
Ditosos só aquelles, que a teu lado
Gozão da tua amavel companhia.

O' da Fortuna errado movimento,
Que o bem que nega, a quem por ti suspira,
Dá talvez sem nenhum merecimento.

Não se fez para mim contentamento,
A desesperação, a inveja, a ira
Só se fizeram para meu sustento.

SONETO

Cuidas talvez, Olaia, que imprudente
 Maculada ténção meus passos guia?
 Longe, longe, ó terrena fantazia,
 Tão contraria a meu animo innocente.

O Ceo, o justo Ceo, que lhe he presente
 Do Mundo a mais occulta sympathia,
 Dos meus olhos aparte a luz do dia,
 Se te não diz a lingua, o que a alma sente.

De idolatrar-me nenhum fruto espero,
 Porque te devo mais, quanto mais faço
 Acho teu genio ou compassivo, ouifero.

Amo as tuas virtudes, satisfação
 O meu amor co' meu amor; mas quero
 Que conheças, meu Bem, o mal que passo.

SONETO

TYranna Olaia, o teu desabrimento
Troca, que he tempo já, troca em brandura,
Faze que este queixoso da Ventura
Seja se quer feliz por hum momento.

De teus olhos gentís hum movimento
Bem sei que muito val; mas a ternura
De tão constante amor, de fé tão pura
Tenha contigo algum merecimento.

Valhão-me estes suspiros innocentes,
Que já para abrandar forão bastantes
Peitos de tigres, olhos de serpentes.

A mão para matar-me não levantes,
Ou mostra ao menos, que os meus males sentes,
E depois sê cruel, como eras d'antes.

SONETO

LA' n'uma praia cavernosa, e fria,
Onde chamar teu nome costumava,
Aonde estás, Olaia, perguntava
Ao furdo mar, que nada respondia.

Nisto passei, ó Ninfa, todo hum dia
Té que de novo a voz alevantava:
Olaia, Olaia, aonde estás, gritava
Está, dizer-me o éco parecia.

Corro vagando a humida espeffura,
E para aquella parte me arrebatto,
Onde ouvir tua voz se me figura.

Ah que assim foi o meu Destino ingrato!
Huma penha achei só, formosa, e dura,
Se tu não eras, era o teu retrato.

SONETO

EM frauta agreste, em lyra altisonante
Siga cada Poeta o seu Destino,
Cante a Natércia, o meu Camões Divino,
E o nome de Beatriz celebre Dante.

Por Laura chore o seu Petrarca amante,
A Livia dê louvores Andrelino,
A Colona o sonoro Bernardino
Por Genebra Ariosto a voz levante:

Louve a Beliza a Musa de Salado,
Honre a Cassandra Sanazaro, em quanto
Catulo a Lesbia, a Flora Maldonado;

Que este nome de Olaia, que amo tanto,
Será de Albano em verso celebrado,
Feliz assumpto de mais alto canto.

SONETO

T Razei, Ninfas, trazei, mimosa arêa
Nos virginaes regaços: Espalhai-a
No duro chão: Não mortifique Olaia
Os delicados pés, quando passeia.

Ah como vem de maravilhas chea!
Com tantas graças a manhã não raia,
Nem he tão belta a corpolenta Faia,
A quem o brando Zefiro menea.

Vós, Napéas do bosque mais vizinho,
Vinde esperalla, derramai-lhe flores,
Castas rosas, devoto rosmaninho:

Vinde, beijai-lhe a mão; e vós, Pastores,
Ide diante della, abri caminho
Para passar a Deosa dos Amores.

SONETO

Hum mudo suspirar continuamente,
Em segredo o teu nome articulando,
Agora feito estatua, agora errando,
Sendo talvez a fábula da gente.

Huma côr já de morto propriamente
Hum fallar sem saber que estou fallando:
Com vergonhosas lagrimas banhando
Hum rosto para todos descontente.

São, Olaia, os estragos de huma vida,
Que depois de morrer por ti de amores,
He de balde em desprezos consumida.

Recordallos, não he pedir favores,
He porque vejas só desvanecida
O fruto, que hão tirado os teus rigores.

SONETO

Quando, Anarda gentil, os merecidos
Louvores teus a decantar começo,
De pôr a boca nelles esfmoreço,
Cahe-me a lyra das mãos, perco os sentidos.

Que são os meus defejos atrevidos
Cheio de confusão, mui bem conheço;
Mas outra Musa de mais alto preço
Cante os louvores, que te são devidos.

Que eu cá de longe, como envergonhado,
Ora ouvindo louvar o riso brando,
Ora as palavras, ora o doce agrado;

Não a voz, mas os olhos levantando,
Estarei sobre a lyra recoitado,
No teu formoso gesto contemplando.

SONETO

NA borda do seu concavo faveiro,
Acafo hum dia, oh dia assignalado!
O pescador Albano achou gravado
Inda de fresco este fatal letreiro:

*Conhece, Albano, que es hum vil barqueiro,
Ao trabalho do remo acostumado,
Negro do Sol, dos ventos acontado,
De membros torpe, de expressões grosseiro.*

*Olaiã não te quer, ella o tem dito,
Este he, o pescador, o extremo dano
Da sentença mortal do teu delito.*

Leo-o; e chorando o desgraçado Albano,
Arranca a taboa, aonde estava escrito,
E ao Templo a foi levar do Desengano.

SONETO

VO's, que á sombra dos alamos copados
Nas vossas flautas pastoris tangendo,
Ora as aguas paraís, que vão correndo,
Ora os troncos movêis, que eirão parados:

Mostrai que em vossos versos levantados
Para estes meus tão alto estylo aprendo,
Que cá do Têjo a fraca voz erguendo,
Sois lá de mim no Douro acompanhados:

Então levando ao peito a sanfonina,
Coroado de rosas, e Amarantho,
As cordas ferirei com mão Divina;

E se acaso, ó Pastores, posso tanto,
Cantando espalharei nesta campina
Da Arcadia Porruense o novo canto.

VERSOS GLOZADOS
 NA REAL PRESENÇA
 DE SUAS Magestades, e Altezas.

M O T E

Gloria dos Reis, do Reino segurança.

G L O Z A

S O N E T O

JA' Portugal respirará contente,
 O' formosa, ó Augusta Successora:
 Que tem a Inveja que fazer já agora,
 Mais que estar-se a morder continuamente?

Alta eleição do Rei, que sabiamente,
 Se Esposa, a Monarquia vos adora,
 Nos recompensa os sustos da demora
 Neste impensado jubilo presente:

Já, Princeza, na nossa intelligencia
 Tomando campo vai certa esperança
 Da vossa dilatada descendencia:

Por ella o Luso Imperio em vós descança,
 Contemplando-vos já sem contingencia,
 Gloria dos Reis, do Reino segurança.

M O-

M O T E

Sem á dita de Aquiles ter inveja.

G L O Z A

S O N E T O

SE o grão Cantor, q̃ o Mundo encheo de espanto,
 Porque a fama de Aquiles poz notoria,
 Fez que Alexandre lhe invejasse a gloria,
 Pois não devo ás Musas outro tanto?

Vossa Alteza, Senhor, que sabe o quanto
 De hum, e outro Heroe vence a memoria,
 Fará que eu decantando a vossa historia,
 Não inveje tambem de Homero o canto.

Que assumpto mais feliz, ou mais glorioso!
 Se inda á vista daquelles, faz que seja
 Eu invejado, e vós nunca invejoso!

Hum novo Homero em mim por vós se veja;
 E hum Alexandre em vós por mim famoso,
 Sem á dita de Aquiles ter inveja.

M O T E

A' grandeza do assumpto aspira a Musa.

G L O Z A

S O N E T O

SE a Fama, que altamente preeira
 Cantou sempre as acções da vossa vida,
 Hoje de assombro com razão duvida
 Ser de rão faustas novas menfageira:

De que forte, Senhor, de que maneira
 A minha voz, por baixa, nunca ouvida,
 Cantar póde huma empreza tão subida,
 Que inda a Musa mais alta lhe he rasteira?

Materia he de coturno a acção presente;
 E dizer cousa, que louvor produza,
 Não póde o plectro humilde, e descontente:

Mandai cantar por outro a gloria Lusa;
 Que em mim, por mais que louve, inutilmente
 A' grandeza do assumpto aspira a Musa.



O D E S

I

Alto. Sebastian

A Onde me arrebatou
Na santa devoção deste alto empenho?
Por mais que as azas bato,
Sempre pezado, e froxo me detenho;
Mas quem forças me deu
Para subir, para voar ao Ceo?

Vós, Santo illustre, e forte,
Que de hum glorioso raptu lá subiste;
Sebastião, que a morte
Fazer foubeste alegre, sendo triste;
Vós fois, de quem eu canto:
A minha Musa enchei d'hum furor santo.

Huma setta brilhante,
 Das que foi alvo illustre o vosso peito,
 Fazei, que penetrante
 Desça já sobre mim: Oh prompto effeito,
 Que n'alma vou sentindo!
 Agora sim, que vós me estais ferindo.

Vós sois o valeroso
 Campião de Christo, que em virtuosa guerra
 Consummastes ditoso
 O triunfo melhor, que ha sobre a terra:
 A' Patria verdadeira
 Levando as almas por tão sã carreira.

A cega idolatria
 Nas mãos o errado perfido volume
 Aberto revolvia;
 E vendo a Lei desse infernal costume,
 Que assim por vós se infama,
 Sobre elle negras lagrimas derrama.

Ella presencava
 Por vosso esforço, que com zelo ardente
 As costas lhe voltava
 Quasi infinito numero de gente;
 E que com vosso exemplo
 Está sem culto o seu nefando Templo.

No peito introduzida
 Desse purpureo indomito tyrano
 Faz tiro á vossa vida:
 Oh ímpio! Oh infiel Diocleciano!
 Vê o que determinas,
 Que aquellas são as mais fieis doutrinas.

A pestilente boca,
 Que no faminto pavoroso Inferno
 Latindo se suffoca
 Entre o grosso vapor do lume eterno,
 Abre a triforme fera,
 E por seu vulto denigrado espera.

Manda fechar a aljava,
 Em quanto he tempo, manda. Mas que cego
 Temor me alucinava!
 Vós esperais, ó Santo, com socego
 A morte; e na partida
 Morrendo ireis á mais illustre vida.

Sim, que já lá vivendo
 Desses ministros do furor, triunfante
 O premio recebendo
 Estais devido á vossa Fé constante
 Sem que a serena face
 Levemente de susto se enfiasse.



Vistes a descórada
 Ameaçadora mão da Morte fêa
 Contra vós levantada,
 Que em mil setras o corpo vos rodea;
 Porém sem fusto a vistes,
 Que com ella do Ceo a porta abristes.

Se Irene aqui pudesse
 Soltar por mim a voz, melhor diria,
 Como vos fortalece
 O claro lume, que do Ceo descia:
 E para o transe amargo
 Vos dá valor, e soffrimento largo.

Nesse tronco ditoso
 Os innocentes membros vos atárão:
 Oh tronco venturoso!
 Cuja alta forte os outros invejárão,
 Que na fertil campanha
 O Sacro Tibre vagaroso banha!

A grande, antiga Roma
 Confusa o vio, e ainda vacillante
 No verdadeiro dogma
 Os olhos abaixou, mais já triunfante
 Vos chama; vos festeja
 Da Fé columna, Defensor da Igreja.

Mais prodigios differa
 Inda do vosso singular martyrio :
 Eu só, eu só fizera
 Morder-se o Inferno, e alegrar-se o Emyreoo,
 Que inda cá sinto o effeito
 Da ardente setta, que abrazou meu peito.

Mas vós, ó Coro Santo,
 Quanto melhor que as filhas da memoria,
 Em vosso immortal canto
 Destes affombros numerais a gloria!
 Eu ouço, eu ouço os Hynos :
 Cantai, cantai, Espiritos Divinos.

II

Al Amou de Beliza.

ENtre as Deosas tão célebres em Ida
 Embora o fogo accenda
 Essa, que no aureo pomo introduzida
 Moveo alta contenda :

Derrame embora tragico veneno
 Sobre amigas Cidades ;
 Qual Noto fero contra o mar sereno
 Desfate as tempestades :

Das mãos arranque de Hymineo sagrado
 A faxa luminosa ;
 Arme agudo punhal ensanguentado
 Contra innocente Esposa :

Faça que o Pai fizudo ao filho vendo ,
 Ao filho que gerára ,
 Os antigos aggravos revolvendo ,
 De rancor volte a cara :

Vá pelo Mundo murmurando , e rindo
 Dos males , que semea ;
 Com mão fubtil de casa em casa urdindo
 A fimulada têa :

Feliz fômente nosso amor , Beliza ,
 Não teme força estranha :
 Longe do vulgo o excelso cume piza
 Da Olimpica montanha :

Não teme da sevissima Megera
 O furibundo ensaio ;
 Muito além vive da estrondosa Esfera ,
 Onde se forja o raio :

De alto verá beber no antigo Douro
 Mil apettadas rezes ,
 Cubrir-lhe as margens , não de arêas de ouro ,
 De verdenegras fézes :

Celébre o Mundo do incendido Pado
 As aguas, que já forão
 Sepulchro triste do mancebo oufado,
 Que as Helyadas chorão:

Do formidavel bruto a grão victoria,
 De toda a Arcadia espanto,
 Famoso faça pela Herculea gloria
 O rapido Erimanto:

Que o puro Amor, que o tempo não consome,
 De Beliza, e Albano,
 Mais alto, ó Douro, levará teu nome,
 Que as ondas do Oceano.

Ah Beliza, não temas a inconstante
 Mentirofa Ventura;
 Amor não firma o pé no disco errante
 Da roda mal segura:

Nesta alma vives, de que tu es parte:
 Nossa maligna Estrella
 O aspecto mostre de Saturno, ou Marte,
 Nenhum poder tem nella:

A fé nos une, a fronte nos coroa
 Pacifica oliveira:
 Em vão no punhõ imigo aos ares voa
 A purpurea bandeira.

III

A Onde, aonde, corações humanos,
 Batendo as roxas azas,
 Belleza encontrareis, e suavidade,
 Sem que os rapidos voos
 Vos levem diligentes, onde habita
 Isbella encantadora?

De huns appetece o paladar activo
 Os laborosos frutos;
 Revolvem outros na grosseira boca
 Infipidos manjares:

Comtigo fallo, abominavel vulgo,
 Que dos lodosos charcos
 Fartas a sede nas salobres aguas;
 E a fonte pura deixas
 Pela terra perder-se inutilmente.

Longe daqui te aparta;
 Que a corrente das gratas harmonias
 Para ti se não solta.

Culta Lisboa, ergue a fábria fronte
 Para admirar Isbella:
 Verás hum novo, e delicado gesto,
 Aonde as Graças morão;

Os côpos de suavíssimo veneno
Dando a beber aos olhos,
Com que a vontade hydropica se abraza
De infaciavel sede.

Oh que desejos mil andão voando
Ao redor de seu rosto!
O namorado Amor nelle se encoستا
Suave, e mansamente,
Para escurar-lhe o canto de mais perto,
A cuja força estranha
Vão, como de tropel, as mais isentas
Almas arrebatadas;

Quaes nos campos de Thracia ao som Divino,
As indomitas feras.

Verás as Ninfas descuidadas tanto,
Que as grinaldas, que tecem,
Deixão cabir das mãos sobre o regaço.

Nos cavernosos montes
Eólo enfrea os ventos; só respira
Brandamente Favonio;
Porque a nossos ouvidos traga, e cheguem
Essas celestes vozes:

Eu vou, eu vou; a magica harmonia
Me eleva, e me transporta:
Da terra erguer me sinto sobre as nuvens;
Parece que ao Ceo voo.

A branda voz, que penetrou minha alma,
 Não pôde ser, não pôde
 Respiração de traco alento humano!
 As vozes são de Isbella.

Com menos suavidade, á fresca sombra
 Das arvores frondosas,
 A musica dos ledos passarinhos
 Ao lasso caminhante,
 De hum imperfeito somno adormentado,
 Os sentidos lhe prende.
 Oh bemaventurado, o que vos ouve!

O Monstro macilento,
 Cujos acezozos, revirados olhos
 Impacientes não soffrem
 As luzes das Estrellas, ensanguente
 Os estiticos dedos
 Entre os immundos venenosos dentes;
 Que, para preservar-te,
 Da torpe Inveja, que a Virtude opprime,
 Sempre o merecimento
 Mais alto, e singular tens ao teu lado.

Tu cauto, errante Grego,
 Que ás vozes de Partenope escapaste
 Artificiosamente,
 Senão queres render-te ao novo canto,
 Ah fuge, Olises, fuge
 De entrar segunda vez a foz soberba
 Do Lusitano Téjo!

Não

Não vês, ó Formosíssima Cantora,
 Como já para ouvir-te
 Inclina o Padre Oceano a veneranda,
 E cerulea cabeça?
 Mudos estão os satyros longevos
 As crespas sobrançelhas,
 De admirados, erguendo; e sobre a boca
 Põem o rustico dedo.

IV

Maldade de Lorinda.
E Conseguiu a pállida doença
 Com delicarnada mão tocar teus membros,
 Verter teu sangue, desbotar teu rosto?
 Que deshumano insulto!

E pode enfraquecer desses teus olhos;
 Desses teus bellos olhos, a luz pura,
 Aonde o pio Amor continuamente
 Ardendo se veria!

Vós, justíssimos Ceos! que o permittistes;
 Porque não permittistes que eu ao menos,
 Chegado ao brando leito de Lorinda,
 Chorar seu mal pudesse?

Alli eu mesmo, com piedosa mágoa,
 O cópo da asquerosa medicina
 A beber lhe daria, eu a animára,
 Se lhe voltasse o rosto.

Alli receoso, e pródigo estivera
 De quando em quando a perguntar-lhe eu mesmo;
 Se estava angustiada, ou se já tinha
 Mais algum refrigerio?

Alli fora o primeiro, que velasse
 No silencio da noite; e mansamente
 De instante a instante a ella chegaria
 A ver se respirava.

Infeliz, tu primeiro dos humanos,
 Que com teu venenoso mal pudeste
 Inficionar a bella natureza
 Das miseraveis gentes!

Tu fizeste caduca aquella idade,
 Que respeitára a inexoravel Cloto:
 De outros erros maiores es a causa;
 Oh mal haja o teu erro!

Que o tronco immovel, que a insensivel pedra
 Sejam mais perduraveis, mais fadios,
 Que os bem fornidos membros, que organizáo
 O corpo mais robusto!

Mas ah! Não queira o Ceo, Lorinda bella,
 Já que destas pensões te não fez livre,
 Que tão cedo a corrupta natureza
 Dellas te pessa conta.

Respirem sempre os ares mais benignos
 Ao redor de teu corpo delicado:
 A infesta vista para ti não volte
 A pállida doença.

V

Ala Codicil ou Ambicion.
AO mais leve ruido,
 Co' a prompta vista a casa rodeando,
 Acorda expavorido
 O vil ambicioso, imaginando,
 Que o nocturno, e destrissimo ladrão
 As chaves lhe tirou da escassa mão.

Applica o temeroso
 Ouvido, receando, quanto escuta,
 Insulto criminoso,
 Que em seu thesouro avaro se executa:
 Qual edificio, em que se ateia a flama,
 Alvorçando a casa, os servos chama.

Feliz, tu, que despertas;
 Podendo, em pobre cama socegado
 Com as portas abertas
 Tornar ao doce somno começado,
 Até que volte o dia, sem mais pena,
 Que achar talvez a noite ser pequena.

Quieto o pensamento
 Repoufa em ti, sem nunca fatigar-te;
 Nem por mar, nem por vento:
 Com elle vás do mundo a qualquer parte:
 As cousas vês, e a discorrer não oufas;
 Triste, o que sabe duvidar das cousas!

Da soffrega ambição
 Já mais seguir os passos determinas,
 Por medonho certão
 A ir desencantar preciosas minas;
 Mas antes, sem tentar arduas emprezas,
 Zombas das honras, zombas das riquezas.

Rompendo o curvo arado
 Em paz a propria terra, que semeas,
 Te contens moderado,
 Sem ir buscar undivago as alheas,
 Ou por hum asperissimo deserto
 De hum perigoso, e vil fuor cuberto.

Da terra sobre a face
 Depois o fruto vês que em tempo veio;
 O ouro alli te nasce
 Nas barbadadas espigas do sementeio;
 Que, dando-lho fingelo, tem cuidado
 De to restituir multiplicado.

Em pequeno celleiro
 Recolhes mais seguro o teu sustento,
 Que o inutil dinheiro
 Em chapeados cofres o avarento:
 Em ti distribuido honestamente,
 Nelle guardado vergonhosamente.

Ah que se tu souberas
 O que passa no Mundo, e seus costumes,
 Outra idéa fizeras
 Bem differente de ti, do que presumes!
 Que huma sã natural Filosofia
 Não só augmenta a dor, mas a alegria.

Quando ao monte subisses
 Alguma vez a apascentar teu gado;
 E lá ao longe visses
 Sahir a não, fendendo o mar cavado,
 A terra pouco a pouco atrás deixando,
 Até que volte sem saber-se o quando:

Então, então darias
 Todo o valor devido ao teu socego;
 E contigo dirias:
 Oh tu que entregue vás ao alto pégo!
 Faminto, e vão desejo te incha a véla,
 Pois vás com sede, e has de vir com ella.

Se fora a Natureza
 Com sábia mão teus passos dirigindo
 Por toda a redondeza,
 Novos Ceos, novas terras descobrindo;
 Porque depois a nescias creaturas
 Deixasses proveitosas escrituras:

Arriscasses embora
 Entre sustos, e lagrimas a vida:
 A vida, que o não fora,
 Se só fora em regalos consumida;
 Porque em molles espiritos não cabem
 As cousas grandes, que os prudentes sabem.

Mas ir abrindo os mares
 Agora ao fundo abyssmo sepultado,
 Agora pelos ares
 Voar ao Ceo nas ondas levantado,
 Tremulo o corpo, e já no rosto afflito
 Da fria Mortê o negro gésto escrito:

A doenças mortaes
 Humas vezes exposto, outras a fomes;
 Tudo por cabedaes,
 Que ou não chegas a ter, ou mal consumes:
 Ah louco atrevimento de homem louco,
 Tanto queres, bastando-te tão pouco!

A' nescio, aonde vás?
 Cuidas talvez que he pouco o que possuo?
 A santa, a santa Paz
 Em seus braços me aperta, não fluctuo
 No golfo da ambição, sempre em bonança
 Me cerca Virtuosa Temperança.

Aqui reina a Verdade,
 Sem que a lisonja lhe dispute o mando:
 A ferena Amizade
 Com pacifica mão vai derramando,
 Não os venenos da fizia antiga,
 Sim as doçuras da concordia amiga.

Aqui sem artificio
 Me vestem crespas lans: Pobre aposento
 De baixo frontespicio
 Me tólhe a chuva, e me repara o vento:
 De dia alegremente trabalhando,
 De noite do trabalho descançando.

Aqui da negra Inveja
 Já mais me infama o baso pestilente:
 Do que aos outros sebeja,
 Bem que me falte a mim, vivo contente:
 Porção pequena de qualquer comida
 Basta para manter-me a curta vida.

Das tetas espremendo
 Da mansa vaca o leite faboroso,
 O vou depois bebendo
 Pelo concavo tarro mais gostoso,
 Do que esses odoríferos licores,
 Que talvez desconcertão teus humores.

Aqui, quando anoitece,
 Tropel não ha que o somno me embarace;
 E logo que amanhece,
 Alegre vem dizer-me que o Sol nasce
 (Rodeando-me a choça) o passarinho,
 Que primeiro do que eu deixa seu ninho.

Em vez de altos cuidados,
 Doce canto me acorda brandamente:
 De empregos arriscados
 Não me faço importuno perrendente:
 Bastava-me a razão, a faltar Lei:
 Adoro o Rei, fômente porque he Rei.

Amiclas pescador:
 O' venturoso Amiclas, se pudera,
 O vão subjugador
 Da Patria o Sceptro pelo remo dera;
 Quando pede, que o passes, invejando
 A paz, que n'altra noite estás gozando.

Mas aonde caminhas,
 Pastor, que estás em vão vociferando?
 Deixa as gentes melquinhas
 Fartar do lodo vil, que vão buscando:
 Coroem teus trabalhos venturosos
 O ouro não, os pampanos viçosos.

Deixar o Mundo embora:
 O que hoje vemos nós, já outros virão:
 Não he, não he de agora,
 Que pessimos costumes mal te tirão:
 Atolados em fórdida cubiça
 Longe de nós, oh homens sem justiça!

VI

V Ai, mesquinha Ambição, chega-te ao leito
 Do languido doente,
 Alli lhe representa o rico aspecto
 Do Indico Oriente:

Do aurifero Brazil mostra-lhe abertias
 As profundas entranhas,
 Pinta-lhe os dons, repete-lhe as ofertas,
 Que tu finges tamanhas:

Azues safiras, rigidos diamantes,
 Incendidas granadas,
 Inda as humidas pêrolas brilhantes
 Nas conchas prateadas:

Com

Com alcatifas de Achemenia lhe orna
 A casa de ouro chea,
 E com ambas as mãos profusa entorna
 O corno de Amalthca:

Infaciavel Monstro, que me queres?
 Te diz entre gemidos;
 Em nada, em nada tenho esses prazeres,
 Prazeres corrompidos:

Sobre a rija bigorna o dia inteiro
 Co' duro braço erguido
 Inda he mais rico o fardido ferreiro,
 De negro pó tingido:

Volvendo o nauta rude a grossa amarra
 No forte cabrestante
 Mais feliz he, surgindo pela barra
 Com robusto semblante:

Quer antes que perdello o vil forçado
 Passar pelo desprezo,
 Com que o descalço pé move cançado
 Do vergonhoso pezo:

O mendigo embrulhado em roto manto,
 Que mal lhe tolhe o frio,
 Alegre vai de porta em porta, em quanto
 Sente o corpo fadio:

Do carrancudo Tormentorio á vista
Pafsára ousadamente,
Até firmar os pés na grão conquista
Da Lusitana gente:

De baço, e nú salváge não temendo
As ferras, e os alfanjes,
Novos caminhos por certões fazendo;
Pafsára aiém do Ganges:

De mil possantes náos gemer fizera
As concavas entranhas,
E prehes sobre o mar as estendêra
De riquezas estranhas:

A casa do soberbo frontespicio,
Que fundára com ellas,
Onde se visse o pródigo artificio
De marmoreas janellas.

Não fora como a vossa, ó cega gente,
Tão longe da Virtude:
Hum Templo fora a ti, a ti sómente
Benefica Saude.

VII

NÃO de Carthago, nem de Troia canto
 Os já desfeitos, e abrazados muros:
 Mais alto a voz levando,
 Que ha de servir nos seculos futuros
 De exemplo, e mais de espanto:

Longe superstição, longe Deidade,
 Que influir sobre os canticos affectas
 Divina suavidade:
 Eu sou ferido das brilhantes setas
 Da candida Verdade:

Os altos edificios, cuja gloria
 Riscar não pôde a negra mão dos Fados,
 Padrões de larga historia
 A' publica faude consagrados
 Em honrosa memoria:

Não são muros de Thebas, erigidos
 Em virtude do canto fabuloso:
 Não são montes erguidos
 Contra o poder de Jove respeitoso
 Por homens atrevidos:

Tu és, ó grão Lisboa, alta Cidade,
Do Mundo Emporio, a Capital das gentes,
Patria da heroicidade,
Que debaixo das cinzas inda quentes
Respiras Magestade:

Todas essas Cidades, que acabárão,
Viçtima infausta de sangüinea guerra,
Que apenas te igualárão,
Inda jazem cahidas sobre a terra,
Que soberbas pizárão;

Não foi de belicosa gente armada
Repentina invasão, não força estranha
De mina rebentada:
Não foi estratagemas, não foi manha
De inimiga cilada:

Não foi esse flagello horrendo, e feio,
Que ministrado nas fataes cruzas
Do ataque, e do bloqueio,
Ver não podem munidas fortalezas
Sem tremer de receio:

Esse, que póde de terror, e espanto
Fazer tremer o Mundo, e a fraca terra
Cubrir de amargo pranto,
Foi quem te consternou, quem te fez guerra,
Que outrem não pode tanto:

Eu te vi ir com a viva cor mudada,
 A mal vestida roupa fluctuante
 Pelos hombros deitada:
 A huma, e outra parte, vacillante
 Correndo desgrenhada:

Eu te vi levantar altos clamores,
 Tropear, e cahir atropellada
 Dos teus habitadores:
 Sobre mudos penhascos, rodeada
 De pallidos horrores:

Bem como aquelle, que cahio ferido
 Entre os soldados do esquadrão guerreiro,
 He logo soccorrido
 Do bom amigo, que lhe deo ligeiro
 A mão compadecido:

Affim do meio de miseria tanta
 Te ergueo aquelle, que da negra Inveja
 Opprime a vil garganta:
 Ah! Chega ao grande Conde, a mão lhe beja,
 A mão, que te levanta:

Oh Grande Pai da Patria, Heroe benino,
 Tua robusta mão capaz só era
 De tamanho Destino:
 Por ti o Alto Jupiter espera
 No assento crystallino:

Com que rosto de lá do Soberano
 Throno das almas dos Heroes potentes,
 Verás, senão me engano,
 Ferver cada vez mais, estranhas gentes
 No Téjo Lusitano:

Quando voltarem para os patrios ninhos,
 Virão, movidos de alta crosidade,
 Sahindo-lhe aos caminhos,
 A perguntar-lhe pela Grão Cidade,
 Parentes, e vizinhos:

Agora louvarão os beneficios
 Das sábias Leis, agora o fundamento
 Dos nobres edificios,
 Que inda porão em longo esquecimento
 Os célebres Egypcios.

Não consultei de victima innocente
 As fumegantes humidas entranhas:
 Não o Ceo reluzente,
 Subido sobre o cume das montanhas
 Com juizo imprudente:

No auspicio de outra luz os olhos fito:
 De huma alma grande as intenções proponho,
 Consulto o Conde invicto:
 Não se presume que deliro, ou sonho;
 Com elle o acredito:

Jactem-se esses Heroes conquistadores
 (Nomes, com que se o povo nescio engana)
 Dos barbaros furores;
 Com que opprimindo a fraca gente humana
 Se chamarão Senhores:

Entrem pelas Províncias descuidadas:
 A mal avindos povos fação guerra:
 Veirão despedaçadas
 Cahir as altas povoações por terra,
 Entre lanças, e espadas:

Fação tremer Neptuno de affustado:
 Rompão-lhe á força de nadantes quilhas
 O ceruleo costado:
 Obrem outras mais altas maravilhas,
 Que dão no Mundo brado;

Que tu, ó Fama, no portal do Templo
 Defenderás a entrada iniqua, e dura
 A semelhante exemplo,
 Reservando sómente esta Ventura
 Ao Heroe, que contemplo:

Ao filho de Laertes, que importára
 O astuto esforço de assolar Dardania;
 Se por memoria rara
 Com bemfeitora mão na Lusitania
 Lisboa não fundára.

Este da verdadeira heroicidade
 Será fômente o titulo, e o modo
 De entrar na Eternidade;
 Que he mais, que desfazer o Mundo todo,
 Erguer huma Cidade.

VIII

RAmo feliz, de frutos esperados,
 Que a crescer principias:
 Do Ceo, que te dispoz, abençoados
 Seirão teus bellos dias:

Oh nunca a mão cruel, do defabrido
 Noto, contra ti vejas!
 Antes de hum brando Zefiro movido,
 Co' elle brincando estejas:

Em fresco orvalho sobre ti descenda
 Todo o riso da Aurora:
 Elle ao secco Estio te defenda
 Da calma abrazadora;

Mas não és tu producto florecente
 Do tronco generoso,
 Cujas folhas irão perpetuamente
 Tocar o Ceo formoso?

Eu não escuto, Angelico Destino
Com voz serena, e santa,
Que de teu nascimento peregrino
Alta venturas canta.

Não te promete em seculo vindouro
De Outono sazonado,
Melhores pomos, do que os pomos de ouro,
Que Alcides tem roubado.

Não diz, que então á sombra recolhidos
Dá tua excelsa rama,
Virão do Têjo os cisnes escolhidos
Cantar a tua fama:

Tu es, tu es o ramo abençoado
Disposto em chão fecundo,
Para seres no Mundo respeitado
Dos melhores do Mundo.

Tragão do campo as Tagides formosas
Flores nas brancas fraldas;
De roixos lírios, de purpureas rosas
Te fabriquem grinaldas;

E as Graças, que em ti já se estão revendo,
Irão cheas de gloria,
Nas tuas verdes folhas escrevendo
Deite dia, a memoria.

IX

SE em teus puros Altares
Em honra deste dia, ó bella Olaia,
Não vês subir aos ares
Os fumos da odorifera Pancaia:

Se em honrosa memoria'
Com festivas geraes acclamações
Não vês á tua gloria
Fundir estatuas, levantar padrões:

Se do cedro aos ardores
Não vês chegar pacificas, e promptas
Coroadas de flores,
Cem brancas rezes de douradas pontas:

Se não vês as disputas
Das carroças nos circulos ligeiras,
Nem sanguinosas lutas,
Nem apostas nas rapidas carreiras,

He porque não dispensa
A avarenta Fortuna a hum baixo estado
A grande differença,
Que vai do aureo Sceptro ao vil cajado.

Pelas razas campinas
 Não ha entre as pobrissimas cabanas
 Mais que humildes boninas
 Moles juncos, grosseiras espadanas.

Nas rusticas Aldêas
 Não ha mais do que alegres passarinhos,
 Mellifluas colmeas,
 Pobres tarros, malhados cordeirinhos.

E'cos desafinados,
 Asperos fons de rusticos salteiros,
 Louvores entalhados
 Nos corruptiveis troncos dos falgueiros,

De huma simples Pastora
 São estes dons proporcionadas prendas
 De ti, minha Senhora,
 Não são, nem devem ser dignas offrendas.

Mas se huma alma, que tenho,
 Agora, ta não der, para que a quero?
 Eu offrecer-ta venho,
 Recebe, Oiaia, o dom, vê que he sincero!

Nella o teu nome esteja
 Mais perduravel, do que em bronze duro,
 Hum novo Templo seja
 Onde se guarde do poder futuro.

Nelle segura, e ufana
 Vive a pezar dos seculos ingratos,
 Queime-se o de Diana,
 Que este não teme a mão dos Herostratos.

Póde abater-se a torre,
 Dar de si a firmíssima coluna;
 Mas n'alma, que não morre,
 Não tem poder o braço da Fortuna.

X

N'Um fitio, que busquei accommodado
 Para chorar meus males,
 Aonde só me via rodeado
 De montes, e de valles,

A' sombra de hum altíssimo loureiro,
 Que tem o nascimento
 Na corrente de hum candido ribeiro,
 Ainda mal me affento,

Quando a huns ternos ais desconhecidos
 O rosto levantando
 Descubro entre soluços, e gemidos
 Hum menino chorando.

Quem

Quem es? (lhe perguntei) quem te maltrata?
 Deo-te, menino, alguém?
Eu sou Amor, offende-me huma ingrata,
Que de mim dó não tem.

Na face o beijo, e a meu colo o trago,
 As lagrimas intento
 Limpar-lhe internecido; mas co' afago
 As lagrimas lhe augmento.

Aonde estão as settas, lhe dizia,
 Aonde o arco, a aljava?
 Queria responder-me, e não podia,
 De novo soluçava.

Aonde está, Cupido, aquelle ousado,
 Aquelle atrevimento,
 Com que as terriveis armas tens levado
 Até ao Firmamento?

Por ti não desceo Jupiter á terra
 Em diversos semblantes?
 Não temeo muito mais a tua guerra,
 Que a guerra dos gigantes?

Contra Marte os teus raios não despedes,
 Não lhe aplacas a ira?
 Não fica prezo nas vulcaneas redes
 Por Venus não suspira?

Por ti o Louro Deos , que os carros guia
 Do dia luminoso
 Após da esquiva Daphne que fugia
 Não correo amoroso ?

Por ti a casta Deosa não deixava
 Os Patrios Orizontes ,
 E entre brancas ovelhas não buscava
 Edymião nos montes ?

Tu só , tu forte Amor abrir pudeste
 A Porta Diamantina ,
 Sahir á luz do Sol Plutão fizeste
 A buscar Proserpina.

Quantos Deoses em fim , quantos humanos
 Sentirão teu estrago ?
 Digão-no os Gregos , digão-no os Troianos ,
 E dize-o tu , Carthago.

Eu vejo , eu vejo o fogo devorando
 Cidades , e campinas ,
 As Máis correndo , os filhos espirando
 No meio das ruinas.

Se ver pudeste , Amor tanta desgraça
 Com semblante sereno ,
 Como he possivel que chorar te faça
 Hum poder tão pequeno ?

Amor ,

Amor, que no meu peito recoitado,
 Ouvindo attento estive,
 Os olhos abaixou, de envergonhado
 A fallar não se atreve.

Té que dando hum suspiro, já disposto
 Para fallar se ensaia;
Que mal conheces o Divino rosto
Da poderosa Olaia.

Quiz responder-lhe, e elle continúa:
Aquella fera humana
He ainda mais fera, inda mais crua
Do que be a Tigre Ircana.

Zomba das minhas settas passadoras,
 Meu poder desconhece,
 Nem do que eu passo, nem do que tu choras
 Huma vez se internece:

Arco, aljava, e mil settas fiz de novo
 De ponta mais aguda;
 E antes de atirar, primeiro as provo
 Em huma penha ruda.

Puz no arco as mais fortes; e atirando
 A seu peito huma e huma,
 Ora se entortão, ora vão quebrando
 Sem a ferir nehumma.

Sempre encontrei dobrada resistencia,
 Té os ferros lhe errava,
 Não me esqueceo nenhuma providencia;
 Mas nenhuma bastava.

Outros meios tentei: Parto voando
 Aos Cicilicos montes,
 Raios estão a Jupiter forjando
 Esteropes, e Brontes:

Pego a Vulcano que hum grillão me faça,
 Mais forte, mais pezado,
 Que esse, que tem com misera desgraça
 Na roda a Ixion atado.

Volto com elle cheio de esperanza,
 Que já me promettia,
 Olaia busco, e vejo que descansa
 Entregue ao sono hum dia.

Ah que não sei dizer-te vivamente
 Daquelle gesto brando
 A graça natural, pura, innocente,
 Com que está respirando!

Não sei dizer, por mais que a voz levante,
 Como he bella dormindo,
 Perdoa, minha Mãe, o teu semblante
 Não he, não he tão lindo.

Accende-se de vella o meu desejo;
 E sem que me fartasse,
 No eburneo colo descoberto a bejo
 Nos olhos, e na face.

Então nos lisos braços por cantela
 O grilhão prevenido
 Lhe deito mansamente, porque della
 Não fosse per sentido:

Quando deste meu pranto desprendida
 Huma lagrima ardente
 Lhe cabe no bello rosto, e esparorida
 Acorda de repente.

Os olhos poz em mim formosa, e fera,
 Tal fogo nelles traz,
 Que como ao lume se derrete a cera
 O meu valor desfaz.

Rompe a cadea dos mimosos braços,
 Quem tal imaginou!
 E em desprezo e' os míseros pedaços
 De longe me atirou.

Desarmado fiquei, sabi corrido
 Té parar nesta praia:
 Já me não chamo Amor, nem sou Cupido,
 Sou o odio de Olaia.

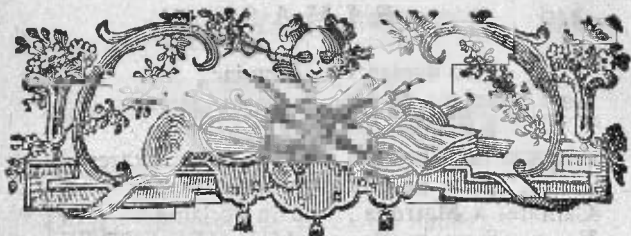
Só de quantas idéas tenho feito ,
 Util pôde ser esta
 Desse teu coração , desse teu peito
 Hum suspiro me empresta.

Com elle juro aos Deoses , e ás Estrellas
 De obrar cousas tamanhas ,
 Que até lhe faça derreter aquellas
 Durissimas entranhas.

Nestas armas sómente confiado
 Partio , Amor , voando ,
 E eu a suspirar acostumado ,
 Lhe disse suspirando :

Aqui te espero , Amor , nestes retiros :
 A victória segura ;
 Mas olha bem , que são os meus suspiros
 Suspiros sem Ventura.





CANÇÕES

I

LOnge barbaro vulgo!
Fugi, fugi de mim; porque os subidos
Myfterios, que divulgo
Na attenção dos incredulos ouvidos,
Não fazem doce effeito:
Põe, ó Musa, tanta alma no concito
Deste alto assumpto, que me occupa a mente,
Que, ferida de hum raio intelligente,
Faça o que for compondo
Armonia no Ceo, no Inferno estrondo.

Não cantarei de Ormias ,
 De Lucrecias , de Porcias as vulgares
 Estranhas ousadas ,
 A quem no Mundo a Fama ergueo Altares ;
 Nem de outras de igual Fama :
 Cantarei a Matrona , que se acclama
 Entre as fortes mulheres , **MULHER FORTE** ;
 Que as Leis vencendo da invencivel morte ,
 Os vinculos desfata
 Da culpa , e vive co' a pureza intata.

Não cantarei as Didos ,
 As Sabás , as Simiramis , que a gloria
 De seus Reinos luzidos
 Inda durão nas paginas da historia ,
 A Divina , a Profana :
 Cantarei a Rainha Soberana ,
 Que já muito antes de que houvesse idade ,
 A preservou de humana enfermidade
 Quem todo o poder tem
 C'um poder alto , nunca dado a alguém.

Não cantarei Joannas,
Urfulas, nem Luzias, que vencendo
As suggestões profanas,
Que arma contra a pureza o vicio horrendo,
De coroas, e palmas
Ornáo triunfantes as preciosas almas:
Cantarei a mais pura, intacta, e Santa,
Que a Fé adora, e que a Igreja canta,
Que foi Mãi, sendo Virgem,
Fonte de Graça, da Pureza origem.

Não cantarei as Saras,
As Lyas, as Raqueis tão conhecidas,
Na formosura raras,
Grandes em nomes, célebres em vidas,
Notaveis na Escriitura:
Cantarei a celeste formosura,
Que honrou da enferma Natureza a massa,
Que de graças encheo o Author da graça,
A Rosa mais perfeita,
Que o Ceo, plantada em Jericó, respeita.

Cantarei a formosa
Judith contra o Gigante do peccado,
Tanto mais valerosa,
Quanto vai da figura ao figurado:
Do Testamento a Arca
Cantarei, cantarei aquella barca,
Que no Diluvio da original tormenta
Entrou no Mundo do naufragio isenta;
E a pomba, que o virente
Ramo trouxe da Paz a toda a gente.

Cantarei huma Aurora,
Não como a que ante o Sol nos vem raiando;
Mas outra Precursora,
Que á luz do mesmo Sol as luzes dando,
As recebeo mais bellas
Do Creador do Ceo, e das Estrellas:
E se o meu fraco espirito lá chega,
Neste alto mar de luz, em que navega,
Nova Estrella me guia,
Que es Tu, es Tu, Santissima MARIA.

Oh! Como vivamente
Na idéa se me está representando
Que no Ceo (altamente
O teu Nome Santissimo entoando)
A Espiritos Divinos
Repetir ouço os Canticos, e os Hynos;
E que o mesmo Senhor tres vezes Santo
De hum amor ineffavel se enche tanto,
Que, se possivel fora,
A gloria sua se augmentára agora.

Oh! Como me parece
Que as Estrellas scintilláo mais brilhantes!
Que o mar não se enfurece,
Que estão de nós os Ceos menos distantes!
Que lá dos horizontes
A terra inclina os levantados montes!
Porém que o Reino de ira sempiterna,
Onde tudo sem ordem se governa,
Ouvido o nome Santo,
Levanta horrendo, e inconsolavel pranto.

Que trasbordando fóra
Fervem da Estige as denigradas aguas ;
Que a chufma gemedora
O pezo soffre de dobradas mágoas ;
Que os ímpios maldizentes
A raiva exprimem no estridor dos dentes ;
E as almas novamente atormentadas
A' força das cadeas arrastadas ,
Sentem tremer abfortas
Nos duros eixos as Tartareas portas.

Megera espavorida ,
Que quer fugir do carcere parece ,
E achando-o sem sabida ,
Contra os soltos cabellos se enfurece ;
Nas ímpias mãos trazendo
As viboras mortaes , que está mordendo :
Que esse Dragão , que presidencia ímpia
Tem da Região , que não conhece o dia ,
Da immunda boca sólta
Rios de espuma em negro fangue envolta,

Mas já do infame throno
Descer o vejo tremulo, e forçado;
E qual de grande sono
Trez vezes cahe no chão desacordado,
Incendios vomitando:
Em tanto a devoção continuando
A celebrar o Nome de MARIA,
O monstro, contumaz na rebeldia,
Na cauda quer firmar-se,
Porém de balde intenta levantar-se.

Santissima Senhora,
Vós, que debaixo dessa invicta planta
Lhe pizais vencedora
A venenosa, e tumida garganta
Por toda a Eternidade,
Ponde tão milagrosa suavidade
No baixo som da minha rouca lyra,
Que fer a arpa de David se infra;
E em vosso Nome Santo
Affugente o Demonio com meu canto.

Já, Senhora, não quero
 Aquella, que invoquei, profana Musa;
 Pois só de vós espero
 Aquelle ardor; que quem o alcança, escusa
 Outro algum poderoso,
 Quanto mais o do Pindo fabuloso:
 Canção minha, publica a toda a gente,
 Que se se entoa algum louvor differente,
 Para sempre emudeça,
 Que outro louvor mais Santo se começa.

II

COm teu formoso rosto
 Encostado na mão? C'os olhos bellos
 Cubertos de detgosto,
 E sobre elles os lucidos cabellos
 Sem alinhamento pendentes!
 Que mágoa he essa, que ó Beliza fentes?

Affim de quando em quando
 (Da velha, e triste Mãe desamparada)
 Mudos suspiros dando!
 Só dos tenros filhinhos rodeada
 A carpir innocentes!
 Que mágoa he essa, que ó Belliza fentes?

Aos membros delicados
 Tirando as forças! E na face linda
 Impressos mil cuidados!
 Dos estranhos deixada; e mais ainda
 Dos indignos parentes!
 Que mágoa he essa, que ó Beliza sentes?

Mas já, formosa Dama,
 Amor, o cego Amor o vai dizendo:
 Teus suspiros derrama,
 De mágoa o Ceo, a terra, o Mundo enchendo;
 Que o mesmo Amor nos deve
 Dizer a causa, já que a culpa teve.

Já ouço d'entre a gente
 Soar hum rumor triste, que levanta:
 Qual geme descontente,
 Qual manea a cabeça, qual se espanta:
 Todos tristes murmurão,
 Todos Beliza acompanhar procurão.

Que faça hum vil marido
 A huma fraca mulher tão dura guerra!
 Torpe, e descommedido,
 Indigno em fim de que o sustente a terra!
 Infeliz formosura!
 Beliza triste, mais que a noite escura.

Aquelle brando gésto,
 Aquella compostura, aquelle riso
 Entre contente, e honesto;
 Retrato do sereno Paraíso:
 Com tanta semelhança,
 Que tudo o mais aparta da lembrança.

Já Rusticio te esquece?
 Já, Beliza, não he como dizias?
 Já triste não merece
 Esse grande senhor, que ser querias?
 Os mimosos infantes
 Já não são teus filhinhos como d'antes?

Estes são os futuros
 Descanços tantas vezes promettidos?
 São estes os seguros
 Premios de Amor a tanto amor devidos?
 Era esta a Ventura,
 Que esperava a innocente formosura?

Qual o simples menino,
 Que da tenra florzinha se namora,
 Com géstos de contino,
 Em quanto lha não dão suspira, e chora;
 Que depois maltratada
 Cahir das mãos a deixa desprezada:

Não de outra sorte obraste
 Com a triste Beliza, que algum dia,
 Como embebido olhaste,
 E agora a deixas (mas quem tal diria!)
 Nas mãos da vil Pobreza,
 Tão arriscada a fragil natureza?

Em funebre aposento
 Encerrada sem culpa; e para a vida
 Tão amargo sustento;
 Que entre a necessidade aborrecida,
 He só por mãos da Fome,
 Que amassado com lagrimas o come.

Já tivera apartado
 De seus olhos a luz a noite eterna;
 Se por alto cuidado
 De quem só nos sustenta, e nos governa
 Não fora o beneficio
 Sustentador do Angelico Edificio.

Desattento marido,
 Que ás innocentes vidas não reparas;
 O animo abatido
 Da Conforte fiel, das prendas charas;
 Oh nunca farto fejas
 Dos superfluos manjares, que desejas!

Insolentes Arpias
 A' meza sobre ti com furia desção,
 Das mãos as iguarias
 Levadas pelo ar desappareção,
 Como já succedeo
 Com menos causa a Eneas, e a Phineo:

Onde tendes a espada,
 Celeste Dom, Justiça vingadora?
 Que na mão levantada
 Não vinga a pobre, e misera senhora?
 Mas ah que o não consente
 Da piedosa Beliza o rogo ardente!

Se inda mereço tanto,
 Que tens de mim, ó Ceo, algum cuidado,
 Pelo contínuo pranto
 Destes tristes meninos sem peccado,
 Vê, que pedindo estou
 O perdão para aquelle, que os gerou.

Perdoa ao inimigo,
 Que tu mesmo me déste por Esposo;
 Senão ferás comigo
 Da mesma sorte, que elle rigoroso;
 Pois pela fé que trato,
 Não deixou de ser meu, por ser-me ingrato.

Venturoso Conforte,
 Que contra perigosa, e longa ausencia
 Podes seguro, e forte
 Ver de amor conjugal tanta excellencia,
 N'uma mulher tão rara,
 Que Olives por Penelope trocára!

Mulheres descontentes
 Do cego Amor: Mulheres que casastes,
 E cegas, e imprudentes,
 Em lugar de homens, troncos abraçastes,
 Vinde ver em Beliza
 Quanto mal, quanta dor vos martyriza.

Chegai desconsoladas
 A fazer-lhe piedosa companhia;
 E de pranto banhadas
 (Em quanto houver no Mundo noite, e dia)
 Chorai a toda a hora,
 Com quem de dia, e mais de noite chora.

Vereis como Hymineo
 De dor apaga a tocha suspirando;
 A tocha, onde accendeo
 Seus desejos, Amor, que já quebrando
 O arco fementido,
 Põe a mão sobre os olhos, de corrido.

III

DA clara estirpe dos Heroes valentes,
 Que em memoria das horridas batalhas,
 Forão deixando nos portaes pendentes,
 Lanças, escudos, capacetes, malhas,
 Nem me prézo, nem ando
 Carunchosos papeis desenrolando;
 De baixo tronco venho:
 Humildes ramos por avós só tenho.

Não me gabo de sólidos talentos:
 Falta-me applicação, engenho, e arte:
 Não recolho nos cofres avarentos
 Effes dons, que Fortuna mal reparte:
 Não são os meus projetos
 Altas paredes, guarnecidos tetos:
 Sou pobre, e deste modo
 Tenho por minha casa o Mundo todo.

Eu não honro a Nação, nem sirvo o Estado,
 Que a tanto hum fraco espirito não se atreve:
 Desses não sou, que o nome tem gravado
 Nos livros de ouro, onde a Fama escreve:
 Não me conhece o Mundo:
 Na escuridão daquelles me confundo,
 Cujo procedimento
 Cubrio o negro pó do esquecimento.

Não espero que erguida sepultura
 O frio corpo meu, honre, e levante,
 Onde pare assombrado da estrutura,
 A ler meu nome, o vago caminhante,
 Nem espero affligir-me,
 Se a terra me faltar para cubrir-me:
 Do famoso Catão,
 Insepultos os ossos inda estão.

Inda vive a memoria dos tyrannos,
 E ainda, para assombro dos futuros,
 Vertendo estão o sangue dos humanos
 De Roma as praças, de Cicilia os muros;
 E de quantos Varões
 Inda se ignora a fama das acções.
 A verdadeira gloria
 Não he encher Capitulos na Historia.

A gloria de hum mortal não se alimenta
 De sangue, nem de lagrimas; só brilha,
 Saiba-se, ou não se saiba, quando intenta
 Perdoar generoso ao que se humilha:
 Quando vir levantada
 Contra a innocencia ameaçadora espada,
 Interpor se valente,
 Seja de amigo, seja de parente.

Não ter em menos conta, o que trabalha
 Co' arregaçado braço todo o dia,
 Que o fero Capitão, que na batalha,
 Cego talvez pela ambição porfia:

Estimar a virtude,
 Onde quer que estiver, no sábio, ou rude!
 Ser grato aos beneficios:
 Amar os homens, reprovar-lhes os vicios.

Cumprir o juramento huma vez dado,
 Inda que seja ao barbaro Africano:

Ver sobre si com rosto socegado
 A mão erguida de hum algoz tyrano:

Amar a temperança,
 Seja na tempestade, ou na bonança:

Aos soltos appetites
 Tomar o freio, e affinar limites.

Ser sensível ás lagrimas daquelle,
 De quem talvez Fortuna se não doe:

Enter necer-se, suspirar por elle,
 Que eu não fórmo de pedra o meu Heroe:

Oh Santas qualidades,
 Vós sómente he que fois heroicidades,

Sois geração do Ceo,
 Que tão pouco na terra se estendeo!

Vós fôis capazes de fazer ditosa
 A alma de hum Pastor, e de hum Barqueiro;
 Mais livre está do raio, quem vos goza,
 Do que á sagrada sombra do loureiro:
 Com vosco ao Ceo voárão,
 Esses, que de morrer nunca acabárão:
 Eu vos amo, eu vos figo;
 Mas sem vaidade, e sem soberba o digo.

Não estudo palavras, e artificios
 Do manhoso Sinão, tecendo enganos;
 Quaes elle fez nos dons, e sacrificios,
 Que introduzio nos miseros Troianos:
 Não sou lobo esfaimado
 Com pelle de cordeiro disfarçado:
 Amo por natureza
 A doce paz, a bella singeleza.

Respeito o sabio, o virtuoso, o forte;
 Estimo ao bemfeitor; por mais que vejo
 Crescer ao meu vizinho os bens, e a Sorte
 Sabe, quem sabe tudo, se os invejo:
 Se posso, ao pobre acudo,
 Dos primeiros propositos não mudo:
 No gosto, ou no perigo
 He a minha metade o meu amigo.

A faude me falta, e não me altero;
 Soffro a murmuração, soffro a violencia,
 Sómente o gosto de morrer espero,
 Abraçado co' a minha paciencia:
 Estes são meus thesouros,
 Estes os meus brazões, estes os louros,
 Que me adornão a testa;
 Este he o meu nome, a minha estatua he esta.





ECLOGA

I

Albano, e Damiana.

POr entre a nuvem roxa apparecia
A destoucada Aurora no Orizonte,
E já de novo a escassa luz do dia
Dourava o cume do aparrado monte:
A nevoa da manhã fe desfazia,
Cantava o roxinol, ria-se a fonte,
Abria a porta o rustico na Aldêa,
Branquejava na praia ao longe a arêa.

Trazia o Tempo as horas diligente,
 E os hombros se deixavão ver da terra:
 Já lá se distinguia claramente
 Fumegar o casal na inculta terra:
 O simples cordeirinho de contente
 Apòs da chara Mãi, saltando, berra;
 E antes que o Serrano ao pasto a deite,
 No manso aprisco lhe mugia o leite.

Já se escutava da manada a choca
 Ao longo da campina: De outra banda
 Alli punha a Serrana a lá na roca,
 Aqui pastava a cabra a relva branda:
 Hum guardador além a flauta toca,
 Quando a beber o gado á fonte manda:
 Ouvia-se alternada em seus amores
 A sincera cantiga dos Pastores.

O novo jugo a tarda companhia,
 Defamparando o rustico agazalho,
 No calejado collo recebia,
 Para seguir o pròvido trabalho:
 O pescador nas praias estendia
 As redes a enxugar do fresco orvalho:
 Todos que era chegado o Sol sabião:
 Huns acordavão; outros já sabião.

Mas Albano Pastor, que madrugava
Ainda mais que o lúzeiro matutino,
Já sem acordo solitario andava
Pelas margens do Téjo crystallino:
E como alli sentia, alli chorava
A triste sem-razão do seu Destino:
Nunca, por mais que via ao Sol o rosto,
No seu semblante amanhecia o gosto.

Era elle entre os da Aldèa o mais polido,
Pobre Pastor; porém de sangue honrado;
E posto que no monte foi nascido,
Tinha sido por Mestres educado:
Mas tinha-lhe a Fortuna decahido,
Contra quem nunca achou seguro estado;
E com pobreza hum claro nascimento
Não he senão servil abatimento.

Amava Albano; e erão seus cuidados
Da ingrata Damiana os vãos favores:
Aquella, que entre a plebe dos cajados
Foi amorosa guerra dos Pastores:
De sempre vivas cores animados
Seus olhos, boca, e face, erão melhores
Que os da Mãe de Cupido, a quem pudera
Emulação fazer, se ella o soubera.

Nas ribeiras saudosas encoestado
 Se achava Albano, ao tronco de hum salgueiro,
 Cujo lugar hum tanto levantado
 Ficava sendo ás aguas sobranceiro:
 A face encoستا ao curvo do cajado,
 Olhando para o Téjo lisongeiro,
 A cuja vista o seu pezar foi tanto,
 Que estas palavras misturou com pranto:

O' rio venturoso, (principia,
 Arrancando primeiro hum ai magoadado)
 Que cedo alcançarás nessa porfia
 Satisfazer o fim do teu cuidado!
 Triste de quem não acha huma alegria,
 Por mais que corra em lagrimas banhado;
 Mas tu, inda correndo, tens socego;
 Eu nem parado a ter descanço chego.

Tu corres livre do amoroso encanto;
 Mas oh! Que estranho effeito experimentáras,
 Se assim como te augmentas do meu pranto,
 Sentíras o meu mal, que então seccáras!
 Quanto deves temer o tempo! Quanto!
 Que póde perturbar-te as aguas claras,
 Ou fazer-te tão pobre, que inda a nado
 Te passe affouto o meu pequeno gado.

Quantas vezes contente já me viste
 Ao pé deste salgueiro, e desta azenha?
 E agora de repente me vês triste!
 Terás mais privilegio, que eu não tenha?
 O bem de ser alegre não consiste
 Em que a Ventura hum pouco se detenha:
 Eu não posso já mais viver gostoso,
 Mas tu podes deixar de ser ditoso.

Presta-me hum pouco compassivo, e grato
 Piedoso ouvido a meu cruel lamento;
 Se he que este mesmo pranto, que desato,
 Te não apressa mais o movimento;
 Como succede a essa, a quem relato
 (Por não querer ouvirillo) o meu tormento;
 Essa, a quem tanto imitas na belleza,
 Quanto ella a ti na propria ligeireza.

Aqui chegava Albano enternecido
 Sem refrigerio algum, que o seu cuidado
 Lá dentro n'alma he tanto mais crescido,
 Quanto agora o suppõe mal empregado:
 Envolto em fogo sahe qualquer gemido,
 A's vozes segue o pranto dilatado;
 Que Amor quiz para próva deste affeto
 De chammas filho fer, das aguas neto.

Assim passando as horas descontente
 O Pastor descontente a qualquer hora,
 Duvidoso de longe, escuta, e sente
 Os écos doces de hum voz sonora:
 Julgou ser da Pastora facilmente
 O canto Angelical, que nunca o fora;
 E levantando os olhos para o monte,
 Vio que era della, e que baixava á fonte.

Qual Lavrador, que atrás do curvo arado;
 Succedendo fugir-lhe algum bezerro,
 Para logo o apanhar todo assustado,
 Deixa a lavoura, desampara o ferro,
 Aqui corre, acolá salta hum valado,
 Atalhando o caminho pelo ferro,
 Cuberto de suor, e de poeira
 Continuando vai sempre a carreira:

Tal o Pastor, em quem se verifica
 O quanto póde hum misero cuidado:
 Não lhe lembra a cabana, que cá fica,
 Larga o çurrão, esquece-lhe o cajado:
 E por ir mais depressa, ao valle applica
 Os passos, por caminho não trilhado,
 O gado larga já, nada o focega,
 As passadas amiuda, á fonte chega.

Já se achava a Pastora lá presente,
 Quando Albano, de trás de hum verde arbusto,
 Sabindo-lhe ao encontro de repente,
 Elle com dor não falla, ella com susto:
 Qualquer dos dous ao Fado, impertinente
 Accusa neste lance, mais que injusto:
 Duas imagens ficão do segredo,
 E junto de hum penedo, outro penedo.

Até que Albano triste começando:
Não te assustes; (lhe diz) mas não podendo
 Dar mais do q̄ hum suspiro, soluçando
 Lhe vai o pranto a voz interrompendo:
 Suspira sem fallar de quando em quando,
 E de novo outra vez convalecendo,
 Antes que a voz de todo embargue a morte,
 Principia chorando desta forte:

*Não te assustes, cruel, que o teu Albano
 Eu ainda sou (dizendo-lhe) a detinha;
 Que fora poder mais, que Amor, o engano;
 Não ser teu, porque deixes de ser minha;
 Entre o misero horror de tanto dano
 Inda respira a fé, que a alma sustinha,
 Inda fazer não pôde o teu defeito
 A mais leve mudança no seu peito.*

Eu sou aquelle, Albano, que algum dia
 Por ti pizava alegre esta espessura;
 Pois só com teu favor me parecia,
 Que tinha que invejar-me inda a Ventura;
 Mas hoje huma mortal melancolia
 O rosto, o gesto, a voz me desfigura;
 Alegre aos campos vim deste contorno,
 E quão mudado agora a elles torno!

Já capellas de louro não pertendo,
 Nem já cuido no asseio do meu fato,
 Depois que me deixaste assim vivendo,
 Dos mais Paiores aborreço o trato:
 A mim proprio confuso não me entendo,
 Finalmente ando a modo de insensato,
 Já se não vê na minha boca o rizo,
 Só me falta perder de todo o sizo.

Já para as cabras não descubro o pasto,
 Melancolico sempre trago o rosto,
 Continuamente com meu mal me agasto,
 Desde que nasce o Sol até que he posto:
 E deste modo pouco a pouco gasio
 A vida cá por dentro com desgosto,
 Consumindo-se em fim, sem que a esperança
 Do que fui me prometta semelhança.

*Tu me deixaste sem razão, Damiana,
 Que por mais que discorro pensativo,
 Vão-se as horas, os dias, e a semana,
 E não posso julgar-te hum só motivo:
 Acho te cada vez mais deshumana;
 Na verdade não sei como sou vivo!
 Assim passo, assim choro, assim me canço
 Sem allivio, sem gosto, e sem descanso.*

*Passão-se dias, que não vejo o gado
 Perdido pela rústica montanha;
 E vivo á solidão tão costumado,
 Que entro na Aldea, como em terra esiranha:
 Já me não lembra o jogo do cajado,
 Na carreira qualquer Pastor me apanha;
 E se algum me pergunta a causa disto,
 Respondo que não sei; mas he por isto.*

*Já não repito as doces cantilenas,
 Com que alegre atéqui passava o anno;
 Pois só chorando as mágoas, que me ordenas,
 Se escuta na campina o triste Albano:
 A frauta, com que já fiz mais pequenas
 Antigas sem-razões de Amor tyranno,
 (Porque hoje allivio nella ao mal não acho)
 Na levada a deitei pella agua abaxo.*

Deixei nunca, cruel, por teu mandado
 De atravessar o monte mais estranho?
 Não levava a beber sempre o teu gado?
 Não era como teu o meu rebanho?
 Quantas vezes por ti lá no serrado
 Larguei da sementeira o pobre amanho?
 Que cabra leite deo, mel a colmea,
 Que não fosse levar-to eu mesmo á Aldea?

Até áquella ovelha eu mais queria,
 Que mais que as outras todas te agradava:
 Seu pasto era o melhor, porque sabia
 Que com este serviço te obrigava;
 E se acaso do monte se perdia,
 Promptamente ao rebanho ta levava,
 Desejando mostrar-te de algum modo,
 Que em ti só tinha o meu cuidado todo.

Acaso no arraial da Freguezia,
 Onde ao Domingo a festa se executa,
 Fiquei menos que os outros algum dia
 Na aposta da carreira, ou na da luta?
 Não te levava, assim que se colhia,
 A noz, a amendoa, a macaroca, a fruta?
 E quando aqui passavamos a festa,
 Não te dava as boninas da floresta?

O primeiro não fui, que entre os Pastores
 Em ti busquei honesta sociedade?
 Em pertender constante os teus favores
 Não consumi a tenra mocidade?
 Que frios em Janeiro, em Julho ardores
 Não soffri já no monte, já na herdade?
 E he cruel que finezas tão sabidas
 Castigues, como offensas recebidas!

Tu foste nunca ao monte, que eu não fosse?
 Ao rio, que eu tambem lá não me achasse?
 Que Faia, por mais alta que ella fosse,
 Tolheo, que os ninhos para ti roubasse?
 E que peixe se cria na agua doce,
 Que eu para ti contente não pescasse?
 Tudo assim foi, que deixo repetido,
 Mas oxalá que não tivera sido!

Nunca os olhos da estrada levantava,
 (Que isto só faz quem lisamente adora)
 Quando por estes campos encontra-va
 No caminho da fonte outra Pastora:
 Se aqui alguma vez te não achava,
 Te esperava saudoso de hora em hora;
 E só quando chegavas, e eu te via,
 Graças a Deos! Comigo então dizia.

Negar esta verdade, esta fineza,
 Pastora, em vão teu animo procura:
 Ou dá-me de o fazer qualquer deseza;
 Assim tenhas do que eu melhor Ventura!
 Mereça-te esta vez minha tristeza,
 O que não conseguiu a fé mais pura;
 E se a piedade no teu peito cabe,
 Saiba mover-te, já que Amor não sabe.

Não quero, não, Pastora rigorosa,
 Estorvar-te esse affecto, que pertendes;
 Quero só, quando seja tão forçosa,
 Perguntar-te a razão, por que me offendes?
 Por isso mesmo, Albano, (desdenhosa
 Lhe responde a Pastora) mal me entendes:
 Por isso mesmo, que forçosa a vejo,
 Não posso dar-te mais que a do desejo.

Se a féra mais cruel, que o monte cria,
 Fallar soubera (Albano continúa)
 A voz talvez, com que se explicaria,
 Menos aspera fora do que a tua:
 Eu morro; e já que morro em fim, queria
 Saber antes que veja a morte crua,
 Em que razão se funda, se assim mata,
 Essa Lei, que te obriga a ser-me ingrata.

Já com voz , nada menos defabrida ,
Não teimes , (a Pastora lhe tornava)
Que em ser huma mulher agradecida ,
Nem por isso se obriga a ser escrava :
Eu te quiz , mas deixei-te aborrecida ;
Já pelo Fado assim disposto esta-va :
Não tens que te queixar da variedade ,
Que amor não he razão , he só vontade.

Eu bem sei , se te deixo , que te agravo ,
Porque a fazello sem razão me atrevo ;
Mas como hei de livrar-te desse agravo ,
Se he muito mais o que amo , que o que devo ?
Vai ser agora de outro amor escravo ,
Que em conta tens serviços já não levo :
Lá tens Alberta , Silvia , lá tens Benta ,
Todas formosas são , nenhuma izenta.

Bem sei de teu desgosto a larga historia ,
Já não sinto de ouvilla algum desconto :
Suppõe que em ti passou de Amor a gloria ,
Como o faz a mentira em qualquer conto :
Não percas a cabana da memoria ,
Vai teu gado buscar , não sejas tonto ;
Que pôde acaso , pois cioso vive ,
Saber Fileno , que contigo estive.

Deixa, que eu goze os frutos do socego
 Na viçosa esperança de outro agrado:
 Deixa-me: Vai-te, que em melhor emprego
 Se occupa novamente o meu cuidado:
 Esse novo Pastor, em que me emprégo,
 Tem de vezas tambem, tambem tem gado:
 Finalmente mais nada te repito,
 Delle gosto, de ti não necessito.

Estes écos ouvia deshumanos
 O Pastor entre novas agonias,
 Vendo na Primavera de seus annos
 Tão mal vingado o fruto dos seus dias:
 Que tarde próva extremos defenganos,
 Quem se deixou levar de vans porfias!
 Inda mal, que he tão certo! Oh cega gente!
 Damiana o sabe, o triste Albano o sente.

Quer fallar-lhe outra vez; porém avante
 Ir não se atreve; e em lagrimas desfeito,
 Ficando mudo por hum breve instante,
 Afflicto as mãos aperta junto ao peito:
 Como quem sente mágoa penetrante,
 Que promptamente faz misero effeito,
 Albano fica, em quanto a angustia calla;
 Mas rompendo o silencio, assim lhe falla:

*Ab tyranna Pastora! Quem diria
 Naquelles da affeição doces enganos,
 Que em hum instante só Amor faria
 O trabalho perder de tantos annos!
 Aquelle olhar affavel de algum dia
 Onde está, de teus olhos soberanos?
 Se, tirando-os de mim tão de repente,
 Com elles vás fazer o chão contente.*

*Quantas vezes chorando me affirmavas,
 (Se acaso, ingrata, já me não mentias)
 Que tanto de meus olhos te alentavas,
 Que sem elles do Sol a luz não vias!
 Então em mim os teus só recreavas,
 Hoje, só por não ver-me, os tirarias:
 Os meus sem luz estão, pois sendo amantes,
 Já não achão nos teus o affago d' antes.*

*He esta aquella fé, com que algum dia
 Passando a calma juntos desia fonte,
 Mil vezes teu amor me promettia:
 Ser mais claro que o Sol, firme que o monte?
 Não juravas então, se eu te não cria,
 Que ao passar huma vez aquella ponte,
 Ainda com ella fosses ter ao rio,
 Se tivesses na fé qualquer desvio?*

*Ab! Não passes por ella na incerteza
 De o Ceo tomar de ti justa vingança,
 Que as pedras deixarão de ter firmeza,
 Só para castigar huma mudança:
 A confusão da tua ligeireza
 Estás vendo na sua segurança;
 Mas não posso estranhar quanto fizeres,
 Porque em fim as Pastoras são mulheres.*

*Quantas vezes, subindo aquelle outeiro
 Comtigo pela mão, esta que apertas
 (Me dizias) penhor mais verdadeiro
 Será sempre de amor: (Palavras certas)
 O tronco vendo estou, onde em letreiro
 Inda lá estão por testemunho abertas:
 Ou cumpre quanto então me tinhas dito,
 Ou deixa-me ir riscar tão vil escrito.*

*Esse Pastor, que adoras novamente,
 (Que sempre causa amor a novidade)
 Mais firme não será; que o selo a gente,
 Não provém da maior felicidade:
 Tu poderás fazello mais contente,
 Mas não dar-lhe esta minha sã vontade:
 De mais, quem o segura nesse estado,
 Se a mão lhe dás, que já me tinhas dado?*

*Bem sei que tem cabana levantada,
 E que a minha he pequena, pobre, e escura;
 Mas olha, que ao cabir sempre a pancada
 Costuma ser á proporção d' altura:
 Bem sei que traz de bois grande manada;
 Mas repara, que o bem nem sempre dura,
 E que, quando o desejo he verdadeiro,
 Val mais do que hum rebanho hum só cordeiro.*

*Teme as crueis disposições do Fado,
 Que chegão quando menos se imagina:
 Não te confies de hum risonho agrado,
 Já que em mim proprio vês essa doutrina:
 Tomarás no va posse do meu gado,
 Servir-te-hei como d' antes na campina,
 Farei de amar-te como sempre estuado,
 A minha alma terás, que he mais que tudo.*

*Se te deo Natureza hum génio lindo,
 Toma conforme a elle hum genio brando:
 Vê, que não quero, de te andar servindo,
 Mais premio, que a Ventura do teu mando:
 A mex mal este allivio permitindo,
 Com bem pouco te irás desobrigando:
 Ambos sujeitos a affeição nos traga,
 Tu sem mais detrimento, eu sem mais paga.*

Farei por ti a ultima fineza,
 Que tem visto do monte a longa idade:
 Preciso não será para a firmeza
 Crear n' alma de novo outra vontade;
 Que inda que se me estranhe esta vileza
 Entre a gente da Aldea, ou da Cidade,
 Quero que vejas, que de mim se conta,
 Que os olhos fecho em tão notoria affronta.

Não me faz a desgraça de ser pobre
 Soffrer o vil partido que supplico;
 Que bem pôde morar hum alma nobre
 Debaixo da rotura de hum pelico:
 Quem me faz cego, quem a luz me encobre
 (Com que vergonha! Com que dor o explico!)
 He parecer-me ainda neste engano
 Tu mais formosa, que o meu mal tyrano.

Se tu mesma confessas hoje em dia
 Ser a minha affeição tão verdadeira,
 Não tens para encubrir a tyrannia,
 Nem se quer a desculpa da cegueira!
 Quem tamanha inconstancia julgaria
 No liso trato de hum a fé primeira!
 Quem, depois de em ti por toda a esperanza,
 Havia de suppôr esta mudança!

*Se procuras mudar-te, e desde a infancia
 O costume de ver-me te amofina,
 Sõmente por seguires a inconstancia,
 Que sempre o peito feminil domina:
 Eu tão outro estou já, tanta distancia
 Do que fui, ao que sou o Ceo destina,
 Que podes hoje, usando de piedade,
 Manter inda comigo a variedade.*

*Torna a querer-me, torna: Mais pequeno
 Farás meu mal em tão suave engano;
 Que, posto que não seja o teu Fileno,
 Tambem não sou, no que pareço, Albano:
 Por amar-te olha a quanto me condeno,
 Que ouço, e não creio o mesmo defengano.
 Que mais queres de mim? Tudo está dito:
 Té acceito em desculpa o teu delito.*

*Sempre chorando, Albano assim fallava,
 Em tanto que Damiana o pote enchia,
 Que mais fria, que a fonte lhe escutava
 As namoradas queixas, que lhe ouvia:
 Sem responder, no cantaro pegava,
 Que elle ajudar-lhe a levantar queria;
 Mas em vão, que a Pastora mui ligeira,
 Voltando as costas, diz desta maneira:*

Albano, não te posso ouvir já agora,
 Nem receber de amor a nova offerta:
 Tens-me detido aqui ha mais de hum hora,
 E deixei do casal a porta aberta:
 Vai servir, já te disse, outra Pastora,
 Não he dellas a Aldéa tão deserta:
 Muito a tempo te aviso. E foi andando,
 De quando em quando para tras oihando.

Qual a tenra novilha, que, perdida
 Das brutas companheiras, pela estrada
 Berrando em cata dellas vai sentida,
 Sem atinar co' sitio da malhada:
 Tal o triste Pastor na despedida
 Da Pastora cruel em vão buscada,
 O sitio desampara, deixa a fonte,
 Outra vez desce ao valle, sobe ao monte.

E vendo lá de longe inda a Pastora,
 Exclama (sem que os passos lhe detenha:)
 Desses montes vai ser habitadora,
 Terão em ti cruel mais huma penha:
 Em quanto o Sol luzir, raiar a Aurora,
 Eu protesto, que a elles mais não venha;
 Que já, quando o meu mal presenciarão,
 Mais do que tu, mil vezes se abalarão.

E em quanto vago afflicto esta montanha,
Em paz te deixo, fica sem cuidado,
Que dor nenhuma sentirei tamanha,
A' que tu me não tenhas cosumado:
Pizarei para sempre a terra estranha,
Daquelle patrio abrigo desterrado:
De mim te esquece, já que alegre passas;
Mas temo, por pedir-to, que o não faças.

Aparta-te de mim: Vai, que algum dia
Fortuna, onde não ha seguro estado,
Fará que tambem eu de ti me ria,
Pagando-me do tempo que hei chorado:
Fará, que inda tu mesma a aleivozia
Talvez que sintas de me ter deixado;
Que o justo Ceo, que as sem-razões distingue,
A's mãos te levará de quem me vingue.

Já tudo se acabou: Logra, tyrana,
O socego feliz da tua Aldeia:
Perca eu o agazalho da cabana
Na peregrinação de terra alheia:
Tudo quanto lá fica na choupana
Venha Dezembro, leve embora a cheia,
A' mingoa morra o gado, e eu ausente
Nunca mais veja, e trate humana gente.

E chegando-se a hum cedro corpulento,
 Em cujo tronco, quando alli se achava,
 Gravar, em fé do seu contentamento,
 O nome de Damiana costumava:
 Riscando-o, grita, *que não haja intento*
Nem hum breve final de que te amava;
Que inda hum tronco, que o tempo não consome,
Inconstante será, tendo o teu nome.

E vós, campos, outeiros, rios, gados,
Nunca a Sorte a fartura vos desconte:
Sem mim ficai-vos bemaventurados,
Que eu basto a fazer triste este horizonte;
E se meu pranto ha de affogar os prados,
Meus suspiros fazer seccar o monte,
A Deos! Porque será, como em mim vistes,
Deixar-vos menor mal, que ver-vos tristes.

Disse: e na eterna ausencia que fazia,
 Tudo perder intenta da lembrança,
 Temendo que pudesse inda algum dia
 Tornar pelas pégadas da esperança:
 Com passo incerto, e tremulo fugia
 Daquella perigosa vizinhança;
 E pelas ramas de huma mata espessa,
 Para mais não ser visto, entrou depressa.

Tu agora, mortal, que o vil tormento
 Buscas de Amor, não queiras como Albano,
 Chegando-lhe tão cedo o documento,
 Guardar para tão tarde o desengano:
 Não catives o nobre entendimento
 A' paixão de hum estímulo profano:
 Fenece Amor, caduca a formosura,
 Busca sómente o bem, que sempre dura.

E C L O G A II.

Agrario, Braz, e Anfriso.

Q Uasi de todo nos faltava o dia;
 Mas inda a noite duvidosa estava,
 E o vento já mais brando parecia
 Que entre as folhas do bosque repousava:
 Sobre as praias o mar adormecia:
 A scintillar o Ceo principiava;
 E lá nos apartados horizontes
 Se via apenas terminar os montes.

Entrava o passarinho acautelado
 Pela confusa balsa, onde se aninha:
 O Pastor mansamente leva o gado,
 Ainda mastigando a branda hervinha:
 Já, descansando o luzidio arado,
 Para a choupana o Lavrador caminha,
 E o vagaroso boi, remoendo o pasto,
 Leva o duro pescoço já mais gasto.

Só no meio de hum monte solitario,
Abundante de relva os mais dos mezes,
Esquecido ficava o triste Agrario,
Sem levar ao curral as manfas rezes:

Pastor queixoso de hum Destino vário,
Com que Amor o ferio bastantes vezes,
E a quem tão fóra já de si trazia,
Que vinha a noite, e não lho parecia.

Não acha allivio, que o pezar lhe abrande;
E entregue mudamente ao seu desgosto,
Assim como quem pensa em caso grande,
Ora levanta, e ora abaixa o rosto:

Vai-se-lhe o gado sem Pastor, que o mande,
Aos pés cahindo-lhe o curvado encosto;
E as mãos, com que tambem a dor explica,
Põe debaixo dos braços; e assim fica.

Pela encosta do monte mansamente,
Ambos co' a lenha ás costas no cajado,
Vinha descendo Braz velho, e prudente,
Com Anfriso ainda moço, e namorado:

A este tempo Agrario, que sómente
Está em seus pezares elevado,
Imaginando que ninguem o ouvia,
Com lagrimosa voz assim dizia:

*Pastora desleal, em cujo rosto
Quiz animar o Ceo tanta belleza,
Para esconder Amor tanto desgosto,*

*Sabe que de meus males a grandeza,
Lá onde quer que estás, farei notoria,
Porque nem reste a Amor esta fineza.*

*A todos contarei a minha historia;
Pois já que eu perco o bem da tua vista,
Não percas tu do meu pezar a gloria:*

*Eu farei que a minha alma lá te assista
Em fé de meus purísimos amores,
Por mais que o teu desprezo lhe resista:*

*Ouvir se-hão neste valle os meus clamores,
Em quanto me durar a vida breve,
Que tem feita mais curta os teus rigores.*

*Morrer por ti será fineza leve:
Quem perdendo-te em fim, não perde a vida,
Ainda a muito mais, e mais se atreve.*

*A tua voluntaria despedida,
Por mais que Amor me leve a estranhos lares,
Não poderá já mais ser esquecida.*

*Tal he a sem-razão me deixares,
Que inda tornando a ver-te, o que não creio,
Se não diminuirão meus pezares.*

Té me parece o gado magro, e feio;
 E o campo, que contigo florescia,
 Já me não serve aos olhos de recreio:

A fonte, que talvez adormecia
 Ao som da minha flauta, hoje desperta
 Aos ais, que dou em misera agonia:

Para o curral o gado não acerta,
 Dormindo pelos montes: E suspeito,
 Que tudo de me ver se desconcerta.

Inda a mais chegarei por teu respeito;
 Que Amor não guardará tyranno estado
 (Se acaso o tem peor) para outro peito:

Mas se está, em que eu sinta o desagrado
 Da tua condição formosa Aldeã,
 O ser eu venturoso, ou desgraçado,

Torna a fazer alegre a nossa Aldeã,
 Huma alma a consolar, de que es senhora,
 Veja-te antes ingrata, do que alheã:

Não tenbo de que sejas possuidora
 Outra cousa melhor, que hoje te offrega;
 Mas não faz pouco quem sem premio adora:

*E bem que tão di-vina te conheça,
Se te não merecer quem mais te estima,
Aonde irás buscar quem te mereça?*

Braz.

Tu não ouves, Anfriso, desta parte
Huma voz de pessoa magoada?
Oh como he triste! O coração me parte!
Para a ouvir, tiremos-nos da estrada.

Anfriso.

Vamos, que soa aqui para o teu lado
A voz piedosa, que ao depois ouviste;
E de trás desse milho semeado
Veremos de quem he queixa tão triste.

Braz.

Passa tu de vagar para diante,
E não vamos de rijo conversando,
Que já não póde ser muito distante
O lugar, donde as vozes vem soando.

Será de algum Pastor a triste queixa,
Que de Amor, ou Fortuna perseguido
Aqui talvez a suspirar se deixa:
Pois a tudo anda o homem offrecido.

An-

Anfriso.

Lá vejo hum vulto de homem levantado ;
Mas já não posso bem ver-lhe o semblante :
Sózinho está fallando ; e o seu cuidado
Nascer parece de algum caso amante.

E cuido (enganar-me-hei) que pela altura,
Pela voz, e Pastora que nomea,
Quem se queixa de tanta desventura
Hê Agrario, Pastor da nossa Aldêa.

Braz.

Agora vejo. O mesmo me parece,
Porque depois que Altêa está distante,
Quando se falla nella, se entristece,
Sem poder disfarçallo no semblante.

Nisto tem reparado os mais Pastores ;
E a mim n'algumas vezes, em que o via,
Nunca me quiz fallar nos seus Amores,
Como quem de eu sabellos se affligia.

Anfriso.

Ora pois se te apráz, daqui lhe fallo ;
Que he Pastor bem creado, e nosso amigo ;
Não fora máo que fosses consolallo,
Anda, apressa-te, Braz, que eu vou contigo.

Braz.

Braz.

Quem ama cegamente huma Pastora,
 Bem he que possa compaixão dever-te;
 E o mesmo caso, que elle sente agora,
 Ainda mal, que não venha a succeder-te.

Guarda-te o Ceo, Pastor, elle te ajude:
 Mal sabes quanto sinto essa tristeza:
 Oh praza a Deos, que o genio se te mude,
 Se he que pôde mudar-se a Natureza!

Aqui me traz a queixa do teu dano;
 E confidero, vendo-o tão profundo,
 Que só pôde nascer daquelle engano,
 Que tantos desgraçados faz no Mundo.

Agrario.

Ah meu bom velho, que mal sabes quanto
 De ver-te me alegrei, e só me peza,
 Que participes de meus males tanto!

Deixa-me outra vez só; porque a certeza
 Do mal, que tirei sempre da alegria,
 Me faz gostar de tudo o que he tristeza:

Foge, foga da minha companhia,
 Que servir-te não pôde, senão queres
 Que te pégue huma tal melancolia.

An-

Anfriso.

Agrario, aqui me tens tambem contigo,
 Grande quinhão desse pezar me cabe:
 Eu tambem tenho amor, sou teu amigo;
 Quanto finto teu mal só Deos o sabe.

Soffrendo estou contínuas crueldades,
 Mil dias ha tambem de huma Pastora:
 O Mundo cheio está de falsidades;
 Feliz quem as não sente, ou as ignora!

Tambem tenho meus dias de tristeza,
 Nada me alegra, o gado me enfastia;
 E tudo o que não he fallar a Andreza,
 Seja o que for, me enfada, e me agonia:

Outras vezes encontro a Braz no monte,
 Vê-me triste, já sabe o meu cuidado:
 Mil casos me repete ao pé da fonte,
 Com que fico algum tanto consolado.

He Pastor, a quem tenho meu respeito;
 (Não he por elle estar aqui presente)
 A sua companhia de proveito
 Tem servido na Aldêa a muita gente.

E como posso eu ser teu conselheiro
 Aonde Braz está, e o seu bom dito?
 Pois fei, amigo Agrario, que primeiro
 (Mais que tu) dos conselhos necessito.

Agra-

Agrario.

Que allivio me darás, que me conforte;
 Que na mesma lembrança do que peno
 O não converta Amor em dor mais forte?

Fazer com que meu mal seja pequeno,
 He o mesmo, que afflicto em lugar de agua
 Querer matar a sede com veneno.

Braz.

Dá-nos parte do mal, que o Ceo te manda,
 Tudo a nossa amizade te merece;
 Que o mal communicado lá se abranda,
 Porque em fim repartido se padece.

Não hias tu dizendo o teu tormento
 Neste lugar deserto aos matos brancos,
 Que nunca ter puderão sentimento?
 Pois mereço-te eu menos, que esses troncos?

Eu bem sei que sou rudo, mas sou velho,
 Não ha maior sciencia do que a idade:
 A's vezes vai o allivio no conselho:
 Pouco val o discurso sem verdade:

Faz-se a todos o allivio tão preciso,
 Que inda ao boi mais forçoso afflige a carga;
 E a simples ovelhinha sem juizo
 Deixa ás vezes a herva, que lhe amarga.

De lerdo não tens nada, es avisado,
 Em fim homem, que basta esta lembrança,
 E buscas, da razão tão descuidado,
 Aquillo mesmo, que te afflige, e cança?

Algum dia dirás: (*oh, Deos o mande!*)
Bem me dizia Braz, bem me dizia!
 Que sempre hum homé, por mais cego que ande,
 Cahe na razão mais dia, menos dia:

Quem segura affeição no Mundo espera,
 Experiencia não tem deste trabalho:
 Buscar fé nas Pastoras de tal era,
 He querer que dê pinhas hum carvalho.

Tu não viste ha dous dias praticado
 Isto mesmo em Albano, a quem Damiana
 Por Fileno deixou, (se estou lembrado)
 Talvez só porque tem melhor cabana?

Quasi no mesmo tempo o pobre Aleixo
 Desprezo de Metilde, antes amores,
 (Hum moço certamente como hum freixo)
 Por Silverio, a deshonra dos Pastores?

E presumias tu, que era bastante
Para ser firme Altêa, o ser Altêa?
Por ventura á mulher faz mais constante
Ser Getrudes, Lucina, ou Dorothea?

Destes casos ha mil nesta campina;
(Que tristes premios os que Amor concede!)
E quando te faltasse esta doutrina,
Bastava o que a ti mesmo te succede.

Agrario.

Nisto tenho ha mil dias assentado;
Mas não tiro do meu conhecimento
Mais, que outra vez ficar no mesmo estado;

Porém, que queres tu, se o pensamento,
Por mais que n'outras cousas se mistura,
Lá vai sempre encontrar co' seu tormento?

Em quanto a Primavera der verdura,
O fogo der calor, o ar for leve,
Me ha de lembrar de Altêa a formosura:

Inda por menos clara aquella neve,
Que nas frias manhans cobre a campina,
Comparar-se com ella se não deve:

Da vermelha papoula a côr mais fina,
Como angelicamente misturada,
Vive naquella face crystallina.

De tanta formosura, e graça ornada,
Que foí sempre pot toda a vizinhança
Das mais lindas Pastoras invejada:

Cá d' alma finalmente esta lembrança
Tirar-se-me não póde: Nem já agora
Esquecer-me tão aspera mudança:

O que mais me atormenta a toda a hora
São aquellas promessas, que fazia
Aqui mesmo: Oxalá que assim não fora!

Tão amantes palavras me dizia,
Pondo os olhos em mim de agua arrazados,
Que ao mais experimentado enganaria.

Huma tarde me lembra, que abrigados
Do Sol, que dava então grande quentura,
A' sombra desses alamos copados:

Depois de me eu queixar da mal segura
Afeição deste Mundo, em que não cria,
Me disse então, fazendo-me esta jura:

Mais constante, que a mesma penedia
Serei, Agrario meu, por mais que faça
Qualquer outra mudança cada dia:

Eu perca a sementeira da linbaça,
O gado a vida, tudo me aconteça,
Antes que outro Pastor me caia em graça;

E para que mais credito mereça
Tanta fé, tanto amor, tanta verdade,
Em lagrimas meu rosto to encareça;

E cheia de honestissima piedade,
Qual a saudosa, e fresca madrugada
Banha o peito, onde esconde a falsidade:

Tanto estimei aquella fé jurada,
Que se cumpridas taes palavras visse,
Que mais do Mundo quereria? Nada.

Causa não teve em fim para deixar-me,
E ver que lha não dei, nem levemente,
He a que Amor me dá para queixar-me.

Antes fora huma historia impertinente,
Pastores meus, se agora repetisse
Finezas, que por ella obrei contente:

Que com o rio a ponte se cubrisse:
Que com a cheia o campo se alagasse,
Hum dia não passava, que a não visse;

E por mais que Pastoras encontrasse
Sem que alli visse a minha Altêa bella,
Má hora que este corpo se alegrasse.

A alegria era tal sómente em vella,
Que ainda quando ao longe apparecia,
Já de cá me hia rindo para ella:

Humas vezes cantando a divertia
Nos versos, que compunha aos meus amores
Com muita mais verdade, que harmonia:

Outras vezes, mais livre de temores,
Quando lá pelo prado se sentava,
O regaço lhe enchia de mil flores:

Então a mais bonita lhe pregava
Na casa do jubão, e cuidadoso
De brancos malmequeres a toucava:

Seguro-te, meu Braz, que tão gostoso
N'um puro agrado hum peito se interessa,
Que me julgava ser o mais ditoso;

Porém faltou ás juras tão depressa,
 Que creio, (e não me engano) que em Pastoras
 Dura mais huma flor, que huma promessa.

Nestas considerações consumo as horas,
 Atravesso no dia mil caminhos,
 Cuidando que assim acho á dor melhoras.

Qual ave, que roubando-lhe os filhinhos
 As ociosas mãos da pouca idade,
 Anda como queixando-se aos raminhos:

Vai-se outra vez ao ninho com faulade,
 Vê revolvido o feno, e torna fóra,
 Como quem não dá credito á verdade:

Assim me traz o amor desta Pastora,
 A mim, e ainda a todos parecendo,
 Que nunca chegaria a ser traidora.

Estes são os motivos, porque entendo
 Que remedio o meu mal nunca teria,
 Inda que fosse seculos vivendo;

Mas ai, que já de longe parecia
 Que o coração presago verdadeiro
 Tão grande desventura me dizia!

Ai, Pastores, que assim que o meu rafeiro
 (Sendo a fazer-me festa costumado
 Com maior mansidão, que a de hum cordeiro)

Vi que huma vez sahindo de entre o gado,
 Ladrando me avançou tão fortemente,
 Como se eu fora o lobo atraído;

E inda neste cajado claramente,
 Que ao tempo me servira de defeza,
 Vereis as móssas do raivoso dente:

Sobre mim cahio logo tal tristeza,
 Tal desgosto da vida, tal receio
 De algum futuro caso de estranheza,

Que mil vezes confuso neste enleio,
 Valha-me Deos! Queixando-me, dizia:
 Que Sorte escura, que successo feio.

Terá de acontecer-me qualquer dia?
 Mas cumpra-se o Decreto da Ventura,
 Que não póde durar sempre a alegria:

Caia a choupana; affogue a sementeira
 Arrebatada cheia; e o meu rebanho
 Caia morto de ronha na espessura.

E mal logrando o tempo o pobre amanhã,
 (Que assim não pouco a Sorte me castiga)
 Vá mendigar sustento a monte estranho:

As cabras pastem só aspera ortiga;
 E quando me destrua o trigo a cheia,
 Nasção abrolhos no lugar da espiga.

Não veja para sempre a Patria Aldêa,
 Farte-se o meu Destino; mas com tanto,
 Que se não mude nunca a minha Altêa.

Cumprio-se finalmente este quebranto,
 Nem podia nascer daquelle agouro
 Menor desgraça, mais pequeno estpanto.

Que mais podia ser que o meu desdouro?
 Nem sei, bebendo tão mortaes venenos,
 Como não tenho dado já hum estouro!

Dos outros males, como são pequenos,
 Nenhum me aconteceu; porque a Ventura
 Vio que todo esse mais ainda era menos:

Mas em que estou detendo a conjectura?
 Desenganado estou de que algum dia
 Veja sereno o rosto da Ventura.

Nem tem remedio já minha agonia,
 Que aonde se perdeu huma esperança,
 Ninguem lá vá buscar huma alegria.

Aconselha-me em vão, em vão se cança
 Quem busca consolar-me, se pretende
 Risca-me tanta mágoa da lembrança,
 Que o segredo de Amor ninguem o entende.

Braz.

Ai, Agrario infeliz! Melhor me fora
 Não ter dos males teus tambem sabido;
 Pois de ouvir qualquer delles, inda agora
 Sinto cá dentro o coração partido:

Que desmanchos não faz hum moço louco?
 E depois quantas vezes os despreza?
 Eu tambem fui rapaz, ria o meu pouco,
 E soube o que era Amor, (do que me peza.)

Hoje desses trabalhos já não sinto,
 Buscando á vida algum honrado esteio:
 Só me affusta, que o anno vá faminto;
 Que morra o gado, que não dê fenteio:

Alegre passo os dias de bonança
 Debaixo de algum alamo sombrio:
 Ao pé de mim se deita a ovelha mansa,
 Ouço as aves cantar, correr o rio:

Qu-

Outros só faço, porque o Sol me aquece:
 Gastando alguns em concertar o arado;
 E se me afflijo ás vezes, he sómente
 De não ver-me ha mais tempo neste estado:

Pois ir gastando os annos desattento-
 Em negregado Amor, que n'um só dia
 Troca em longos espaços de tormento
 O mais pequeno instante de alegria,

He cousa tão pezada, em que me fundo
 Para temer, que a todos aconteça,
 Que não haverá homem neste Mundo,
 Que inda que amores sinta, o não conheça.

Não são fabulas não, não são enganos
 Estas, que julgarêis impertinencias,
 Puras verdades são, com que os meus annos
 Encheo, Amor, de longas expriencias.

Qual sem ver huma grande ribanceira,
 Correndo para ella descuidado,
 Outro dalém lhe bradá na carreira,
 Dizendo-lhe, que vai precipitado;

Assim eu, que te vejo em tal loucura
 Caminhar cego apôs o teu perigo,
 Te aviso da maldita desventura,
 Que Amor em seus effeitos traz consigo.

Vamos todos, Agrario, para a Aldêa,
 Tem dó do pobre gado, que anda estranho,
 Pois das offensas, que te fez Altêa,
 Em nada foi culpado o teu rebanho.

E eu, que já no andar sou vagaroso,
 Por esta encoista iiei sahir á estrada,
 Que o monte he por aqui menos fragoso:
 (Ah velhice cruel, vida cansada!)

Anfriso.

Queira Deos que estas horas lá na Serra
 Não tenhas os cabritos dizimados;
 Pois anda cheia toda a nossa terra
 De zorras, e de lobos esfaimados.

Os roupeiros se queixão geralmente
 Das cabeças, que faltão na manada;
 E de que os Maioraes injustamente
 Lhes descontem as rezes na soldada.

Mas eu de boamente arriscaria
 As melhores, que traz o meu rebanho,
 Se a troco deste mal (que hum bem seria)
 Te pudera livrar de mal tamanho.

Não digo, que não ames, só te digo,
 Que não fejas no amor desesperado:
 Se he acaso, vencello; e se he castigo,
 Deve hum homem sentillo conformado.

Braz por conta da sua muita idade
 Custa-lhe andar de noite por máo passo:
 Em mim não fallo já, que a mocidade
 Para tudo me dá desembaraço:

Elle já vai descendo; vamos ora,
 Esperará o que chegar primeiro:
 Já não permita a noite haver demora:
 Toma o cajado, chama o teu rafeiro.

Agrario.

Não valem para mim razões estranhas,
 Que eu de todo a morrer estou disposto
 Na muda solidão destas montanhas:

Trago o animo em fim já descomposto;
 Quem não tem mais allivio, que o tormento,
 Não quer mais companheiro, que o desgosto.

Deixa-me, amigo, só, muda de intentõ:
 Peço-te por aquella afeição nossa
 Que nem mais eu te venha ao pensamento.

Cá te fica, o curral, os bois, a choça,
Colmeias, olival, rebanho, e vinha
Mais não possuo, que offrecer-te possa.

Cousa não tenho já, que seja minha,
Depois que me deixou essa Pastora,
Pois com ella perdi tudo o que tinha:

Perdi as esperanças da melhora,
Só resta vir a morte, e ao que supporto,
Não poderei viver muito já agora:

Até falta ao espirito o conforto;
E estou do fim da vida já tão perto,
Que não sei se vos fallo vivo, ou morto;

Porém se algum de vós neste deserto
Meu corpo achar desamparado, e frio,
Não o deixeis ao menos descoberto.

E junto do cipreste mais sombrio,
Que nas margens do Téjo se levante,
Hum sepulcro lhe abri tosco, mas pio:

De azares o cercai no mesmo instante;
E alli no tronco funebre gravado
Este aviso, dizei ao caminhante:

Tu, que segues de Amor o errado mando,
 Depois que a minha historia for sabida,
 Vê, que premios te vai apparelhando;

E se vires Altea desabrida,
 Informa-a de tamanha desventura:
 Que em fim perdeo por ella Agrario a vida,
 Por final que lhe viste a sepultura.

E C L O G A III.

Galathea.

HAVIA largo tempo, que escondêra
 A luz o Sol debaixo do horizonte,
 Por quem a deseiosa gente espera:
 Quieto o valle, solitario o monte,
 O resonar do botque se mistura
 C'o grave som da despenhada fonte:
 Mas tão escassamente alli murmura
 De hum preguiçoso vento maneado,
 Que inda faz mais faudosa a noite escura:
 E c'o pezo das nuvens carregado
 Por toda a parte o Ceo se nos mostrava
 De hum vapor lento humedecendo o prado:

En-

Entre quieta, e triste a noite estava ;
 O mar nos vãos rochedos não batia ,
 A' parte esquerda ao longe fuzilava :

Humas vezes a Lua apparecia ,
 Os macilentos raios espalhando ,
 E outras tantas a nevoa os encubria :

Ouvia-se depois, de quando em quando ,
 O passaro nocturno, a voz sentida
 Pela deserta praia alevantando.

Então lá junto de huma rocha erguida ;
 Sobre as margens do Téjo debruçada ,
 De sempre verdes musgos guarneçada ,

Aonde o rio fórma huma quebrada ,
 Para entrar pela fenda de hum couteiro
 N'uma quieta, e placida encçada ,

Ao verde pé de hum humido salgueiro
 O pescador Marino havia atado ,
 Como tem de costume, o seu saveiro ;

E sobre a fraca borda recoitado ,
 Deitando a vista ao longo da corrente ,
 Do seu amor sómente acompanhado ,

Da ingrata Ninfa, que adorava ausente
 (Que tarde hum grande amor se defengana)
 Desta arte se queixava tristemente.

Galathea gentil, e deshumana,
 Não cuides por fazer-te o Ceo formosa,
 Que ha de Amor desculpar-te o ser tyrana.

Póde ser, que a belleza rigorosa
 Dê cauíta tanta vez a que se diga,
 Que não ha formosura venturoíá.

A fer-me ingrata, ó Ninfa, quem te obriga?
 A natureza não, a razão menos:
 Olha que nada tanto o Ceo castiga.

Senão me aborrecesses, Ninfa, ao menos
 Tal sou eu, que isto só me bastaria
 A fazer meus pezares mais pequenos.

Quem destes olhos tristes te desvia?
 Que não vens com teus olhos tão formosos
 Antecipar nos meus a luz do dia?

Senão podem por meus ser venturosos,
 Ah Galathea, mováo-te a piedade,
 Já não digo por meus, mas por chorosos.

Tu sabes melhor que eu tanta verdade,
Capaz de commover alma ferina,
Quanto mais huma Angelica vontade.

Pois lá no fundo d' agua crystallina,
Onde banhas teu corpo delicado,
Quando já do mais alto o Sol declina,

Já terás o sabor experimentado
Do meu amargo pranto, que tem feito
Mudar-se o doce Téjo em mar salgado.

Em mar o Téjo, sem que satisfeito
Me finta de chorar; e não entendo
Como inda tenho lagrimas no peito;

Pois quando vai o preamar descendo,
Se acafo com mais força o pranto solto,
Torna a vir claramente a agua enchendo.

Com meus suspiros cresce o vento solto,
E logo as manfas ondas encrespando,
Deixão por muito tempo o mar revolto:

Tudo sinaes de compaixão vai dando,
A tudo vou mudando a Natureza,
E só não fei tornar teu genio brando.

Se em ti fizera móssa a vã riqueza,
 O que eu de ti não creio, julgaria
 Que desprezavas minha vil pobreza.

Aqui por te abrandar trabalharia
 Mais que todos os outros pescadores,
 Para os vencer em grossa pescaria.

Não são elles do que eu mais soffredores
 Dos trabalhos maritimos, nem são
 Mais affoutos, e déstros nadadores.

Ver-me-hias arriscar a vida então,
 Não com mais gosto do que agora o faço,
 Bem que perdendo-a vou sem galardão;

Mas, porque em teu serviço désse hum passo
 Com fatisfação tua, e não desgosto,
 Como agora succede a quanto passo:

E se forem no estado, em que estou posto,
 Os meus pequenos ganhos tão ditosos,
 Que venhão a ser inda do teu gosto,

Aqui ha mil peixinhos faborosos,
 Vellos-has contra a veia da agua clara
 Ir forçando a corrente bolizosos:

E para sustentar a vida clara,
Verás como engodados cahir vão
No torto anzol, que a morte lhes prepara:

Bem como tu, tyrana, que á traição
A vez primeira os olhos me puzeste,
Para morrer por elles desde então.

Aqui verás aonde, como investe
O meu batel nas praias encalhando,
Quando o tempo correr do Sul agreste:

Não só diverte o rio socegado,
Lá recreia tambem, quando se lança
Por cima destas pedras levantado;

Mas se o vires, despida da esquivaça,
Que usas comigo, então socegará,
Pois tantas vezes, vendo-te, se amança:

E bem que o gordo xerne aqui não ha,
Nem morre o salmonete tão mimoso,
Nem o raiado polvo aqui se dá,

Ha o folho innocente, e proveitoso,
A pintada, e feixarile lampreia,
A fresca boga, o favel saboroso;

E se mais o marisco te recreia,
Irei (se for preciso) á Foz do Téjo,
Sem me escapar a mais remota areia.

Depois te contarei, como forcejo
Por tirar d' entre os humidos penedos
A liza amejoa, o tardo caranguejo:

Dos negros caramujos, que estão quedos,
Nenhum me escapará, inda que traga
Calejados de novo estes meus dedos.

Porém que importa? O corpo então se estraga
Tambem por gosto meu, se por teu gosto
Nelle anda feita a alma em viva chaga:

Que assim trouxera este animo composto,
Se em premio destes dons, só ver pudera
Huns longes de piedade no teu rosto!

Como contente a par de ti vivêra!
Como em teus olhos estes meus detidos,
Todo elevado em ti sempre estivera!

Em dar-te gosto só pondo os sentidos,
Para ti nestas praias arenosas
Fora colhendo os buzios retorcidos:

E as conchinhas córadas, e lustrosas,
Que estão inda orvalhadas, imitando
Desse teu alvo rosto as frescas rosas.

Hontem vi sobre as ondas vi boiando
Hum ramo de boninas amarellas,
A tomallo de pressa fui nadando:

Receio que se murchem, vem por ellas,
Prezas em verde juncos enfeitarão
De teu fino cabello as tranças bellas:

Se aqui as conchas perolas não dão,
As florezzinhas, que estas margens tem,
Postas em ti maior valor terão.

Luz dos meus olhos, não me tardes, vem,
Vem, que meus olhos tristes, e cançados
Em te não vendo a ti, mais nada vem.

Mas a quem vou dizendo os meus cuidados?
Como de balde o suspirar não deixo,
Se ha suspiros tão mal affortunados.

A quem me estou queixando, em vão me queixo:
Não tem humano coração, só tem
Por coração algum gelado feixo.

Que Satyro salvagem te detêm?
 Ah Galathea! Sem razão, que logo
 A foccorrer-me o teu amor não vem.

Fere-se a dura pedra, e lança fogo,
 E tu de tão contraria natureza,
 Que esfrias mais com meu ardente rogo!

Efeito de tão rigida crueza.
 Não póde humana causa produzillo,
 Não tens de humana mais que a gentileza.

Se ha crocodilos no famoso Nilo,
 Em ti tambem, ó Ninfa, ingrata, e dura
 Creou o nosso Tejo hum crocodilo.

Não sei se meu amor já se murmura
 Entre os patrios, e estranhos pescadores,
 Que sabem desta minha desventura.

Serei talvez dos ledos amadores
 Apontados c'o dedo brevemente,
 Quando passar chorando os teus rigores:

Zombará de meus males toda a gente,
 Tomará nova força o meu Destino,
 Se para mim ha mal, que inda se invente.

Mas teme, ingrata, teme o Ceo Divino,
 Antigo vingador do Mundo errado,
 Que de lá vendo está meu mal contino.

Teme o poder dos Deoses indignado,
 Que a fórma a tantas Ninfas perverteo,
 Com menos causa que a que tu lhe has dado;

Como em Ida a Lethea aconteceo;
 Que o bello corpo em pedra convertido,
 Nunca mais os mimosos pés moveo.

Deixo de repetir o parecido
 Exemplo de outras Ninfas fem Ventura;
 Que de ti, alta Ninfa, he bem sabido.

Mas que fizera nisto a desventura?
 Póde ser que mais branda te fizera,
 Se agora es mais do que esta rôcha dura.

E quando assim acaso succedêra,
 Tal he o meu amor brando, e piedoso,
 Que ver-se tão vingado não quizera.

Primeiro neste rio o furioso
 Vento, dando na véla de pancada,
 Quando eu for navegando mais gostoso;

Se deite sobre as ondas, e alagada
Co' meu pobre batel, então se veja
A aguda quilha para o Ceo virada.

Que a Fortuna, que agora te sobeja,
Te dê por algum meio não cuidado
Qualquer mal, por pequeno que elle seja;

Pois não sou eu tão pouco arrazoado,
Que emendar queira hum erro da Ventura
Com Amor, que já mais anda acertado:

Defenganou-me a minha desventura:
Como de mim não fugirás esquivada,
Se em fim sou eu, sou eu quem te procura?

Mata-me embora, ó Ninfa fugitiva,
Que aqui meus tristes olhos feito fonte,
Por ti choraráo sempre, em quanto eu viva.

Calou-se o pescador, ergueo a fronte
A ver o Sol, que vinha já raiando
Por entre as pardas nuvens do horizonte:

Ficou por muito tempo a voz soando;
E o Téjo, que a ouvio, de enternecido
Abaixou a cabeça, e suspirando
Chegou hum pouco ao mar desfalecido.



EPISTOLAS.

I.

P Rezado Josefino,
Entre os Pastores o Pastor mais dino,
De quem estou por meu injusto Fado
Ainda mais saudoso, que apartado.
Depois que aquella ausencia,
Contra quem foi de balde a resistencia,
Por força em mim pegou,
E tão longe de vós cá me deitou,
Deveis-me, bom Pastor, hum tal cuidado,
Que dera por vos ver, cabana, e gado;
Mas bem pouco faria,
Que vale mais a vossa companhia.

Sem ella descontente
 Não ha Sol, que me aquece;
 E se talvez Limano por piedade
 Me aconselha que busque a sociedade,
 Sem saber o que faço,
 Cahido o rosto, vagaroso o passo,
 Em vós só contemplando,
 Com elle caminhando
 Para as conversações de outros Pastores,
 Lembra-me então que as vossas são melhores.

Qual o touro matreiro,
 Que no alcance do incauto passageiro,
 Quando faz que o não segue, mais vizinho
 Ao encontro lhe sahe n'outro caminho;
 Assim a minha pena,
 Quando cuido que está já mais pequena,
 He porque vai buscando
 Novos caminhos de me andar matando.

Sem voz a minha doce sanfonina
 Tempero hum dia inteiro, e não se affina:
 A flauta lisfonjeira,
 Que em fim depois da vossa era a primeira,
 Já muda está de todo, e desprezada,
 De pó cuberta, ha mezes pendurada:
 Se por successo a vejo,
 Alembro-me a vossa o meu desejo,
 Não sei como a não quebro de faudade:
 Vede o que faz a vossa suavidade.

Tra-

Trago logo á memoria quantas vezes
 As minhas proprias rezes,
 Ouvindo o voffo canto,
 Se descuidavão tanto,
 Que as cabeças artonitas erguendo,
 Deixavão de ir comendo;
 E se inda alguma a relva mastigava,
 Como preza entre os dentes lhe ficava.

Mansos os passarinhos,
 Deixando a leve habitação dos ninhos,
 Vos andavão cercando,
 Lições de vós tomando.

Quantas vezes o Téjo
 Deitou por fóra as aguas, com desejo
 De poder de mais perto
 Ouvir da voffa musica o concerto!

Vede, Pastor, agora
 Se a voffa voz sonora
 Aves, gados, e rios punha em calma,
 Que fania ás potencias da minha alma?

Oh quanto devo á vossa companhia!
 Comvosco divertia
 Os meus justos pezares;
 Vós sabieis os meus particulares,
 Que de ninguem fiava;
 Pois só em vós achava,
 Como se fosseis hum Pastor mais velho,
 O experto aviso, o pródigo conselho.

Vós me daveis quinhão na vossa terra,
 Sem que houvesse entre nós huma só guerra;
 E quantas vezes com igual fartura,
 Sendo vossa tambem a fimeadura,
 Participei do fruto, e do agazalho,
 Que deo vosso trabalho?

Não sou daquella gente, em cujo vicio
 Só lembra, em quanto dura o beneficio:
 Daquella gente da razão alhêa,
 De que ha tanta (inda mal!) na nossa Aldêa.

Quem me queria achar toda a semana,
 Hia á vossa cabana:
 Nella vivia mais do que na minha,
 Aonde me detinha
 Mil horas, sem saber que erão passadas,
 Que só comvosco me não são pezadas.

Que

Que proveitosos contos,
 De exemplo alli tão prontos,
 Trazieis na memoria
 Para qualquer historia,
 Para qualquer conflito,
 Dand' logo a razão do vosso dito!

Tudo me está lembrando a toda a hora,
 Como se fosse agora:
 Nestas considerações pondo o sentido,
 Ando como perdido.

Queixo-me aos troncos, que sentir não podê,
 E torno-me a queixar, pois não me acodem:
 Não ha montes, ribeiras, não ha prados,
 Que não tenham ouvido os meus cuidados.

Dizendo assim meus males,
 Mais compridos ainda que estes valles,
 Dou comigo no outeiro,
 Que fica mais fronteiro
 Da vossa vizinhança,
 Fixando nelle os olhos, e a esperança
 De inda tornar a ver-vos.
 Ah! Que não fei dizer-vos,
 Como fico tristonho!
 E mais quando supponho,
 Que esquecido talvez do affecto nosso
 Vivais, bom Josefino, e que não posso,
 Só para que melhor lá vos assista,
 Levar o corpo aonde mando a vista.

Dal-

Dalli desappareço ,
 E de novo começo
 A lembrar-me de vós , passando os dias
 Nestas , e semelhantes agonias.
 E como o meu cuidado
 Vive fõmente destas occupado ,
 Não posso de mim dar-vos
 Noticias , que não fação magoar-vos.

De huma duzia de ovelhas , que me derão ;
 Não fei se tenho tres , as mais morrerão.

Dous dias ha , que em busca
 Da minha vaca fusca
 Por todos estes montes ando á toa ,
 Sem ter della noticia má , nem boa.

O branco bezerrinho
 Tambem levou caminho.

De mim iulgo que foga a outra gente :
 Quanto vejo presente
 Observo tão mudado , e por taes modos ,
 Que creio que peguei meu mal a todos.

Assim neste sombrio
 Monte, deserto, aspero, e bravio,
 Vendo sempre despídos arvoredos,
 Debruçados penedos,
 Sem ter quem me console,
 Vivo só entre gente estranha, e mole;
 Entre quatro Pastores todo o anno,
 (Ah desgraçado Albano!)
 Sem saberem fallar mais que no arado,
 Na tosquia do gado;
 (Olhai que lições tómo)
 E nisto sabe Deos ainda o como.

Pois se acaso se trata outra materia
 Mais polida, mais séria,
 Dizem que he cousa feia
 Metter a fouce na scara alheia.

Cuidão sómente em ferrolhar o milho,
 Se lhes foge hum novillo,
 Não berra em busca delle a vaca tanto
 Pelos oureiros, quanto
 Hum destes se amofina, agasta, e anda;
 E em fim, quando Deos quer que as cousas manda,
 (O que elle não permitta) engrossar a cheia,
 Affoga-lhe o rebanho, e alaga a Aldeia.

Eis-aqui como o Mundo se governa ;
 E em confusão eterna,
 Como delide que he Mundo se costuma,
 Sem esperanza de melhora alguma :
 Elle dá qualquer goitô
 A troco de mil dias de desgosto :
 Que vezes no que vejo,
 E no que vou pintando no desejo,
 Me succede inda agora?
 O que provera a Deos que assim não fora!

Que foi aquelle meu contentamento
 Nas vesperas do nosso apartamento,
 Senão certo presagio
 De ter eu que passar este naufragio?

Eu mesmo em mim sentia,
 Inda na maior força da alegria,
 Ser ella na verdade
 Como contra vontade :
 Que anda já mui de longe a Sorte escura,
 Tomando sempre o rosto da Ventura,
 Para que a não conheça,
 Quando para enganar-me me appareça,
 Trazendo, como vistes,
 Nos alegres sinaes agouros tristes.

O mais supponde-o vós: Não sei dizello,
 Que affás não faço pouco em padecello;
 Pois se a historia, que n'alma anda gravada,
 Pudesse ser fiada
 De palavras, talvez que por comprida,
 Só em contalla, consumisse a vida.

Passai, amigo, a vossa
 Com descанços na choça,
 Com proveitos na lavra,
 Sem que se vos tresmalhe huma só cabra;
 E se no monte andarem,
 No tempo que pastarem,
 Em vez de agudo cardo que as moleste,
 Encontrem branda relva, que lhes preite.

Primeiro do que aos mais o trigo cresça,
 A fruta amadureça,
 Na vossa terra farta, e abundante,
 E o Pastor lá da ferra mais ditante
 A Sorte vos inveje;
 Mas sem faltar a elle, a vós sobeje.

E tanto da Ventura
 Sejais a mais valida creatura,
 Que nesses campos mora,
 Que assim como anda agora
 Buscando para mim novos tormentos,
 Invente para vós contentamentos.

Finalmente abastado
Vivei, Pastor honrado,
Desses grandes haveres,
Que dá Pomona, e multiplica Ceres;
Que eu outros não procuro,
Mais que viver seguro
Lá na vossa lembrança:
Dai-me esta segurança;
E de forte nenhuma
Faça em vós a distancia o que costuma.

Nem receeis que possa em outra idade
Esquecer-me de vós; porque a amizade
Dispoz em meu affecto verdadeiro
Mais forçosas raizes que hum sobreiro.

Passai alegres dias
Nas doces companhias
Dessas gentis Pastoras:
Vós já sabeis as horas,
A que ellas vão ao rio, ou vão á festa:
De tarde na floresta,
Com ellas de mãos dadas,
Nas danças engraçadas
Ireis de Amor cantando;
Mas vede, amigo, não venhais chorando,
Que dellas só são lagrimas o fruto,
De que inda trago o rosto mal enxuto.

Mas vosso bom discurso nada ignora :
 Diverti-vos embora ;
 E lá do grande Menalo vizinho
 Achareis de caminho
 A comunicação dos seus cultores ,
 Que com tantos suores
 As terras fabricando ,
 Uteis , e novos troncos enxertando ,
 Mostrão a preguiçosos descuidados
 Mil faudosos frutos fazonados.

Ouvi-os lá cantar com voz mais alta ,
 E não vos fará falta ,
 Por triste , e por pequena ,
 A baixa voz de minha rude avena.

E agora , que de todo enrouquecida
 Deita a respiração desfalecida
 Da frouxa voz cançada ,
 (Porque já começou destemperada)
 Permitti-me que hum pouco deiscançando ,
 Nova força tomando
 Vá , para dar-vos conta , como quero ,
 D' outros maiores males , que inda espero.

II.

HA mil tempos, bom Silva, que faudofo
Da vossa companhia, determino
Ir ver-vos, como posso, assim queixoso.

O como, o quando, e os modos imagino;
Mas as cousas baralhão-se de forte,
Que eu mesmo dentro dellas perco o tino.

Ante meus olhos vejo a fria Morte
Quasi lançar-me a mão, e não me arredo,
Porque estou já disposto a todo o córte.

Tenho ás molestias tão perdido o medo,
Que cahem sobre mim, como se dêssem
Já no corpo insensível de hum rochedo.

Affim meus males, Josefino, crescem:
Affim neste meu corpo magoado
Novos sinaes funestos apparecem:

Languido o pulso, o rosto desbotado,
O passo lento, os olhos sem viveza,
O langue frio, o animo cançado;

Em fim tão pervertida a Natureza
Dos fysicos principios, que não tenho
Mais qualidades, do que a da tristeza:

Com

Com ella a vida só he que entretenho ;
Nem eu por outro modo viveria ,
Pois já com alegrias não me avenho .

Envolto assim no manto da Agonia ,
O amortalhado espirito preparo
Para o fatal , e derradeiro dia .

Só então he que espero amigo charo ,
Depois dos tristes dias , que aqui levo ,
Que me amanheça outro horizonte claro .

Nem sei como a fallar inda me atrevo ;
Vós o vereis na mesma frialdade ,
Com que estas razões minhas vos escrevo ;

E se conservo alguma actividade ,
He só para fantasticas idéas ,
Que augmentão mais a minha enfermidade .

Eu revolvo as Estrellas , e as arêas ,
Metto-me n'outras cousas de alto estado ,
Da minha conta , e profissão alhêas :

Faço tornar a vir , o que he passado ,
O que inda não chegou , faço presente :
Como anda o tempo em mim desconcertado !

Vejo em descanço alegre alguma gente,
 Vejo outra toda a vida trabalhando
 Cuberta de fuor, e descontente.

Em fantazias taes, de quando em quando,
 (Pois o quer assim mesmo a Providencia)
 A santa Providencia estou louvando.

Desejo armar a todos de paciencia,
 Que he só aquelle bem, que me ha ficado,
 Para fazer aos males resistencia.

Enfermo, ou são, em baixo, ou alto estado
 Já não temo Fortuna, que eu só posso
 Fazer-me venturoso, ou desgraçado.

Se dentro de mim mesmo me alvoroço,
 Effeitos são da fraca humanidade,
 Que não se regem pelo arbitrio nosso.

Amigo, ter valor, a adversidade
 He hum rico vestido, que orna, e enfeita
 O homem na maior necessidade:

A pompa vá tambem se lhe sujeita,
 A Fortuna não dura, e a Natureza
 Iguala a todos, e a ninguem respeita.

Calce embora a magnífica riqueza
 O dourado cothurno, com que piza
 A descalça humilíssima pobreza:

Que a carne do Filósofo precisa
 De bem fácil sustento, e cobertura,
 O corpo acaba, a alma se eterniza.

Jaſte-se a Fidalguia, ou a loucura
 Deſſe explendor dos ſeus antepaſſados,
 Que todos ha de achar na ſepultura.

Moſtre co'dedo os porticos gravados
 De generoſos timbres; que eu ſómente
 Terei os virtuoſos por honrados.

Cançai, amigo, o braço honradamente,
 Que aſſim ſe abre o caminho á Fama, e gloria,
 Deixai fallar eſſa intença gente:

Se o voſſo nome ſe não ler na historia,
 Diſſo não ſe vos dê, porque andão nella
 Muitos, que ſão indignos de memcria.

A fama eſtá ſómente em mereçella,
 Conſequilla he acaſo, e rão virtude;
 E vós dentro em vós meſmo podeis tella,

O trabalho mais aspero, e mais rude,
Suave, e nobre se fará, com tanto
Que de hum honroso proceder se ajude.

Aqui tecêra eu mais alto canto
A vossos altos dons, senão andára
Já esta lyra convertida em pranto.

Oh quem antes que a vida se acabára,
Se quer a par de vós com singeleza
O mais que finto em mim, communicára!

Agora ao brando fogo na aspereza
Do desabrido Inverno especulando
Os segredos da sábia Natureza:

Agora o pensamento levantando,
Não como os infossríveis falladores,
Baixas, e vis materias praticando;

Mas revolvendo antigos Escriitores,
Varias razões, diversos sentimentos,
Certo manjar das almas superiores;

Mas estes racionais divertimentos
Havião ser, amigo, separados
De confusos, e fallos tratamentos,

Lá neffes campos bemaventurados,
 Par' onde foi a candida innocencia,
 Fugindo cá dos animos dobrados:

De hum casal na pobrissima assistencia,
 Onde não nos mordesse, nem ladrasse
 De zoilos vis cruel maledicencia:

Alli veria hum homem, quando nasce
 A branca, e roxa Aurora no horizonte,
 Mostrando á gente a luminosa face:

Ir mansamente o gado para o monte
 Comer da branda hervinha, e mastigando
 Descer a procurar a fresca fonte:

Sahir o boi pacifico, inclinando
 Ao duro jugo o rustico pescoço,
 Pelas redondas ventas fumegando:

O geral, e sollicito alvoroço,
 Com que para o trabalho, a choça abrindo,
 Sahe o velho encurvado, o agil moço:

Brotar depois a fruta, que apparece
 No frondoso raminho pendurada,
 Que em tempo accommodado amadurece:

Estar ouvindo a musica alternada
 Dos doces namorados passarinhos,
 Que a meus brandos ouvidos nunca enfada:

Vellos andar faltando nos raminhos,
 Depenicando as folhas inquietos,
 Vellos depois voar aos altos ninhos:

Oh! Que dignos ferão estes objectos
 Dos cuidados de hum animo innocente,
 Para estar contemplando em seus secretos!

Vamos, amigo, dai-me a mão contente,
 Vamos se quer hum dia em nossa idade
 Ver o rosto da Paz resplandecente.

A Deos, vans esperanças da Cidade,
 Deixai-me ir acabar os tristes dias
 No santo Domicilio da Verdade.

Mas ah! Que todas estas alegrias,
 Por mais, e mais que certas me pareção,
 Não passão de sonhadas fantazias!

Aquelles negros Fados, que não cessão
 De perseguir-me, pondo-se diante
 Para prender-me os passos, se atravessão.

Eu vejo, eu vejo o horrído semblante,
 Com que me estão dizendo, (*ah charo amigo*)
Que nunca chegará tão doce instante.

Estas considerações, que andão comigo,
 Para confusão minha he que se inventão,
 Que eu mesmo me convenço, e me delídgo.

Quaes pelo Ceo nas nuvens se apresentão
 A' vista mil fantasticas figuras,
 Que desfeitas no ar logo se ausentão:

Taes as minhas erradas conjecturas,
 Levantando castellos sobre o vento,
 Andão fazendo vans architecturas;

E como tem tão fragil fundamento,
 Quanto havia formado em muitas horas,
 Perco logo de vista n'um momento.

Bem faz por me entreter nestas demoras
 A Fortuna outra vez com esperanças,
 Que de falsas imagens são pintoras;

Mas eu que a temerarias confianças
 Já ouvidos não dou, seguramente,
 Desvio do desejo estas lembranças:

Affim pudera eu tão facilmente
Quebrar d'alma as prizões, que envergonhado
Inda arrastando vou por entre a gente.

As prizões doces de hum grillhão dourado,
Com que Amor, meus desejos enganando,
Me fez parecer leve, o que he pezado.

Eu lhe fui ao principio repugnando,
Depois com menos força me esquecia
No milagroso gésto contemplando:

Affim foi a razão de dia em dia
Sua virtude natural perdendo,
Pois só pela vontade se regia:

E qual soberbo tigre, que mordendo
Os novos ferros da prizão que estranha,
Depois já costumado os vai lambendo:

Desta arte, Amor, que sempre me acompanha,
Convertendo a violencia em suavidade,
Contra quem já não val esforço, e manha.

Comigo faz tão meiga sociedade,
Que já por gozto de lhe ser captivo,
Beijo o grillhão da minha liberdade.

Não bastavão trabalhos, com que vivo;
Mil milhões de successos não cuidados,
Que me trazem da gente fugitivo:

Respostas más, desprezos obrigados,
Vans esperanças, feias imposturas,
Suspiros de tristeza ao vento dados:

Enfadonhas molestias, largas curas
Para a vida, tão perto de perdella
No meio de tamanhas desventuras?

Senão também agora no fim della
Ter mais este contrario de fobejo,
Para poder de novo aborrecella.

Mas nos males crueis, em que me vejo,
Só me servira, amigo, de socorro
Hum Bem, que n'alma pinta o meu desejo:

Que era ter (mas de balde em fim discorro)
Huma certeza só de que vivia
Na memoria daquella, por quem morro:

Eis-aqui como levo a noite, e dia,
Sem ter a quem me queixe, que não faça
De meus tristes erros zombaria.

Ditosa gente feita de outra massa,
A quem de Amor o dardo mais agudo
O rijo coração nunca traspassa!

Gabão-se de hum espirito fizudo:
Homens de carne, e pedra juntamente,
Fortes por condição, não por estudo.

Não sei que tem Amor com certa gente,
Que sempre fugio della, e sô se inclina
A ferir mais hum' alma intelligente.

Oh das mortaes paixões, paixão mais digna!
Se alguma culpa mostras, não he tua,
He sô de quem tão mal te determina.

Quem ha no Mundo, que de ti se exclua?
Correi vós, homens, todo o Mundo inteiro,
Vereis esta verdade pura, e nua:

Vereis tremer de Amor o Heroe guerreiro,
Que não temêra de Mavorte as iras,
Vereis de Amor o sabio prizioneiro:

Vereis chorar ao som de tantas lyras
Por elle as altas Musas, sem que seja
Por fazer agradaveis as mentiras.

O meu grande Camões, que em paz esteja,
Em quanto andou no misero desterro,
Para próva de tudo me lobeja:

Elle destes, que fallão, nota o erro;
Pois teve amor, e muito bem sabia,
Que doutos corações não são de ferro.

Com elle desabafo, elle me guia
Das Canoras Irmãs ao claro accento
Com sua doce, e immortal Poesia,

Bem que já a Musa sem calor, e alento
Com desgrenhada fronte, e voz chorosa
Fere tão mal as cordas do instrumento;

Já no meio de vida tão penosa
Froxa, e cançada está de andar forçando
Tão frios versos, que parecem proia:

Naquelles, que vos ouço estar cantando;
Teria o meu mais certo formulario,
Se inda fizesse alguns de quando em quando.

O bom Lima, que he delles Secretario,
Bem sabe as vezes, que embebido os leio,
Quando aqui passo as horas solitario.

Mais de mim vos contára; mas receio
Que corra de tal forte este meu pranto,
Que para o suspender não ache freio;

E se por caso grande de alto espanto
Se vos fizer incrível desta forte,
Que homem já moribundo falle tanto,

Sabei amigo, em fim, que em mal tão forte
Já não sou eu quem faz tão longa escrita:
A má Fortuna he só, que até na morte
Dentro deste meu corpo falla, e grita.



III.

S Abio Jurisconsulto,
 Da Justiça esplendor, freio do insulto,
 Em cuja mão rectissima descança
 Todo o equilibrio da legal balança:
 Se o justo ministerio,
 Que a hum tempo exercitais piedoso, e serio;
 Em tão importantissimo negocio,
 Vos permite algum ocio,
 (Porque nem sempre he vicio
 Suspender o exercicio;
 E faz, que o arco a enfraquecer-se venha,
 Quem sempre em comprimillo a força empenha)
 Depondo por hum pouco a gravidade
 Da vossa authoridade,
 Permitti-me que possa
 Ir á presença vossa;
 E para vós, Senhor, de quando em quando
 Estes medrosos olhos levantando,
 Livremente com vosco falle, e diga
 Quanto a Fortuna, e a razão me obriga.

Entrei, Senhor, no Mundo tão malquisto,
 Que inda não tinha visto
 Raiar nelle a formosa luz do dia;
 E já me falecia
 O piedoso alento
 De meu primeiro maternal sustento.

Trif.

Triste infallibilidade
De huma futura trabalhosa idade!
Com ella fui crescendo,
Não fei se mais durando, que vivendo
Em contínuo desprezo,
Depois ao lume accezo
Da razão natural, que em mim crescia,
Vi que por força de huma Estrella impia
Em vida tão pequena
Se comprehendião seculos de pena;
E ás curtas horas de meus tristes annos
Já excedia o numero dos danos.

Mas ella, que sedenta
Nunca de grandes males se contenta,
Me pôe de todos no maior perigo,
Por ver se acaba de huma vez comigo.

Poucos annos beijei a mão paterna;
Porque outra mão, que tudo em fim governa,
Me poz em huma mísera orfandade,
Aonde não herdei mais que a faudade.
Desde então conhecendo
Melhor o Mundo, que já agora entendo,
Nelle peregrinando
Levei sempre arrastrando,
Atado á paciencia,
O pezado grilhão da dependencia;
Que em lugar de gaster-se desta sorte,
Cuido que o uso ainda o faz mais forte.

Sacudillo de mim já quiz de rodo;
 Mas em vão me cancei; nem de algum modo
 Encontro quem me valha,
 Que todo o Mundo contra mim batalha.

Encontro hum valle, quando busco hum monte;
 Morrendo estou de sede ao pé da fonte;
 Só para mim, não sei porque segredo,
 Nasce mais tarde o Sol, põe-se mais cedo:
 A ordem natural de mim se esquece;
 E já de horror, de enfado me parece,
 Que até lhe custa dispender comigo
 A terra encofto, as arvores abrigo.

Como não ha de a mísera Fortuna
 Ser-me tão importuna,
 Se para segurar melhor a empreza,
 Se poz da sua parte a Natureza?
 Vede agora, Senhor, com que esperança
 Nos homens hei de ir pôr a segurança:
 Hum só por me não ver, foge, e se esconde;
 Outro por mais que o chamo, não responde.
 Este immovel se faz, soberbo aquelle;
 E estou diante d'elle
 Cheio de hum soffrimento tão preciso,
 Como a réo em Juizo.

Quanto mais me estão vendo,
 Mais vão endurecendo:

Sempre acho nelles huma fria escusa,
Que mais fez a cabeça de Medusa?
E se a algum destes se lhe vê na boca
Alegre differença, he que o provoca
Hum odio disfarçado,
Que vai sempre no riso misturado.
Sem longa experiencia
Quem não se enganará desta apparencia?
Nova especie de féra,
Peito de pedrenal, rosto de cera.

Mas já do Mundo errado,
Que tanto me enganou, defenganado,
Não sou como algum dia,
Que as vans promessas da esperança cria:
Delle fugindo vou, e a seus enganos,
Mas sem proveito consumindo os annos.
Ora da triste idéa, que me inclina
A' solidão da pastoral campina,
Levar me deixo para a pobre Aldêa;
Mas tambem a zizania alli semêa
Contra mim novos males, novos danos,
Que em toda a parte estão chovendo enganos;
E lá naquella gente,
Que eu suppunha viver mais simplesmente,
Acho da mesma sorte
Os desconcertos, que observei na Corte.
Ora busco outra terra;
Mas seja Aldêa, ou Corte, valle, ou serra,
Não ha, pormais que corro, ou que procuro,
Hum lugar, onde ponha os pés seguro.

Qual

Qual o cervo ferido,
 Que em si leva escondido
 No mortal instrumento,
 Da vida o termo, e mais veloz que o vento
 Em vão fugindo vai, e em vão se cança,
 Que a poucos passos sempre a morte o alcança;
 Assim eu, quando fujo a minha Estrella,
 Menos me aparto della;
 Que mal posso escapar deste perigo,
 Se aonde quer que fujo, vou comigo.

Em fim para contrar-vos miudamente
 De meu Fado inclemente,
 Quantos casos por mim já tem passado,
 As vezes que pizado
 Fui dos pés insolentes
 Do desprezo, de amigos, e parentes,
 As injustas vinganças, que hei soffrido,
 Ser em todos os lances preterido,
 Consumindo em demoras
 Infructíferas horas;
 Tantas nisto gastara,
 Que em mim primeiro a vida se acabára.

De algum Astro a benefica virtude,
 Fazendo em mim, que a antiga Lei se mude,
 Me deitou nesta terra,
 Onde o Fado me faz mais branda guerra,
 Senão for de meus males nova traça,
 Ter comigo descuidos a desgraça;

Mas

Mas á vossa presença
Attribuo, Senhor, tanta differença;
E se fugindo venho, onde he que posso
Achar melhor amparo do que o vosso?

Dai-me (*se he que mereço conseguillo*)
Da vossa mão o poderoso azylo:
Dai-me, Senhor, que ainda a desventura
Correr atrás de mim se me figura:
Desta hydra mortal Alcides forte,
Estingui de hum só córte
As pulantes cabeças renovadas,
Por meu castigo sempre em vão cortadas;
Porque só pôde a vossa heroicidade
Cauterizar tão vil malignidade.
Em mim mesmo a desgraça vos offrece
O mais nobre interesse,
Dando-vos hum motivo,
Onde se próve o vosso esforço altivo.

Nunca os homens mais Deoses se parecem,
Que quando favorecem:
Derribar fortalezas,
Romper muralhas, conseguir empresas,
Armadas dirigir a Climas novos,
Em sujeição dos povos,
Pôr assedio ás Cidades,
E o mais, que o Mundo chama heroicidades;
Nada disto será de tanta gloria
No futuro immortal pregão da historia,

Como fazer hum peito generoso,
Rico a hum pobre, feliz a hum desditoso:

Vós, que melhor sabeis quanto eu vos digo,
Esta virtude exercitai comigo:
Não entendais que invejo
Essa aura popular de hum vão cortejo;
Nem me tenta a ambição infaciavel:
Tenho sim hum desejo mais louvavel,
Mais racional, mais pio, mais prudente,
Que me faz desprezar naturalmente
Fastos de rico, presumpções de Nobre;
Pois tudo posso fer, e mais fer pobre.

O que sômente quero,
E o que de balde ha tanto tempo espero,
He arrancar esta agil mocidade
Da inutil, molle, torpe ociosidade;
De quem tantos desmanchos perigosos
São filhos monstruosos:
Sômente insectos vís gerão, danadas
De corrupção as aguas encharcadas.

Quero só ter hum meio,
Com que me encofte a algum honrado esteio;
Porque mais descansada chegue a vida
Lá ao fim da carreira bem sabida;
Que, a quem tão pouco inveja,
Isto não só lhe basta, mas sobeja,

E se as constantes Leis da sã Justiça,
 Em vós nunca remissa,
 A caso não offendo
 No pequeno despacho que pertendo,
 Fazei á Patria hum proveitoso filho,
 Deste que he da Republica empecilho.

Se assim me acontecer, como confio
 De hum coração tão pio;
 E então me virem com alegre rosto
 Erguer do baixo estado, em que estou posto,
 Ah Senhor! Como he crível,
 Que a desgraça insoffrivel
 Fugirá de me ver torcendo a vista
 Raivosa de perder esta conquista,
 Deixando o seu arrojô
 Na vossa mão por misero despojo.

E lá depois, que a minha rouca lyra
 Deixar o enfermo som, com que respira,
 Alegre, e sonora
 Ferida desta mão menos medrosa,
 Que a temperalla agora mal se atreve,
 Outro louvor maior, que se vos deve,
 Cantando espalharei por toda a parte;
 Se a tanto me ajudar engenho, e Arte,

IV.

VO's, que da rica mão da Natureza
 Recebestes os dons, que ella mais préza;
 Aquelles altos dons de formosura,
 De graça, discrição, de compostura,
 Que raras vezes por occulto arcano
 Unir-se sabem no compotto humano:
 Vós, que por força de hum pensar seguro,
 Illuminando as sombras do futuro,
 Dos mesmos corações, e entendimentos
 Penetrais as tenções, e os movimentos:
 Vós, finalmente, que sabeis aonde
 Assiste Amor, por mais que Amor se esconde;
 Não entendais que a declarar-vos venho,
 Se acaso tenho amor, e a quem o tenho.

Venho á vossa presença,
 Só como aquelle, que em mortal doença,
 Dos ardores da febre sente a calma;
 Que atenuando-lhe as potencias d'alma,
 A cada instante afflicto delirando,
 A' secca lingua se lhe vão pegando
 As truncadas palavras, sem que tenha,
 Quando o Medico venha,
 Hum habil enfermeiro, hum assistente,
 Que exponha miudamente
 Com zelo, e com piedade
 Os progressos da longa enfermidade.

En-

Enfermo vivo, mas de hum mal tão forte,
Que em vida bebo a cada instante a morte:
Desamparado estou, Amor me mata,
E ajuda-o a matar-me aquella ingrata,
Que só c'um favor seu, que em fim me dêsse,
Faria que pudesse,
Em lugar de matar-me de desgosto,
Ver-me morrer de gosto.
Com este bem, que pouco lhe custára,
De inimigas Estrellas me vingára:
Isto só, isto só me bastaria,
Para dizer ao Fado, se algum dia
Me tornasse, como hoje, a ser contrario;
Que queres, temerario?
Em vão, em vão já agora,
Depois daquella hora,
Em que tu compassivo, ou descuidado
Me deixaste gozar tão alto estado;
Em vão, de tanta gloria pezaroso,
Solicitas fazer-me desditoso.

Mas que contas são estas, pensamento,
Que andas sempre a deitar sem fundamento,
Mais que a vã conjectura?
Não ha maior loucura,
Que andares nesta misera memoria
Cortando os louros antes da victoria.
Mas ah! Minha Senhora,
Tudo finge quem ama, e quem adora.

Cercado estou das lanças do inimigo,
 Cruel Amor, que sempre anda comigo:
 E em tão ardua conquista
 Não volto a qualquer parte a triste vista,
 Que contra mim não veja levantada
 Essa mão poderosa, e delicada,
 Que inda tem mais robusta fortaleza,
 Que a despedida bala, em fogo acceza,
 Contra soberbos muros,
 Que os peitos de aço, que os broqueis seguros,
 Que de Alcides a clava,
 Que de Cupido a vencedora aljava.

Peço que lhe digais,
 Se também contra mim vos não voltaís,
 Que em fim (*pois o deseja*) que me mate,
 Que excogite, que trate
 Os mais tyranos generos de morte;
 Que eu os espero forte;
 Não para resistir-lhe confiado,
 Mas a seus pés prostrado,
 Para a mortal ferida,
 (Inda quando me custe a doce vida)
 De novo o triste coração lhe offerto
 A peito descuberto;
 Mas que repare bem, que se me offende,
 Não contra mim, mas contra si contende;
 Pois matar quem se entrega ao rendimento,
 Bem que allegura, infama o vencimento.

Affim de vós o julgo, affim o espero,
Não por mim, pelo muito que venero
Em vós aquellas altas qualidades,
Que vos igualão tanto ás Divindades:
E mais que tudo, por aquelle affecto,
Com que (faudoso de tão lindo objecto)
Sahir das ondas vejo
A esperar-vos contente o Padre Téjo:
Affim nunca o vejais correr turvado,
Mas antes socegado,
Claro, doce, luave, e abundante
Fartar-vos possa toda a sede amante
Do vosso coração, oh Ninfa pura!
E descansando, de temor segura,
Dentro das suas margens, como entendo,
Nelle vos estejais sempre revendo.

Não cuideis que esta empreza
Offender possa a vossa fizudeza:
Salvar a hum infeliz, guiar a hum cego
Não he tão baixo emprego,
Como o vulgo insensivel imagina:
Sómente huma alma grande se destina
(*Pois sabe o que he Amor*) a soccorrello,
E não a desprezallo, e offendello:
E só quem apadrinha, e quem respeita
Essa paixão, que as mais paixões sujeita,
De benigno, de Nobre
Toda a grandeza, que em si tem, descobre:

E em quem melhor a vossa poderia
 Mostrar-se affavel , branda , heroica , e pia ,
 Que em foccorrer em seu pezar profundo
 O maior triste , que conhece o Mundo.

E se eu merecer tanto ,
 Que vos mova a piedade este meu pranto ,
 Nas brancas mãos de Dinamene juro ,
 Por mim , por ella , e pelo santo , e puro
 Ceo , que ouvindo-me está , que em quanto a vida
 Deste corpo mortal não for partida ,
 Com vida , corpo , e alma ,
 Por vento frio , por ardente calma
 Servir-vos-hei , Senhora , de maneira ,
 Que a mão sobre a fogueira ,
 Sobre o cepo a garganta
 Porei com fé , e obediencia tanta ,
 Que , se possivel for ,
 A meu mortal valor
 Irei , Ninfa , por vós de qualquer modo
 O Inferno revolver , e o Mundo todo.

E ao som da minha cythara piedosa ,
 Assim mesmo chorosa ,
 Cheia de mágoa , cheia de afflicção ,
 Em quanto a sustentar na frouxa mão ;
 Protesto toda a hora ,
 De vós , minha Senhora ,
 Espalhar , quando cante ,
 Louvores taes , que todo o Mundo espante.

V.

LOrinda bella, as obras pastoris,
 Que com tão grande empenho me pedis
 Em brando verso, em bem tecida prosa,
 Ahi vo-las remetto; e mais piedosa
 Vos peço, que vejais
 De Amor tantos successos desiguais.

Vede, que as suas armas atrevidas
 Ferem não só as innocentes vidas,
 Mas inda em duros peitos, como o vosso,
 Fazem qual raio mais voraz destroço.

Do grande monte o cume levantado
 Mais perto está de Jupiter irado:
 De Amor, e de Fortuna
 Nem choça, nem tribuna
 Póde ter segurança,
 Que Fortuna, e Amor a tudo alcança.

Vede pois que fazeis,
 E dos males alheios não zombeis,
 Que são de huma alma indignos pensamentos
 Fazer do que he pezar divertimentos.

As mágoas, os retiros,
 As afflicções, as ansias, os suspiros,
 O devorante lume
 Do impaciente, do infernal ciume:
 As duras esquivanças,
 As ausências, as faltas, as mudanças,
 Em fim, de Amor tão longo prejuizo,
 He materia de rizo?
 Isto não he o mesmo que estar vendo
 De longe a hum miseravel ir morrendo
 A's mãos do seu desgosto,
 Sem querer acudir-lhe por seu gosto?

Ah Lorinda, Lorinda, quando eu lia
 As pastoris tragedias algum dia,
 Hum suor frio o rosto me banhava,
 Sobre a mão encoftava
 A languida cabeça; e então de mágoa
 O pranto me arrazava os olhos d'agua;
 Isto naquella idade,
 (*Ah doce Tempo!*) Em que inda na vontade
 Não tinha experimentado aquelle effeito,
 A que hoje só por vós vivo sujeito.

Nesse livro de Amor, cuja escritura
 Contém do monte a varia desventura,
 Aprendei os humanos sentimentos,
 Com que haveis de escutar os meus tormentos:
 Diverti-vos embora;
 Porém não com Amor, que sempre chora.

Dos clamores da Aldèa,
 Se procurais encher a vossa idéa,
 Ah! Não se diga, que indo a vós piedosos,
 Tornão a vir de novo mais queixosos!
 Quantos tem desfaiado,
 Só de ouvir hum successo desgraçado;
 E vós, ouvindo tantos, podereis
 Rir-vos de Amor, zombar de suas Leis?

Não espero de vós cousa tão dura;
 Mas antes que em ternura
 De Amor, e piedade
 Mudeis a natural ferocidade;
 E que quando escutardes
 Os meus justos pezares,
 De que posso compôr livros maiores,
 Do que o desses Pastores,
 Vejais quanto ficastes devedora
 Da compaixão, que me negais agora.



VI.

MInha inimiga bella,
 Gloria da minha dor, e a causa della,
 Em cuja mão Amor depositado
 Tem a minha Fortuna, e o meu cuidado:
 Tu honras estes bosques, e estas praias,
 Ora encostada á sombra de altas faias,
 Ora pizando, quando aqui passeas,
 Com branco pé as humidas arêas.

Tu envergonhas estas Ninfas bellas,
 Pois es mais linda, mais formosa que ellas;
 Huma vendo-te está, como admirada,
 D'entre a limosa concava morada;
 Outra do banho sahe, e bracejando
 As enroladas ondas vem cortando
 C'o delicado peito: Deixa aquella
 O rico fio, com que urdia a tella;
 Huma deixa do Satyro o queixume,
 Outra de ver os peixes em cardume,
 Como saltão na rede aos pescadores;
 E ora cheias de inveja, ora de amores,
 Estão debaixo d'agua a huma e huma
 Levantando as cabeças sobre a espuma.

Assim por ver-te, ó Ninfa, se alvoroça
 A bellissima chusma, porque possa
 Cada huma desta arte
 Lograr de tanto bem tão grande parte:
 Qual, para as mais fallando,
 De teu Divino gésto está tratando,
 Dizendo todas, tão Celeste aceio,
 Tão desusado gésto donde veio?
 Não se recolhem, sem que tu te ausentes;
 E quando o fazem, tristes, descontentes
 Ao Padre Téjo contão,
 Que te virão, meu Bem, e alli lhe apontão
 As tuas perfeições, que nunca dizem,
 Por mais e mais que as expressões repizem.

Se dizellas pudessem, que dirião,
 E se as vissem como eu, que sentirião?
 Eu as vi, eu as vi: Com que mistura
 De gosto, e de pezar se me figura
 Esta visão! O' penhas circumstantes;
 Se estamos sós, direi as penetrantes
 Coufas, que esta alma firmemente enerra
 Mais entranhadas do que vós na terra;
 Mas até tenho medo
 De confiar de vós tanto segredo:
 Eu o direi em fim, com tal cautella,
 Que o ouça só aquella,
 Que foi a doce causa, por quem figo
 O mal que passo, as expressões que digo.

Não cuides, Ninfa, não, que da memoria
 Riscar já mais se possa huma victoria,
 Que Amor a vez primeira celebrára;
 Bem que depois em mágoa se trocára:
 Inda tenho presente
 De meus dias o dia mais contente:
 Inda me lembrão os piedosos ais,
 Os géstos, as palavras, os finaes,
 As brandas petições, os juramentos,
 Em fim os namorados movimentos,
 Com que ora examinando os olhos bellos;
 Ora enfeitando os lucidos cabellos,
 Toquei a face pura,
 Onde Flora mistura
 A branca, e a roxa côr da madrugada.
 Ah Ninfa delicada!
 Todas estas razões, se me acreditas,
 Vivem, e viverão nesta alma escritas!

Estas as causas são do meu desgosto,
 Que me vem sempre na afflicção do rosto:
 Estas continuas lagrimas, que choro,
 Nascem do que receio, e do que adoro:
 Olho em fim para ti; e quando meço
 Entre nós as distancias, esmoreço:
 Vejo que es huma Ninfa celebrada,
 E das mais altas prendas adornada;
 Eu hum Pastor sem nome, que se atenda,
 Sem parte, sem razão, que me defenda:

Tu dominando os campos, fenhoreas
 Os bosques, e as arêas;
 Eu posto em monte alheio, e tão deserto,
 Só de rusticas pellés mal cuberto:
 Tu de formoso rosto delicado;
 Eu tão mal figurado:
 Tu polida; eu mais bronco
 Que a grossa casca desigual de hum tronco.

Qual Lavrador, que alguma rez comprára,
 Porque com outros não se aconselhára,
 Depois lhe dizem todos, que he pequena,
 E certo que foi pena
 O dar tanto por ella; como louco
 Resolve-se a largalla por tão pouco,
 Que perde o pobre em fim só por vendella,
 Mais de metade do que deo por ella.

Assim receio eu, que tu, Senhora,
 Conhecendo algum' hora
 Que esse amor repentino
 Não fora amor, mas fora desatino,
 Com que ao princípio para mim olhaste,
 (Porque contigo não te aconselhasse)
 Me deixes pezarosa
 De ter sido comigo tão piedosa:
 Oh! Nunca chegue o dia
 De tanto mal, de tanta tyrannia!
 Que, inda que os teus favores valem tanto,
 Merece-os o meu pranto,

Me-

Merece-os a constancia,
 A inquietação, o amor, o susto, a ansia,
 Que dentro d'alma sinto:
 Só nestas qualidades sou distinto.

Não tenho largos campos semeados,
 Que te possa oferecer, não tenho gados:
 Não possuo colmêas,
 Vivo peregrinando nas Aldêas
 De cabana em cabana:
 Hum mez aqui, além huma semana;
 Mas tenho huma alma, bem que triste, Nobre:
 Huma vida, que he tua, ainda que pobre:
 Hum amor, que te iguala:
 Huma fé, que a nenhum temor se abala:
 Em fim hum coração, de quem tu sabes
 A grandeza que tem, pois nelle cabes.

Não tenho outros haveres,
 Se disto te contentas, se isto queres,
 Como já n'outro tempo succedia;
 Que para ti, ó Ninfa, não havia
 Outro preço maior.
 Que huma alma cheia de hum sincero amor,
 Tudo em mim acharás da mesma forte;
 E se he possível, inda amor mais forte.

Mas se estás de querer-me arrependida,
 Não te arrependas de me dar fingida

Aquel-

Aquella branda mostra de piedade ,
Que passou tantos tempos por verdade ;
E se quer neste engano ,
Suave ao mesmo tempo que tyrano ,
Conserva o meu desejo ,
Onde tenho mil mortes de subejo .
Se acaso me aborreces , como entendo ,
Se me deixares , de que estou tremendo ,
Seja assim , pois o queres ; mas de modo ,
Que eu o não chegue a conhecer de rodo :
Não te custará muito neste estado
Trazeres-me enganado :
Este pequeno allivio me consente ;
Triste quem de tão pouco está contente !



T E R C E T O S .

M Imoso Infante, Principe adorado,
Esperança mais firme do futuro,
Consolação mais certa do passado:

Amparai este pletro mal seguro,
Como succede á hera trepadora,
Quando fraca se arrima ao forte muro.

Nova Musa me dai, pois temo agora
Desentoar no canto desta minha,
Por costumada ás lagrimas que chora.

Oh Musa a mais feliz! Quem te apadrinha?
Que já sinto sahir-me a voz do peito
Menos gelada, do que d'antes vinha.

Vós sois, Senhor, a causa deste effeito;
Por isso nestas clausulas pequenas
Ouvir-me-ha todo o Mundo com respeito.

E protegendo rusticas avenas,
Ir-vos-heis costumando de Menino,
Antes de serdes Rei, a ser Mecenas:

Que se ó forte Thebano em pequenino
Despedaçava já dragões no berço,
Fera he tambem o meu fatal Destino.

Novo Alcides, Senhor, meu tosco verso
Amparai; que he mais ardua resistencia
Vencer as forças de hum Destino adverso.

Ouvi-me pois, ouvi-me sem violencia,
Que as razões da fiel sinceridade
Bem pôde percebellas a innocencia.

Vós sois aquelle ramo, em cuja idade
A Lei floreceá constantemente
Desta pequena antiga Christandade:

Vós sois aquelle fruto inda pendente
De huma arvore de Christo ao Ceo subida,
De que hoje faz a Portugal presente:

Vós sois aquella palma enobrecida,
Que na frente das nossas esperanças
Irá crescendo para sempre erguida:

Vós o Iris sois daquellas seguranças,
Com que Deos tão benigno, tão piedoso
Nos promete pacificas bonanças.

Bemdito Reino ! Portugal ditoso !
 Oh não te affustes mais ! Oh não suspires !
 Se es do Ceo tão bem visto , e tão mimoso .

De lá te diz Affonso , que respires ,
 De lá neste seu novo descendente
 Te manda o ramo , o fruto , a palma , o Iris .

Ah meu Senhor ! Meu Principe excellente !
 Guardai , como promessa , esta memoria
 De huma boca infallivel , que não mente .

Lá quando lerdes a famosa historia
 Dos vossos Immortaes Progenitores ,
 Vereis mais altamente a vossa gloria :

Vereis , que são eternos moradores
 Do verdadeiro Olympo , onde ficarão
 Sustendo sempre os Regios Successores :

Vereis o claro accento , a que chegarão ;
 Não porque forão Reis , mas virtuosos
 No ardor , com que huns aos outros se imitarão .

Mas vossos Pais Augustos , e famosos ,
 Que as sacrosantas Leis da heroicidade
 Sabem dar , e seguir tão cuidadosos ,

Vos levarão á excelsa extremidade,
 Por onde com trabalho, e com desvelo
 Sóbe a gozar o Heroe da Eternidade.

E em quanto não podeis reconhecello,
 Vos está preparando hum novo estado
 De vosso Augusto Avô o amor, e o zelo.

Para vós vai creando este Reinado
 Cheio de gloria, cheio de excellencia,
 Com que se faz no Mundo respeitado:

Vereis nelle invariavel a obediencia,
 Sempre constante a Fé, recta a Justiça,
 Enfreada a Ambição, muda a Insolencia:

Vereis a applicação nunca remissa;
 Com que entretida a molle ociosidade,
 Desentorpece os membros a preguiça:

Vereis seguir-se as regras da piedade,
 Do valor, da sciencia, da constancia,
 Da santa Paz, da justa liberdade:

Vereis aquella radical substancia,
 Com que nutre o Commercio as Monarquias,
 Encher vossos estados de abundancia:

Assim vereis, Senhor, todos os dias
 Com proveitosa singular cultura
 O Reino florescer por tantas vias:

Como aquelle, que em grande sementeira
 De bem mondado trigo vai com gosto
 Cortando a loura espiga já madura.

Crescei, qual tronco em fertil chão disposto,
 Que des que os largos ramos estendêra,
 Servindo a tantos, vai de abrigo, e encosto.

Vinde illustrar de todo a Lusa Esfera;
 Que sendo muito, o que de vós alcança,
 He muito mais o que de vós espera:

Grão parte do seu pezo em vós descança,
 E já tem que o sintais se differença
 O muito que podeis só na esperança:

Por nós ao Ceo chegou supplica immensa;
 E de raras qualidades quiz encher-vos,
 Que fez maior que o voto a recompensa.

Elle, que tanto soube enriquecer-vos,
 Ha de, afeiçoado ao vosso gesto lindo,
 De fascinantes olhos defender-vos.

Em vós todas as Graças se estão rindo,
 Brincando irão comvosco melindrosas,
 Quaes ao filho de Venus divertindo.

Do vosso tratamento cuidadasas,
 Huma no berço de ouro vos reclina,
 Outra vos cobre de purpureas rosas.

Ora Pito embalando-vos benigna,
 Ora nos braços da risonha Aglaya,
 Ora no brando collo de Eufrosina:

Para vós anda Thetis já na praia
 Escolhendo do mar alvas pedrinhas,
 Que a onda arroja, e lambe, quando espraia.

Com ella vão as Niifas mais vizinhas
 Nos virginaes regaços apanhando
 Tercidos buzios, concavas conchinhas.

A longa, e branca barba penteando
 Já sobre as mansas ondas apparece
 Banhado em gofsto o Téjo venerando.

Seu futuro Senhor vos reconhece:
 Descubri-lhe effa mão candida, e pura,
 Que já para a beijar se enfoberbece.

Voa, ó Fama veloz, pelo ar segura,
 Sacode as pandas azas, vai seguindo
 O caminho, que te abre esta Ventura.

Deste Principe o nome diffundindo
 A's mais remotas gentes, que encontrares
 Na distancia, que vai do Téjo ao Indo:

Voa áquelles longissimos lugares,
 Que com teu brado universal abranges,
 De Africa as terras, e do Oriente os mares:

Tremão de fusto os barbaros alfanges,
 Que inda para cercar a Lusa frente
 Cria palmares inclytos o Ganges:

Dize ao torpe, e tostado continente
 Da inculta Abylla, que vá já tirando
 O perfido turbante reverente:

Ao feio Tormentorio vai chegando,
 Atroa-lhe os asperrimos ouvidos,
 Nunca sabidas cousas escutando:

E que dos navegantes destruidos
 O crime pagará, que inda lhe resta,
 Vendo os membros grandissimos tolhidos;

Porque se os mares ainda agora infesta
 As Lusitanas proas, que algum dia
 Lhe ha de abaixar a carrancuda testa:

Faze-te ouvir por toda a Cafraria,
 Depois avante passa, e vai correndo
 Lá por outra Região menos sombria:

Agora a rica Ormuz estremecendo,
 Agora Meliapôr, e o Guzarate,
 Affamados desfructos discorrendo:

Prognostica hum cruissimo combate
 De segura victoria ás fortalezas
 De Jalofo, Tidore, e de Ternate:

Em fim das fortes armas Portuguezas
 Annuncia do Mundo em toda a parte
 Mil futuras, e prosperas grandezas.

E vós, com quem benigno o Ceo repatre
 Toda a graça de Adonis, algum dia
 Armado filho vos veráo de Marte:

Europa a vossos pés, de medo fria,
 Tributos vos dará; e a Asia ingente
 Perolas Orientaes, que a Aurora cria:

Negros vultos irão de Africa ardente
 Desentranhar na America salvagem
 Thesouros ricos de metal luzente,

Povo estranho de barbara linguagem,
 Pela soberba foz do Têjo entrando,
 Vos jurará firmíssima homenagem:

Então com lyra de ouro em verso brando,
 A vós mais dignamente altos louvores
 Os Pastores da Arcadia irão cantando:

Louvai, louvai, sollicitos Pastores,
 O novo Successor do Reino: Ceife
 O costumado canto dos amores:

Cantai o amor da Patria; o interesse
 Commum da Monarquia: E o bom Pai della,
 Por quem dos Póvos todo o bem florece:

Assim vos fareis dignos da capella,
 Que Febo para aquelles tem guardado,
 Que louvar sabem a Virtude bella;

E quando o aureo Tempo for chegado,
 Que de Saturno o seculo fingia,
 (Ah Tempo! Tempo Bemaventurado!)

Dirão, *verificada a profecia,*
Que fatidicamente se cantava:
De tal Pai, que outro Filho nasceria?
De tal Avô, que Neto se esperava?



B E L I Z A .

Pois não quereis , memorias imprudentes ;
 Senão andar continuo revolvendo
 Coufas , que mais vos fação descontentes :
 Com inquietas azas
 De novo vivas chammas accendendo ,
 E nellas reduzindo-vos a brazas :
 Fartai-vos , loucas , consumi-me embora :
 Voemos onde mora
 O principal motivo ,
 Por quem no meio de mil mortes vivo :

Eu vos darei materia accommodada ,
 A todas as idades tão estranha ,
 Que nunca em verso triste foi cantada :
 Qual louco mal guiado
 Correndo vai ao alto da montanha ,
 E se deita de lá desesperado :
 Assim perdidos já , da mesma forte
 Vamos buscar a morte :
 Primeiro subiremos ,
 Depois precipitados cahiremos .

Subamos pelas margens do alto Douro,
Onde cuido inda agora que me vejo
A' fresca sombra do frondoso louro:
Recorde as alegrias,
Como aquelle, que ceva o vão desejo
Sómente com pintadas iguarias;
Mas senão podem glórias já passadas
Ser mais que imaginadas,
E assim vos fatisfaço,
Demos, memorias minhas, mais hum passo.

Aquelle o bosque á Ninfa consagrado,
A mais famosa, que o grão Douro ha visto,
Desde que corre para o mar salgado:
Inda se me figura,
Que alli as horas passo, alli persisto,
Ou seja dia claro, ou noite escura:
Aquelles os confusos ramos, onde
Beliza se me esconde:
Aquelles os lugares,
Onde a Amor já Fortuna ergueo Altares.

A quem direi os casos venturosos;
Que alli passei, em quanto o quiz meu Fado,
Que os não tenha talvez por fabulosos?
Oxalá, que pudesse
Ser sonho aquelle tempo já passado,
Assim como inda agora mo parece!
Mas esses altos montes se abaixarão,
Estas aguas pararão
A ouvir os louvores,
Que alli me derão Ninfas, e Pastores.

Alli vi de Beliza os olhos bellos:
Não fei que movimento os meus lhe acharão,
Que desde então não pude estar sem vellos:
Alli hum certo dia
Das palavras usei, que me ensinarão
Os ditosos exemplos da ousadia:
Logo Fortuna encaminhou meus passos;
Levantou-me nos braços,
E pela roda vária
Jurou a Amor de lhe não ser contraria.

O menino, que nunca presumio
 Que a forte Deosa em seu favor teria,
 De gosto as brancas azas sacudio:
 Metteo a mão na aljava,
 E das agudas setas, que trazia,
 Huma escolheo, que mais aguda estava:
 Para ferir Beliza a destinou,
 A ponta lhe dourou,
 Que quer que a arma seja
 Arma igual á victoria, que deseja.

Voando foi Amor com rosto lêdo,
 Beliza vio, e disparando o tiro,
 A mão tres vezes lhe tremeo de medo:
 Vós, ditosas montanhas,
 Lhe ouvistes o ardentissimo suspiro,
 Que então lançou das intimas entranhas;
 De piedade os olhos se lhe enchêrão,
 E logo se volvêrão
 Por tão doce maneira,
 Que inda não sinto cousa que mais queira:

Que devotos louvores não me ouvirão,
Dar a Amor, e Fortuna elles outeiros,
Quando então meus triunfos de alto virão:
Não lhe queimei perfumes,
Não lhe emulci novilhos, nem cordeiros,
Sacrifiquei a vida a seus costumes,
Ardeo sem se gastar nunca a vontade,
Para ter liberdade
De pôr no Altar mil vezes
Novos desejos, em lugar de rezes.

Os Pastores, que o virão entre tanto;
Nos mais duráveis troncos o entalharão
Para servir aos Satyros de espanto:
As Naydes, e Napeas,
Por mandado de Amor o recitarão,
Humas nos bosques, outras nas arêas;
E ás que erão mais destras nos labores,
Por Tritões nadadores,
O mesmo Padre Douro
Mandou tecello n'uma téla de ouro.

Assim que as alvas filhas informadas
 Forão de seu paterno mandamento,
 Erguêrão mão das obras começadas:
 Entre si concertárão
 Armar novos theares n'um momento,
 E as fedas de mil cores ajuntárão:
 Qual escolhe das conchas crySTALLINAS
 As perolas mais finas,
 Qual renova ligeira
 De rico fio, eburnea lançadeira.

Havia Hirene debuxado a historia
 Da filha de Nereo formosa, e pura,
 Que foi de Polifemo pena, e gloria:
 Do monstro a fymmetria
 Tão propria, e feia está, que da figura
 A mesma Ninfa, que a bordou fugia:
 As canas desiguaes, com que tocava,
 Ao côlo nú levava,
 E na mão por cajado
 O pinheiro maior, que se ha cortado.

Mais ao longe alvejando estava a arêa
 De huma praia deserta, e deleitosa,
 Onde se via a linda Galathea:
 Nos braços tinha o moço,
 Que fez depois Fortuna, de invejosa,
 Das duras mãos do Cyclope destroço:
 N'outra parte corriendo vão sem tino,
 Que era o cruel Destino
 Do ciofo Gigante,
 A's mãos haver, o seu contrario amante.

Tanto á pintura as desttras mãos foccorrem,
 Que quem alli os vê se lhe figura,
 Que por cima do panno vivos correm;
 Depois apparecia
 O Pastorinho inerme, e sem Ventura
 Debaixo de hum penedo, que o cubria:
 Com elle do salvage a força bruta
 A crueza executa,
 De ouvir em tal crueldade
 Ranger-lhe os tenros ossos, sem piedade.

Logo o triste mancebo deixa ver-se,
Perdendo a fôrma humana, e começava
Em gottas de agua o corpo a desfazer-se,
Que em rio convertido,
Da grão Cecilia os fertes campos lava,
E o nome de Acis tem, bem conhecido:
Até que entra no mar, e em mar se troca
A compaixão provoca,
Que ainda murmurando,
De seu antigo mal se está queixando.

Climene ouro, e seda entretecendo
N' outro delgado panno, alli parece,
Que as ondas do Helesponto estão fervendo;
Daquém na populosa
Europa Abido avulta; e apparece
Sesto dalém na Asia poderosa:
Alli as tristes cores lhe mistura;
Pintando a noite escura,
E do mar representa
Alteradas as aguas co' a tormenta.

Nellas Leandro vai quasi affogado,
 Só hum braço entre as ondas se lhe via,
 Que o outro tem já de nadar cançado:
 Ao longe escaffamente
 Na torre de Ero a frouxa luz ardia;
 Porém naquella noite inutilmente.
 Ah que farias Ero, quando viste
 Na praia o corpo triste
 Desse, que por amar-te,
 Inda depois de morto foi buscar-te!

Entretida Lerioppe bordava
 Os campos de Fenicia, onde abundante
 O grosso gado de Agenor pastava:
 Logo o filho de Maia
 Guiando as mansas vacas mais distantes,
 Se vê ao longo da espaçosa praia:
 Da branca, e flava côr, que imita o ouro,
 Pinta o formoso touro,
 Em que fora mudado
 Jupiter, d'alta Europa namorado.

Europa alli de flores mil o enfeita,
O bruto as alvas mãos lhe está lambendo,
E a cornigera fronte lhe sujeita:
N' outra parte co' a preza
Em seus hombros no mar se vai mettendo,
Que tão formosa carga não lhe péza;
Mas as Ninfas aqui chegavão, quando
Estas obras deixando,
A outras dão começo
De mais verdade, de mais alto preço.

Em nova tella Hirene principia;
Mas ah louco, onde vou, que não conheço,
Que em lugar tal não posso entrar sem guia!
Vós, Filhas da Memoria,
Vós, soberano Amor, por quem padeço,
Ajudai-me a tecer tão nova historia:
As azas, com que já voar pudeste
Ao Parnaso Celeste,
Emprestai a meu canto,
Que nunca precisou de subir tanto.

Em nova tella Hirene representa
Hum bosque de altas arvores copadas,
Que nas margens do Douro se aposenta:
Pelos troncos bordando
As brancas madrefilvas, enroladas
Parece, que por elles vão trepando:
O verde chão semea de outras flores
De mil diversas cores,
E entre ellas mistura
Fugitivos regatos de agua pura.

No fundo do arvoredos se divisa
De huma só madre perola formada
A cavernosa gruta de Beliza:
De Ninfas inferiores
Servida alli se mostra, e rodeada,
Bem como a rosa em meio de outras flores:
Alli genios solícitos voando
A mão lhe estão beijando,
E o Sacro Pan lhe tece
As capellas de lyrios, que lhe offerece,

N'outra parte do panno está pintado
 Entre os viçosos ramos da floresta
 Hum sombrio lugar do Sol vedado:
 Lugar, onde algum dia
 Muitas vezes as horas da alta césta
 Gastei com ella, em quanto Amor queria;
 Mas inda quando alli mudos estamos,
 Parece que fallamos
 Segredos delicados,
 Que escreve Amor nos géstos namorados.

Climene destramente lá figura
 A minha inquietação: Alli me vejo
 Vagando pela rustica espessura:
 Agora levantando
 As mãos ao Ceo, que me levou do Téjo,
 A ver do Douro o rosto venerando:
 Agora pensativo, e recoitado
 Sobre o curvo cajado,
 N'outra parte da tella
 Correr me vejo para os braços della.

Já me recebe nelles, já me aperta ;
Turbada a face tem de verganhosa,
De amor, de peijo, e de suor cuberta :
Logo os olhos levanta,
Põe sobre o branco peito a mão formosa,
Jugando a fé, que nunca mais quebranta :
D'entre os ramos os Saryros Caprinos
(Com seus olhos malinos)
Porque vistos não seião,
Notando estão o mesmo, que deseião.

N' outra parte se vê com brando rosto
Na lyra modulando, os namorados
Doces versos, que Amor lhe tem composto :
Os vizinhos penedos
Das imminentes ferras despegados
Rolando vem ouvilla : Os arvoredos
As raizes da terra já tem fóra
Ao som da voz sonora,
E o leve passarinho
No ar parado não lhe lembra o ninho :

Mas Lerioppe destra, que alcançava
 Pelo curso das aguas o futuro,
 E em mudas profecias trabalhava:
 O caso defafrado
 Tecendo estava do Destino escuro,
 Com que fui destes montes apartado:
 Trabalhando chorando já temia
 Aquelle triste dia,
 Que ainda na memoria
 Afflige ver tão lastimosa historia.

A hora do fatal despedimento
 Em campo borda alli de pardo, e ouro,
 Denotando tristeza, e sentimento:
 Carregados os montes
 De sombra estão do verdenegro louro,
 E em roda os macilentos horizontes:
 As Ninfas arrancando as tranças bellas
 Pinta, e no meio dellas
 Beliza magoada,
 Perdida a côr, e em lagrimas banhada.

Alli estou sem saber determinar-me,
Os faudosos olhos alongando,
Sem haver quem dos seus possa apartar-me;
E como por violencia
Dous ministros crueis me vão levando
Ao sacrificio da forçada ausencia:
Já lá vou n'um lugar mais apartado
Co' rosto atrás voltado,
E por mais que desejo
Tornar a ver Beliza, não a vejo.

Mas onde, ó pensamentos, me levastes,
Onde fostes tocar, que das feridas
Que n'alma tenho, o sangue renovastes?
Agora, que eu julgava,
Vendo no Douro as Ninfas entretidas,
Que lêdas horas inda alli passava:
Ante os olhos me pôes tão vivamente
Ora tão descontente,
Que já não soffre engano
A verdade tão certa do meu dano.

São outros estes campos, estes ares,
Outros estes Pastores, e este gado,
São outras as cabanas, e os lugares:
Estas aguas, que vejo,
Não são as aguas do meu D'ouro amado,
As aguas são do aborrecido Téjo:
Nenhuma Ninfa das que o monte piza
He a minha Beliza,
Nem podia ser ella,
Que he mais amante, e mais que todas bella.

Não vejo mais, que imagens de tristeza,
E inda algumas, que nascem de alegria,
Vão perdendo comigo a natureza:
Que importa que a Ventura
Pinte a consolação de ver hum dia,
Se póde vir primeiro a noite escura,
De que valem razões bem começadas,
Se tão mal acabadas
Pelas mãos da Esperança,
Mostrão depois tão pouca segurança.

Sem ti Beliza estou, como acontece
A estrangeiro Pastor, que erra o caminho,
E no meio do monte lhe anoitece:
Alli a noite passa
Debaixo de alguma arvore sózinho,
Esperando impaciente que o Sol nasça;
Mas bemaventurado, que ha de ver
O dia amanhecer,
E eu triste, que não fei
Quando a ver os teus olhos tornarei.

Imagino que ás vezes resplandecem
Muito perto de mim; porém que importa,
São nuves de Ixion, que me apparecem;
Se as almas acabassem,
Já de mágoa esta minha andára morta;
Mas de huma fonte sem principio nascem
Para não terem fim; e esta certeza
Faz maior a tristeza,
Com que andarei sem termo
Sentindo os males, de que vivo enfermo.

Para consolação ás vezes quero
 Desesperar de todo, se pudesse;
 Mas só porque he allivio, não o espero;
 E se não esperára,
 Me diz Amor, (que os males bem conhece)
Que outros males maiores me custára,
 Nem a Amor creio, nem a mim me entendo,
 Nem fei o que pertendo,
 Pois quem morre esperando,
 Que mal terá maior desesperando?

Assim me queixo a Deos, ao Mundo, e á gente,
 Como aquelle, que grita da pancada,
 Que já soffrer não pôde a dor, que sente:
 Já de mais nada curo,
 Que de trazer a voz alevantada,
 Pois outra medicina não procuro:
 A ninguem que me acuda rogo, e peço
 Nos males que padeço:
 Os ouvidos me fechem,
 Peço sómente, que gritar me deixem,

Até que esta voz tremula, e sentida,
Penetrando as entranhas deste monte
No grão Reino de Dite seja ouvida:
O som de minhas mágoas
Enfreará do fervido Acharonte
As venenosas denegridas aguas:
Tantalo então verá, que a fede antiga
Alli se lhe mitiga,
Vendo que he mais ardente
A fede trille, que supporto ausente.

Sesifo, o pezo sentirá mais leve
Da pedra, com que aos hombros nunca pára
Em pena do segredo, que não tove,
Porque estes meus cuidados
(Que eu inda assim com elle não trocará)
Mais trabalhosos são, e mais pezados.
Orfeo rambem verá que excede tanto
Ao seu este meu canto,
Que com elle podia
Trazer de novo a Esposa a luz do dia.

Este roedor desejo da faulade ,
Que lentamente estraga , e não consome ,
Tendo sempre materia na vontade :
Fico , que em Thicio faça
Menor do Abutre essa perpetua fome ,
Que o figado immortal lhe despedaça :
Depois que chorar lagrimas de modo ,
Que pelo Inferno todo
Tristes , e derramadas
Descanço dem ás almas condenadas.

Inda verei de cá se posso tanto ,
Que lá vou esforçando a voz com ellas
Apiedar no Ceo o Coro Santo :
Se disser , que o que sinto ,
De que são testemunhas as Estrellas ,
Capaz ferá de mais e mais , não minto ;
Mas não temas , Beliza , que entre tanta
Onda , que o mar levanta ,
Deixe a Náo de ir segura ,
Ou por vento contrario , ou noite escura.

Por ferras de crueis impedimentos,
Que diante dos olhos crescer vejo,
Indo, e vindo estarão meus pensamentos:
Não pôde fer atado
A' roda da Fortuna este desejo,
Que nasceo livre, e não se quer forçado:
Elle fará, que eu viva lá contigo,
E tu aqui comigo,
Que sem que os corpos mude,
Para mudar, as almas tem virtude.

Mais te dissera desta sã vontade,
Que Amor com puras mãos para offerecer-te
Limpa escolheo de toda a falsidade;
Mas já o não pertendo,
Porque isso fora o mesmo que dizer-te,
Que para o mar os rios vão correndo;
Que os montes não se movem; que o sobreiro
He maior que o salgueiro;
Finalmente seria
Accender tochas, quando nasce o dia;

Todos são sabedores de meus males,
 Que o mal soffrido Amor anda contando,
 Sem eu querer, por montes, e por vales:
 Diante de mim vai
 Por onde quer que vou, como lançando
 Triste pregão de alguém, que a morrer sai:
 Apôs d'elle suspiros magoados
 De tristeza espalhados
 Deito por toda a parte,
 Sem que já mais de suspirar me farte.

Assim por estes campos vago errante
 Fujo dos homens, vou buscando as fêras
 Até parar no monte mais distante:
 De lá os olhos viro
 Para a parte onde estás: Ah se souberas!
 A saudade com que então suspiro,
 Não sei que acho no ar, que dalli corre;
 Que a vida me foccorre:
 Vê quanto póde, e mente
 O pensamento de quem ama, e sente.

Inda maiores cousas me acontecem :
 Continuamente as aguas deste rio ,
 Sendo claras , medonhas me parecem ;
 Dos campos a verdura
 Não he mais feia , no mirado Estio :
 As namoradas Ninfas da espessura
 Como passo sem pôr os olhos nellas ,
 Nada fei dizer dellas ;
 Só fei , que se te víra
 O contrario de tudo , aqui sentira .

Mas em quanto , ó Beliza idolatrada ;
 Não for minha Ventura mentirosa ,
 De Amor pela palavra demandada :
 Em quanto nessas praias
 Não soar esta flauta sonorosa ,
 Como algum dia , á sombra de altas faias :
 Em quanto não puzer meus olhos lêdos
 Nesses longes penedos ;
 Em quanto onde tu moras
 Não passar (qual passei) alegres horas ;

Aqui desfeito em lagrimas, e dores,
Misturando meu choro, c'o meu canto,
Darei queixas a Amor, e a ti louvores:
Não sejam mal ouvidos,
Se chegarem molhados do meu pranto
Descompostos de dor, de arte despídos;
Antes ache por isso acolhimento
Hum pobre entendimento,
Como o que salva a vida
Dos altos mares, em que a vio perdida.

E vós, Pastores meus, do que me ouvistes
Não vos peço louvor, menos capellas,
Que já mais se fizerão para os tristes:
O que peço sómente
He a vossa piedade em lugar dellas;
E se ficar meu canto impertinente,
Por isso entre vós-outros condenado,
Sabei que inda guardado
Tenho mais do que hei dito,
Que he a tamanha dor, pequeno grito.



IDILIO.

P Reparemos, ó Musa, hum novô canto;
 Temperemos a lyra,
 Não seja tudo pranto:
 Cante huma vez, quem tantas mil suspira;
 E se a suprema dor, que n' alma temos,
 Apertar muito, ás vezes gritaremos:
 Assim de quando em quando
 Por espinhos, e flores
 Iremos pelo Mundo misturando
 Lagrimas com louvores.

Honre-se o gésto, o peregrino gésto
 Daquella, cujo peito
 Formoso, como honesto,
 Traz este meu em lagrimas desfeito.
 Ah bella Olaia, Olaia inda mais bella
 Que a flor do campo, que do Ceo a Estrella;
 Mais grata, mais amena
 Do que amanhece o dia,
 Mais vistosa, mais pura, mais serena
 Que o mar em calmaria.

Apar de ti as Ninfas desta selva
De gésto mais formoso
São como a baixa relva,
Que nasce junto ao Platano frondoso
Das praias a conxinha mais lustrosa,
Dando-lhe o Sol, não fica tão formosa
Como tu me pareces
Formosa, destoucada:
Tens a luz natural, e não careces
De outra luz emprestada.

Ah thesouro a meus olhos escondido!
Só descoberto agora;
Qual tentou atrevido
Ir-te buscar ás Regiões da Aurora?
Ou es, talvez Olaia, esse thesouro,
Que já cahio do Ceo em chuva de ouro;
Mas de outro Ceo descêrão
As tuas perfeições
De fabulas subtis, não se fizeram
Tão raras proporções.

Tanta graça os teus membros soberanos,
De donde he que a tirárão?
Da massa dos humanos,
Nunca taes dons no Mundo se formárão
Em gésto, e partes taes, eu imagino
Que se empenhou o Artífice Divino:
Não tem a Natureza
Tanto poder, e estudo,
Que muito pois quem fez tanta belleza,
Que possa fazer tudo?

De teus olhos namorão-se as Estrellas,
E nas suas meninas
Vem seus retratos ellas,
De donde tirão luzes mais Divinas:
Para ver esse côlo magestoso,
O monte se debruça: O rio undoso
Por mais que esteja em calma
O curso apressa, e corre.
Ah bella Olaia, que fará huma alma,
Que lente, que discorre?

Ditofo seja aquelle , que embebido
 Póde estar no teu rosto ,
 Sem ter outro sentido ,
 Que examinar de espaço esse composto :
 Ditofo seja aquelle , que escutando
 Ora as palavras , ora o rizo brando ,
 Vê d' um , e d' outro gésto
 O moto peregrino ,
 Claro , puro , suave , manifesto ,
 Que eu de ver não sou dino .

A quanta gente barbara , e inculta
 Concede a Natureza
 O ouro , que se occulta
 Na terra , sem saber o que he riqueza !
 E a quantos póvos , que lhe dão valia ,
 Das terras apartou , onde ella o cria !
 Assim Ventura agora
 Dá teu valor , e preço
 A quem talvez o teu valor ignora ,
 E a mim não , que o conheço :

E ha quem nas mãos a cithara não tome,
 Espalhando louvores
 Em honra do teu nome!
 Ha quem te veja sem morrer de amores!
 Vós, musicos Pastores das campinas,
 Vinde, coroi de candidas boninas
 A vossa Tutelar,
 Mostrai o meu desejo
 A' Ninfa mais gentil, mais singular;
 Que tem o vosso Téjo.

Camões, honra das Musas, que a primeira
 Fama terás por forte
 Bernardes, tu Ferreira;
 E outros, em quem poder não teve a morte:
 De lá vos inclinai do Coro Santo,
 Com vosso canto acompanhai meu canto:
 Não sahe elle de peito
 Impuro, e corrompido:
 De huma causa Divina hum baixo effeito
 Nunca foi produzido.

Volvei o rosto lá do Ceo sereno ,
Lançai a vista pura
Ao nosso vil terreno ,
E vereis huma nova formosura ,
Vereis se á vossa cithara sonora
Déstes tão alta empreza como agora :
A temperada chamma
Louvai de huns olhos bellos ,
Que sabe moderar , em quem os ama
O desejo de vellos.

Olaia he mais formosa , e soberana
Que Lucrecias , e Helenas ;
Mais pura que Diana ,
Mais suave , que as nove Irmãs Camenas :
Ella he por quem , de suspirar não canço ,
Por quem enfreio o vento , e o mar amanho ,
Dizendo minhas mágoas ,
Por quem do claro Téjo
C'o meu amargo pranto turvo as agoas
O dia que a não vejo.

Em quanto a seca mão da Morte fria
Contra mim levantada
No derradeiro dia
Me não gelar no peito a voz cançada:
Por meo, Olaia, de mortaes perigos,
De ventos soltos, mares inimigos,
Rodeado de horrores
Já sem ter salvação:
Primeiro que os meus ais, os teus louvores
Na boca me ouvirão.



S O N H O.

HUm dia, que o meu gado apascentava
 Nas ribeiras do Téjo,
 Que sempre com meu pranto accrescentava,
 Após do meu desejo
 O leve Pensamento me voava.

Aonde vás? Mil vezes lhe dizia:

A Tirce, a Tirce vou,
 Cá dentro de mim mesmo respondia;
 Mas quando imaginou,
 Que inda voar tão alto poderia!

E logo sobre a relva reclinado
 Tantos suspiros dei,
 Que adormeci de suspirar cansado.
 Mas ah! Que inda fiquei
 Mais do que ao somno, entregue a meu cuidado.

Alli a mentirofa fantazia,
 Que cousas me figura!
 Que estava dando Leis me parecia
 Sobre a mesma Ventura;
 Tal era a elevação, em que me via!

Que dominava os povos mais distantes,
Que os empolados mares
Via cubrir de imensos navegantes;
E folias pelos ares
Ondear as bandeiras tremolantes:

Que com submisso rosto a mim chegavão
As Nações estrangeiras,
E a mão medrosamente me beijavão:
Que Provincias inteiras
Copiosos tributos me pagavão.

Que em douradas carroças caminhava
Com guardas Militares;
Que posto á Regia meza só gostava
Exquisitos manjares,
Que alli mercês, e novas honras dava:

Que em soberbos Palacios assistia,
De preciosos labores
Cubertas as paredes, onde via
De meus Progenitores
Successiva Real Genealogia.

Que hum numero infinito de criados
Me rodeava o leito;
Em fim, que eu era Rei, que tinha Estados;
E que, se era sujeito,
Era sómente á Lei dos meus cuidados.

Que

Que Tirce, (a mais discreta, a mais formosa
 Ninfa, que o Têjo estima,
 De fangue illustre, geração famosa,
 A quem mais alta rima
 Fará eternamente gloriosa.)

Aquella Tirce, aquella Divindade,
 Que transformar pudera
 Em alta, a minha humilde qualidade,
 Ouvia menos féra
 Dó cego Amor a grão temeridade.

Que a seus mimosos pés deposto havia
 O mesmo Sceptro Augusto,
 E a frente c'o Diadema lhe cingia:
 Nem Throno de mais custo
 Para mim, que os seus braços pertendia.

Que com o rosto seu em laço estreito
 Apertava o meu rosto;
 E que de tanta gloria satisfeito,
 Com lagrimas de gosto
 Lhe regava o mimoso, e branco peito:

Que a cor de rosa mais se lhe accendia
 No purpureo semblante
 A cada favor seu, que lhe pedia,
 E que de instante a instante
 Mais formosa no gésto parecia,

Que os engraçados olhos lhe beijava ;
 Que de finos diamantes
 Os dourados cabellos lhe adornava ;
 Que palavras amantes
 Eu lhe dizia , ella me tornava.

Quando nesta reciproca ternura
 Da mais completa dita ,
 Que nunca figurar soube a Ventura ;
 Por mim hum Pastor grita ,
Que o caminho da Aldêa me procura.

Acôrdo espavorido , e o Regio trato
 Veloz se delvaneece :
 Fico alheio de mim , fico insensato ,
 E de novo apparece
 O meu antigo , e paltoral ornato.

Olhava para mim : De meu não via
 Mais que hum pobre cajado ;
 Hum pequeno rebanho sem valia ,
 Hum çurrão pendurado
 Ao canto da cabana , em que vivia.

A huma , e outra parte afflicto olhava ,
 Não via Tirce ; e em vão
 Tirce , Tirce , por ella em fim chamava ;
 E só no coração ,
 No coração a minha Tirce achava.

Quem te arrancou da minha companhia?

(Dizia suspirando)

Se acordado gozar-te não podia,

Porque ao menos sonhando

Me não durou mais tempo esta alegria?

Oh quem pudera, amada Tirce, achar-te

Outra vez nos meus braços!

Mas como de hum Pastor, para apertar-te;

São indignos os laços,

Uou talvez comigo Amor desta Arte.

Quiz dar-me a conhecer, que com decencia

Hum Pastor não podia

Gozar a Tirce ainda n' apparencia;

E desta fantazia

O acaso tomarei por providencia.

Ordena-me a razão que me reporte,

Olhando os meus defeitos;

Mas no Mundo não só a fria morte

Faz ignaes os sujeitos,

Que Amor os sabe unir da mesma sorte.

Ab suspirada Tirce! Se eu pudera,

Affim como sonhei,

Subir de Rei á imaginada Esfera;

Fora mais do que Rei,

Se inda sendo Pastor, ser teu pudera!

TABELLA

305

ALFABETICA

De todos os Sonetos, que contém este primeiro Tomo, assinalados alfabeticamente com as paginas, em que vão lançados cada hum per si; e assim tambem todas as mais Obras.

SONETOS:

A

- A Ffoito córte o mar o navegante, pag. 1.
A Acafo fui senhor, rico, estimado, 26.
A Deos Pastora ingrata, já de Aleixo, 33.
Agora, em quanto despertando a gente, 43.
Albino, cuja idade inda o levava, 48.
A Deos Natercia ingrata, a Deos impia, 51.
Aquelle, que inda espera ter ventura, 56.
Aquelle amor, que tinhas n'alma eserito, 61.
Aonde andais, ó Parcas venenosas, 81.
Albano quem es tu? Teu baixo estado, 87.

ODES.

- Aonde me arrebatou, 101.
Aonde, aonde, corações humanos, 108.
Ao mais leve ruido, 113.

E C L O G A S.

- Albano, e Damiana, 157.
Agrario, Braz, e Anfriso, 179.

SO-

TABELLA
SONETOS.

C

- Cruel, fica-te em paz, e o vil intento, 31.
 Como está este sitio socegado! 37.
 Cuidei, ouvindo a doce melodia, 54.
 Como soffres, ó Jupiter supremo, 58.
 Com alegre apressado movimento, 65.
 Cuidas talvez, Olaia, que imprudente, 89.

CANCÕES.

- Com teu formoso rosto, 146.

SONETOS.

D

- Do gosto, que já tive n'outra idade, 17.
 Depois que a mil tormentos offrecido, 35.
 Divina Laura, se vencer deixasses, 42.
 Dormindo estava Albano, e porque Alberta,
 45.
 Dormindo Anarda está. Quem te dilata, 47.
 Depois que a linda Altea destes prados, 50.
 De amor em tristes lagrimas banhado, 57.
 Do rio as claras aguas, que soando, 73.

CANCÕES.

- Da clara estirpe dos Heroes valentes, 152.

SONETOS.

E

- Eu vi huma Pastora em certo dia, 30.
 Encontrou-me esta graça em tal destroço, 68.
 Este obsequio, senhor, que vos envia, 75.
 Entra o soldado envolto em sangue, e terra, 85.
 Em frauta agreste, em lyra altisonante, 92.

ODES.

- Entre as Deosas tão célebres em Ida, 105.
 E confeguiu a pállida doença, 111.

SONETOS.

F

- Fugindo fui de amor, que me seguia, 14.
 Filho, por mais que a Praça combatida, 22.
 Felices margens do saudoso Tejo, 82.
 Formosissima Oláia, o teu semblante, 82.

SONETOS.

H

- Huns graciosos olhos matadores, 28.
 Hum dia de Limano acompanhado, 78.
 Hum mudo suspirar continuamente, 94.

ECLOGA PISCATORIA.

- Havia largo tempo, que escondêra, 201.

EPIS-

EPISTOLAS.

Ha mil tempos, bom Silva, que faudofo, 223.

SONHO.

Hum dia, que o meu gado apascentava, 299.

SONETOS.

I

Já, Fortuna cruel, tenho assentado, 7.

Irman ditosa, que de cá subiste, 66.

Já Portugal respirará contente, 98.

SONETOS.

L

Lá vem apparecendo a minha Aldea, 4.

Lá n'uma praia cavernosa, e fria. 91.

CANÇÕES.

Longe barbaro vulgo, 138.

EPISTOLAS.

Lorinda bella as obras Pastoris, 249.

SONETOS.

M

Marinho Pescador no Téjo andava, 2.

Mil tempos resisti á força dura, 10.

Meu Pai, o nupcial ajuntamento, 24.

Man-

Mandou-me, que cantasse Amor hum dia, 55.
 Morreo o bom Luiz: Já não veremos, 76.
 Meu amado Mondego, meu amado, 79.

EPISTOLAS.

Minha inimiga bella, 252.

TERCETOS.

Mimoso Infante, Principe adorado, 258.

SONETOS.

N

Nesta Aldea, onde estou, meu bom Fileno, 3.
 Não choro como aquelle, que em perigo, 5.
 Neste que julga o Mundo abatimento, 18.
 Não foi divida só, mas natural, 23.
 Não haverá hum sitio tão sagrado? 69.
 No Templo entrei de Amor: Inda gelado, 7.
 Ninfas destes vizinhos arredores, 83.
 Na borda do seu concavo faveiro, 96.

ODES.

Não de Carthago, nem de Troia canto, 122.
 N'um sitio, que busquei accommodado, 131.

SONETOS.

O

Ouvio Amor teu canto, e surprehendido, 25.
 Oh quem pudera á sombra deste arbutto, 40.

Os

Os annos da feliz puerilidade, 60.
O Tempo que veloz desaparece, 63.

SONETOS.

P

Péga Lucrecia, no punhal violento, 21.
Porque foges, Pastora, a hum desgraçado, 29.
Por mais que faça hum atrevido estudo, 38.
Poz-se o Sol; como já na sombra fea, 39.
Passa o frio Janeiro, o ardente Agosto, 52.
Ponho tão livre os olhos em Damiana, 59.
Para ver se cantar-vos saberia, 72.
Promettendo a Limano Dorothea, 77.

EPISTOLAS.

Prezado Josefino, 212.

BELIZA.

Pois não quereis, memorias imprudentes, 268.

IDILIOS.

Preparemos, ó Musa, hum novo canto, 292.

SONETOS.

Q

Quando nas mãos de Amor me vi sujeito, 11.
Que me quereis, memorias de algum dia, 15.
Quantas vezes pacífico, e contente, 20.
Que será isto? As Ninfas enfeitadas, 27.

Que

- Que assim sahe a manhã serena, e bella, 36.
 Que triste, que profunda soledade, 41.
 Que te veção meus olhos, não consente, 71.
 Que estranhos casos vi no monte, e prado, 80.
 Quem nunca vio a luz formosa, e pura, 84.
 Qual Pastor, que do sono accommettido, 86.
 Quando Anarda gentil, os merecidos, 95.

O D E S.

R

- Ramo feliz, de frutos esperados, 127.

S O N E T O S.

S

- Salve Templo seguro, onde a vontade, 8.
 Se acaso deito a vista da lembrança, 9.
 Só com o Grande, e Immortal Camões, 16.
 Senhora, esses espiritos ditosos, 19.
 Se intentais nesse engano industria, 32.
 Se eu me víra n'um bosque, onde não desse, 34.
 Seja-te parabem Téjo sagrado, 64.
 Se eu pudera viver de noite, e dia, 88.
 Se o Grão Cantor, que o Mundo encheo de
 espanto, 99.
 Se a fama, que altamente preegoeira, 100.

O D E S.

- Se em teus puros Altares, 129.

EPISTOLAS.

Sabio Jurisconsulto, 236.

SONETOS.

T

Traz-me aos males de Amor tão costumado, 13.
 Tanto neste faudoso apartamento, 49.
 Tu que os costumes, e as paixões retratas, 74.
 Tyrana Olaia, o teu desabrimento, 90.
 Trazei Ninfas, trazei mimosa arêa, 93.

SONETOS.

V

Vão os annos fugindo, e vai a idade, 6.
 Vem, ó Ninfa gentil, que não merece, 12.
 Vio Alberto a Fillena, e namorado, 44.
 Vio-me Altea, com livre desafogo, 53.
 Voa faudoso Amor, e em breve giro, 68.
 Vós, que á sombra dos alamos copados, 97.

ODES.

Vai mesquinha Ambição, chega-te ao leito, 119.

EPISTOLAS.

Vós, que da rica mão da Natureza, 244.

F I M.

PRO-

PROTESTAÇÃO.

AS palavras Numen, Fado, Destino, Divindade, &c. empregadas sómente para melhor exprimir a ficção Poetica, não tem alguma cousa de commum com os internos sentimentos do Author, que como obediente filho da Igreja em tudo se submete ás determinações della.



... a palavra Nunc, Tudo,
... a Delleo, Divindade, etc.
... empregaras somente para melhor
... explicar a licao Lector, não
... tem alguma coisa de sommas
... com os outros sentimentos de
... Auctor, que como obediencia a
... do da Igreja em tudo se sub-
... mette as determinações della.



69-2
21302

R I M A S
D E
J O Ã O X A V I E R
D E M A T O S

REVISED
BY
JOHN W. WALKER
DEPARTMENT OF
THE ARMY

R I M A S
DE
JOÃO XAVIER
DE MATOS
ENTRE OS PASTORES
DA ARCADIA PORTUENSE
ALBANÓ ERITHREO
DEDICADAS Á MEMORIA
DO GRANDE
LUIZ DE CAMÕES
PRINCIPE
DOS POETAS PORTUGUEZES
DADAS Á LUZ
POR
CAETANO DE LIMA E MELLO.
TOMO SEGUNDO.

Terceira Impressão.



L I S B O A

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA. 1782.

Com licença da Real Meza Censoria.

Vende-se na loja da Impressão Regia & Real Praça da Commercio.

R I M A S
DE
JOÃO XAVIER
DE MATOS

Mettido tenho a mão na consciencia,

E não fallo senão verdades puras,

Que me ensinou a viva experiencia.

CAMÕES. Son. LXXXVII.



L I S B O A

NA IMPRESSA DE JOÃO XAVIER DE MATOS

1800

PROLOGO.

JUDICIOSO Leitor , justamente persuadido de que te foi grato o trabalho , que tomei de juntar , e offerer á tua curiosidade o Primeiro Tomo das Poesias de JOÃO XAVIER DE MATOS , me animei a continuallo , para agora te dar a ler o Segundo. As contínuas molestias , que o A. tem padecido , e padece , não permittião que elle ainda se désse á luz , e muito menos as Tragedias ; porém a impaciencia d'alguns curiosos não consente se espere , que elle o possa rever com o focego , que pede a materia , nem que deixe de se juntar a mecellania , que com repugnancia do A. vai no fim. Se fores pio , rogo-te que dissimules ; se o não fores , peço-te que o não lêas.

Valc.

SO.



S O N E T O

E U chorarei de Amor tão tristemente
Por hum modo tão novo, e desusado;
Que quem nunca o tiver experimentado,
Só de ouvir seus effeitos o experimente:

Direi n'um breve escrito a toda a gente
Quantos casos por mim já tem passado;
Porque saiba qualquer desesperado,
Que inda ha outro mais triste, e descontente.

O' vós, que Amor, com mostras de innocencia,
De novo as fans vontades contamina,
Sem lhe valer a antiga experiencia,

Quando lerdes em mim quanto ella ensina,
Fareis dos vossos erros penitencia,
Que os meus erros serão vossa doutrina.

SONETO

Temão embora a morte os que afferrados
 Aos grossos cabedaes, que possuião,
 Nunca tão brevemente presumião,
 Que lhes fossem das mãos arrebatados:

Temão deixar co' a vida os começados
 Muros das altas casas, que erigião;
 A cara esposa, os filhos, que crescião,
 Os brandos leitos, os tremós dourados:

Que eu sem bens, e sem casa, vagabundo,
 Mal cuberto c' o manto da indigencia,
 Já não temo da morte o horror profundo:

No que me tira não me faz violencia;
 Que o melhor modo de sahir do Mundo,
 He cheio ou de mileria, ou de innocencia.

SONETO

JA' lá vão sete Lustros, que este monte
Berço me foi: Já da vital jornada
Mais de meia carreira está passada;
E cedo iremos ver outro Horizonte:

A mão já treme, já se enruga a fronte,
Já branqueja a cabeça, e co' a pezada
Confidração da vida mal gastada,
Vai-se apagando a luz, seccando a fonte.

Pouco nos resta, que passar já agora;
E para as derradeiras agonias
De tantos annos, aproveite hum' hora.

Esperanças, temores, vans porfias,
Paixões, desejos, ide-vos embora;
Favor, que me fareis por poucos dias.

SONETO

JA' me não enganais, rostos fingidos,
Inda em mais fôrmas que Proteo mudados,
A contrafeitos risos costumados,
Quaes em fonte Sardonica bebidos.

Algum fruto dos males padecidos
Hão de tirar os bem experimentados,
Que he vir a conhecer dissimulados,
Raras vezes no Mundo conhecidos:

Já fou outro; mudei de qualidade;
Fechou-se o coração: ficai de fóra,
Subtis imitadores da verdade:

Ide-vos delle, para sempre, embora;
Que já não tem as portas da amizade
Tão faceis de se abrir, como até agora:

SONETO

A Quelles dous, que oppostos sempre andarão,
O Amor, e a Fortuna, as mãos se derão:
Ambos meus inimigos se fizerão;
Que a não fer isso, nunca se ajuntarão.

Ambos a mim á falsa fé chegarão,
Destruindo, assolando, em fim vencêrão;
E depois que os despójos recolhêrão,
Entre si repartidos os levárão.

Não me levárão mandos, nem grandezas,
Estimações, thesouros, nem privança,
Cousas, que para mim não são riquezas:

Levárão-me a alegria, e a esperança;
Joiás de mais valor, que vejo prezas
Nas mãos de huma Mulher, e huma Criança.

SONETO

Chegou, Pastora, o termo derradeiro
Dessa paixão, que cego me trazia;
Tão fria está, que não está tão fria
A mesma agua na força de Janeiro:

Já posso estar sem ver-te hum dia inteiro;
Hum mez, hum anno, hum seculo estaria;
E c' o mesmo socego te veria
Nos braços do mais rustico vaqueiro.

Ouçõ o teu nome, e já não sinto aquella
Suave commoção, que experimentava:
Custou-me, mas triunfei da causa della:

E as cores, com que Amor te retratava,
Já te não pintão tão formosa, e bella:
Olha como a paixão me allucinava.

SONETO

JA' me não venço, Amor, de hum gésto lindo,
Nem de huma voz de Circe encantadora;
Já venci, já triunfei da mão traidora,
Da mão daquella, que me andou ferindo.

Dize-lhe, que, o seu jugo facudindo,
Os ferros quebro, que arrojéi té agora;
E, que se rir costuma de quem chóra,
Que eu já não choro, e que me fico rindo.

Que neste dia, da razão armado,
Quebrei o encanto, desfatei o enredo:
Dia por certo bemaventurado!

Mas que não cuide, que o fugir-lhe he medo;
He odio; e que só vou acompanhado
Da viva dor, de lho não ter mais cedo.

SONETO

EM batalha campal me desafia
Cupido, só por só. Não sei que faça;
Se houvera só valor, e não desgraça,
Nenhum receio de o vencer teria:

Mas quem sempre da sorte desconfia,
Porque lhe fora em toda a vida escaça,
Que triunfos espera de quem traça,
Para matar, enganos cada dia?

Eu bem sei que a matallo só me atrevo;
Mas para me vingar, sem desvarios,
Bastão as sem-razões, que d'elle escrevo.

Se elle quer, venha cá; verá meus brios:
Que eu amo a Deos, e ao Rei; e obrar não devo
Contra a Lei, que prohibe os desafios.

SONETO

CONtra o poder de vossas mãos, Senhora,
Quem ha de resistir? Se basta vellas,
Para morrer de amor por gosto nellas,
Para vos declarar por vencedora.

A mesma Natureza se namora
De tão formosas mãos, de mãos tão bellas;
E se eu sou digno de jurar por ellas,
Juro, que outras iguaes não faz já agora.

Por ellas deixa Amor da Mãi os braços;
E, beijando-as, os ferros passadores
Nellas vos põe, já feitos em pedaços:

Pois acha nessas mãos, mais supriores,
Mais suaves farpões, mais doces laços,
Para prender, para matar de amores.

SONETO

V Ai, ó caro Limano, que a ventura
Não se fez para mim, vai ver aquella,
Como a qual nunca viste outra tão bella
Em graça, em discrição, e em formosura.

Pinta-lhe a melancolica figura,
Em que aqui fico a suspirar por ella:
Pinta-lhe a dor de não poder ir vella,
Se he que podes fazer-lhe esta pintura.

Dize-lhe, que te invejo a liberdade
De ir ver seus olhos, unico conforto,
Que eu teria na minha enfermidade:

Dize-lhe, em fim, que fico tal de absorto,
Que mais te quiz dizer; mas que a saudade
Não deixou dizer mais, pois me tem morto.

SONETO

SE quem te vê, bellissima tyrana,
Morrer por ti de amores se não sente,
Leite mamou de Libica Serpente,
Ou parto foi de alguma Tigre Ircana:

Quem haverá, que, vendo a soberana
Graça gentil de teu olhar sómente,
Não se abraze na luz resplandcente,
Na viva luz, que dos teus olhos mana!

Como pertendes, pois, que eu te resista?
Se a tua, nunca vista, formosura,
Para vencer as mais, basta ser vista!

Mas se he porque em mim vês tanta brandura,
Que tens em pouco a gloria da conquista,
Culpa quem me não deo alma mais dura.

SONETO

EM ti mil Graças sempre estão chovendo :
 Se fallas, Graças mil se estão ouvindo ;
 Mil Graças nessa boca se estão rindo ;
 Graças mil nesses olhos se estão vendo :

Beijão-te humas as mãos ; outras, correndo
 A teus mimofos pés, te vão seguindo ;
 Humas por tuas faces vem subindo ;
 Outras por teus cabellos vão descendo.

Não são só tres as Graças, milhões dellas,
 Que te acompanhão tão gentil figura,
 Ficão, postas em ti, sendo mais bellas.

Já quiz contallas, mas achei loucura ;
 Que he reduzir a numero as Estrellas,
 Contar as Graças nessa formosura.

SONETO

A Quelle rosto, aquella affavel rosto,
Cheio d'um não sei que, mais do que agrado,
Sempre innocente, sempre delicado,
Tanto ao nascer do Sol, como ao Sol posto;

Aquelle sitio, que servio de encofio
(Ditoso sitio!) A tanto bem amado;
Aquelle chão, por elle já pizado,
Cujas pégadas beijarei por gosto;

Tudo me manda Amor, que n'alma traga;
Nem, por mais que nos fuja o tempo leve,
Esta viva lembrança em mim se apaga.

Ninguem riscar memorias taes se atreve;
Pois só a mão da morte he que as estraga,
Quando a pena de Amor he que as escreve.

SONETO

Para que em mim os olhos teus puzeste,
Tão cheia de piedade, e de brandura?
Para que lhe augmentaste a formosura
No lindo movimento, que lhe déste?

Se foi, para ferir-me, que os moveste,
Deixa-me agradecer-te esta ventura;
Torna a ferir-me, que eu não peço a cura
Das chagas immortaes, que me fizeste.

Se me vires cubrir de amargo pranto,
Não perguntes porque; pois não duvidas,
Que a causa és tu, meu Bem, de eu chorar tanto?

São fangue d'alma as lagrimas vertidas;
E á vista do aggressor não causa espanto,
Que torne a sahir fangue das feridas.

SONETO

Nunca mais tornarei a ver teu rosto ;
Porque Amor, a quem tenho consultado,
Diz, que não sabe, que o pergunte ao Fado,
De cuja negra mão pende o meu gosto :

De quem foi sempre a meu alivio opposto,
Que bem devo esperar? Desenganado
Já me tem a expriencia do passado ;
Nunca mais tornarei a ver teu rosto.

Eu o disse mil vezes, na memoria
Eu o disse mil vezes, quando vinha
De conseguir de amor tanta victoria :

Que a gloria de te ver, que me mantinha,
Quando não fosse breve, por ser gloria,
Sempre havia acabar-se, por ser minha.

SONETO

DO Téjo as manfas ondas apartava
No feu pobre batel, Albano, hum dia,
Pescador de miuda pescaria,
Com que apenas a vida sustentava:

Com os olhos nas praias, que deixava,
Cheio das saudades, que trazia,
Da Ninfa o doce nome repetia,
Da Ninfa, por quem tanto suspirava:

Chegando á praia opposta se entristece,
O saudoso Albano, de tal sorte,
Que vivo não, mas morto já parece:

Salta n'areia, e diz: Cruel transporte!
Triste de quem se ausenta, que padece
Huma saudade mais cruel, que a morte!

SONETO

Qual depois de horrorosa tempestade,
De que a vida escapou, sahindo a nado,
Vem c'o vestido unico molhado,
Movendo as gentes todas á piedade:

Tal eu depois da negra escuridade,
Em que estive até agora sepultado,
Surjo ante vós, ó Jonia, destroçado
Dos procelosos mares da saudade.

Elles no fundo abyfmo me tiverão:
Elles ás altas nuvens me levarão;
Mas salvei-me onde tantos se perdêrão.

Piedade, oh Jonia! A huns olhos que chorarão,
E que no mar do pranto, que fizerão,
Por milagre de Amor não se affogarão.

SONETO

Qual muda Rez, de pés, e mãos ligada,
Sem fazer ao cutélo resistencia,
Quer Jonia que eu me cale, e que á violencia
Traga sempre a razão sacrificada.

Quer que huma alma, de amor ao jugo atada,
Tenha em soffrer tamanha persistencia,
Que no affrontoso carro da paciencia
Vá em triumpho público levada.

Que mais quererá Jonia? Que inda ufano
Da causa vil, por que de novo peno,
Adore o erro, conhecendo o engano?

Vá Jonia amar hum coração pequeno,
Que antes a Furia reduzido Albano,
Comerá ferro, beberá veneno.

SONETO

E Nganei-me com Jonia : Paciencia :
Cuidei que achasse hum coração constante ;
E que debaixo de hum gentil semblante
Morasse huma alma cheia de innocencia :

Achei, em vez de amor, huma apparencia,
Que passou por verdade, e a cada instante
Huma alma enganadora, hum genio errante ;
Enganei-me com Jonia : Paciencia.

Oh ! Quem antes de amar a conhecêra ;
E então tivera, como tenho agora,
Hum coração de bronze, e não de cêra.

Mas se era costumada a ser traidora,
Fez muito bem, obrou como quem era,
Que não fora mulher, se assim não fora.

SONETO

Não vades hoje ao campo, ó Lavradores;
 Deixai, Ninfas do Tejo, as aureas teas;
 Cesse nas praias, cesse nas Aldeas
 Vosso trato, Barqueiros, e Pastores.

Vós Virtudes, vós Graças, vós Amores,
 Descei do Ceo; e em festivaes Choreas
 Serranas, Ninfas, Dryades, Napeas,
 Dai a Anarda, comigo, altos louvores.

Este he de nós o Idolo adorado:
 Vede, que Amor, e o Tempo, ante seu vulto,
 Hum a fouce, outro as setas tem quebrado:

Faz annos a pezar do seu insulto:
 Ah! Festejai hum dia tão sagrado,
 Que até estes tyrannos lhe dão culto.

SONETO

Vai Genoveva: os favoraveis ventos
Em paz te levem pelas ondas mansas;
Que erguendo os olhos, q̄ espalhando as tranças,
Bem podes serenar os Elementos:

E se de ir ver estranhos aposentos,
Te hão de seguir altíssimas bonanças,
Fiquem sem vida as nossas esperanças,
Fiquem com premio os teus merecimentos.

Dos altos dons, que te negou Lisboa,
Abrir os cofres á fortuna vejo,
E que em Paris com elles te coroa:

E em quanto se não cumpre o teu desejo,
Escuta alegre, o que de ti pregôa
Em frança o Sena, em Portugal o Tejo.

SONETO

N'Um tronco Amor á vista dos Pastores
 O arco, e as setas pendurado havia,
 Pois quiz, em teu obsequio, ter hum dia,
 Ociosos os ferros passadores.

Huma capélla de cheirosas flores
 Elle nas crespas azas te offrecia;
 E cheio de doçura, e de alegria,
 Cantando derramou estes louvores:

Vive, Ninfa gentil, desfruta a gloria
 Da minha protecção, que, entre os humanos,
 A ninguem concedi tanta victoria:

Vive a pezar dos seculos tyrannos;
 Que de teus bellos annos, a memoria
 Ha de durar, em quanto houverem annos.

SONETO

ANarda, vossa Mana será bella;
Porém a par de vós nunca o parece,
Que huma só graça vossa lhe escurece
Todas as graças, que se encontrão nella:

Já que lhe quereis bem, tende a cautela
De a não levar comvosco onde apparece;
Vós o sabeis, o Mundo o reconhece,
Pois á vista do Sol não luz a Estrella.

Bem que mil vezes me digais, que minto,
Tenho razões tão altas de fobejo,
Que igualalla comvosco não consinto.

Não sei se he illusão do meu desejo,
Só sei que, vendo os olhos seus, não finto,
Isto, que sinto, quando os vossos vejo.

SONETO

O Ra aqui, ora alli, ferindo a gente
 Anda Amor, em teus olhos disfarçado;
 E por não fer (como he razão) culpado,
 Diz, que lho mandas tu, não fei te mente,

Quando teme passar por delinquente,
 A teus cabellos voa, onde enredado
 Dentro delles está, como em sagrado,
 Armando laços de ouro subtilmente.

Mais do que Amor, és tu quem nos maltratas;
 Pois as moites, que faz, tu lhas decretas;
 Que elle com fer cruel, tem Leis mais gratas?

Trazes todas as almas inquietas;
 Porque tens, com que as prendes, com q̄ as matas,
 Nos cabellos grilhões, nos olhos settas.

SONETO

EM brando verso celebrar queria
Os bellos annos de Marilia bella;
E co' a Lyra na mão, e os olhos nella,
Mais que ás Mufas, influxo a Amor pedia.

Elle que já mil flores lhe trazia,
Em quanto lhe formava huma capélla,
Mandando-me calar, diante della,
Em alta voz em feu louvor dizia:

Tu, ó Jove immortal, que dos humanos
Dás, e tiras a vida, em vituperio,
Não só dos Altos Reis, dos vís Serranos:

A de Marilia, por maior myfterio,
Dilata, que, sem ella fazer annos,
Não se sustenta o meu famoso Imperio.

SONETO

V Aõ de valor, vão de Fortuna armados,
A conquistar o Mundo Heroes valentes;
E na tésta de exercitos rompentes,
Voltem de mil despojos carregados.

Soltos ao vento mil pendões ganhados,
Co' as já cativas numerosas gentes,
Cortem do mar as tímidas correntes
Altas galéras de esporões dourados:

Entrem por Grecia, e Roma; á generosa
Sombra de arcos triunfaes de palma, e louro,
Oução acclamações em verso, e prosa;

Que eu maiores triunfos enthefouro,
Contente da conquista gloriosa
De huns olhos pardos, de huns cabellos de ouro.

SONETO

NAô foi, Marilia, a tua formosura
Quem me prendeo a solta liberdade,
Outras são as cadeias, que a vontade
Beija por gosto, arrasta por ventura.

O fragil dom de huma gentil figura
Voa nas azas da primeira idade,
E da pállida mão da enfermidade
O mais ligeiro toque a desfigura.

Teu grande coração, tua alma grata,
Teu claro espirito, de virtudes cheio,
Desprezador de todo o ouro, e prata,

He só a formosura, em que me enleio;
Que esta, quando do corpo se desfata,
Para o Ceo torna a ir, de donde veio.

SONETO

V O's, arenosas, Escalabitanas
 Margens do Têjo, a cujo antigo assento
 Deo nome o curvo, o bellico instrumento,
 Que orna o cinto das gentes Africanas,

Croadas de Salgueiros, e Espadanas,
 Vede alegres o meu apartamento;
 Que eu vou, como já fiz, n'outro aposento
 Infamar, com meus ais, outras cabanas;

Mas se a vizinha, se a furiosa cheia,
 Que já nos traz boiando o Chopo, e a Faia,
 Ameaçar de mais perto a vossa Aldeia;

Porque respeite o sitio desta praia,
 Mostrai-lhe, que aqui fica, sobre a areia,
 Escrito o nome da formosa Olaia.

SONETO

EM torno de hum Altar, onde apparece
Da bella Olaia o magestoso vulto,
Inquietos amantes lhe dão culto
Por mãos d'um Sacerdote, que lh'offrece.

O devoto Ministro Amor parece,
Mas vive nelle disfarçado o insulto:
Ah! Foge, Olaia, de quem anda occulto,
Dizendo, que he Amor, sendo interesse.

Não cuides sempre que, em hum peito humano,
São de Amor as offertas singulares,
Limpas de má tenção, como as de Albano;

E para o sacrilegio castigares
Da mão sagrada, que dirige o engano,
Fecha-lhe o Templo, esconde-lhe os Altares.

SONETO

Qual o menino, pela mão levado
Para ver algum público festejo,
Sem saber regular o feu cortejo,
No meio esta dos mais, como pasmado.

Tal eu, Senhora, pela mão guiado
De hum festival, de hum candido desejo;
Junto c'os mais, a Illustre mão vos beijo,
Sem que possa louvar-vos de admirado;

Mas se os puros affectos da vontade
Tambem são eloquentes neste dia,
Sirva de panegyrico a humildade;

Pois fei, que para vós tem mais valia
Os sãos conhecimentos da verdade,
Do que os dons soberanos d'armonia.

SONETO

A Os santos bosques do Tojal me guia
 A mão fiel de hum festival cortejo ;
 E entre as ramas vagando o Monstro vejo ,
 Que faz dos filhos seus crua iguaria,

Co' a curva fouce , que na mão trazia ,
 Os louros córta insignias de festejo ;
 E c'uma voz , que lá se ouviu no Téjo ,
 Trabalhando , cantando , assim dizia :

Para o justo Saldanha , que ennobrece ,
 Que adorna , e felicita a nossa idade ,
 Torne este louro , que á sua sombra cresce.

Quem terá contra elle authoridade ?
 Se a mesma estragadora mão lhe téce
 A coroa immortal da eternidade.

SO-

Indo o A. fallar ao Eminentissimo , e Reverendissimo
 Cardeal Patriarca , estando na sua Quinta do Tojal , em
 dia dos seus annos.

SONETO

T Razei do Ceo medicinal virtude
 Ao Regio Infante alegre melhora;
 Annunciai á timida Maria
 Do amado esposo a proxima faude.

Por mais que a vasta medicina estude,
 Em que vâmente o Medico se fia,
 Não acerta sem vós, não tem valia,
 Que póde mais a natureza rude.

Os rogos accetai, que vós entoa
 O affustado Belém, a pobre gente,
 Os Vassallos, a Corte, o Rei, Lisboa;

Nem só Pedro, e Maria este mal fente;
 Fez-se contagio, a toda a parte voa,
 E todo o Portugal ficou doente.

SO-

*Na moleſtia de S. A. R. o Sereniſſimo Senhor Infante
 D. Pedro.*

SONETO

Quiz ver o Sol de noite, o Luar de dia,
Benigno rosto na horrorosa Alecto,
Ser de torres no ar novo Arquitecto,
Vastos fertões atravessar sem guia.

Quiz achar nos Infernos harmonia,
Na Glorja confusão, o mar quero;
Quiz ver hum Corvo branco, hum Cisne preto,
A neve ardente, a lavareda fria;

Quiz contar as arêas do Oceano,
Do sepulcro de Jove achar certeza,
De altos mysterios descobrir o arcano;

Quiz em fim, pervertendo a Natureza,
Formar hum novo cáos, buscando Albano,
Mulher com fé, Fortuna com firmeza.

SONETO

A Bre as azas de linho, Ave rasteira,
E sobre o campo azul do mar falgado
Leva em paz o meu filho idolatrado,
Que vai buscar, sem mim, praia estrangeira.

Vai, de seus annos na estação primeira,
Do bazo maternal desamparado;
O Ceo sereno, o vento socegado
Te facilitem a feliz carreira.

Das ferreas unhas as prizões defata;
E leva hum filho de sua Mãi ausente,
Carga mais rica, que todo o ouro, e prata:

Se não por filho meu, por innocente,
O perigoso baixo, o vil pirata
Fuja, fuja de ti: voa contente.

M O T E

De meu não quero mais, que o meu desejo.

G L O Z A

S O N E T O

Quem corre apôs do bem, que não alcança,
 Porque de Amor algum vil premio intenta,
 Offende Amor, que Amor não se alimenta
 Da grosseira materia da esperança.

Feliz o meu amor, que sem mudança
 No seu puro desejo se sustenta:
 Com elle satisfeito se contenta:
 A si se tem, por fim, em si descança.

A causa donde vem, que eu não explico,
 Tal virtude me dá, desde que a vejo,
 Que todo nella transformado fico:

Nem outra alguma recompensa invejo,
 Que se com meu desejo estou tão rico,
De meu não quero mais, que o meu desejo.

M O T E

Ou me leva, ou não partas de Lisboa.

G L O Z A

S O N E T O

A Partar-me de Marcia pertendia,
 Marcia, a quem mais, do q' a mim mesmo, amava;
 E ló de imaginar que me apartava,
 Antes de me apartar morrer temia.

Curvando o corpo sobre a vara hum dia,
 Da arêa o meu batel defencalhava;
 E vendo então, que o barco já nadava,
 Deitando-o para o mar, partir queria.

Eis-que o vento se agita, a agua se altera;
 E hum mar, que em flor me rebentou na prôa,
 Torna a pôr-me na praia, onde estivera.

Quando esta voz a meus ouvidos foa:
Ab não fujas, aonde vás? espera,....
Ou me leva, ou não partas de Lisboa.

M O T E

Das industrias humanas te estás rindo.

G L O Z A

S O N E T O

Podem contra leões, contra serpentes,
Por arte os homens defender a vida;
Que a lança, a espada, a setta despedida,
São para isso as armas competentes.

Podem contra piratas insolentes
Salvar a liberdade na fugida,
E nas masmorras, quando a vem perdida,
Pouco a pouco limar grossas correntes.

Tudo podem fazer; mas contra os laços,
Que tu lhes téces, não lhes val, fugindo,
Nem pés ligeiros, nem forçosos braços;

Pois como sabes, com teu gesto lindo,
Prender-lhe as mãos, embaraçar-lhe os passos,
Das industrias humanas te estás rindo.

SONETO

O Roxo Baccho, que espremendo estava
 Maduros caxos, que em Setembro cria,
 Porque soube dos Deoses, que este dia
 A Anardina gentil se dedicava;

Em ricas taças derramando andava
 O espumante licor, pai da alegria,
 E em lugar da suavissima Ambrosia,
 Com elle hum brinde a todos preparava:

Dando final c'o verde Tirso erguido,
 Bebendo forão em louvor daquella,
 Que o mez honrou de Baccho tão querido:

E a seus annos recendo huma capella,
 Os mais Deoses ficarão, só Cupido
 Tornou voando para os olhos della.

S C-

*Fazendo annos a Illustrissima, e Excellentissima Sen-
 nhora Condessa Pombeiro.*

SONETO

F Ugi, prazeres, de quem chora, e sente
Não ver de Marcia a divinal figura;
De alegres corações não falta gente,
Que, em vão, por vós trabalha, e vos procura.

Mostrai-me, se podeis, a formosura
Da minha Marcia, por quem choro ausente;
E vinde, então chamar-vos-hei ventura,
Que antes não me podeis fazer contente;

Pois se nenhum alivio podeis dar-me,
Para que vindes, tendo esta certeza,
Para que vindes sem razão cançar-me?

Mostrai-me Marcia, ou desisti da empreza,
Porque sem ella sempre haveis de achar-me.
Posto á sombra das azas da tristeza.

SONETO

Querendo erguer, em honra deste dia,
 Ao teu nome huma estatua, imaginava
 Sobre a digna materia, e duvidava
 Se de bronze, ou de marmore a faria;

Mas o Tempo, que tudo destrua,
 E já cantando o teu louvor andava,
 Das fracas mãos a obra me tirava,
 E encoitado na fouce, assim dizia:

*Pede ao teu Lizo, o musico instrumento,
 Se do bom Telles, com voz clara, e pura
 Queres cantar o alto nascimento:*

*O meu poder estatuas desfigura,
 E no Mundo hum feliz merecimento,
 Mais que nos jaspes em bons versos dura.*

SO-

Fazendo annos o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor,
 D. Francisco Xavier Telles,

SONETO

OS rijos ventos, que as prizões quebrárão,
Nos penhascos as ondas desfizerão;
E tanto contra o Ceo se revolvêram,
Que ao Ceo subindo as nuvens salpicarão:

Batendo, as fracas vélas se rasgárão;
No fundo mar o meu batel metterão;
Tanto por morto as gentes me tiverão,
Que salvo em terra de me ver pasmarão.

Ellas nos grossos mares enrolado
Sahir me virão a beijar devoto
O milagroso chão, que me ha salvado:

E ellas me virão, pendurar, por voto
Neste Templo, á Piedade consagrado,
O meu vestido mal enxuto, e roto.

SONETO

AS negras roupas com felice agouro
 Depõe, ó Musa, e de prazer te veste;
 Da fronte arranca o funebre Cypreste,
 E as tranças orna de Amarantho, e Louro.

Entra d'Apollo no immortal thesouro;
 Ricas palavras, dize, que te empreste;
 E em vez do Deos Caprino a frauta agreste,
 Fere, do Grão Thebano, a Lyra de ouro.

Com ledas azas de formosas penas
 Vai dar, voando, hum grito no Universo
 Em companhia das Irmans Camenas:

E canta, que a pezar do Fado adverso,
 Hum novo Augusto, hum singular Mecenas
 Ornou teu vulto, protegeo teu verso.

SONETO

A Mor, por se vingar d'uma alma izenta,
Que sempre escarneceo dos seus rigores,
Armado de arco, e ferros passadores,
Posto em campo, batalha lhe apresenta:

Como ferir hum' alma illustre inrenta,
D'aljava escolhe hum ferro dos melhores;
E murmurando, a força dos Amores
Com magicas palavras accrescenta:

Dispára a setta, a setta não fez nada,
Porque a pezar do impulso soberano
Cahio no chão desfeita da pancada:

Eis-que lhe lembra a que ferira Albano,
No arco a põe; e como hia curvada,
Gemeo Fileno, rio-se o Deos tyrano.

SONETO

N'Um valle, cujo nome não sabia,
Rodeado de tortas Oliveiras,
Por toscas escarpadas ribanceiras
Huma tarde hum Pastor me conduzia.

Abafadas montanhas dalli via,
Fazendo sombra ás placidas ribeiras;
E as macilentas luzes derradeiras
Phebo nas negras aguas escondia.

Pastor, (lhe digo) que medonhos ares!
Parece que mais funebre não fora
O mesmo domicilio dos pezares.

Pastor, fujaamos, vamo-nos embora,
Que ficarão, se eu fico, estes lugares
Inda mais tristes, do que os vejo agora.

SONETO

Chorai Graças, chorai: chorai Amores,
Que em fim morreo... Mas não queirais sabello,
Que arrancareis o lucido cabello,
E quebrareis os ferros passadores.

Mas fe de tantas almas os clamores,
Chamando por Anarda, hão de dizello,
Sabei, que já daquelle rosto bello
Não vereis mais as engraçadas cores.

Ligeira mão de negra enfermidade
Truncou em flor aquellas esperanças,
Que hião já rebentando em nossa idade:

Ah! Confagrai-lhe funeraes lembranças;
E nos Altares da immortal faudade
Cravai as settas, pendurai as tranças.

D ii

SO

*Na morte da Illustrissima, e Excellentissima Senhora
Condessa Pombeiro.*

SONETO

Que dons, dignos de ti, offerceria
 Hoje aos teus pés, Pastor illustre, e honrado!
 Nascestes Grande, vives abaftado,
 E eu (como tu sabes) sem valia.

Fruta? Caça? Teu campo tudo cria.
 Fiel rafeiro? Muitos tens ao lado.
 Huma rez enfézada? Tu tens gado,
 Que cancei, quando quiz contallo hum dia.

Que resta? O coração? Bem se conhece
 Que todo he teu, que se te humilha, e dobra
 Qual boi, que ao jugo o manço colo offrece:

Só posso dar-te; porque em fim me sobra,
 C'os parabens, que hum dia tal merece,
 Mil beijos nessas mãos, de quem fou obra.

SO-

Fazendo annos o *Illustrissimo*, e *Excellentissimo* Senhor
 Conde da Vidigueira.

SONETO

Pobre, ou rico, vassallo, ou Soberano,
 Iguaes são todos, todos são parentes,
 Todos nascêrão ramos descendentes
 Do tronco antigo, do primeiro humano.

Saiba, quem de seus titulos ufano
 Toma por qualidade os accidentes,
 Que duas gerações ha só differentes,
 Virtude, e vicio, tudo mais he engano.

Por mais que affecte a vã Genealogia
 Introduzir nas veias a nobreza
 De melhor sangue, do que Adão teria,

Não fará, desmentindo a Natureza,
 Que seja, sem virtude, a Fidalguia,
 Mais que hum triste fantasma da grandeza.

M O T E

Accendo as toxas sobre os teus Altares:

G L O Z A

S O N E T O

OS versos que cantei já n'outra hora
 Ao baixo som do rustico falteiro;
 Ora vendo correr claro ribeiro,
 Ora ouvindo cantar ave sonora:

Outros já feitos ao romper da Aurora,
 Dourando o cume do impinado outeiro:
 Outros áquelle assumpto derradeiro,
 Que estimo mais, que todos, ainda agora:

Todos, á vista dos que tu tens feito,
 Estranhos, puros, novos, singulares
 São, de Musa infeliz, parto imperfeito;

E as folhas dos seus mesmos exemplares
 Queimo; e com ellas por maior respeito,
Accendo as toxas sobre os teus Altares.

M O T E

Dêstes a morte ao Author da Vida.

G L O Z A

S O N E T O

CRavados pés, e mãos, e da cabeça
Inclinada no peito escorregando
Gotas de sangue pelo rosto brando,
Que a ser cadaver pállido começa:

Do coração, que a lança lhe atraveça,
Remedio para o Mundo está manando;
E ha povo inda tão barbaro, e nefando,
Que por Filho de Deos o desconheça!

Se está neste Exemplar da penitencia
A Profecia de Daniel cumprida,
Porque fazeis incredula a experiencia?

Que pena a tanto mal será devida?
Confundistes a culpa co' a innocencia:
Dêstes a morte ao Author da Vida.

SONETO

VInde, ó Anjo da paz, e da alliança,
 Dos Reis, e dos Profetas suspirado;
 Honra daquelle, por quem sois mandado,
 E dos Padres do Limbo alta esperança.

Mas ah Senhor! (Tristissima lembrança!)
 Não venhais, que vos tem aparelhado
 Os homens, para o hombro, e para o lado,
 Vergonhoso madeiro, aguda lança.

Porém Vós sabeis tudo; e já fallarão,
 Cheios do vosso Celestial conforto,
 Os mesmos, que de vós profetizarão.

Serão sem fruto as petições do Horto;
 Que aquelles dous primeiros, que peccarão,
 Não poderão viver, sem ver-vos morto.



O D E S

I

Infeliz instrumento,
Cythara sem ventura, se algum dia
Adormeceste o vento,
E o Tejo recoitado a voz te ouvia:

Se os famintos cordeiros,
Ouvindo os écos teus no monte agreste,
Já dos altos outeiros
Em confuso tropel descer fizeste:

Se as sonoras abelhas
Para escutar-te, as azas encolhêrão;
E erguendo as sobrançelas,
As cabeças os Satyros movêrão:

Se o tyranno Cupido
 Com tuas aureas cordas já brincou ;
 E no ar suspendido ,
 Mil vezes suspirando te escutou :

Se implacaveis rigores
 Já venceste de Ninfas desdenhofas :
 Se déstros rangedores
 Já te enfeitarão de purpureas rosas :

Já lá vai essa idade ;
 Dos olhos me fugio tão doce estado ,
 Com maior brevidade ,
 Que luz , e morre o lume fuzilado.

Cytara minha , a Deos ,
 Já não ferás das minhas mãos emprego ;
 Querem que seja os Ceos
 Esta a ultima vez , que a mim te chego :

Os Ceos , os Ceos o querem ,
 Que assim a dura Anarda o quer , e manda ;
 Os ouvidos lhe ferem
 Os écos teus , e delles não se abranda.

O rouco mar batendo
 Nos vãos cachopos , com que em vão peleja ;
 O estampido horrendo
 Do turbulento Ceo , quando troveja :

Os espantosos ventos
Fortemente abalando os troncos graves:
Os sentidos accents
De mil nocturnas, e agoureiras aves:

Quer a minha ventura,
Que ainda seja mais grato aos seus ouvidos,
Do que toda a ternura
Das tuas vözes, e dos meus gemidos.

Offendem-na clamores
Nascidos de respeito, e de piedade:
Não quer ouvir louvores
Guiados pela mão da sã verdade:

Outras cordas mais altas,
Outra mais déstra mão, outro instrumento
Viráõ supprir as faltas
Do teu fraco, e mortal merecimento.

De hum susto reverente
Eu me confundo, e gello, a lingua se ara:
Quem he que de repente
Das mãos tão alto assumpto me arrebatá?

Ouve, Anarda formosa,
Dos bellos olhos, do engraçado rizo,
Os louvores gostosa,
Que eu manchei com meu rustico juizo.

Tu, Cythara calada,
 No antigo ramo deste tronco secco,
 Sempre dependurada,
 Só ferida dos ventos, farás écco.

II

SOcega-te, e respira,
 Formosa Melibea: que semblante
 He esse cheio de ira!
 Ouve-me hum pouco, escuta-me hum instante;
 Póde ser, se me ouvires,
 Que em vez de raiva, só d'amor suspires.

A mão do vencedor,
 Que ensanguentada na batalha he gloria,
 He infamia, he horror,
 Se depois, abusando da victoria,
 Se vê de novo erguida
 Contra a misera gente já rendida.

Formosa vencedora,
 Como te atreves a ferir o peito,
 O peito, que te adora?
 Desfes teus olhos ao poder sujeito
 Não matem teus rigores
 Huma alma, que por ti morre de amores.

Se a pouca resistencia
Te diminue a gloria da conquista,
Desafia a violencia
D'algum Tigre cruel, que te resista,
Que eu, inda que pudera
Resistir a teus olhos, não quizera.

Não são teus olhos bellos,
Como são os mais olhos, que segura
Bem póde a gente vellos,
Sem suspirar de amor, nem de ternura;
Mas os teus podem tanto,
Que só de vellos me derreto em pranto.

Formosas sombras, onde
O criminoso Amor, réo de mil mortes,
Tão déstro a mão esconde,
Para ferir os corações mais fortes;
Que dessas cores pretas,
Por mais se disfarçar, tingio as fetsas.

Correm de toda a parte
Tenros Amores, que voando, e rindo,
Nas azas vão levar-te
Os rotos corações, que estás ferindo:
Tão cruento tributo
Receber podes com semblante enxuto!

Oh que de almas humanas
 C'o laço na garganta estão pependentes
 Dessas negras pestanas!
 Levas hum pezo tal, e não o sentes?
 E vives descançada
 De tão tristes despojos carregada?

Tu es a que não queres
 Mais que hum só coração por teu cativo?
 E tanto aos outros feres,
 Que para os escutar lhes dás motivo:
 Ouve o meu só, que sente
 Coufas, que juntas se achão raramente.

Nelle negros enganos
 Não forja a vil, a fordida mentira;
 Sentimentos humanos
 He quanto encobre, he quanto em fim respira;
 He mestre dos amantes,
 Tem palavras mais doces, que elegantes.

A grosseira esperança
 De hum fim commum, q̄ iguala a gente ás feras,
 Não he onde descança
 Hum grande coração, que ama de véras:
 Hum grande coração
 Tem mais louvavel, racional paixáo.

Da tua alma os destinos,
As cousas grandes, que o teu genio encerra:
Estes são os divinos,
Doces contrarios, que me fazem guerra:
Delles ando ferido,
Delles tenho por gloria o ser vencido.

Ninguem, ninguem me valha,
Aonde contra mim taes armas vejo;
Que morrer na batalha,
He a gloria maior do meu desejo;
Com tão bello inimigo,
Inda a gloria he maior, do que o perigo.

Contra mim novos raios
De teus formosos olhos arremeça,
Farás, que entre desmaios,
Em quanto não morrer, mais raios peça;
Fere, derriba, e mata,
Que eu te prometto não chamar-te ingrata.

Chama agora fraqueza
A' minha sujeição: crimina, e infama
A minha fingeleza:
Dize que he falso o rito, impura a chama
Deste meu sacrificio;
Fere-me a alma, faze o teu officio.

Outros modos procura
 De arruinar o meu tranquillo estado;
 Segue a minha ventura,
 E em campo, contra mim, põe-te a seu lado;
 Que por tal humicida,
 Em obtequio da mão, beijo a ferida.

III

Fez-se calvo este monte,
 Que inda hum lustro não ha que florescia;
 Seccou-se aquella fonte,
 Que arrebatada para o mar corria;
 Murchou-se este arvoredado,
 Despegou-se este rigido penedo.

Nestas desconjuntadas,
 Carcomidas paredes, algum' hora
 Eu já vi levantadas
 Soberbas torres, que não vejo agora;
 Choveo, tubio a cheia,
 E fez o Téjo praia, onde era Aldeia.

Pouco a pouco batendo
 Cavou o mar tão horridas montanhas,
 Como se lhe estão vendo
 Cada vez mais as humidas entranhas,
 Té o ferro deste arado
 Se tem feito ha tres dias mais delgado.

Affim nos vai levando
Hum dia, tão differente de outro dia,
O Padre venerando,
Que faz dos proprios filhos iguaria:
Ah Tempo avaro, e forte,
Companheiro da vida, irmão da morte!

Tu, que prendes ousado
A teu carro veloz ligeiros ventos,
E em gyro arrebatado,
Fazendo tão contrarios movimentos,
Co' as rodas de diamante
Tudo atropelas, que se põe diante.

Derribas a coluna,
Desfazes pouco a pouco a rócha erguida;
E da mesma Fortuna
Fazes mudar a face defabrida;
E não podes, ao menos,
Vencer em mim contrarios tão pequenos.

Que he do teu soberano
Invencivel poder? Se a paixão cega
Do fraco peito humano
(Por mais que por mim passes) não socega?
Esta alma he por ventura
Mais do que o ferro, mais que a pedra dura?

Tempo, que tudo gastas,
 Gasta-me esta paixão, que o peito encerra;
 Mas tu, tu só não bastas
 Para a gastar, para fazer-lhe guerra:
 Tempo, não podes nada,
 Se de ti zomba huma alma apaixonada.

Mas que milagre he este?
 Que he isto, justos Ceos, que em mim presinto,
 Que resplendor Celeste
 Me vai allumiando! Eu vejo extinto
 O horror dos olhos meus:
 Foi o tempo? Ou fui eu? Fostes vós, Ceos.

Já os amortecidos
 Olhos, contente para vós levanto;
 Já dou prompts ouvidos
 A'quellas vozes, que desprezei tanto:
 Respiro como d'antes,
 Inda venha igual bem aos mais amantes.



IV

A Lviçaras, humanos,
 Morreo, morreo Amor: A' fria terra
 Forão, forão com elle os vís enganos,
 Com que já vos fez guerra:
 Aqui o Deos vendado,
 Sem honras funeraes jaz sepultado;
 Nem merecia tellas,
 Que os malfeitores são indignos dellas.

Não houve em verso, ou prosa
 Quem o triste Epicedio lhe cantasse;
 Não houve mão de amigo, que piedosa
 Os olhos lhe cerrasse;
 Ninguém teve a lembrança
 De lhe dizer se quer: Em paz descança.
 Acabou desta sorte,
 Rio-se d'elle a Fortuna, o Tempo, e a Morte.

Eu fui quem aos impulsos
 Da dor de ímpias cadeias, que trazia,
 Dos denigrados pés, dos roxos pulsos
 Despedacei hum dia
 Tão vergonhosos lasso;
 E já soltas as mãos, livres os passos,
 Eu fui quem deste modo
 Venci o vencedor do Mundo todo.

De hum novo esforço armado
 Triunfar, ou morrer (disse a Cupido)
 Foste no Lago Estigio mergulhado,
 Para não ser ferido?
 Se lá houve com tudo
 Para o filho de Thetis ferro agudo,
 Padece o mesmo dano
 Tu, que es hum falso Deos, hum Rei tyrano.

Entre os braços o apérto,
 Dentro d'aljava as settas se quebrárão;
 E de hum mortal frio suor cuberto,
 Os ossos lhe estalárão.
 Por Marfiza chamou:
 Mal disse o nome amado, e suspirou;
 Beijando-me na face,
 Pedindo-me por ella que o soltasse.

Com que vergonha o digo!
 Entáo os braços affroxei hum tanto;
 Quiz perdoar-lhe, contendi comigo,
 Paro, vacillo, em quanto
 Mil cousas me lembrárão,
 Não fei se d'agua os olhos se arrazarão;
 Lembrou-me o quanto excede
 A mão, que dá, á pobre mão, que pede.

Qual Eneas piedoso,
Vendo Turno a seus pés pedindo a vida,
Suspendeo por hum pouco duvidoso
A espada no ar erguida:
Té que vendo-lhe ao lado
Pender o cinto de Palante amado,
Com tão triste lembrança
Nelle executa a ultima vingança.

Tal eu, vendo pendentos
Do hombro do inimigo os vis farpões,
Inda c'ò fresco sangue de innocentes,
Humanos corações:
De novo me enfureço,
E c'uma setta o peito lhe atraveço,
As azas sem conforto
Bateo espavorido, e cahio morto.

Esta a Tragedia triste,
Estas as settas, este o arco, e a venda,
Que serão testemunhas do que ouviste,
Despojos da contenda:
Jacte-se Alcides forte
Menos de seus triunfos; porque a morte
Do porco de Erimanto,
E da Hydra fatal, não valeo tanto.

Com a pelle Nemea
 Cubra a robusta espada victorioso,
 Que estas insignias dão-vos outra idéa
 De caso mais famoso:
 De Amor queixosas gentes
 Vinguei-vos, e vinguei-me, andai contentes;
 Já lá vão os enganos,
 Morreo Amor, alviçaras humanos.

V

MUfa minha, voemos,
 Onde as Virtudes morão;
 Nossos versos levemos,
 Por onde nunca nossos versos forão:
 Já sobre as nuvens levantar-me vejo.
 Ah não sejamos Icaros do Téjo!

Que Horizontes são estes!
 Que Paiz! Que habitantes!
 Tóco os Orbes Celestes!
 Bebo o lume dos Astros rutilantes!
 Como já vejo deste sitio estranho,
 A Terra tão pequena, o Sol tamanho!

Tu,

Tu, que as cascas passas
Dos Animaes Celestes,
Que as terras allumeas,
Que as flores pintas, que as montanhas vestes;
Mostra-me o Signo, dize-me que Estrella
Virão nascer de Anarda a filha bella.

Mas aqui chega a armada
Têsta do roubador,
Da sempre celebrada,
Formosissima filha de Agenor;
Tão enfeitada a fronte não trazia,
Quando com ella pelo mar fugia.

O' Signo venturoso,
Alegria do Mundo,
O' Nuncio do formoso
Verão, a que abre a porta Abril fecundo;
A quem serás fatal de hoje em diante,
Vendo em ti Marcia o seu Natal brilhante.

Constellação propicia
Serás a toda a gente;
Nos campos de Fenicia
Não pascias por certo tão contente,
Como depois que vás nos soberanos
Orbes de Marcia affinalando os annos.

No Zodiaco ardente,
 Tu não tens companheiro,
 Que não gyre contente:
 Sacode o vello o humido carneiro:
 Os abraços redobráo de alegria
 Os dous Irmãos em honra deste dia,

Olhando-te de inveja,
 Cada hum delles arde;
 Quer o Ceo que assim seja,
 Hum por não vir mais cedo, outro mais tarde;
 Não he assim a casta Caçadora,
 Que entre o rebanho das Estrellas mora.

Não he assim Lucina;
 Porque logo que nasce
 Esta illustre Menina,
 Disse, beijando-a na virginea face:
Descei, ó Musas, a cantar-lhe em verso;
Vinde, Virtudes, embalar-lhe o verso.

Deos te salve, mimosa,
 Tenra, innocente planta,
 O' mão, ó voz ditosa,
 Que primeiro que as outras te acalanta:
 O Ceo, de quem es fruto abençoado,
 Te liyará do fascinante olhado.

Dessas Graças Celestes,
 Que sobre ti descêrao,
 Guarda intactas as vestes:
 Por ti as Virgens do meu Coro esperão:
 C'o pé descalço accezas brazas piza,
 Serás do Templo meu Sacerdotiza.

Se hoje fora o insulto
 Desse vão Horostrato,
 Que eltragando o meu culto,
 Se fez odioso ao Mundo, ao Ceo ingrato:
 Ardêra o Templo, o Simulacro ardêra,
 Sem que outro filho de Filippe houvera.

Não são os ascendentes,
 De que elle procedia,
 Que os teus mais excellentes,
 De mais conselho, de mais grão valia:
 Faça dos filhos cru manjar Saturno,
 Darás materia de maior Coturno.

Quando Cloto engrossado
 O branco fio tenha
 Do tempo teu dourado,
 E a Primavera fazonando venha;
 Quando a luz da razão dobrar seus raios,
 Tornem a vir Abris, voltarem Maios.

Então cheia de gloria,
 De assombro, e maravilha,
 Lerás a antiga historia
 Dos generosos Pais, de quem es filha;
 E elles tendo em ti glorias iguais,
 Verão a filha, de quem forão Pais.

Inda agouros mais dinos
 Eu li no volumoso
 Livro dos Destinos
 O quinto dia deste mez famoso;
 Dia capaz, de que os Varões mais castos
 Te verão lançar nos Lusitanos Fastos.

Vós, Thagides vizinhas,
 Ide escolher redondas
 Quatro brancas pedrinhas,
 Que mais polirão as lambentes ondas,
 Com ellas numerai, entre os humanos,
 Quatro formosos apraziveis annos.

Tu,

*Fazendo annos a Illustrissima, e Excellentissima Se-
 nhora Dona Maria Rita Castello-Branco.*

VI

TU, brilhante Chiméra,
 Sonho dos acordados,
 Vai tentar essa gente, que te espera;
 Que os já defenganados,
 Não crem promessas vans, faustos agouros,
 De sonhados thesouros:
 Fortuna, não es nada,
 Nem tu podes ser mais que imaginada:

Chamem-te nas campanhas
 Arbitra das victorias,
 Chamem-te protectora das façanhas
 Nas corruptas historias;
 O primeiro, que os gellos mal seguros
 Forçou dos Alpes duros,
 Confesse que te deve
 Esses triunfos, que de Roma teve.

Mas de que lhe serviste?
 Se no meio da gloria,
 Sacudindo os cabellos, lhe fugiste,
 Levando-lhe a victoria?
 N'um Templo aereo, hum culto imaginario
 Te dê Jugurtha, e Mario,
 Scipião, e Pompeo,
 Nenhum destes Varões te conheceo.

Dizem, que o cofre abrindo
 Das riquezas avaras,
 As vás depois ás cegas conferindo;
 Que os remos, e as Tiaras
 Pendem das tuas mãos; que quando queres,
 Sem escolha as conferes;
 Que os Sceptros, e os cajados
 Dás a quem estes premios não são dados.

Dizem, que favoreces
 Os timidos Pilotos;
 Que es o Iris da paz, que lhe appareces
 Sobre os mastros já rotos;
 Que a ti só deve o havido dinheiro,
 Vem dizendo o Mineiro;
 Diz o Cultor de Ceres,
 Que mil frutos terá, se a mão lhe deres.

Ah gentes insensatas,
 Que chamastes Fortuna
 As acções mais infames, mais ingratas!
 Essa Deosa importuna
 Não influe nada nas tenções humanas,
 São desculpas tyranas
 Dos Atilas, dos Neros,
 Dos crueis Scylas, dos Dionysios feros.

Da montanha Tarpeya,
Vendo abraçar-se Roma,
O filho de Agripina se recreia,
E por Fortuna o toma:
A maldade de Fálaris cruenta
Contra os mortaes inventa
Tormentos exquisitos;
Elle os tem por Fortuna, e são delitos.

Vai o Grão Macedonio
A terra devastando;
Vai Oçtávio, vai Lepido, e Antonio
Cidades arrazando;
E os horrendos estragos, que fizerão,
Por Fortuna tiverão;
Que a falsa heroicidade
Não he Fortuna, senão he crueldade.

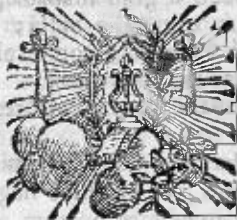
Monarchas poderosos,
Que viveis entre lustos,
Deixai de ser Oçtávios fanguinosos,
Se quereis ser Augustos:
Os vencidos descalços prizioneiros,
Que em triunfos guerreiros
Levais ao carro atados,
Não vos faz ser, ó Reis, affortunados.

Só quando ferrolhares
 Essas portas de Jano,
 Quando cheios de amor do Throno olhares
 Para o genero humano,
 Então sereis Heroes, tereis o nome,
 Que o tempo não confome:
 Isto he que he fer invicto,
 Seguir a Cesar, hobrear com Tito.

Fortuna do Universo,
 Que mão te fez senhora?
 He indigno o teu nome do meu verso:
 Foge perturbadora,
 Que tu não tens que dar, mais do que enganos
 Aos miseros humanos:
 Se es tão forte, tão rica,
 Que podes rudo, a Jupiter que fica?

Não tens, Fortuna avara,
 Dominio sobre a terra;
 Quem fertiliza a próvida seara,
 Quem triunfa na guerra,
 Quem salva a Náo, quem defencanta a mina,
 Quem muros arruina,
 He a necessidade,
 A força, a industria, a misera vaidade.

Maldita a mão primeira,
Que estatuas te eregirá;
Digna de Fama não, mas de fogueira:
Maldita a voz, e a Lyra,
Que louvores te der: proscrito seja
Algum, que te proteja:
Extinga-se o teu vulto,
O Templo, o Altar, o Sacerdote, o Culto.



IDILIOS

I

HUm dia ao pôr do Sol, hum triste dia,
 Que nunca para mim amanhecêra,
 Encontrei desgarrada
 A mais formosa Rez, que o Téjo cria;
 Do rico Melibeo a grão manada,
 Não traz outra tão bella;
 Se quereis, ó Pastores, conhecella,
 Para dar-lhe louvores,
 Estes são os sinaes, ouvi Pastores:

Formoso, e largo o peito, erguida a fronte,
 Negros os olhos, os cabellos negros,
 O passo mais airoso
 De rez, que o monte vio, desde que he monte;
 Até do seu balar brando, e mimoso,
 Pende como pasmado,
 Por mais faminto que se veja o gado;
 Que he mais doce mil vezes,
 Que o grosseiro balar das outras rezes.

Esta a formosa Rez, que achei sózinha,
Julguei-a sem Pastor em monte estranho;
E porque a noite escura
Já estendendo a triste sombra vinha
Pelos desertos campos da espezura,
Fui levando-a comigo
Para lhe dar no meu curral abrigo,
Antes que o tempo dêsse
Lugar a vir o Lobo, que a comesse.

Não vai elle tão soffregó levando
Sobre o faminto queixo atravessado
O tenro cordeirinho,
Pela faudosa mái em vão balando,
Como eu contente de a levar caminho.
Pelo meu mesmo braço
Hum novo aprisco para ella faço
De Cédro, e de Loureiro,
Que lhe repare o Sol, véde o chuveiro.

Ora de verde myrto, e rosas bellas
Para a fronte grinaldas lhe tecia,
Ora para o pesçoço
Festões de flores brancas, e amarellas;
Por mais que diga, encarecer não posso
O cuidado, que tinha
De apascentalla na mais branda hervinha,
Que por estes outeiros
Nunca pizada foi dos meus cordeiros.

Nunca a beber co' as outras a levava ;
 E ao brando fom da minha doce avena ,
 Comigo aos saltos hia :
 Ora corria alegre , ora parava ;
 E a cabeça inclinando , o cólo erguia ,
 Como para escutar-me.
 Ah ! que inda d'isto tanto sei lembrar-me ,
 Que até das mais antigas
 Repito , em seu louvor , estas cantigas.

Minha linda Achada ,
 Que nesta espeçura
 Tu achaste abrigo ,
 E eu achei ventura.

Tua formosura
 Dá-me tal cuidado ,
 Que até zelos tenho
 Do meu mesmo gado.

De mim apartado
 Anda o meu desejo ;
 Quando em mim o busco ,
 Só em ti o vejo.

Todo o que he no Téjo
 Baixo , ou grão Pastor ;
 Se da inveja escapa ,
 Cahe nas mãos de Amor.

Gil, outra melhor
Diz que tem de cria;
Que de leite hum tarro,
Enche cada dia.

E eu apostaria
Todo meu curral;
Que se elle te achára,
Não diffiera tal.

Não ha Rez igual
Em qualquer manada.
Ah, benza-te Deos,
Minha linda Achada.

Agora se quereis saber, Pastores,
O premio d'isto tudo, ouvi o premio:
Hum dia, que acabava
De entoar-lhe contente estes louvores,
Vi, que como os mais dias não brincava:
Não sei que me dizia
O triste coração, e a fantazia!
Inda agora esta mágoa
Me enche o peito de susto, os olhos de agoa.

Finalmente fugio, sem que até agora
 Alguem por estes campos dê fé della,
 Faz hoje tres semanas.
 Busco-a sem descansar a toda a hora
 Por montes, valles, moitas, e choupanas.
 Pastores, nas Aldeias
 Fugi de agazalhar Rêzes albeias,
 Que deixão quem as ama
 Pelo primeiro, que talvez as chama.

II

NÃO são dos passarinhos os reclamos,
 A' sombra buliçosa
 Dos movediços ramos,
 Pela alta césta da estação frondosa,
 Tão gratos, como as breves,
 Simples palavras, com que Amor descreves.

Não he ás flores tão preciso o orvalho,
 O cudeço ás cabrinhas,
 A's terras o trabalho,
 Como as tuas letras ás laudades minhas:
 Discorre, escreve, falla,
 Marcia te cede, Ulinda não te igualla.

Dize, formosa Isbela: Onde bebeſte
Hum eſtilo tão grato?
Dize: Quando eſcreveſte,
Molhaſte a penna no licor de Erato?
Não me agradára tanto
Poſto á meza de Jove o Nectar ſanto.

Da Não, que vem de longe, o paſſageiro
Ouvindo dizer, terra,
Ao excelſo gageiro,
Menos contentamento n'alma encerra,
Do que eu ouvindo a pura
Voz da tua ſuaviſſima eſcritura.

Fluidas vozes, fraſes innocentes
Te cahem da boca em fio;
Não em groſſas correntes
Por catadupas de eſtrondoso rio;
Es fonte de alta graça,
Que murmurando, os corações traſpaça.

Eſtas ſão as palavras poderoſas
Da Magica ſciencia;
Aservas virtuoſas,
Que mudão pouco a pouco a minha eſſencia;
Já creio que ha Medeas,
Que he poſſivel o canto das Sereas.

Quando na boca taes palavras tomo,
 Que em teus escritos leio,
 Não sei como os não como:
 Ser mais suave o nosso mel não creio,
 Nem eu creio que fosse
 Dos mesmos favos de Hybla o mel mais doce.

Andão de regra em regra os Amotinhos
 Cada letra beijando,
 Quaes andão nos raminhos
 Ao redor as abelhas fuçurrando;
 Os Risos, e os Enfados
 Andão brincando nellas abraçados.

Todas as Graças para ti fugirão;
 Fizerão-te hum thesouro
 De quanto repartirão
 Nas Marinhas do sal, nas Minas do ouro;
 Na boca te estão dando
 Lascivos beijos, quando estás fallando.

Ellas te dictão quanto escrever debes,
 E das azas lhe tiras
 A penna, com que escreves:
 Ouvem-se suspirar, se tu suspiras;
 E se brincar te vem,
 Brincão comtigo, alegrão-se tambem.

Vós, mulheres, que tendes decorado
 Em rançosas novellas
 Hum fallar estudado,
 Que nada significa: Longe dellas,
 Longe frase importuna
 Em crystaes d'alma, em Roda da Fortuna.

O livro abri da mestra Natureza,
 Vereis como reparte
 O gosto, e a tristeza:
 Clamem embora os professores da Arte,
 Que hum fallar innocente,
 Fará sentir o peito, que não sente.

Consultai, como Isbela, o que em vós passa:
 Exprimi, se puderdes,
 C'ò mesmo estylo, e graça
 Da vossa alma as paixões, quando escreverdes:
 Isbela encantadora,
 Quem te fallára, quem te ouvira agora!

III

Gostosa companhia,
 Onde acharei sem ti, gentil Pastora;
 Onde verei, sem ver-te, a luz do dia,
 Por mais alegre, que amanheça a Aurora?
 Aonde o triste rosto
 Voltarei, que não veja o meu desgosto?

Sem

Sem ti, sonoras fontes,
 Amenas sombras, virações suaves,
 Verdes campos, rolados Horizontes;
 Ao pôr do Sol a musica das aves,
 A prática de amores,
 Canto de Ninfas, baile de Pastores.

Sem ti, Marcia querida,
 Em vez de gosto, me fará tristeza;
 Não póde haver tamanho bem na vida,
 A quem eu não perverta a natureza;
 Nem cousa tão gostosa,
 Que a não corrompa esta paixão faudosa.

Sem ti, desconsolado,
 Esquecido talvez de que ha ribeiros,
 Pelo monte andarei como pasmado,
 Sem levar a beber os meus cordeiros:
 Magros se tornarão,
 Como eu, de pena, á sede acabaráo.

Verei crescer meus males,
 Como algum dia as minhas esperanças;
 E lá n'outros outeiros, n'outros vales,
 Em vez de ovelhas, guardarei lembranças;
 Lagrimas, que a alma encerra,
 Sementes serão só, que eu lance á terra.

No meu triste semblante
Leráó, finaes de mágoa, o Ceo, e a gente:
Que ou a luz se sepulte, ou se levante,
Testemunhas serão continuamente
Desta minha agonia
As Estrellas de noite, o Sol de dia.

Irei ao mais sombrio,
Mais deserto lugar, que o campo tenha;
E na margem faudosa de algum rio,
Que só a hum melancolico convenha,
Marcia, de quando em quando,
N'alma os teus géstos estarei pintando.

Agora o peregrino
Rosto da cor do Ceo, quando amanhece;
Agora aquelle espirito Divino
D'uns olhos cor do Ceo, quando anoitece;
Agora as tranças bellas,
Com que Amor brinça, por prender-se nellas.

Agora as mãos formosas,
Onde a minha vontade ficou preza;
Agora a boca de jasmíns, e rosas,
Onde a Graça se ri por natureza;
Agora o peito, aonde
Contempla o gosto, o que a modestia esconde.

De lá meu pensamento
 Te virá visitar nestes lugares ;
 De lá suspiros meus soltos ao vento ,
 Noticia te trarão dos meus pezares :
 Ouve-os compadecida ,
 Que podem fer os ultimos da vida.

Quantas vezes no dia
 Não recordarei n'alma aquelle instante ,
 Instante de prazer , e de agonia ,
 Que misturou Amor no teu semblante !
 Mil mortes , que eu padeça ,
 Nunca farão que tal favor me esqueça.

Quantas vezes olhando
 Para as aguas do Téjo vagaroso ,
 Que vem para onde estás escorregando ,
 Quererei vir com ellas de faudofo !
 Mas eu chorarei tanto ,
 Que nellas venha transformado em pranto.

Ditosos estes prados ,
 Que irão só com te ver reverdecendo ;
 Mais que ditosos , bemaventurados
 Aquelles olhos , que te ficão vendo :
 Os meus pois te perdêrão ,
 Não para ver , para chorar nascêrão.

Qual ramo , que cortado
Do tronco radical no chão exposto ,
A ser dos pés de todos maltratado ,
Vai ficando sem folhas descomposto ;
Té que secco , e despido ,
Já não parece o mesmo , que tem sido.

Tal eu , sem ver teus olhos ,
Aonde deixo co' a esperança a vida ,
Em vez de flores , pizarei abrolhos
Co' a macillenta face descabida ;
Ficarei tão diffiente ,
Que a mim mesmo por mim pergunte a gente.

Affim , gentil Pastora ,
A vida passarei , (se isto he ter vida)
Aré que chegue (se chegar) a hora
Por mim continuamente aos Ceos pedida :
Só este allivio quero ,
Só este allivio (se he allivio) espero.

E P I C E D I O

DA chara vossa Irmã, illustre Conde,
 Jaz o frio cadaver sepultado,
 Por final, que o lugar em que se esconde,
 Deixei com minhas lagrimas banhado:
 He do cofre medonho
 A fatal chave, que na mão vos ponho.

Alli ficou depositada aquella,
 Que Idolo foi do nosso amor na vida,
 Sem lhe valer o ser illustre, ou bella,
 Para escapar desta mortal partida.
 Que diffrentes lugares,
 Hoje em sepulchro, hontem nos Altares!

Eu vi, Senhor, (ó quem tirar pudera,
 Por não ver tal, os olhos magoados)
 A boca muda, o rosto cor de cera,
 Prezas as mãos, os olhos encovados,
 Fluctuante a cabeça
 Da defunta Illustrissima Condeça.

Quaes pelo chão aos impetos do vento,
 De antigos troncos seccas folhas jazem,
 Quaes despegadas taboas no violento
 Naufragio á praia horriveis ondas trazem:
 Tal, Anarda querida,
 He Não desfeita, he arvore despida.

Eis-

Eis-aqui os thesouros, que esta chave
 Esconde, guarda, e para sempre encerra;
 Onde, por mais que se profunde, e cave,
 Ver-se-ha só o ouro convertido em terra;
 Que he no fraco, e no forte,
 Hum sonho a vida, huma verdade a morte.

Mas feliz vossa Irmã, que depois della
 Voou ao Ceo; e já batendo as azas,
 Vê, se o Sol he tamanho de huma Estrella,
 Como gyra do anno as doze Cazas;
 Já sabe de mais perto,
 Qual dos varios systemas he mais cerro.

Contempla as Leis eternas, com que estão
 Os Orbes em perpétuo movimento;
 E onde não se atreveo chegar Platão,
 Chega ella só c'o puro entendimento:
 Ouve, e vê sem desfmaio,
 O éco do trovão, a luz do raio.

Lá no clima dos Bemaventurados,
 Onde impuras particulas não gyrão,
 Como nos ares cá inficionados
 Da corrupção, que os vis mortaes respirão,
 Já não teme a presença
 Da intempestiva, da mortal doença.

De impassiveis espiritos cercada
 Está hombro com hombro c' os famosos
 Progenitores seus, que a mesma estrada
 Seguirão cá no Mundo virtuofos:
 Já não cura da vida,
 Em materias mais altas embebida.

Pagou em fim á morte o seu tributo,
 Que he sujeito a morrer todo o que nasce;
 E forão noslas lagrimas de fruto,
 Se ella só com chorar resuscitasse;
 Porém a Lei, que o manda,
 Nem com pedir, nem com chorar se abranda.

Não quer, Senhor, quem morre este suffragio,
 Perturbador da paz de huma alma bella;
 He cruel, mas preciso este naufragio
 Contra quem não valeo força de véla:
 Embora a Não se alague,
 Mas nunca o soffrimento em nós naufrague.

CAN-

*A' morte da Illustrissima, e Excellentissima Senhora
 Condesa Pombeiro.*

C A N Ç Õ E S.

I

TU, que tens feito na minha alma affento,
Nume fatal, cruel melancolia,
Mereça-te este dia,
Que me deixes, que mudes de aposento;
Possa huma vez com gofio
Erguer a voz, alevantar o rofio.

Aquelle negro humor, que derramafte
Sobre meus triftes versos até agora,
Hoje lancemos fóra:
Das aguas, que com elle invenenafte,
A beber não tornemos:
Outras mais puras, mais vizinhas temos.

Ninfas, que fois custodias de huma fonte,
Que ha de fer hoje confagrada ás Mufas
Nas nossas praias Lufas,
Fazei que á terra, ao mar, e ao Ceo fe conte,
Que da Samaritana
O licor de Aganipe corre, e mana.

Não escrevo c'ò dedo em solta arêa
 Moles versos de Amor, mais alto intento
 Levar meu pensamento ;
 Creai, Ninfas, creai na minha idéa
 Cousas dignas de Conde,
 Vós me influi, meu animo dispõe.

Vinde enramar-me a Cythara de louro,
 A pôr-lhe os rudes dedos ensinai-me ;
 Ah Ninfas, emprestai-me
 Vossos cabellos para cordas de ouro ;
 Farei, se puder tanto,
 Que tambem seja vosso este meu canto.

E tu, longiquo, affamado Oriente,
 Que cá mandaste o vulto luminoso
 De dia tão famoso,
 Tanto te fica agradecida a gente,
 Que só por hum tal dia,
 Toda a tua riqueza engeitaria.

Desse atrevido Lavrador primeiro,
 Que sulcos fez nos campos de Anfitrite,
 A pezar do limite,
 Que nelle em vão poz Hercules guerreiro ;
 E que tão longe fora,
 Que vio nascer em seu regaço Aurora.

Desse teu immortal descobridor,
 Por quem chorarão sempre o Gange, e o Indo,
 Para os Pais nasceo rindo
 Hum justo herdeiro, hum digno successor
 Do titulo, e da gloria
 Das virtudes, dos bens, e da memoria.

Logo em seu nascimento os Vates Santos,
 Que a urna dos futuros revolvêrão,
 Dia, ó dia, disserão,
Amanhecido para bem de tantos:
 As Musas se alegrarão,
 Mordeo-se a Inveja, as Parcas suspirarão.

*Vem, hum dizia, ó rama generosa,
 Honrar de teus Avós o tronco antigo:
 Vem a servir de abrigo
 Com tua sombra á gente desditosa,
 Que em ti os olhos tem
 Da mais certa esperança, do seu bem.*

*Mette, adorado, prodigioso Infante,
 A tenra mão nos cofres da ventura;
 E por trofeo pendura
 No teu portal a roda de diamante;
 Porque a Virtude bella,
 Já no teu coração triunfa della.*

Outro as doces prizões lhe vaticina,
 De que Hymineo a faxa lhe prepara:
 Elege a esposa chara,
 Que de conjuge tal, ha de ser digna,
 Dá-nos para o respeito
 Imagens tuas no devido leito.

Outra nova figura lhe levanta
 De coroas, e palmas, disse, eu vejo
 Cercado o Padre Téjo,
 Que para o teu Palacio aponta, e canta,
 Meneando a cabeça,
 Que a fabricallas para ti começa.

Mas hum, que aos mais interpretes preside,
 Soltando as roupas auguraes, prepara
 Na dextra a fatal vara,
 Em quatro partes co' ella o Ceo divide;
 E dando hum ai primeiro,
 Assim disse o fatidico Agoureiro:

*Esse, que corre á discricção do vento,
 Entregue ás tempestades do Destino,
 A quem fez de menino
 Forçado na Galé do soffrimento,
 Já perdendo a esperança
 De ver hum dia a face da bonança.*

Do Pindo as fraldas semeará sem fruto,
 Que em vez de Louro lhe darão Cypreste;
 E ao som da frauta agreste,
 Em vão ás portas cantará de Pluto,
 Num, e n'outro perigo
 Cabirá, fóra aquelles, que eu não digo.

Depois, com tudo, de cantar chorando
 A livre vida de embaraços cheia
 Na comprida cadeia
 De seus antigos males tropeçando,
 A ti virá correndo;
 Seu Fado o deixará logo em te vendo.

Mais queria dizer; mas a Alegria,
 Que voando ao redor do berço andava;
 Lhe disse, que turvava
 C'o canto seu a gloria deste dia:
 Mudou de tom, e rosto,
 E encheo, cantando, os corações de gosto.

Quem não dirá, excelso Vidigueira,
 Que eu sou o triste, de que o Vate falla;
 A quem, a quem igualla,
 Senão a mim, Fortuna tão rasteira:
 Quem me enchugára o pranto?
 A tu não feres, quem podia tanto?

Tu no naufragio ao porto me levaste
 Unico porto, que encontrei de abrigo:
 Eu me abracei contigo,
 A taboa foste, a vida me salvaste;
 Que em final da victoria,
 Inda hei de ir pôr no Templo da Memoria.

Não nasce o grande para si sómente,
 Ha de ser util, ha de ser piedoso:
 Sabe, ó Conde virtuoso,
 Que não es todo teu, que es da mais gente:
 Sem estas preeminencias,
 De pouco importa illustres descendencias.

Que importa aos Reis o Sceptro seu dourado,
 Grão poder aos Senhores, e aos Dinastas,
 Se a aculeos, e catastas
 Inda c'o fresco sangue derramado
 De tantos innocentes,
 Os fez indignos do louvor das gentes?

Descender de Varões, que em mil batalhas,
 Cheios de sangue, e pó, se affinalarão,
 De que depois deixarão
 Para memoria authenticas medalhas;
 Póde honrar os sujeitos,
 Mas não fazellos, se o não são, perfeitos.

A' carroça triumphal levem mil vezes
Varrendo a terra mil pendões ganhados,
Corpos desconjuntados,
Douradas lanças, inclytos arnezes;
E com as mãos atadas,
Sobre as costas mil gentes desgraçadas.

O teu triumpho, ó Conde, he mais luzido;
Não se compõe de ferro, ou sangue alheio:
Por mais illustre meio
Tu es o vencedor, e es o vencido:
Não te vingas, podendo,
Diffimulas do ingrato o crime horrendo.

Não podes ver o rosto descórado
Da encolhida pobreza, sem que logo
Da caridade o fogo
Te não abraze o peito magoado:
Em quem nunca foi pobre,
Não ha, Senhor, estímulo mais nobre.

Não te chegas a vis aduladores
Para fer da lisonja bafejado,
Pois tens esprimentado,
Que he a mentira quem lhe finge as cores;
E ainda assim póde tanto,
Que não lembrou ás Circes este encanto.

Se te enfureces, porque se não infra,
 Que esta paixão c' o odio se mistura,
 Huma doce ternura
 Acode logo a temperar-te a ira,
 Escusas o conselho
 De te veres colerico no espelho.

Tu pizas a Soberba por mil modos,
 Salvo o respeito, a ordem não confundo,
 Pois sabes que he no Mundo
 O Chefe das Nações o Pai de todos:
 Se ha algum mais que humano,
 He quem se faz por obras soberano.

Eis-aqui a materia, em que tu cévas
 Do teu benigno coração a gloria,
 Despojos da victoria,
 Que gloriosamente a todos levas:
 Elles são neste dia
 Quem o faz claro, quem lhe dá valia.

Estas novas insignias, que se adorão,
 E inda háo de ser no escudo teu gravadas
 Com fabulas forjadas
 Nas fomalhas de Lipari, não forão
 Pelos Cyclopes rudes,
 Sim pelas mãos das immortaes Virtudes.

Em quanto, ó Conde, no regaço dellas,
 Dos annos teus os parabens escutas,
 E das musgofas grutas
 Te vem beijar a mão as Ninfas bellas,
 Co' a lança escreva Marte
 O teu nome no bellico estendarte.

No Reino escuro dos tormentos vivos
 Pofsão, primeiro hum dia, descansando
 Do trabalho execrando,
 Seu tanque d'agua encher c'os rotos crivos
 As Belides ímpias,
 Que se terminem teus famosos dias.

Canção, quando chegares
 Diante dos Altares
 Daquelle Heroe, de quem tu só es digna,
 Encolhe as azas, a cabeça inclina,
 Em meu nome o corteja,
 E o pedestal da sua estaua beija.

Aquel-

*Fazendo annos o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor
 Conde da Vidigueira.*

II

A Quelle, que furcando
 Vai procelosos mares,
 Ao vento as vélas dando
 Em demanda de inhospitos lugares:

Aquelle, que sózinho
 De enroscada serpente,
 Em deserto caminho,
 Expõe a vida ao venenoso dente:

Aquelle, a quem succede
 Passar ferra mui alta,
 Que olha debaixo, e mede
 A grande altura, que subir lhe falta;

Aquelle, que apostando
 Chegar primeiro á raia,
 Perde o triumpho, quando
 Cheio de pó, e de suor desmaia:

Menos afflicto accusa
 O seu arduo projecto,
 Do que hoje a minha Musa
 Peço valor para tamanho objecto.

Estende, ó Musa nossa,
As crespas azas bellas,
E permite que possa
Hoje a penna melhor arrancar dellas.

Escrevamos o dia
Maior, que o Sol tem feito,
Para quem fer devia
Melhor que pedra branca, o nosso peito:

Dia, dia ditoso,
De quem o esquecimento
Fugirá respeitoso,
Em quanto houver no Mundo entendimento:

Dia, Illustre Condessa,
Em que a nossa memoria
Não descança, não cessa
De honrar, podendo, do teu nome a gloria:

Dia, em que os Amores
O berço te embalarão,
E os ferros passadores
Dos olhos teus, na viva luz forjarão.

Tomarão-te nos braços
As tres gentis Donzellas,
E ficaste entre abraços
A quarta Graça, entre as Graças bellas.

Ao som do teu louvor
 Então adormecias ;
 Era o sabio Cantor
 O doce genio , que depois terias.

Já nos dons soberanos ,
 Que em ti vemos agora ,
 Promettia a teus annos
 Frutos Pomona na Estação de Flora.

Hum raio intelligente
 Ferio a tua infancia ,
 Oh como vivamente
 Brilhar o vemos na maior distancia !

Que virtude celeste
 Por ti se não reparte !
 Mas se do Ceo viesse ,
 Como havia deixar de acompanhar-te ?

Com ellas te coroas
 Em final da victoria ,
 São azas , com que voas
 Ao respeitavel Templo da Memoria.

Em torno dos Altares ,
 Que a teu nome erigirão ,
 Verás subir aos ares
 Louvores taes , que nunca lá subirão.

Por mais que a morte estude,
Zomba do seu desígnio,
Que está fóra a virtude
Das implacaveis Leis do seu dominio.

O Tempo devorante
Encosta a foice injusta;
E absorto, em teu semblante,
O relógio lhe cahe da mão robusta.

O Odio, que embebia
Duro punhal no peito,
Em honra deste dia
Se arrepende dos males, que tem feito.

A mesma torpe Inveja,
Dando menos gemidos,
Porque melhor te veja,
Concerta hum pouco os olhos retorcidos.

Desfaz-se a noite escura,
Quando a Aurora amanhece:
He noite quem murmura,
He luz do claro dia quem merece.

Ah! Respeitai humanos
Hum dia tão sagrado:
Destes mesmos tiranos,
Para maior affombro respeitado.

Canção minha, se fores
 Beijar a mão daquella,
 De quem cantando vás estes louvores,
 Dize, jurando nella,
 Inda que venho falta
 Dos brilhantes adornos deste dia,
 Virtude só se exalta
 Com a verdade honrosa,
 Quanto mais nua, tanto mais formosa:

*Fazendo annos a Illustrissima, e Excellentissima Senhora
 Condesa de Oeyras.*

III

JA' sobre os Horizontes
 Sobem os aureos crinos facudindo
 Os rapidos Etontes:
 Já Phebo, novos circulos abrindo,
 Nos vem apparecendo;
 E os rutilantes eixos revolvendo
 Do coche etereo, que modera, e guia;
 Traz aos mortaes o mais brilhante dia.

Como vem debruçado,
Tomando as redeas do immortal governo,
Para ver se parado
Póde fazer-nos este dia eterno:
Ah que em vão curva o braço
Para deter dos seus frizões o paço!
Que a pezar seu, e a meu pezar o vejo
Nascer no Hydaspes, e vir morrer no Téjo.

O livido veneno,
Que derramado em frivolos Altares,
He no grande, e pequeno
Sustento só das almas populares:
Aonio meu, não creias
Que no teu dia me corrompe as veias;
Bem longe do teu halito maligno
Respiro, ó monstro da lisonja indigno.

Não esperes que diga,
Que torne a vir o Seculo dourado;
Que nasça a verde espiga,
Sem a cultura do engenhoso arado;
Que esteja doce, e brando
O loiro mel dos ramos gotejando;
Ou que sem riscos metta o innocente
A tenra mão na boca da serpente.

Que possa animo egregio
 Correr livre das Leis da humanidade,
 Que tenhas privilegio
 De passar, sem morrer, á Eternidade:
 Minha Musa não finge
 Cor, que do Tempo a negra mão distingue:
 Pinte Alexandre sem defeito Apelles,
 Porque eu não tenho que esconder em Telles.

Em ti, Aonio, vemos
 Nascer outro Alexandre mais perfeito,
 Para ti só sabemos,
 Que inda mais Mundos, erão campo estreito:
 Aquelle peleijava,
 Só para dar as coufas, que tirava:
 Olha a differença, com que tu suspiras,
 Que para dallas, a ti mesmo as tiras.

Já quando te embalarão,
 Cuido que ao som de musica celeste
 As acções te contarão
 Das almas grandes, que por Pais tiveste:
 Se ha Heroes pequeninos,
 Tu só nasceste Heroe entre os meninos:
 Do justo nasce o justo, e dos guerreiros
 Leões, não vem os timidos cordeiros.

Qual hera retrocida ,
Que vai trepando aos troncos abraçada ,
A tua heroica vida
Co' as florentes Virtudes enlaçada ;
Da Fama ao Santo Templo
Subindo irá , para servir de exemplo ;
Que logo a rica , e fertil Primavera
Aponta os frutos , que o Outono espera :

Oh se assim os mais Neros
As frias cinzas dos Avós honrassem !
Erguei-vos , esqueletos ,
Vinde vello oh se aqui refuscitassem
Co' as fronte enramadas
Das incorruptas palmas já ganhadas ,
Os Heroes todos ! . . . Mas bastava hum Gama ,
De quem es digno de imitar na Fama.

Não só a mão tingida
No sangue do contrario em terra alheia ;
Não só pôr em fugida
A grão Cidade , a temerosa Aldeia ;
Não só vencer as guerras
Do vento em foracões , do mar em ferras :
São coufas dignas de fecunda historia ,
Tem entre nós mais titulos a gloria.

Em ti, de tronco altivo,
 Em flor hum novo Heroe vem rebentando;
 Inda darás motivo,
 A que esta fraca voz alevantando,
 Por mim declare o Fado
 Os altos fins, para que estás guardado:
 Qual prudente cultor, que a terra amanha,
 Que antes de tempo, nunca o fruto apanha.

O mesmo Author do Mundo
 Não o fez todo, como está, n'um dia;
 O mesmo Author fecundo,
 Que só com dizer *Faça-se*, podia
 Formar mil Universos
 Muito maiores, muito mais diversos:
 Foi primeiro semente a secca estriça:
 O grão, primeiro he grão, que seja espiga.

Curtas asteas plantadas,
 Formando pouco a pouco hum tronco eterno,
 Tem depois de copadas
 Nos Ceos os ramos, a raiz no Inferno.
 Virá tempo, em que possas
 Ser, claro Telles, as delicias nossas;
 Fartarás o faminto, e são desejo
 De fazer couças, com que palse o Téjo.

Vai cultivando a bella
Virtude, a cujos peitos te creaste,
Offerece-lhe aquella
Rara victoria, que ás paixões negaste;
Piza, como até agora,
Essa paixão das mais paixões, Senhora;
Vinga as mais almas, que não podem tanto,
Darás materia a nunca ouvido canto.

Em veneno banhada
A negra vista da enfezada Inveja,
Contra ti revirada,
Para te dar quebranto, em vão forceja,
Nem precisas do agouro
Do Santo Nardo, ou masculino Louro;
Pois tens mais santo, e eterno defensivo
Na luz do teu merecimento altivo.

Por mais que abra Pandora
Do cofre seu as portas refulgentes,
E dure a vida embora,
Em quanto o claro Sol der luz ás gentes,
Entre os fracos humanos
Não será vida a duração dos annos,
Sem que a razão de algum merecimento
Sirva aos nossos espiritos de alento.

Inda durão rochedos,
 Que do Diluvio as aguas alagarão,
 Robustos arvoredos,
 Que os indomitos Euros açoutarão,
 Na memoria dos homens
 Tem mil Sphinges estampado os nomes:
 Quem fô mais annos de virtudes conta,
 Mais nas azas do Tempo se remonta.

Canção, se te notarem de cançada,
 Responde, que não vinhas
 Para voar tão alto preparada;
 Mas que contempas na presaga idéa,
 Que inda has de converter-te em Epopéa.

*Fazendo annos o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor
 D. Antonio Xavier Telles.*

IV

Quem são? Quem são aquelles exemplares
 De valor, e destreza,
 Que ora juntos ao Throno, ora aos Altares,
 São já por natureza,
 Nos lances mais forçosos,
 Ao Rei fieis, a Deos Religiosos?

Quem

Quem hão de ser? Os Marialvas são;
Que gerar não podia
Cordeiros vis, magnanimo Leão:
A virtude, que os guia,
He outra excelsa herança,
Que os faz mais dignos de immortal lembrança:

Santo districto da feliz Merceana,
Em teus silvestres braços
Vem recebellos, e vem a dar-lhe ufana
Respeitosos abraços;
E de novo em teus montes
Renação flores, e borbulhem fontes.

Teus redondos, e rusticos Pinheiros
Em Cedros transformados,
Teu mato agreste em delcicos Loureiros
Lhe sejam consagrados;
Porque outrem appareça,
Que estatuas lavre, que grinaldas teça.

Que eu posso, apenas de respeito, e medo,
Cá de longe mostrar-te
Com balbuciente voz, tremulo dedo
Do todo a menor parte;
Nem póde a minha Muza
Dizer-lhe cousa, que louvor produza.

Tu os verás no Sacrofancto Templo
 Da intacta Maria,
 A sã piédade promover o exemplo
 Na nobre companhia,
 Para que o nobre estude
 Em lhe fer companheiro na Virtude.

Tu os verás belligeros, e astutos
 Em campo destemidos,
 Ora vencendo, ora domando os brutos
 Por arte conduzidos,
 Escurecer a nescia
 Carreira, e luta, da alta Roma, e Grecia.

Mas sóbe a vellos do lugar mais alto
 Desses teus arredores,
 Vê-os entrar já no primeiro assalto
 C'os brutos contendores;
 Vê-os por força, e geito
 Ferillos frente a frente, e peito a peito.

Verás Mas como o gosto de admirallos
 Eu te estou demorando?
 Ah que eu já vejo os fervidos cavallos
 Os freios mastigando!
 Já de córagem tremem,
 Já c'o pezo dos duros Martes gemem.

Entrai sem fusto , ó devoção constante ,
 Que ao triunfo vizinho
 Eu já vejo a Fortuna vir diante
 Abrindo-vos caminho :
 Fazei , que em vós se veja ,
 Que mais que o braço , o coração peleja.

Canção , não se te dê de ser pequena ;
 E saiba quem por isso te condena ,
 Que basta aos grandes homêes
 Para elogio o repetir-lhe os nomes.

Festejando o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Marialva, e seus Filhos a Virgem Santissima da Merceana.

V

Illustre Dom Gastão , sabio Coutinho ,
 Que nas aguas do Téjo ,
 Do Téjo teu vizinho ,
 Qual branco Cisne mergulhar te vejo ,
 Se não cantas agora ,
 Que interromper não quero a voz sonora
 De teu Divino canto ,
 De huma ave nocturna escuta o pranto.

Que

Que são as aves tristes agoureiras
 De casos defaistrados,
 Dizem almas rasteiras,
 Que bebêrao costumes estragados:
 A tua illustre, e forte
 Pensa de outra maneira, de outra forte,
 Não crê superstições
 De corruptas, de barbaras nações.

E pois tens costumados os ouvidos
 A súplicas, e queixas,
 A prantos, e gemidos,
 A cujo triste som já mais os feixas:
 Tu, que por toda a parte
 Favoreces Apollo, honras a Marte,
 Sobre os seus professores
 Espalhando ás mãos cheias os favores.

Benigno escutarás a voz doente
 De huma Musa, que chora
 Desprezada da gente,
 Da mesma gente, que ella honrou té agora;
 Pedia a dor da injuria
 Que a Musa aqui se convertesse em Furia;
 Que as tranças arrançasse,
 Que em vez de flores, viboras soltasse.

Não que, por tal, meus versos pertendessem,
Que Louros, e Amarantho
Capellas lhe receissem,
Que eu sei, Senhor, que não merecem tanto:
Contento-me com menos,
A pequenos convem premios pequenos:
Armas, que a Ajax se devem,
Só vãos Olisses a pedir se atrevem.

Hum gesto humano, hum doce acolhimento
Contente me traria;
Mas onde o pensamento
Me levais inquieto a fantazia!
De ricos desenganos,
Thefouro fiz para futuros danos:
Longe de mim lembrança
De acção, que possa parecer vingança.

Só tu, Gástão, só tu, Senhor, es dino:
De hum elogio eterno,
De hum canto mais Divino,
Que o que tirou Euridice do Inferno:
Não presumas, que a arte
Da lisonja me guia, não tem parte
Em candido sujeito,
Tal he minha expressão, tal he meu peito.

Tentem de Pindaro a venal poesia,
 Grecia dracmas lhe offreça,
 Porque em solta harmonia
 As acções de Pitheas engrandeça:
 Louve encontros, e riscos
 De seccas lutas, de pezados dicos:
 Nada invejo, que eu tenho
 Mais alto assumpto, se mais baixo engenho.

Bem longe estão meus versos de louvallos:
 Olimpicas fadigas
 De espumantes cavallos,
 Açourados de Heroes destros aurigas;
 Disputas indiscretas
 De nús untados corpos dos Athletas,
 Tudo exercicios rudes,
 Maravilhas ferão, mas não Virtudes.

Foi por mais alto preço que comprárão
 Sujeitos eminentes
 O nome, que alcançárão
 De almos Varões, Heroes resplandecentes:
 He, Senhor, de outra sorte,
 Que se triunfa do poder da morte:
 Outra he a coroa,
 Outras as azas, com que ao Ceo se voa.

Olha os teus illustrissimos Maiores
 Como se affinalárão,
 Fazendo-se acrédores
 Das immortaes memorias, que deixárão :
 Vê este com que empenho
 Pela Fé, pela Patria, em curvo lenho,
 Córta com solto pano
 As Athalanticas ondas do Oceano.

Olha como nas fervidas areias
 Das praias Africanas,
 Faz sobre altas ameias
 Despregar as bandeiras Lusitanas:
 Tu, Calpe, que divides
 De Abila o mar, em que parou Alcides,
 Vê do teu alto cume
 Se este he capaz de lhe fazer ciume.

Este he o Alcides, que tentou primeiro
 Dos Nautas Purtuguezes,
 Por mar aventureiro,
 Ir demandar o porto dos Inglezes :
 O primeiro, que ousado
 Perdeo terra de vista, e que apartado
 Cá de seus patrios Lares,
 No meio a Ilha achou de estranhos mares.

A Ilha da Madeira, que povoa;
 E depois governára,
 De que fez em Lisboa
 Titulo novo, o Rey, que o lá mandára:
 Vê aquelle, que doma
 Em Arzila os sequazes de Mafoma: -
 Aquelle, que inda cheio
 De pó triumphal honrar a Patria veio.

Igualmente lhe ajusta, e se lhe applica
 A espada, que a balança,
 A Toga, que a Lorica,
 Pois nelle vive a guerra, e a paz descança:
 Preside na Assembléa
 Fiel, legal moderador de Astréa:
 Oh Varão sem segundo,
 Valente, em obras, em razões fecundo!

Lá vai sem descançar pôr freio á gente,
 Que jaz áquem do Ganges;
 Vê como de repente
 Lhe cahem das mãos os Indicos alfanges:
 Ceilão de vello geme;
 No Çamorim o Malavar o teme;
 Foge-lhe a Turca Armada,
 Prova os fios Raju da invicta espada.

Repara n'um, que sempre guarnecido
Trouxe o corpo guerreiro
Do pezado vestido,
Que lhe forjou de Lipari o ferreiro:
Hum he dos redemptores
De Portugal captivo de traidores,
Que o tirarão do fero
Poder das garras do Leão Ibero.

Entra em Cascaes, e em seus rebeldes pullos
Duras algemas deita,
Dos contrarios expulsos
A fortaleza a seu poder sujeita;
Da fordida Galiza
Vai ver as terras, que triunfante piza:
Inda por tal Coutinho
O Têjo chora, ainda chora o Minho.

Vê outro ir, da negra mão da morte,
A Alcacere chamado,
Depois que o braço forte
Andava já de triunfar cansado:
Ainda agora, entre os nossos,
Reliquias forão seus honrados ossos,
Se désse o Fado adverso
Sepulchro a todos no lugar do berço.

Vê mais hum contra a prole de Ismael
Ir levantando o braço:
Vê como ao ímpio Adel
Tornou do dia o resplendor escaço:
Leva desembainhada
Em bruto fangue inda tingida a espada:
A espada, que já fora
De Azamor, e de Arzila vencedora.

Nem deixarão meus versos de mostrar-te
Lá outro em prizão dura;
Que nem sempre tem parte
Nas grandes confianças a ventura;
Seu mesmo esforço bravo
De barbaro senhor o deixa escravo,
Tendo por mais acerto
Ficar cativo, que fugir liberto.

Olha lá outro, que maduro, e grave
Vai levar tão distante
Dos negocios a chave,
Com que abre as portas a huma paz constante:
Lá lhe offrece partidos
A frigida Suecia: Dá-lhe ouvilos
A bellicosa Gallia,
A fobria Hollanda, a corrompida Italia.

Olha outro, que vê como se espraia
 Nas costas Guzarates
 O Golfo de Cambaia,
 Que vio de longe mil christãos combates:
 Olha como defende
 A forte Diu, que o Soltão perrende:
 Lá rompe contra os Mouros
 Nuvens de fumo, chuvas de pelouros.

Vê depois como á sombra em fim descança
 Da quieta Oliveira,
 Aonde encoستا a lança,
 Já enrolada a tremula bandeira:
 Lá vê posto em focego
 Escorregar as aguas do Mondego
 Por entre a fertil herva,
 Que honra pizando a immortal Minerva.

Inda alli a passar não se condena
 Em vão o tempo leve;
 Porque tomando a pena,
 Não escreve de Amor, de Marte escreve.
 Destes, e outros honrados
 Varões os nomes nos darão lembrados
 Materia a larga Historia,
 Em quanto neste Mundo houver memoria.

Mas não he isto ainda o que mais préza
Teu sólido talento,
Que a herdada nobreza
Sem virtude, não dá merecimento;
Por mais que as Leis intentem,
Que nos filhos os Pais se representem,
Vinculo, ou semelhança
As Virtudes não tem c'os bens da herança.

Tu não es dos que, á sombra dos escudos
De seus antepassados,
Não tem outros estudos,
Que andar olhando os porticos gravados:
Pentagoras Estrellas,
O purpureo Leopardo timbre dellas,
As torres, e os rompentes
Lobos, que vês nesses portaes pendentes;

Não te corrompe c'ó subtil veneno,
Que introduz a vaidade
N'um coração pequeno,
Capital inimigo da humildade:
Tens aquella grandeza,
Que só faz o caracter da nobreza,
Comtigo o humilde, o pobre,
Se não for vicioso, será nobre.

Não péza no teu placido semblante
Aquelle ar defabrido
Da Soberba arrogante;
Jaz a teus pés, do feu Altar cahido,
O vulto da Jactancia,
Vilmente atado ao sepo da Ignorancia:
Ambas irmans inteiras,
Ambas sem olhos, ambas companheiras.

Em ti não acha a vil lisonja ouvidos,
Que estupidos criados
Não são os teus validos,
Ouves sómente da verdade os brados:
Só te faz harmonia
A sonora razão, que o sabio guia,
E que acompanha o forte
Até beber em negro vaso a morte.

Os feios, máos costumes, a Injustiça,
O Odio ensanguentado,
A languida Preguiça,
Despojos são do teu valor ousado:
Em perpétuas cadeias,
A mão fechada, os olhos nas alheias,
Vás levando arrastada
A mortal Avareza costumada.

Esta he a estrada pública da gloria,
 Tão falta de viajantes
 Ao Templo da memoria,
 Onde tantos Varões entráráo d'antes:
 Tu, que a elle subiste,
 Que as portas estelliferas lhe abriste,
 De lá, grande Coutinho,
 Accena aos mais, amosra-lhe o caminho.

E em quanto as Ninfas vão, do venerando
 Antigo, e Patrio Téjo,
 Perolas apanhando,
 Para as grinaldas, que tecer te vejo:
 Em quanto as lá do Pindo
 Com teus versos na mão cantando, e rindo,
 Estáo vendo, entre flores,
 Brincar nelles as Graças, e os Amores:

Em quanto o braço para a guerra enfaias,
 E te não faz Mavorte
 Sinal, para que faias
 Em campo a contender co' a mesma Morte:
 Em quanto altas coroas
 Te preparáo de Nãos agudas proas,
 E em quanto cresce o Ouro,
 A Azinheira, o Carvalho, a Murta, o Louro:

A's Musas dá licença, que estes Hynos
 Em meu nome te offreção,
 Do teu os fará dinos

A tua inclinação, quando a mereção:
 Bustos de Cedro erguidos,
 Vasados bronzes, marmores polidos,
 São pezada materia,
 E voar não podem á morada Etheria:

Sobre o seu firme pedestal quieta
 A muda estatua pára,
 Milagroso Poeta
 Leva seus versos a Região mais clara,
 Gira a immortal Poesia
 Os luminosos circulos do dia,
 Vai no carro de Apollo
 (De quem he filha) de hum a outro Pollo.

Irá por ti, se acaso puder tanto,
 Cá do frio Occidente
 Espalhar-se o meu canto
 Sobre os berços do Sol reiplandecente:
 Ah! Possão seus clamores,
 Acordando Cimerios moradores,
 Levar pelo Universo
 O teu louvor, peregrinando em verso.

Não mais Canção, que já voar não podes
Com as pezadas pennas, que sacodes:
O Coturno descalça, as azas fecha,
Que já de ti Caliope se quecha:
Vem com teu canto roco,
Vem como d'antes tropeçar no foco;
E cá debaixo do teu patrio ninho,
Adora o nome do immortal Coutinho.



PENELOPE.

TRADUCCÃO LIVRE
DA TRAGEDIA
De Mr. L'ABBE GENEST
POR
JOÃO XAVIER DE MATOS.

ARGUMENTO.

*P*enelope, mulher de Olisses, que tinha ido para a guerra de Troya, fica em Itaca sua Patria, aonde era Rainha, com seu filho Telemaco ainda no berço, entre muitos Principes da Grecia, que a pertendem para Esposa, suppondo já não existir Olisses. Eurimaco Rey de Samos, e Antinois Principe sujeito a Itaca, como mais poderosos expulsdrão os mais pertendentes daquella Ilha, ficando ambos, como amante, Eurimaco pertendendo a Rainha para Esposa, e Antinois como interessado no governo da dita Ilha,

que pertendia usurpar á posteridade de Oliffes. Entreteve-os a Rainha , com a esperança das noticias , que esperava de Oliffes , pela diligencia , com que Telemaco (já neste tempo mancebo) o buscava por varios Reinos da Grecia. Chegando este com as de que era morto , se vê a Rainha no maior aperto obrigada a aceitar por Esposo o Principe , que a pertendia amante , posto que sempre duvidosa da certeza da morte de seu marido. Neste mesmo tempo apparece Oliffes em Itaca como naufrago , e estrangeiro , não querendo dar-se a conhecer á sua familia ; porém encontrando-se com Eumé seu Secretario , a elle se descobre , e finalmente a sua mulher , e filho , com quem se une para atacar os pertendentes , que destroe , matando Antinois , e obrigando a que Eurimaco se affogasse na precipitada diligencia de fugir para as suas Náos , que tinha naquelle porto. O mais se verá do contexto da Obra.

ACTO.

A C T O R E S

PENELOPE,	Mulher de Olifses.
OLISSES,	Rey de Itaca.
TELEMACO,	Filho de Olifses.
EURIMACO,	Rey de Samos.
IFIZE,	Filha de Eurimaco.
EUMÉ,	Ministro de Itaca.
ANTINOIS,	Principe sujeito a Itaca.
ERICLEA,	Aia de Telemaco.
EURINOME,	Confidente da Rainha.
ARGINA,	Confidente de Ifize.
ARCÁS,	Confidente de Antinois.
	Guardas.

A Scena he em Itaca no Palacio de Olifses.

ACTO

VAGTORS

PHILOPPUS, Mares de Ollis
 OLIVER, Rey de Jacon
 THERMADO, Filho de Ollis
 EURIMACO, Rey de Samos
 HIRX, Rey de Esmirna
 EUMEN, Mirmidons de Jacon
 ANTIQVVS, Principe Juveno a Jacon
 ERICIA, Filho de Teisano
 EURINOMVS, Condens de Jacon
 ARGIVA, Condens de Jacon
 ARGAR, Condens de Jacon
 Quaxia
 A Seta he em Jacon no Pais de Ollis



ACTO PRIMEIRO

SCENA I.

Penelope só encostada em hum vestibulo , olhando para o mar.

Penelope.

EM vão Olisses chamo. Oh fatal dia!
A que violenta escolha es reduzida
Triste, triste Penelope! Os contrarios
Perseguidores meus, e a Sorte adversa..

Nada constrangerá esta vontade
A fazer eleição de outro consorte:
Primeiro acabarei a infausta vida;
E este mar menos barbaro, primeiro
A unir tornará por minha morte
Estes dous corações, que hoje separa.
Tu, sagrado Neptuno! A cujas ondas
Entreguei o deposito querido,
Que de ti confiei, e que mil vezes
Surdo a meus ternos rogos me negaste:
Oh quanto melhor fora que tivesses
Em teu furioso seio sepultado

O iniquo roubador dessa belleza,
 Culpavel, e funesta a tantos povos!
 Em desesperação me não verião,
 Em gemidos, e lagrimas afflicta,
 Os momentos contar dos tristes dias.
 A chamma devorou a iniqua Troia:
 Vi os Gregos alegres, e vingados;
 Só para mim o Ceo inexoravel
 Armou o seu furor, e a meus desejos
 Do vencedor me difficulta a vinda.
 Se será morto, ou vivo? Onde? Que praias
 Me occultarão o seu Destino incerto?
 A sua fausta vinda este me agoira:
 Diz-me aquelle, que o vira naufragante:
 Quantas vezes levada da incerteza,
 Assim como não sei se he vivo, ou morto,
 Não sei (injustos Ceos!) se morro, ou vivo.
 Ai de mim! Nesta ultima tormenta
 Cuidava ver Oliffes espirando
 Sobre a humida areia desta praia:
 Choro a sua desgraça: Eu me consumo:
 Eu soffrerei por elle novos males;
 Os males sentirei, que elle não sente.
 Tantos impedimentos, e perigos
 Serão sómente aereos? Voluntarias
 As tardanças serão? Dos meus suspiros,
 Dos meus tristes suspiros, descuidado
 Talvez, que hum clima mais ditoso habite
 Em novos laços de amoroso affecto.
 Da minha fé tão pura, e tão constante
 O premio será este? Mas eu posso

Formar em mim estas injustas dores?
 O seu fatal, e ultimo Destino
 He só das minhas lagrimas a causa.
 Olisses meu!...

S C E N A II.

Penelope, Ericlea, e Eurinome.

Eurinome.

Porque da nossa vista,
 Oh Rainha, fugis? Vós sois a mesma,
 Que estaveis prompta a apparecer aos póvos:
 Das nossas direcções fiar quizestes
 O remedio mais prompto a vossos males,
 Dando hum novo realce á formosura,
 Que em tão Divino gésto se contempla.
 Porém vós suspirais? Gemeis ainda?
 He possivel que em prantos, e suspiros
 A vossa amavel vida se consuma
 Em dia tão solemne?...

Penelope.

Infausto dia!

Neste horrivel momento, que resolvo?
 He tempo de morrer: Evite a morte
 Tão duro laço, que o cruel me ordena.

Eurinome.

Ah, Senhora, vencei-vos! E enxugando
 Esses formosos olhos, novamente
 Ostentai aquelle ar victorioso.
 Com que sobordinais a vosso Imperio

Os

Os mais rebeldes corações. Senhora,
 Rogai, e procurai novas escusas,
 Que tudo alcançará vossa belleza.
 Lembrai-vos, que Telemaco inda pôde
 Tornar a vir; hum filho, cuja infancia
 Só de mim confiou a vossa escolha;
 Este amavel Heroe, nossa esperança
 Não tem mais, do que a vós: Vivei por elle.

Penelope.

Sou de infinitos males combatida;
 E do meu filho amado a triste ausencia
 Me desespera mais. Em vão procura
 Achar feu Pai, e ignoro se elle mesmo
 Inda góza talvez da luz do dia.
 Ah, não fei se deseje a sua vinda!
 Por elle, e não por mim em tal estado
 Temo a Antinois, o homem mais terrivel,
 O mais falso dos homens: (Enganada
 Talvez ferei de todos) neste sitio
 Unicamente Eumé ama a justiça,
 Os Deoses teme, os racionaes ampara:
 Tudo obedece a meus perseguidores.
 Onde acharei remedio em tanto aperto?
 Em tal consternação? Eumé cercado...
 Mas chega, Eumé: A sua lealdade,
 Seu zelo, seu valor, que fazer pôde?

SCENA III.

Penelope, Eumé, Ericlea, e Eurinome.

Eumé.

N Este zelo, Senhora, que renova
O vosso pranto, as vossas agonias,
Eu vos venho offrecer minhas trístezas,
Que unir pertendo agora ás vossas mágoas:
Deixar não posso de chorar comvosco
O vosso Esposo, o meu Senhor Augusto.
Mortal dor! Hei de ver que se arruina
Este florente, affortunado Imperio?
Hei de eu ver estes miseros penhores,
Que em minhas mãos depositára Oliffes,
Gemer debaixo de humas leis tyrannas?
Já, Senhora, esconder-se-vos não póde,
Que desta Ilha os póvos se declarão
Em favor de Eurimaco; porque entrando
Como triunfante neste Regio Paço,
Imagina que tudo neste dia
Será a seus desejos favoravel.
Já o aparato festival se ordena,
Onde em presença de huns, e de outros póvos
Públicas se farão as vossas nupcias.

Penelope.

Mais depressa verão a minha morte.
Este hymineo, que hoje Eurimaco intenta,
Aborreço, e não quero nem ouvillo:
Mude-se a pompa em funebre aparato.

Eu-

Eumé.

Dissimulai: Ouvi nossos conselhos:
 Seja qual for de Olisses o Destino,
 Mais certas provas esperar devemos:
 E lembrai-vos, que tendes hum só filho,
 Que se vós lhe faltais, fica elle exposto
 A seus feros contrarios; que Laertes
 Seu decrepito Avô, já com o pezo
 Dos annos encurvado, o seu partido
 Mal pôde sustentar; que Telemaco
 Em sua pouca idade desarmado,
 De balde se opporá a seus tyrannos:
 De os defunir só temos a esperança.
 Ah! Temei Antinois, que elle medita
 Para reinar a mais cruel perfidia;
 E tendo em seu favor o Rey de Samos,
 Nada poderá mais que seus tumultos.
 Pensai nisto, Senhora, porque ainda
 Tudo podeis neste perigo extremo:
 Eurimaco vos ama; sua filha
 Mover do Pai o coração bem pôde:
 Vós não o desprezeis: Vede com susto
 A quanto de Antinois chega a violencia.
 Deste traidor os laços da amizade,
 Que tem com elle, desfatar se devem;
 Porém, Senhora, alimentai-o sempre
 Co' dourado veneno da esperança.

Penelope.

Essa esperança vã, que lisongea
 Esse odioso amante, he huma injúria
 Da minha eterna fé. Ah quanto sinto,

Que

Que por minha fraqueza injustamente
 O meu amado Olisses offendesse!
 Mas eu sempre esperei que a minha morte,
 Ou sua vinda, prevenir pudessem
 Os tragicos horrores deste dia:
 Depois de arder em fogo tão suave
 Pelo meu caro Olisses, impossivel
 Será que esta alma inda abraçar se veja
 Em outra chamma, que não seja a sua:
 E em vão pretende obter o Rey de Samos....

Eumé.

Senhora, cuidai menos.... Mas eu vejo
 Que chega o Rey, e que Antinois o segue:
 Lembrai-vos de Telemaco: Lembrai-vos
 Que dominão Itaca estes tyrannos:
 Que hum povo tem por si, que desconhece
 A fé, a gratidão, e a fortaleza:
 Que está primeiro a salvação de hum filho....

Penelope.

Supremos Deoses! Inspirai-me agora.

SCENA IV.

Penelope, Antinois, Eurimaco, Eumé, Eurinome, e Arcás.

Eurimaco.

Grande Rainha! Em fim he este o dia,
 Que para ser feliz me destinára
 O Ceo compadecido. Já chegarão
 Esses doces instantes da minha alma
 Em vão ha tantos tempos suspirados,

E

E de vós tantas vezes differidos:
 Já mais as perfeições de vosso gésto
 A meus olhos tão bellas parecêrao.

Penelope.

Eu, Senhor! Que illusão da vossa vista.
 Entre tantos pezares, tantas dores,
 Que póde merecer-vos, e encantar-vos
 Hum semblante abatido, huns lacrimosos,
 Huns aggravados olhos, que se affogão
 No largo mar de meu continuo pranto?
 Ah Senhor! Não queirais... (sede mais justo)
 Que vosso amor me sirva de supplicio.

Eurimaco.

Vós olhais para mim, como quem olha
 Para o primeiro author de vossos males:
 Já vos esquecem os rivaes, que eu tenho.
 Para render os corações mais duros
 A vossa vista basta: Se pudessem
 Os mais Reys conhecer-vos, no Univerfo
 Hum só não ficaria, que arrastado
 Igualmente comigo, não viesse
 A suspirar de amor nos vossos laços.

Penelope.

Todos effes amantes odiosos,
 Que me tem perseguido, já vos cedem:
 Sei que comvosco competir não podem,
 E diante de vós desapparecem.
 Mas acabai, Senhor, e em liberdade
 Permitti que os meus males chorar possa;
 Que até para chorar me falta o tempo.

Eu-

Eurimaco.

Não, Senhora! He já tempo de enxugar-se
O vosso terno pranto, e de pôr termo
Aos males, que igualmente nos affligem.
De Samos vinde honrar o throno Augusto;
Depois descançareis tranquillamente
Das vossas afflicções; tudo conspira
A fazer nosso estado venturoso. . . .

Penelope.

Deixai, deixai correr, Senhor, meu pranto,
Que está meu coração, por desgraçado,
Bem longe dos descanços promettidos.

Eurimaco.

Não tendes vós as próvas mais seguras
Do meu amor constante? Como ainda
Pertendeis enganar minha esperança?
Depois de tanto tempo, e escusas tantas,
Que artificio, oh Rainha! Inda vos resta?
Depois de huma palavra. . . .

Penelope.

Não formemos
Deste hymineo, Senhor, tão tristes laços:
Vós mesmo pezaroso da injustiça,
Que me fizestes, vos vereis hum dia.
O amor não he filho da violencia:
Dar o meu coração, como he possível?
Sois generoso; devo confessar-vos,
Que Olisses seu Senhor, d'elle não póde
Separar-se já agora hum só momento:
Só hum allivio (se he allivio) tenho
Nos meus justos pezares: A saudade,

Que

Que delle sinto , e as lagrimas , que choro.
 Como vos não desgosta , e vos confunde
 Ouvir com meus suspiros misturado
 O doce nome do meu grande Olifses
 A todos os momentos ? Fugi antes ,
 Fugi de mim ; e longe de obrigar-me ,
 Compadecei-vos só do meu tormento.

Eurimaco.

Como podeis ainda , deshumana ,
 Conceber novos modos de affligir-me ?
 Quereis que toque os ultimos extremos
 Da desesperação ? Até que ponto
 Pertendeis contra mim levar os vossos
 Simulados projectos ? Por ventura
 Quereis que outro rival , fundando a gloria
 No esforço da eloquencia , vença , e ganhe
 Do vosso coração todo o triumpho ?
 Quereis segunda vez , que eu mesmo seja
 De tão crueis affrontas testemunha ?
 Inda tenho presente na memoria
 Os passados enganos : Inda sinto
 Do meu competidor a preferencia ,
 Como hum flagello , que me opprime á alma :
 Naquelle tempo do maior transporte
 Me deixo possuir : desesperado ,
 Impaciente , inadvertido , e cego
 Me arrastarão de amor outras cadeias :
 Cioso dissimulo , e vejo alegre ,
 Longe de vós , o meu rival em Troia.
 A amante esposa , a quem eu só devia
 Os mais castos amores , dos viventes

Em

Em fim se aparta, dando á luz Ifise.
 Soube que Olifles: desgraçado Olifles!
 Viçtima fora de Neptuno irado:
 Então se atea novamente a chamma
 Do meu primeiro amor, minha defunta
 Esperança renafce, cresce, e vive:
 Corro a buscar-vos, e a adorar-vos torno
 Vós consentistes que esperar pudesse;
 Mas em vão esperei: passou o tempo,
 Hum dia, e outro dia; mas o fruto
 Forão fômente frivolas escufas,
 Fingidas dilações, que prolongarão
 Da minha alma os freneticos defejos:
 Entre as ansias crueis, que mal fupporto,
 Do meu debilitado foffrimento
 Não abusareis mais; baftantemente
 Tenho esperado os merecidos premios
 Do meu amante empenho; e fe inda agora
 Vos mostrais infenfivel, oh Rainha!
 Temei as confequencias do meu odio.

Penelope.

Eu que vos prometti? Já mais...

Eriçlea.

Senhora!...

Penelope.

Ah Senhor, moderai-vos! De mais doces,
 Mais fuaves tenções, que eu vos mereço,
 O voffo grande coração he digno.
 Concedei-me alguns dias: fufentai-vos
 Hum pouco de esperar mais algum tempo:
 Póde fer que esta minha refiftencia

Para vós se converta em suavidade:
Vindo meu filho, d'elle saberemos
Se de Olisses a morte se confirma.

Eurimaco.

Por muitas vezes se vos tem contado
O naufragio de Olisses: Elle he morto,
O tempo he proprio, vosso Pai consente,
Tudo vos pôe na vossa liberdade.

Penelope.

No estado, em que estou, viver não posso.
Triste de mim, se de meu filho a vinda
A meus justos pezares não pôe termo!
Alguma compaixão se quer vos deva
Huma mái triste, que chorar só pôde
Do filho a ausencia, de seu Pai a morte.
Se estes suspiros meus puderem tanto,
Que o Ceo por elles me conceda, ao menos
De Telemaco a vinda, consolando
Irá hum filho a perda de hum esposo.

Eurimaco.

Será possível que tambem se opponha
Contra mim vosso filho! Por ventura
Arbitro sou do seu fatal Destino?
Tive parte em seus erros voluntarios?
Eu posso em favor seu, e em vosso obsequio
Reger as ondas, dominar os ventos?
Senhora, pôde ser que o vosso filho
Já não respire, porque morto fosse
Das insolentes mãos de alguns piratas.

Penelope.

Já vos entendo: Sci a vossa inveja:

Te-

Temeis o seu valor ; a sua morte
 Ha muito pertendeis occultamente.
 Do vosso amor, que prova manifesta!
 Querer tirar-me a posse do meu filho
 Unico bem, que nesta vida tenho!
 E prezais-vos, Senhor, de ser amante?...
 Pelo seu interesse, eu vos attendo:
 Eu mesmo morrerei para salvallo:...
 Eu vencerei a extrema repugnancia
 Deste meu coração: D'ante os meus olhos
 Fugi de todo: Não torneis a ver-me,
 Senão volta meu filho, se o não vejo.

Eurimaco.

Ou elle venha, ou não, será preciso...
 Mas! Eu vos deixo já, para livrar-me
 Das ansias, que me opprimem: Neste dia
 Vossa final resolução espero...
 Quando não, vede bem... que aos meus affagos
 Succederão do meu furor as iras.

Penelope.

Faze, fazе morrer huma innocente
 Rainha, que aborrece o teu affecto,
 E só pede o teu odio.

SCENA V.

Antinois, Penelope, Ericlea, e Eurinome.

Antinois.

JA' Senhora...

Penelope.

Antinois, nada temo: Aos ameaços
Sou inflexivel: Saberei livrar-me
Das voſſas leis ao barbaro dominio. (1)

SCENA VI.

Antinois, e Arcás.

Antinois.

DEste hymineo a hora differida
Ha tantos tempos, aprefsemos hoje:
Nelle a forte o caminho me franquicia
Para subir ao throno: Este faminto
Deſejo de reinar, de que eſtá cheio
Todo o meu coração, farte-fe agora.
Quando a morte de Olliſes ſe fez certa,
Viſte, Arcás, a invasão dos pertendentes,
Que entrarão neſta Ilha: Com ſeu povo,
Que facilmente ás minhas leis fujeito,
A eſcolha da Rainha lhes diſputo.
De ſeu Regio hymineo a preferencia
Liſonjeava as minhas eſperanças;
Porém do Rey de Samos, receando
As armas, e o partido ventajoſo,
Determino ſem armas de vencello.
Elle era amante, e eu reinar queria:
Se o Eſtado me deixa, caſe embora
Com a meſma Rainha; em paz a leve:
Na ſua auſencia o Sceptro me pertence,
E do Principe a vinda ſó receio.

Ar-

(1) *Vai-se*

Arcás.

Feliz anúncio de melhor successo
Protege a vossa empresa. Ha muitos tempos
Que Iraca seu Senhor vos reconhece;
Se Telemaco do furor das ondas
Escapado tiver, dos vigilantes
Navios nossos escapar não póde:
Nada o póde salvar; mas estas praias
Cubertas são de nauticos despojos,
E elle nesta ultima tormenta
Sem duvida morreo.

Antinois.

Ainda he precisa
Mais exacta certeza. Eu conjecturo
Que contra a sua vida conspirado
Eurimaco já teve. Elle temia,
Como eu temo, este moço temerario;
Porém talvez que enternecido olhando
Para o pranto da Mãi, a bem do filho
Tenha tomado novos sentimentos;
E com esta lisonja da Rainha
Ganhar o coração lhe será facil.
He dos povos o espirito mudavel:
E póde deste Principe a presença
Contra nós revoltallos. Não he isto,
Arcás, ainda o mais: Tu não ignoras
Que escolha fiz de Ifise para esposa,
Ou fosse amor, ou fosse utilidade
Do brilhante esplendor de huma alliança
Digna de minha proxima grandeza:
He meu rival ainda Telemaco:

Das

Das minhas pertençaõs elle sòmente
He o unico estorvo ; em fim a empresa
De que elle morra já por nós disposta,
Agora mesmo em prática se penha :
Falla aos que hão de ajudar-nos, que eu pertendo,
Sem perder tempo, que Eurimaco irado,
Estavel nas tenções, em que vacilla,
O genio vença, e o orgulho abata
De huma inflexivel, contumaz Rainha :
A seu lado contente parta embora
Entre nupciaes acclamações, com tanto
Que aqui Senhor pacífico me deixe :
Reinemos ; e se Olisses dessas praias,
Que mais distão de nós, ou da perpétua
Escura noite do sepulcro triste,
Ou do profundo baratro do Inferno
Tornar á luz do dia, e ousado queira
Arrancar-me da fronte este diadema,
Firme, sem balançar, nestes meus braços,
Eu o verei primeiro, fim primeiro
Eu o verei, entre terríveis géstos,
Lançar gemendo o último suspiro :
Não haja mais dernora ; eu já não posso
Prolongar meu cançado soffrimento :
Hei de teinar, ou hão de morrer todos.



ACTO SEGUNDO

SCENA I.

Ifise, e Argina.

Ifise.

OH quanto estas deíordens me atormentão !
 Mais que de amor, de colera inflammado
 Fica meu Pai: Busquemos a Rainha,
 Vejamos se podemos consolalla.

Argina.

Vós sempre acompanhais os seus desgostos
 Com os vossos suspiros. De piedade
 Qual extremo, Senhora, vos obriga
 A ter tão grande parte nos seus males?
 Podem sentir-se, podem contolar-se;
 Mas vosso terno coração não soffre
 Que não sejam comvosco repartidos:
 Tudo a Mãi pelo filho vos merece.

Ifise.

Todo o meu coração se abre contigo:
 Eu nada tenho que esconder te possa.
 Ah quantas turbações, quantas angustias
 (Se te lembras Argina) me cercarão
 Neste lugar! Aos pés desta Rainha
 Vi suspirar meu Pai inutilmente:
 Ella chorar de seu esposo a ausencia,
 E achar, não sei que gosto, em seus pezares:

De

De ambos erão reciprocas as queixas:
 De dor, e susto o peito me batia,
 E horrorizada deste exemplo, juro
 Fugir de huma paixão, que o Mundo errado
 Anda chamando amor, sendo tormento;
 Mas eu temo que seja inevitavel
 Este doce veneno; Telemaco
 Mais que nenhum do meu amor he digno:
 As virtudes, as Graças o rodeão;
 E a par de seu rival aborrecido
 Realça mais o seu merecimento.
 Dous contrarios objectos me combatem:
 Ameaçada de Antinois me vejo:
 He para mim odioso, e o mesmo impulso;
 Com que fugir lhe quero arrebatada,
 Mais então para o Principe me inclina:
 Se devo, ou não deixar prender-me tanto,
 Aconselha-me tu.

Argina.

Sinceramente,

Se quereis attender-me, eu fallo, ouvi-me:
 Os corações, que penetrar se deixão
 De paixão, como a vossa, muitas vezes
 C'os bons conselhos ainda mais se irritão,
 Que amor com seus contrarios se accrescenta.
 Mas vós não conheceis o vosso engano.
 Tem por vós Telemaco igual cuidado?
 Se tambem vos amasse, por ventura
 Teria coração para deixar-vos?

Isse.

Se he erro amar, eu gôsto do meu erro.

Ah

Ah que os suspiros seus já me tem dito
 Seus ardentes desejos! Em seus olhos
 Mil finaes de ternura tenho achado.
 Inda quando me lembro da suave
 Conversação, que tive só com elle
 Elle os olhos em mim, eu nelle os olhos;
 Inquietos os seus, os meus turbados,
 Julgo que inda lhe lembro, que impossivel
 Sera, que verdadeiro amor não fosse.
 O feu antigo amor. Não passa instante,
 Que na minha memoria o não retrate:
 Não ha lugar, onde o Amor não finja,
 Que o encontro, que o vejo, que lhe fallo;
 E pôde ser, Argina, que algum dia
 Torne a fazer meus olhos venturosos;
 Alegre a triste Itaca, e á vista della
 Jure nas minhas mãos solemnemente
 Immortaes votos de huma fé constante.

Argina.

O coração, Senhora, de hum mancebo
 Poucas vezes he firme. Seus cuidados
 Longe de vós em outro amor se empregão.
 Ha nas Cortes da Grecia outras beilezas:
 A vista dellas, o poder da ausencia,
 O seu esquecimento, o seu silencio...

Isife.

Argina, porque augmentas o meu pranto?
 Das esperanças de tornar a vello
 Não me tires o gosto. Grandes Deoses!
 Vós, que tudo podeis, restitui-me
 O meu Principe amado; providentes

Sal-

Salvai-o dos perigos. A soberba
De sua Mãi fazei que abrandar possa;
Que aos rogos de meu Pai ceda benigna;
Que a minha fé o filho corresponda;
E que possa...

Argina.

Callai-vos, que o Rey chega.

S C E N A II.

Eurimaco, Antinois, Ifise, e Argina.

Eurimaco.

NAõ ... Não posso viver, se continúa
NO odio da Rainha. Não, eu quero ...
Porém sois vós Ifise? ... Ides acafo
Ao quarto da Rainha? Ide, fallai-lhe:
Para me ouvir feu animo disponde,
Em quanto eu a seus pés não vou pedir-lhe
Da minha injusta colera piedade.

S C E N A III.

Eurimaco, e Antinois.

Antinois.

COMO pôde, Senhor, a falsa gloria
De huma esperança vã lisonjear-vos?
Não vos deixeis vencer. He sempre altivo
O genio das mulheres; e abusando
Da submissão dos homens, por systema
De hum caprichoso extremo, se encaminhão
Ao cume da soberba. A vossa grande

Re-

Reputação não sei se já padece
Entre os povos da Grecia. Elles murmurão,
E o vosso injusto amor lhes dá materia.
A vossa alma obtinada, as vis cadeias,
Que arrasta ha tantos tempos, a constancia
Nos continuos desprezos da Rainha,
Nutre a sua soberba; e em seus altares
Ah, Senhor! Quanto temo que algum dia
Sejais de amor a victima funesta!
Huma mulher querida faz estudo
De saber até aonde levar pôde
A sua tyrannia. Desprezada
Esta ingrata, talvez que reconheça
As suas sem-razões, e se confunda.
Resisti ao estímulo indiscreto
Do vosso coração: armai o braço:
Com seu grande poder ameaçai-a:
Fazei por huma vez, que esta Rainha
Ou vos ame, ou vos tema. Ambiciosa
Talvez então, que facilmente ceda
Ao gostoso interesse de livrar-se
De huma triste viuvez, em que se firma
Toda a sua soberba; que hum estado
De dor, e luto, e de pezares cheio
Sempre huma alma, Senhor, afflige, e cança.
Apressai-vos....

Eurimaco.

Não ha para abrandalla
Neste meu coração mais que suspiros;
Mas se vão contra mim os seus desprezos,
Tomando nova força ... que faremos?...

Se-

Senão fugirmos della . . . Sim : Fugamos . . .
 Mas, ah tyranno amor ! Que o teu injuíto
 Poder augmenta mais os meus desejos ,
 Quanto mais te resisto. Desagrados ,
 Desdens , injúrias , sem-razões , soberbas
 De novo atêa a chamma , em que me abraço ;
 E ás perfeições da sua formosura
 Não fei que estranha graça lhe accrescenta.
 Tantas lagrimas tristes derramadas ,
 Tantos suspiros vãos soltos ao vento
 Já puderão ter feito na minha alma
 Impressão bem diffrente : Já puderão
 Ter convertido as altas qualidades
 Nos defeitos mais vis : Ella devia
 Já menos agradar-me ; mas de novo
 O fraco coração render se deixa :
 O seu abatimento armas empresta
 Ao seu proprio inimigo : Aquelles olhos ,
 Aquelles bellos olhos , assim mesmo
 Languidos , e turbados , os sentidos ,
 As potencias me encantão : Vamos , vamos
 Honrar suas virtudes , e offrecer-lhe
 Huma alma terna , hum coração submisso ,
 Salvar-lhe o filho , e merecer-lhe a graça.

Antinois.

Vede que he este filho aquelle mesmo ,
 De que já contra nós na sua infancia ,
 Por defender seu Reino em odio accezo
 Vimos o braço vingador armado :
 Soberbo , e melancolico affectando
 Desprezar as delicias , se entretinha

Da

Da ambição nos mais soffregos desejos:
 Elle, vós o sabeis, do grande Olisses
 Bem mostrou que era filho: Elle mistura
 Em si o atrevimento, e o artificio:
 A' nossa mesma vista quantas vezes,
 Mal podendo fingir-se, com seus olhos
 Chegou este cruel a ameaçar-nos?
 Mas com que ardor, com que segredo, e manha
 As nossas praias deixa, e corre á Grecia;
 Hum anno he só passado, quando intenta,
 Valendo-se de intrigas, malquistar-nos
 Com os Principes Gregos. Sim; vós mesmo
 Sabeis as causas, por que justamente
 Deveis desconfiar desta viagem:
 Vossos contínuos sustos lhe preparão
 Ha muito tempo a morte: Agora vede,
 Que para arrepender-vos he já tarde:
 Ao mar, q' o cerca, ás minhas náos, q' o buscão,
 Já não pôde escapar: De qualquer modo
 A vida perde.

S C E N A IV.

Arcás, Eurimaco, e Antinois.

Arcás.

O Principe he chegado:
 Os Deoses o livrarão; e em Palacio
 Entrando encontra Eumé: Como attrahida
 Do seu aspecto, a multidão do povo
 Corre de toda a parte alegre a vello.

An-

Antinois.

Deoses! Que escuto! Telemaco vive!

Arcás.

Elle cahir devia na cillada
 Junto aos rochedos de Asteris disposta;
 Mas, Senhor, nesta ultima tormenta
 Hum esforço da sorte ainda o ampara
 Deste risco evidente; e desviado
 Do porto, que buscava pela força
 Das ondas bravas, dos contrarios ventos
 O cabo de Forcim demanda, e toma:
 A tempestade, que o livrou da morte,
 De Corfire os navios mette a pique;
 E batendo nas rochas náos, e gentes,
 Gentes, e náos foi na passada noite
 Nas voragens das ondas submergido.

Antinois.

Se Telemaco conseguiu salvar-se
 Das passadas ruinas, nestas praias
 Encontrar póde o ultimo naufragio:
 Se no mar escapou, na mesma terra,
 Que ambicioso busca, novas ondas,
 Novos ventos, em fim nova tormenta
 O fará naufragar. Todo o cuidado
 Nesta causa commua tenho posto:
 Eu hei de proseguir.

Eurimaco.

Ah! Respeitemos
 A fortuna de hum Principe, que chega
 A ser hoje dos Deoses tão querido:
 Não derramemos o estimavel sangue,

Que

Que vem dos altos Reys da antiga Grecia.

Antinois.

Pois quereis perdoar a hum temerario
Mancebo em damno vosso? Se o arrojo
Lhe não embarçamos, quanto temo
Que as suas proprias mãos no nosso sangue
Inda a manchar se atreva. Sim, bem pode
Convocar vinte Reys em seu auxilio:
Ah, morra Telemaco, antes que os chame.

S C E N A V.

Telemaco, Eumé, Eurimaco, Antinois, e Arcás.

Eurimaco.

Q Ue prazer não ferá para a Rainha,
E para mim que gosto, ver que o pranto,
Que até agora verteo na vossa ausencia,
Torna a correr de gosto á vossa vista!
Muitas vezes tememos que Neptuno
Irado, perseguindo o Pai, e o filho,
Para sempre de nós os apartasse;
Mas foráo nossas súplicas ouvidas;
Dia tão felizmente finalado
A Epoca fará dos nossos tempos:

Telemaco.

Senhor, muito vos devo; mas não posso
Conhecer donde nasce esta mudança,
Que tanto me surprende. Quem dirige,
E governa estes povos? Que attentados,
Que violencias são estas? Quem se atreve
Ser contra minha Mãe, e os meus dominios?

A

A minha ausencia, e de meu Pai a falta
 O desbocado monstro da injustiça
 Tem posto em liberdade; e se na morte
 De hum grande Rey se funda, seus direitos
 Nestas mãos inda reinão; e o seu nome
 Em mim torna a viver. Minha presença
 Funesta vos será. Estes rebeldes,
 Prejuros corações, lembrar se devem,
 Que seu Principe sou; que posso, e venho
 Punir severamente os seus delictos.

Antinois.

Não sei que haja, Senhor, causa bastante,
 Para que a vossa colera vos mova
 A tão duro castigo; porém temo
 Que hoje vejais sem fruto a vossa idéa,
 Assim como he sem causa. As vossas queixas
 Contra quem são? Queixai-vos da Rainha,
 Que entreteve, e irritou com vans palavras
 Mil Principes, que a buscão? Mas vós mesmo
 Influi na eleição, que fazer deve:
 Vede, que he tempo em fim. . . .

Telemaco.

Vós deveis todos
 Calar, e obedecer; não condemnando
 As suas voluntarias resistencias.
 A huma escolha violenta não se obriga
 A vontade Real. Obedecendo
 Deveis só esperar que ella resolva:
 Em tantas pericções, em fim só ella
 Arbitra pôde ser do seu Destino;
 Mas eu não deixarei impunemente,

Que

Que da sua, e da minha descendencia
 Se offusque o esplendor, e a Magestade:
 Por sustenar o meu poder supremo,
 Começarei por vós, se for preciso,
 A mostrar que hum vassallo....

Antinois.

Telemaco,

Mui colerico estais. Principe! Vede
 Que hum vassallo, como eu, de nada teme:
 E muito menos de huma authoridade
 Inda tão mal segura. Este projecto
 Póde fer de funelta consequencia.

S C E N A VI.

Telemaco, Eurimaco, e Eumé.

Telemaco.

NÃO feria Antinois tão temerario,
 Se a vossa protecção não influisse
 No seu atrevimento. Encontro cheio
 De guardas estrangeiras o meu Paço;
 E nelle minha Mãi como cativa:
 Eu vejo os meus legitimos vassallos
 Gemer, e suspirar. Que festa; e jogos
 Apparelhando estais? Que nova pompa
 Se dispõe nestes sitios? Eu não venho
 Interromper as vossas alegrias;
 Mas vós deveis deixar-nos em socego,
 E ir fazer em Samos estas festas.

Eurimaco.

Que grande coração! Principe, eu tenho

Tom. II.

L

Hor-

Horror á injustiça. A razão pede,
 Que hoje sinceramente vos informe
 Dos meus designios todos. O meu braço
 Deste sitio cem Principes tyrannos
 Competidores meus, contrarios vossos
 Fez desapparecer; porque aspirando
 Ao amor da Rainha, desolavão
 Com as armas na mão vossos Estados;
 E em fim eu só a sua mão mereço.
 Desposado com ella, irei contente:
 Os devidos direitos, que vos tocão,
 Usurpados por mim, vos restituo:
 A ser feliz, oh Principe, ajudai-me:
 Vós sabeis que a Rainha, a quem eu amo,
 Para me dar o premio, que mereço,
 Não esperava mais que a vossa vinda:
 Neste dia ditoso concertemos
 Huma perpétua paz. He morto Olisses:
 Eu já me esqueço do meu odio antigo:
 Entre os contrarios meus elle occupava
 O primeiro lugar; mas da Rainha
 Unicamente em vós o filho vejo:
 Com minha filha está. Ide, fallai-lhe
 Nesta doce união, que inda mais fitme
 Póde ficar por meio de outros laços:
 Consultai os internos sentimentos
 Do vosso coração, que o meu he vosso.
 Eu vos deixo... (1)

SCE-

(1) Vai-se.

SCENA VII.

*Telemaco, e Eumé.**Telemaco.*

Que Sorte me destina
 Vir a este lugar? De que projectos
 Acharei a Rainha? Respondei-me,
 Que o Oraculo fois unicamente,
 Que posso consultar. Diante della
 Como hei de conduzir-me? Será certo,
 Que a reduzisse o tempo a ser mudavel?
 Não he isto de hum Principe tyranno
 Huma injusta violencia? E eu não posso
 Armar em meu favor todos os Gregos?

Eumé.

Ah, Senhor! Que farão os seus soccorros?
 Evitar as ruinas, que ameação
 A consternada Itaca. As esperanças
 De Eurimaco animai; e do tyranno
 Dissimulai a falta de respeito.
 Eu fei, Senhor, que vós nunca pudestes
 Esconder a ternura, com que Ifise
 Sujeitou a vossa alma: Eu tenho visto,
 A pezar vosso, quanto amor vos deve.

Telemaco.

Ah meu querido Eumé, eu me envergonho
 De que amor me domine. Pelo odio,
 Que injustamente tenho ao Rey de Samos,
 De Ifise quiz fugir, imaginando

Já rotas as cadeias ; mas de balde
 Os meus projectos são , pois torno agora
 Inda mais prezo dellas. Não sei aonde
 Levarei meus desejos insensatos !
 Que contrarios affectos me perturbáo !...
 Creio que vejo Ifise... Eu fujo... Eu paro...
 Vós bulcai minha Mãi , e preveni-a
 Sobre as tristes noticias , que me ouvistes ,
 Que eu vos figo.

S C E N A VIII.

Telemaco , e Ifise.

Telemaco.

NO mal , que me atormenta ,
 Hum favoravel , hum benigno aspecto
 Ainda o Ceo me mostra. Os mais tyrannos ,
 E injuriosos golpes da Fortuna
 Ao divino poder dos vossos olhos
 Cedem , bella Princeza. Os meus desgostos
 A' vossa amavel vista affugentados.

Ifise.

Senhor , vossa partida arrebarada ,
 Occulta , e imprevista ; este silencio ,
 Esta demora , tudo me tem dito ,
 Que os meus olhos comvosco nada podem :
 Eu já vos esqueci : Toda a vossa alma
 De mais doces idéas está cheia :
 As bellas Damas de Micena , e Esparta
 São os vossos cuidados.

Te-

Telemaco.

Ah Senhora!

Onde vos levão vossas vans suspeitas?
 Minhas obrigações indispensaveis
 Me apartarão de vós; e era preciso
 Ou partir, ou morrer ás vossas plantas:
 Hum indigno descanço escurecia
 A gloria do meu nome. Os arriscados
 Trabalhos de meu Pai continuamente
 A' minha triste idéa se propunhão:
 Parti a procurallo, e vagabundo,
 Pintando n'alma sempre a vossa imagem,
 Aonde quer que vou, ides comigo:
 Longe de vós de novo a cada instante
 Do meu amor mais digna vos achava.
 Eu volto, eu chego, e a buscar-vos torno.
 Mas como ainda apparecer vos posso?...
 Eu já não sou senhor dos meus Estados!
 De que tristes objectos os meus olhos
 Não são feridos! Vergonhosamente
 Postos em sujeição os meus vassallos!...
 Os meus Regios direitos offendidos!...
 Mais que nunca tratemos de vingança
 Contra o mesmo Eurimaco...

Ifise.

Ah que projectos

Tão tristes concebeis! Deliberada
 Já fica vossa Mãe por hum conselho
 Saudavel ao Reino, a vós, e a ella.
 Dexei-a resolvida a esta escolha,
 Attendendo á demora, e ás muitas vezes,

Que

Que fora differida. Ide: Buscai-a...
 Mas ella chega: Vede como prova
 Na sua impaciencia o seu affecto!
 Senhor, ide apressar este momento
 De nós tão desejado. Venturosos,
 Se o permittis, seremos. (1)

S C E N A IX.

Penelope, Telemaco, Ericlea, e Eumé.

Penelope.

AH meu filho!
 Permite o Ceo em fim, que eu torne a ver-vos!
 Mas ah! Com que amargura he misturada
 Esta minha alegria! De tão longa
 Trabalhosa viagem, qué do fruto?
 Do Destino de Olisses informai-me.

Telemaco.

Por todas essas partes do Universo
 Ouvi mil vezes do seu nome a Fama;
 Porém todos, Senhora, ao mesmo tempo
 Choráo a sua morte. Na deserta
 Praia Seciliana, o destroçado
 Resto dos seus navios a infamada
 Caribdes arrojou. Meus tristes olhos,
 Ainda mal! Que testemunhas foráo
 Do seu fatal, e ultimo Destino!
 O valor, e a prudencia não puderáo
 Salvar tão grande Heroe: Já não podemos
 Du-

(1) *Vai-se.*

Duvidar de huma perda tão funesta,
Nem d'elle nos ficou mais que a memoria
Do seu eterno, e respeitavel nome.

Penelope.

Em fim, meu filho, já não vive? He certo?...
O Ceo o permitio? Da sua vinda
São estas as promessas? Que impiedade!
Onde acharei a sua amavel cinza?
Morreo o meu Oliffes, e não pude
Ir com elle abraçada á sepultura?

Telemaco.

O vosso coração ha muito tempo
Prevenio este golpe, e não devia
Resistir-lhe tão pouco: O mesmo tempo
Pode tirar-lhe parte da violencia:
Dai, Senhora, huma prova de constancia,
Que distinga a vossa alma: Toda a Grecia
Outra Sorte mais fausta vos deseja.

Penelope.

Ah meu amado filho! Hum tal esposo
Digno será de copioso pranto,
Em quanto eu tiver lagrimas nos olhos,
Em quanto houverem lagrimas no Mundo.
E por vós, Telemaco! Por vós mesmo,
Ah quantas vezes! Chorarão ainda?
De hum filho a vida, de hum esposo a morte,
A hum tempo choro, e temo. Ah! que não posso
Chegar a ver-vos sem tremer de susto.

Telemaco.

Não cuideis mais que em vós: Não vos affuste,
Senhora, a minha morte: Este conforcio

Eu-

Eurimaco pertende, porque possa ;
 Sem vos fazer violencia, ao seu Destino
 Unir a vossa Sorte. Por ventura
 Em vão esperará? Fallai, proponde
 Ao vosso coração estes designios :
 Resolva elle, porque he só quem póde.
 Vós sois Rainha livre: De vós mesma
 A unica fenhora; e esta escolha,
 De que a prompta resposta se vos pede,
 Vós podeis rejeitar. Meu Pai me falla
 Ainda ao coração, e diz, que devo
 Seguir o seu exemplo: Os elogios,
 Que deste Rey magnanimo se contão,
 Não são mais que lições recommendaveis
 De conservar a verdadeira gloria
 De combater por vós; e os mesmos Gregos,
 Que seu braço vingou em nosso amparo,
 As armas tomarão.

Penelope.

Ah que muito perto
 Está, meu filho, o golpe do ameaço!
 A vossa audacia contra o Rey de Samos
 Por ora reprimi: Vede-o, dizei-lhe...
 Sim... que póde nutrir inda a esperança...
 Que espere... Em fim, que eu posso declarar-me
 A seu favor; e em tanto segurai-vos
 No amor destes vassallos, que vos forão
 Até agora fieis; vossos amigos
 Prudente convocai, e do tyranno
 Coração de Antinois detende a ira:
 Desconfiai de todos, e sómente

Acre-

'Acreditai Eumé. Ide, apressai-vos :
Fazei-vos ver do povo.

Telemaco.

Sim, eu parto
A examinar os animos daquelles,
De quem me hei de fiar; e sendo prestes
A defender-vos, tornarei, Senhora.

S C E N A X.

Penelope, e Ericlea.

Penelope.

Que disse! Que farei! Oh desgraçada
Rainha mais que todas! Ah meu filho!
A colera evitai desse tyranno:
Podem os meus repudios novamente
Contra mim, contra vós defasialla.

Ericlea.

Oh Deoses! Se este Rey defenganado
A vingança renova: e se a violencia
Do soberbo Antinois acafo segue,
Aonde irão, aonde irão, Senhora,
Seus impetos crueis? Ah que os deveres
De Mãi, de esposa, e de Rainha pedem
Huma condescendencia prompta, e firme
A's leis de vosso Pai, que vos ordena
Este novo hymineo.

Penelope.

Hymineo triste!
Todos protegem de Eurimaco a causa.
Mas ai triste de mim! A lei paterna

Me

Me liga ha muito tempo: De meu filho
 Os interesses clamão, e a precisa
 Tranquillidade deste Reino o pede:
 Eu prometti, meus póvos esperarão...
 E ainda em vão esperão, que não deve
 Este meu coração já consentillo.
 Vizinhos mares, que escutais meu pranto,
 Encapellai, enfurecei as ondas;
 Vinde buscar-me, sepultai-me nellas.
 Oh feros Aquilões! Sobre essas praias
 Ide juntar a minha triste sombra
 A' sombra errante do meu caro esposo:
 Acabai...

Ercilea.

Ah, Senhora! Telemaco
 De outros promptos soccorros necessita:
 De hum tão querido filho o doce nome
 Vós deveis conservar...

Penelope.

Ah! como?... Eu posso?
 Reinará só Oliffes na minha alma:
 Eu levarei ao centro dos abyfmos,
 Ah meu amado Oliffes! O bom nome
 De rua digna esposa; para sempre
 Se hão de unir nossos nomes, repartindo
 As honras entre nós: Do meu affecto
 A constancia immortal fará que seja
 Igual a minha gloria á gloria rua.

Ercilea.

A seu filho attendei: Do grande Oliffes
 Fazei, que nelle se renove a fama.

Que

Que ha de ser deste Principe? Vós mesma
Tereis valor de o condemnar á morte.

Penelope.

Oh grande Deosa, que respeita Itaca!
Sacrosanta Minerva! Telemaco
Já em mim não tem Mãi: Por vossa conta
O seu Destino corra. Sim, dignai-vos
De lhe servir de Mãi. Ah! Vamos, vamos
Perder a vida junto a seus Altares.



ACTO TERCEIRO

SCENA I.

Oliffes só.

IMmortal Deosa! Cuja luz brilhante
Ha tantos tempos os meus passos guia,
A minha alma allumea! Em fim, são estes
Os patrios horizontes?... São de Itaca
Os ares, que respiro?... Eu sonho?... ou vejo?...
São estes os lugares, onde abrindo
Os olhos, pude ver os resplandores
Do meu primeiro dia?... He este o Paço?...
He esta a porta?... As praias serão estas?
De quem continuamente ante meus olhos
A imagem sempre andava? Que transporte?...
Que occulta força o coração me agita,
O sangue me perturba! Amados sitios!

Ain-

Ainda conservais as preciosas
 Prendas, que busca em vós o meu desejo,
 E que em tão longa ausencia receava
 Não ver já mais? A's portas de Palacio
 Guardas desconhecidas! Povo estranho!...
 Não sei que me annuncia! Que festivos
 Nupcias apparatus serão estes?...
 Já eu esquecerei!... Será possivel
 Que já não me esperassem!... Tudo excita
 A minha turbação... Eu já não tenho
 Onde firmar a minha confiança:
 Meu passo errante... minha vista incerta...:
 Ah não ousa a informar-me das desgraças,
 Que temo, e que me affustão! Surprendido...
 Porém hum vulto chega... Eumé parece...
 He Eumé. Provaremos o seu zelo.

S C E N A II.

Oliffes, e Eumé.

Eumé.

Conservai a Rainha, Ceos piedosos!
 Deoses! Com mão benigna preservai-a
 Das desgraças, que a cércão, permitindo
 Que hoje mesmo este Principe adorado
 Servir-lhe possa de seguro asylo.

Oliffes.

Senhor, estamos fós, fallar podemos.
 Se acaso sois Eumé, cujas virtudes
 Oliffes tanto amou, hum desgraçado,
 A quem o mar, e os ventos arrojão

Nau-

Naufrago a estas praias, conhecido
Do vosso Rey, bem pôde sem receio
Chegar-se a vós, pedir acolhimento.

Eumé.

Quanto sou, quanto posso, em vosso auxilio
Podeis seguramente prometter-vos.

Oliffes.

Tudo quanto aqui vejo me suspende!
Outros estes lugares me parecem.

Eumé.

Aqui já n'outro tempo o sabio Oliffes
Fez reinar a virtude, amar-se a gloria,
Florecer a abundancia; mas a triste
Ausencia deste Principe famoso
Produzio de repente huma funesta
Mudança para nós. Se o conhecestes,
Como dizeis, chorai a nossa perda,
Chorai tal Rey.

Oliffes.

Penelope, e Laertes,
Onde estão? Que he feito de feu filho?

Eumé.

A triste narração dos seus trabalhos
Pede mais largo tempo. Eu sei que vivem;
Mas ah, Senhor! Que o seu fatal Destino....

Oliffes.

Falla-se do conforcio da Rainha?

Eumé.

Eurimaco a pertende por esposa.

Oliffes.

Por esposa! Eurimaco!... Que dissestes!...

Acon-

Aconselhaſte-a vós? Ella consente?...
 Já Oliffes tão pouco amor vos deve?

Eumé.

Os Deoses todos do ſagrado Olympo
 São teſtemunhas do meu zelo ardente.
 A incrível conſtancia da Rainha,
 Que ferá do ſeu ſexo o exemplo, a gloria
 Aborrece hymineo; mas a Coroa,
 E a vida de ſeu filho importa muito
 Que ella ſegure á custa deſte preço.

Oliffes.

Senhor, de ſeus tyrannos a injuſtiça
 Hão de os Ceos confundir. O ſeu ſoccorro
 Novamente imprecai, que elles bem podem
 O voſſo amado Rey reſtituir-vos.
 Oliffes não morreo.

Eumé.

Ah! Que mil vezes

Deſſa meſma eſperança liſonjeira
 Temos ſido enganados. Mas o tempo,
 A ſombra vá da noſſa falſa gloria,
 Qual paſſageiro ſonho, decipando,
 Como d'antes choramos noſſos males.

Oliffes.

Crede-me que elle vive; e que elle torna;
 E pelos Deoses, ſe he preciso, o juro.

Eumé.

Que ainda torne a ver ferá poſſivel
 O meu Senhor, o meu Monarca Augusto?

Oliffes.

E ſe o vires!... Será o voſſo zelo

Capaz de o defender contra os affaltos
Da Fortuna cruel?... Tereis constancia
De morrer a seu lado?

Eumé.

Ah que Fortuna!

Este peito, este braço, em fim por elle
Todo o meu sangue...

Oliffes.

Pois abri os olhos:

Este he o vosso Oliffes: Conhecei-lo?

Eumé.

Ah! Que escuto?... Que vejo?... O' Ceos!
Oliffes!...

Sereis vós? Esse traje... Essa mudança...

O meu espanto... O meu contentamento...

Ah, Senhor, perdoai, se duvidoso...

Mas os Deoses piedosos vos salvarão.

Oliffes.

Olhai que podem ver-vos: Levantai-vos.

Eumé.

Quem ha de crer que o vingador de Troia

Entra em seu Reino só desconhecido,

Sem tropas, e sem náos!... Esses guerreiros,

Que debaixo dos vossos estendartes

Comvosco forão. Onde estão? Qué delles?

Oliffes.

Não tornarão a ver a sua Patria.

Os seus honrados ossos para sempre

Por ondas bravas, por agudos ferros,

Huns sepultados, outros destruidos,

Heroicamente as vidas acabarão.

O longo sitio da abrazada Troia,
 Os riscos, e os assaltos não tem sido,
 Mais que huma breve sombra, hum breve ensaio
 Dos meus duros trabalhos. Ha dous lustros,
 Que vagabundo por chegar a Itaca
 As ondas fôrço, c'os Destinos luto:
 E de todos os meus eu pude apenas
 Sahir com vida. E praza aos justos Deoses,
 Que de tamanhos males se contentem!
 Pois ainda posso ser d'outros maiores
 Accommettido aqui. Dai-me a certeza
 Dos que devo esperar: Fallai sem susto.

Eumé.

Na vossa larga ausencia apparecêrão
 Cem Principes rivaes, e ambiciosos
 De dous objectos igualmente grandes,
 O throno, e a formosura da Rainha.
 Ao público rumor da vossa perda
 Tomárão nova força; e dividida
 Em diferentes facções, foi desfolada
 A infeliz Itaca. Em vão me opponho
 A seu orgulho. O Principe mancebo...
 O decrepito, e tremulo Laertes
 Já inclinado sobre a sepultura,
 O povo ha tanto tempo intorpecido
 Na mole ociosidade, não podião
 Rebater dos tyrannos a violencia:
 Só em vós esperavamos. Afflicto,
 E sem cessar, pediamos aos Deoses,
 Que vos trouxessem a vingar severo
 Estes atrevimentos. Mil noticias

In-

Infaustas, e confusas perturbavão
 As nossas esperanças; mas a triste,
 A constante Rainha ás importunas
 Pertençaõs destes Principes apenas
 Respondia com lagrimas: Seu filho
 Ella creava entre os seus trabalhos,
 Nem a força do tempo, que costuma
 Diminuir a pena mais sensível,
 Nem ricos apparatus, nem pomposas
 Imagens de festejos exquisitos,
 Grandes promessas, feros ameaços,
 Em fim, quantas industrias, quantos modos
 Tem inventado Amor para vingança
 Dos mais rebeldes corações, não pôde
 Nem reduzilla a que eicolhesse Esposo,
 Nem adoçar-lhe a mágoa. Ella fingia
 Vacillar na eleição dos pretendentes,
 Inda a pezar da paternal vontade
 Assinalava hum dia; porém nunca
 Este dia chegou. Té que Eurimaco
 Cançado já da sua resistencia,
 Entra em Itaca, e o poder lhe usurpa:
 De Antinois apoiado este invejoso,
 Sem respeitar as Leis, temer os Deoses,
 Da reclusa Rainha o triste pranto
 Despreza altivo, e lhe propõe severo
 Hymineo, ou a morte...

Oliffes..

Que virtude!

Oh que fiel igual correspondencia
 Não produces Amor num'alma grande!

Tom. II.

M

Que

Que bem pagados são tantos extremos
 De constancia, de amor, e de saudade!
 Benignos Climas, virações suaves,
 Estranhas formosuras, mil prazeres,
 Que as almas nos encantão, não puderão
 Já mais da minha Itaca hum só momento
 Esquecer a memoria. Oh grandes Deoses!...
 Quem haverá que o creia! Os meus vassallos,
 A quem de tanta utilidade enchêrão
 Estas mãos bemfeitoras, tão depressa
 Riscárão da lembrança o amor, a gloria,
 E o nome, que me devem? Que abandonem
 A sua Soberana! E que consintão
 Que no seu mesmo Paço afflicta gema!
 Os Gregos, que eu salvei, não a ajudarão?
 E meu filho?

Euné.

Senhor, heroicamente
 Seguirá seus Destinos. O seu alto
 Augusto nascimento já lhe suppre
 A sua pouca idade; e a pezar della,
 Conhecendo a grandeza de sua alma,
 Cheio de heroico ardor nos deixa, e parte
 Solicito a buscar-vos: Humas vezes
 Contra seus inimigos, preparando
 Huma exemplar vingança, suspirava
 Pela vossa presença; e outras vezes
 Para os punir a todos discorria,
 Que bastava só elle. Inutilmente
 Com moles passatemplos procuravão
 Affeminar-lhe o espirito guerreiro,

Com

Com que por toda a parte prevenia
Os futuros, e proximos enganos.
Mas de que iguaes perigos vos não vejo
Ambos ameaçados! A Fortuna
Inda ao lado se põe desses,
Inda o odio nos animos lhe ferve:
Temo que ambos sejais de seus furores
A victima cruenta. Eu não descubro
Mais que desgraças. Sim. Vossos vassallos;
Tendo faltado à fé, que vos jurarão,
Por hum chefe traidor favorecidos,
Para vós olharão, como quem olha
Para hum Juiz severo; e de medrosos
Ao horror passarão de rebelados.

Oliffes.

Qual he o grão Destino dos famosos
Vencedores de Troia? Destruida
Dos nobres Gregos a triunfante armada,
Foi pela mão dos Deoses vingadores:
Não ha no largo mar dous rochedos,
Medonhas Sirtes, perigosos baixos,
Que de algum dos meus tristes companheiros
Sepultura não fosse. Ajax valente
Da mão de Jove, que fulmina os raios,
Cahe sobre as ondas reduzido a cinzas:
O grande Agamenon voltando a Argos,
Por sua mesma Esposa enfurecida,
Se vio affacinado; porém veio
Sobre mim toda a colera celeste:
De mar em mar as ondas me desprezão
A' discrição dos ventos. Tudo quanto

Em si o Mundo tem de monstros feros;
 Eu tenho visto na comprida serie
 Dos meus famosos, mas crueis trabalhos:
 Depois de ter desafiado affeito
 Mil atrevidas mortes; ter vencido
 Lestrigões feros, barbaros Ciclopes,
 Caribdes, e Sereas arriscadas;
 Depois de sahir livre dos abyssos
 De fundas ondas, de sertões salvagens;
 Depois em fim de triunfar constante
 Das graves sombras do medonho Averno,
 Cuidando ser já tempo, em que me fosse
 Mostrada a minha Patria, então conheço
 Que para novos riscos sou guardado,
 Pois não acabão, quando os homens cuidão.
 Passando vou do Mundo estranhos Climas,
 Novas Ilhas, incognitas arêas;
 Depois de largos, e de incertos rumos,
 Lá onde a terra acaba, e o mar começa,
 Princípio dou á fundação, que o nome
 Tem de Olissea, por memoria minha:
 Dalli faio outra vez cortando os mares,
 Guiado do desejo, e da esperança
 De ver Itaca....

Euné.

Mas Senhor! Eu pasmo
 De maravilhas taes! Dai-me licença
 Que eu tome a liberdade de pedir-vos
 Narração mais inteira dessa nova
 Cidade, que fundattes. Que Destinos
 Vos fizerão tomar tamanha empreza?

Olif-

Olisses.

Eumé, posto que o tempo, e as circumstancias
Da triste situação, em que nos vemos,
O não permite, e nos será sensível
A perda de hum instante, eu vos refumo
Este grande successo. Navegava
O mar Tyrreno, quando me apparece
A sagrada Minerva; e reclinando
Airofamente o corpo sobre a lança,
Me diz: *Vai-te do Tejo á grão corrente,*
De par em par as portas Herculanas
Eu te porei patentes; e assoprando
Benignos ventos, te encherão as velas:
Alli os Deoses querem que tu sejas
O grande Fundador de huma Cidade,
Patria de altos Varões, que do alto assento
Ainda estão por vir. Terá Monarcas
Dignos herdeiros, dignos successores
Da tua fama, e gloria. A quantas gentes
Barbaras, e remotas gira, e banha
O Nilo, e o Ganges, o Hydaspes, e o Indo,
Porá com mão pezada hum duro freio.
Terá varios Desfins, que costumão
Encadear os tempos. Hum theatro
Dos tragicos successos da Fortuna
Será em fim; e as inclytas muralhas,
Que vás erguer, Olisses, algum dia,
Essas mesmas muralhas, arrazadas
Por mão dos homens não, por mão dos Deoses,
Por terra cabiráo em pó desfeitas.
Esta Troia feliz, que erguer te mandão,

Não

Não ficará, como essa que abraçaste
 Sepultada em si mesma. O braço forte
 Do maior dos mortaes, a pouco; e pouco
 Pela mão a erguerá d'entre as ruínas
 De novo mais formosa; e virá tempo,
 Que á sombra dos altísimos Carvalhos
 Sobre as margens auríferas do Têjo
 A's pacíficas Leis, aos sãos costumes,
 Gostosos cantarão os seus Pastores
 Devotos Psalmos, sacrosantos Hymnos.
 Ditosas gerações da Lusã gente,
 Que tão dourados tempos alcançarem!
 Este famoso Heroe, este Homem grande,
 Ao mesmo tempo Filho, e Pai da Patria,
 Melhor Mecenas de mais alto Augusto,
 As delicias fará dessa Cidade,
 A quem porás o nome de Olissea
 Em honra do teu nome. Disse; e logo
 Espargio sobre nós Nectar Divino
 Do meio dia os ventos assopravão
 Favoraveis ás náos; e obediente,
 Da belicosa Esperia discorrendo
 As marítimas costas, entro alegre
 Pela desconhecida foz do Têjo.
 A' Deosa erijo hum Templo, e nelle invoco
 Sábias inspirações, que me ajudassem
 A começar a empreza. Hum porto amigo
 Ao princípio encontrei: As gentes erão
 De peito, e trato humano; mas dispersas,
 E quasi errantes pelo monte andavão:
 Mal reparadas do rigor do tempo

Em

Em humildes cabanas, se entretinhão
Em lutas, e exercicios vigorosos,
Com minha pouca gente dou principio
A' fabrica soberba; os muros crescem,
Ruas se abrião, Praças se alargavão,
Fervia a obra, e em toda a parte soão
Os golpes dos machados, e as sonoras
Roldanas, e carretas; mas tocado
Gorgoris de ambição, e de ciume
Destá alta empreza, a gloria me disputa:
Assustado temia, que eu pudesse
Reinar na Lusitania. O nobre Adrasto
Socorro me offrece; e eu acudindo
A' guerra, e ao trabalho, a pezar della
Via crescer a florecente planta,
Que á custa do meu sangue dispuzera:
Até que em fim ás minhas mãos acaba
O atrevido Gorgoris. Vitoria,
Vitoria por Olisses clamão todos:
Mando erigir de transporte jaspe
Hum soberbo padrão com esta letra:
Olissea, de Olisses, tome o nome:
E Olisses, de Olissea, leva a gloria.
Manda-me a Deosa, que me paria, e siga
O caminho de Itaca: Aos mares torno,
Torno a ver os lugares, que deixára:
De Corsire ao vizinho porto chego
Quasi allagado: Offerecem-me navios,
O vento me ajudava; e desfraldando
A véla, a todo o panno corro; e á vista
Da suspirada Itaca chego; e tomão

As cabeças da Idra a renovar-se.
 Apôs de huma tormenta, outra tormenta
 Erão só dos meus olhos os objectos;
 Não posso tomar porto; e impellido
 Pela força dos ventos sobre as praias,
 Sobre estas mesmas praias, que eu buscava
 Ha tantos tempos, naufragando todos,
 Escapo eu só por milagroso impulso
 Da Deosa, que me ampara, e que me ordena,
 A meu pezar, a minha vinda occulte.
 E apparecer em tal estado posso
 A' Rainha! A meu filho! Não: Não devo,
 Que a desgraça, em que estou, inda a teus olhos
 Tem feito por teu Rey desconhecer-me;
 Mas vê se ha corações, onde o meu nome
 Inda imprimir se possa. Vê se acafortuna
 Inda tenho vassallos, que me sigão:
 Minha proxima vinda lhes promette;
 Verei, Eumé, que idéas formar posso;
 Tomarei meu conselho, que as fortunas
 Humanas são falliveis; e no Mundo
 Sempre vai alternando o tempo iroso.
 O bem co' mal, o gosto co'a tristeza;
 Mas primeiro he preciso ouvir meu filho.
 Dize-lhe, que tem gosto de fallar-lhe
 Hum Estrangeiro, que chegou a Itaca;
 Porém nem o temor, nem a esperança
 Seja quem o conduza.

Eumé.

Vosso filho

Ha de vir logo ao quarto da Rainha,

Já

Já não pôde tardar... Mas elle chega.

Oliffes.

Oh suspirado instante! Oh vista amavel!
Mas he preciso que de Pai o affecto
Agora dissimule: De meu filho
Não saberão ainda os poucos annos
Manejar importantes interesses.

S C E N A III.

Telemaco, Oliffes, e Eumé.

Eumé.

ESte illustre Estrangeiro, que vos manda
O Ceo piedoso, acompanhou na guerra
De Troia a vosso Pai: Elle só pôde
Do Destino de Oliffes informar-vos:
Credito deveis dar-lhe; e faz-se digno
Do vosso amor, do vosso acolhimento.

Telemaco.

Bem. Illustre Estrangeiro, descrevei-me
Deixe Heroe as virtudes: Declarai-me
Sua funesta morte.

Oliffes.

Inda respira
O grande Oliffes. Eu me persuadia
Que já dentro de Itaca descansava.

Telemaco.

Oh Deoses immortaes! Elle não vive
Mais, que em nossa memoria. Quantas vezes
Minha Mãi com as lagrimas nos olhos
Suas acções heroicas me contava!

Des-

Desde os primeiros annos, costumado
 A ouvir de seu nome o eco, e a Fama,
 Cheio de assombro respeitava nelle
 O mais perfeito, o maior Rey do Mundo:
 Debalde os meus desejos me estimulão
 A hobrear com elle. Do alto exemplo,
 Que me deixou, eu vejo mui distante
 A minha tenra, e froxa mocidade.
 Ah se eu tivesse sido alimentado
 Com seus sabios conselhos, eu fizera
 Acções sómente dignas de seu filho!
 E pôde ser que elle chegasse alegre
 A ver por meu esforço n'algum dia
 Os triunfos de Troia renovados;
 Mas os Fados tyrannos, que o roubáráo,
 Nem se quer derramar nos consentiráo
 Sobre o cadaver seu o nosso pranto.

Oliffes.

Ah que a minha ternura já não pôde
 Aqui dissimular-se! Que alegria!
 Que gloria! Que vaidade não resulta
 A vosso Pai, Senhor, vendo hum tal filho!
 Não duvides que os Deoses inda possão
 Trazello aos vossos olhos: Elle vive:
 Vós o vereis bem cedo.

Telemaco.

Oh que suave,
 Que occulta força me surprende, e encanta!
 De vós tudo confio, tudo espero:
 Não sei com que cadeias me ligastes
 Todo o meu coração, toda a minha alma!

Sou

Sou obrigado a crer: já não resisto:
Esperai, se for certa esta noticia,
Esperai huma digna recompensa,
Igual ao bem, que o Ceo nos annuncia:
Não dilateis a minha Mãi o allivio
Desta doce esperança, que só pôde
Nos tristes olhos enxugar-lhe o pranto.

Eumé.

Importa muito não fazer estrondo.

Telemaco.

Mas onde está o Rey? Dizei. Que tempo?...
Onde o deixastes?

Oliffes.

Só dizer-vos posso,
Que não ha muito tempo, que foi visto
Na Ilha de Corsire, e que ficava
Aprestando a viagem para Itaca.

Telemaco.

O favoravel vento em paz o traga.
Queirão os Ceos!

Eumé.

Senhor, este Estrangeiro
Pôde ser aos tyrannos suspeito,
De tudo desconfião. Nós devemos
Temer, e evitar qualquer violencia,
Que inientem contra elle. No meu quarto
Sem sussurro, ou suspeitas instruido
Sereis com mais socego; sobre o caso
Resolveremos com maduro acordo.

Te-

Telemaco.

Sim, já vos figo: Ide esperar-me ambos. (1)
Mas ai de mim! A bella Ifise vejo,
E não posso fugir-lhe. Que forçoso
Encanto he este, que me prende, e arrasta!

S C E N A IV.

Ifise, e Telemaco.

Ifise.

PReveni o attentado, que prepara
O soberbo Antinois: Mostre-se ao povo
A Rainha, Senhor, e se declare:
Elle instiga meu Pai: Com importunas
Razões elle o accusa: Elle o convence
De froxo, e de insensível: Põe-lhe á vista
De huma esperança o manifesto engano:
Já de meu Pai no coração não cabe,
Já trasborda a paciencia. Da Fortuna,
Que ha tanto tempo espera, a segurança
Quer hoje da Rainha. Elle me manda
Que a busque, e que lhe falle: Vamos, vamos
Aprestar este praso suspirado,
Que o povo junto em alta voz o pede.

Telemaco.

Justamente a Rainha o difficulta:
Ha razões invenciveis: Nem eu devo
O Regio alvedrio constranger-lhe.

Ifise.

Porque, Senhor, Olisses não he morto?

Que

(1) *Vai-se Olisses, e Eumé.*

Que razão tão contraria quebrar pôde
 A promessa Real? Vós conseguistes
 Não só render-lhe o animo obstinado,
 Mas com a vossa vinda desejada
 Espalhar sobre nós tanta alegria.
 E fereis vós quem della nos separe?

Telemaco.

Crede, bella Princeza, que vos amo,
 E que nunca amei tanto. Mas, Senhora
 De si mesmo, a Rainha he só quem pôde
 Deliberar; e de meu Pai a vinda
 Permitti-lhe que espere, e que se veja
 Se he verdade, que Olysses inda vive;
 Se os Deoses o livrarão; se inda querem
 Restituillo em paz aos nossos olhos.

Ifse.

Inda desta esperança mentirosa
 Vos deixais enganar? Inda cançado
 Não estais de soffrer os impostores,
 Que vos enganão, que nos lisonjeão
 Com largas narrações, com vans promessas?
 Inda fereis tão credulo, tão facil,
 Que haja algum homem, que de vós abuse?
 Por ventura será esse Estrangeiro,
 Que chegou a Palacio? Já lhe oblierva
 O curioso Antinois os movimentos:
 Do abominavel crime da impostura
 A pena lhe prepara; e os Deoses queirão
 Que elle só seja a victima culpada,
 Que vá ao sacrificio. Tudo sabem
 Já os vossos contrarios: Submettidos

To-

Todos estão de suas Leis ao jugo:
 Senhores de Palacio, vos preparão
 Com sua furia a morte: Em toda a parte
 Sobre a vossa cabeça a mão levantão
 De ferro, e fogo, e de furor armada.
 Onde ireis esconder-vos da vingança
 Do traidor Antinois? A' sua força
 Não ajunteis mais força. A que ira ardente
 Não levará meu Pai! Príncipe, ouvi-me:
 Pensai melhor, que eu saberei calar-me.
 Mas que infinitos males não prevejo
 Com as vossas escusas! Que resposta
 Tornarei a meu Pai? O meu receio
 Já mal posso esconder. Ah triste Ifise!... (1)

S C E N A V.

Telemaco só.

AH Princeza adoravel! Mas que fazes,
 Telemaco imprudente? Já te esqueces
 De que Ifise he do sangue de Eurimaco?
 Como intenfato o coração lhe entregas,
 Quando contra seu Pai infurecido
 Agora mais que nunca oppôr-te deves?
 Que queres tu? Ataba, amor, acaba
 De trazer a minha alma vacillante;
 E ao ardor immortal da minha gloria
 Ajunta o teu ardor. Vê neste zelo
 O teu rival, o teu maior tyranno,
 Vê o unico author dos nossos males.

Ifi-

(1) Vai-se.

Ifise... Ah que eu a perco!... Inda suspira
 O fraco coração, quando só deve
 Salvar o Pai, e restaurar o Imperio!
 Este victorioso está chegando:
 Vós, tyrannos soberbos, a seus olhos
 De medo tremereis, fugireis todos.
 Mas, Deuses immortaes! Que acolhimento
 Daremos a meu Pai? Este Monarca,
 Que deixou seus estados florecentes,
 Poderá vellos suspirar debaixo
 De hum jugo vergonhoso? Ah filho indigno!
 Não devo ler eu mesmo em todo o tempo
 Feliz imitador da sua gloria,
 De seu valor? E contra os inimigos
 Prevenir-lhe os triunfos? Eu não devo
 Com seu sangue tingir estes ribeiros,
 Salpicar estas margens? Vamos, vamos
 Offrecer á Rainha esta esperança:
 Consultemos Eumé: Em fim tornemos
 A ver, a perguntar este Estrangeiro.





ACTO QUARTO

SCENA I.

Penlope, e Ericlea.

Ericlea.

SEnhora, ainda o Principe assegura
Tudo o que vos tem dito. Os vossos males
Diz que se acabão, porque vive Ollisses;
Que bem depressa tornareis a vello;
Mas á vossa presença vir não pôde
Este illustre Estrangeiro, que o promete,
Porque está com o Principe fechado
No aposento de Eumé.

Penlope.

Com tudo, quero
Fallar com elle mesmo, e informar-me.
Em fim, que venha logo.

Ericlea.

Não se deve
Fazer por ora hum perigoso estrondo:
Póde fallar-vos fim, mas em segredo:
Vede que os nossos tímidos contrarios
De tudo desconfião, tudo temem.

Penlope.

Previna-se o remedio ao seu ultraje:
Poderá ser que Ollisses sem apoio
Sobre praias estranhas, hoje mesmo

Cor-

Corra (piedosos Ceos!) Igual fortuna:
Mas depois de mil vezes enganada
Por noticias apocryfas, de novo,
Inda credito dou a hum Estrangeiro?
Verei o meu Oliffes? Grandes Deoses!
Eu vou por elle sobre as vossas Aras
Fazer queimar o mais devoto incenso:
Eu lhe farei mil queixas em chegando
Dos grandes sustos, que me tem causado;
De que nos seus projectos arriscasse
Huma vida, que he minha, e não he sua:
Dessa fecunda boca, amado Oliffes!
Tu me verás prender, quando contares
Tantos heroicos feitos; e entre abalos
Inda de gosto, e de temor, ouvindo
As bem representadas aventuras
De teus passados riscos, farei delles
O mais doce prazer. Mas que desculpas
Tu me darás de tão comprida ausencia,
Que no meu terno coração tem feito
Tão justas, tão crueis desconfianças?
Más torna, amado esposo, que os meus males
Todos serão contentes, se inda vives.
Que estranho, que interior contentamento
Eu sinto agora, que não senti nunca,
Depois que se apartou! Já me parece
Que os ventos a meus olhos o conduzem;
Que já ao longe sobre as ondas vejo,
E distingo o seu vulto; mas quem sabe
Se he isto hum bem sonhado, que o desejo
Me finge na esperança; e de repente

Decipado de todo em novos males,
Acabarei a vida! Seus contrarios...
Mas oh Ceos! Elles chegaram.

S C E N A II.

Eurimaco, e Penelope.

Eurimaco.

NÃO he tempo,
Senhora, de pôr termo á vossa escolha?
Nem que temer, nem que esperar já tendes,
O Principe he chegado: Olisses morto:
Satisfeito o meu gosto, eu vos seguro
De vosso filho a Sorte: O doce laço
Desta união já toda a Corte o pede.

Penelope.

Ha outra Lei mais forte, que o defende.

Eurimaco.

Mais forte! Eu não descubro hum só motivo,
Que a vossa decisão demorar possa.
Que peregrino he este disfarçado,
Que está com vosso filho? Será este,
Que talvez com segredo, e artificio
Anda espalhando com submissas vozes,
Que vive Olisses, que esperar se deve?

Penelope.

Eu, Senhor, nada fei deste Estrangeiro;
Mas desprezar por ora não se deve
De todo este rumor.

Eu-

Eurimaco.

Sabei, Senhora,
Que eu instruído estou bastantemente.
Este Estrangeiro, que se diz chegado
Da Ilha de Coríre, vem acaso
Inda de Olíffes desmentir a morte?
Que vós lhe não dais credito supponho;
Mas inda vós procurareis desculpas
Para a demora de huma justa escolha
Unicamente a meu amor devida?

Penelope.

Bem pôde a minha escolha retardar-se
Por alguns dias mais, Senhor: Vejamos
O sussurro espalhado, em que se funda.

Eurimaco.

Ah que vós sois sem dúvida inventora
Destas noticias vans, destas quiméras
Tão pouco verosímeis. São pretextos
Para dourar a québra vergonhosa
Da fé, e da palavra: A vossa industria
Comigo em vão trabalha: Nada pôde:
De todo está perdido o soffrimento:
Na minha alma abrazada só dominão
Os incendios da colera: Por certo
Que por tantas demoras insoffríveis,
Tantos suspiros, tantas amarguras,
Eu merecia, ao menos por piedade,
Mais feliz recompensa. Mas ingrata!
Punirei vosso indigno fingimento:
Vosso cruel repudio me constrange
A ser cruel por força: Este artificio,

Que de novo buscais , não , não demora ,
 Accelera inda mais este conforcio :
 Eu sou Senhor , eu mando , e he preciso
 Que hoje mesmo daqui ao Templo vamos.

Penelope.

Piedosos Ceos ! Que extremos de injustiça !
 Ah barbaro Eurimaco ! Que pertende
 O teu cego poder ? Cuidas que devo
 Prezar tão pouco a gloria do meu nome ? ...

Eurimaco.

Afsás que ha muito tempo a vossa gloria
 Das minhas crueis dores se alimenta :
 Afsás que ha muito tempo os Gregos todos
 Sabem , que as minhas sujeições provocão
 Mais os vossos desprezos : que a constancia ,
 Com que os soffri até agora , inda soprara
 Mais a vossa vaidade ; em fim triunte
 De huma vez a violencia da brandura.

Penelope.

Sedo hum Heroe verás , que me defenda ,
 Ou vingue a minha morte : Sim , Olisses . . .
 Não estremeças , só de ouvir-lhe o nome ?
 Elle vem castigar os teus delictos .
 Tu , fraco ! Que dormias no descanso
 De hum ocio vil , quando elle peleijava
 Pela honra da Grecia , vencer podés
 Hum coração , onde este Heroe só reina ?
 Vai , temerario , para Samos toge .

Eurimaco.

De que vos aproveita invocar hoje
 O nome vão de Olisses fraudulento ,

Tão

Tão odioso aos Deoses, que irritados
Nem se quer consentirão que espirasse
Entre os braços dos seus heroicamente
Sobre os campos de Troia! Sobre as praias
De alguma Ilha incognita, e deserta,
Ou no fundo das aguas, he que pôde
Achar o seu sepulcro: Confundi-vos
Já de lisonjear-vos de huma vinda
Sómente imaginaria: Crede embora
Que Olisses não morreo. E que juizo
Fazeis, Senhora, de tão longa ausencia,
Mais que hum esquecimento, huma inconstancia?
Vós não sabeis que da formosa Circe
Ferido Olisses, suspirára amante?
E depois que a deixou, quem vos segura,
Que alguma nova Circe não pudesse
Encantar este Esposo fementido?
Se algum indigno amor o não prendesse,
Por lá que estranho caso o deteria,
Que a Pama não dissesse! Mas, Senhora,
Por todos se confirma a sua morte:
Inutilmente aqui não consumamos
O tempo em vãos discursos: Nós sabemos
Que hum ciú naufragio consumio seus dias;
E se o vosso impostor inda se atreve
A desmentir noticias tao seguras,
Eu o farei no meio dos tormentos
Confessar a verdade: Eu vos seguro,
Que as vossas vans promessas finta, e pague:
Sim, se vós recusais as minhas nupcias
Em vosso mesmo filho executado,

O meu odio vereis: Não: Mais piedade
 Não espereis de mim, o vosso pranto
 A meus pés cahirá inutilmente:
 Eu já o vosso gosto não consulto:
 Eu mesmo arrancarei das mãos da Sorte
 Este premio feliz, que se me deve;
 Se isto não for amor, será vingança. (1)

S C E N A III.

Penelope, e Ericlea.

Penelope.

AH querida Ericlea! Eu bem temia
 Ser a minha esperança pouco estavel.
 Deste hymineo indigno ameaçada
 Eu me vejo de novo: Esse tyranno
 Já lançou sobre mim mortal sentença;
 E accendeo com suspeitas na minha alma
 O fogo do ciume.

Ericlea.

Não he tempo,
 Senhora, dessas lagrimas inuteis!

Penelope.

Ah que elle diz, que Circe o detivera
 Com suaves cadeias. Grandes Deoses!
 Já eu lhe esquecerei? Será possivel
 Que Oliffes me abandone, e que me deixe
 Batalhar só c'os males, que me cárcão?
 Não tem nelles do que eu inda mais parte?
 E não vou eu morrer por hum tyranno?

In-

(1) *Vai-se.*

Inda quando a Fortuna o constrangesse
 A entrar no feio dos fertões medonhos,
 Que o Oceano mar de nós aparta...
 Lá nesses termos ultimos do Mundo,
 Se amasse quanto deve a mim, que o amo,
 O seu esforço, e o seu amor teria
 Forçado o mar, vencido as tempestades:
 Provera aos Deoses, que eu soubesse aonde
 A forte occulta o meu querido Olisses:
 Já me terião visto sobre a terra,
 Sobre as ondas voar, correr mil vezes,
 Mil vezes os limites do Universo.

S C E N A IV.

Penelope, Telemaco, e Eiriclea.

Telemaco.

JÁ por informes finalmente dignos
 De toda a fé, Senhora, nós sabemos
 Qual he do Rey a Sorte venturosa.
 Elle em Corsire está: Huma Princeza,
 Cujo merecimento esclarecido
 Toda a Grecia conhece, de hum naufragio
 A vida lhe salvou. Promptos remedios
 A seus males prepara, em seu soccorro
 O mesmo Rei seu Pai interessando,
 A Corte de Alcinois o estima, e ama;
 E só espera o dia assinalado
 Para a tua partida; e os seus navios...

Penelope.

Meu filho! Elle virá; mas virá tarde;

De

De hum funesto hymineo com toda a prêssa
 Ao sacrificio vou. Por hum tyranno
 Condemnada a morrer, eu já não posso
 Ter o prazer de vello; mas eu morro,
 Dando sinaes do meu amor eterno.
 Querido filho! Eu não terei o gosto
 (Unico gosto, que só ter podia)
 De o ver entrar aqui cheio de gloria,
 Fiel, e generoso, rodeado
 De famosos triunfos! Beus tão doces
 Só vós desfrutareis. O meu Eſpoſo
 Nunca mais me verá; e vós, meu filho,
 Olhai por vós. Dos nossos adversarios
 Confundi os projectos, consultando
 C'o ſabio Eumé o modo mais prudente
 Para evitar de ſeu rancor as iras.

Telemaco.

Oliffes bem deprêſſa ſerá viſto.

Penelope.

Fazei-me ver ſómente eſſe Eſtrangeiro:
 Eu quero perguntallo: Eſte refugio
 Permittir ſe me deve, antes que a morte. . .

Telemaco.

Senhora. . .

Penelope.

O meu Deſtino não permite. . .
 Mas ide: Eu vos eſpero . . . em fim, trazei-o. (1)

(1) *Vai-se.*

SCE-

SCENA V.

*Telemaco, e Ericlea.**Telemaco.*

AH que perturbação! Oh grandes Deoses!

Ericlea.

Salvemos a Rainha; e procuremos
 Algum prompto remedio a seus desgostos:
 Ide: Ide, Senhor. Com Eurimaco
 Empenhai vosso esforço: Suspendei-lhe
 A execução das barbaras idéas:
 Implorai o soccorro da Princeza:
 De Antinois demorai a ardente furia;
 E se quereis embaraçar-lhe a morte,
 Trazei-lhe esse Estrangeiro, que lhe affirme
 Que Oliffes inda vive; que hoje mefmo
 Sob: e estas praias defcера contente
 A foccorrella... Tempo não fe perca. (1)

SCENA VI.

Telemaco fô.

A Que effado não fomos reduzidos!
 Sepultada nos feus mortaes desgostos,
 Eu vejo minha Mãi. Este conforcio
 Então fe apréffa, quando espera Oliffes
 Tyrannos! Basta já de foffrimento:
 Hoje devo morrer, ou caftigar-vos:
 Da minha juffta colera os fúrores....

SCE-

(1) *Vai-fe.*

S C E N A VII.

*Oliffes, Telemaco, e Eumé.**Oliffes.*

P Rincipe, huma noticia perigosa
 Me obriga a procurar-vos: O tyranno
 Renova os ameaços: Neste dia
 Se prescreve á Rainha a Lei violenta
 De hum hymineo, indigno a vós, e a ella:
 Attentão contra vós: Importa muito
 Passar as ordens, prevenir os meios.

Telemaco.

Sim. Estou resolute a castigallos:
 Quer morrer a Rainha. O triste pranto,
 Em que fica banhada, me penetra
 Todo o meu coração. Eu não escuto
 Mais do que o meu furor desesperado:
 Ao menos em morrer faço o que devo.
 Desleal Antinois! Eu fim me perco,
 Porém ambos a vida acabaremos.

Oliffes.

Contra os vossos tyrannos inimigos
 Eu offercer-vos o meu braço venho:
 Devo ou perder a vida, ou dar-lhe a morte.
 Basta de soffrimento. . . Sem castigo
 Não fique o seu orgulho. O Ceo parece
 Que o tempo apressar quer desta vingança:
 Elle me falla: Escuto os seus conselhos.

Telemaco.

De tão alto projecto, oh grandes Deoses!

Quaes

Quaes serão os preparos! Que motivo
 A perder-vos por nós vos persuade?
 Vós por hum cégo acaso da Fortuna,
 Que vos lançou aqui! Vós Estrangeiro!...
 Ah! Ide procurar mais feliz sorte;
 Deixar-nos sentir sós os nossos males,
 Que para nós somente se fizerão.
 Parti; e se os Destinos vos levarem
 Outra vez a Corsire, e então pudieses
 Tornar a ver meu grande Pai, dizei-lhe...
 Que a pezar das desgraças, que me cercão,
 Inda me lembro de que sou seu filho;
 E que até dando os ultimos alentos,
 Mostrarei de qual sangue generoso
 Nasce Olisses, procede Telemáco.

Olisses.

He tempo em fim, Senhor, de descobrir-vos
 Os meus designios todos, e ajustarmos
 Os nossos corações: As mãos nos demonstram
 Eu venho suspender a acelerada
 Carreira das desgraças, que vos seguem;
 Antes que tomem nova força,
 Unica salvação, he de repente
 Atacar os tyrannos: Declarai-vos
 Com os vossos amigos: A seus olhos
 Co'as mais subidas cores da verdade
 Re:ratai-lhe a razão, pintai-lhe a gloria;
 E dizei-lhe, que Olisses neste instante
 Se fará conhecer: Os usurpados
 Direitos vossos recobrai; que os feros
 Inimigos da paz, de hum mortal golpe

Aos

Aos pés vos cahiráo, e entre os deſeuidos
 Deſſa eſperança vá, de todos elles
 A mais juſta vingança tomaremos.

Telemaco.

Santo deſignio! Zelo incomparavel!
 Do Ceo nos fois mandado por expreſſa
 Diſpoſição dos Deoſes; Vós fois meſmo
 Como hum Deos Tutelar: Vós fereis hoje
 Meu Pai, meu defenſor: De homem terreno
 Eſſe aſpecto não he: Elle annuncia
 O mais ditoſo termo á minha Sorte.

Oliffes.

A tão doce transporte já não poſſo,
 Não poſſo reſiſtir: Toda a minha alma
 Penetrada de goſto abrir ſe fente
 De huns impulſos ſuaves. Ah meu filho!
 Meu ſuſpirado filho! Neſtes braços
 Dão fim o voſſo engano, e os meus diſfarces,
 Conhecei voſſo Pai; mas vós ficastes
 Inda no berço, quando eu fui de Itaca.

Eumé.

Sim, Senhor, eſte he o Rey...

Telemaco.

Como he poſſivel,
 Ah meu Pai! que eu vos veja? Na garganta
 As truncadas palavras ſe me pégão.
 Mas meu Pai deſſa forte, neſte eſtado,
 Quem podia eſperar-vos?

Oliffes.

Eſte eſtado
 Não deve ſurprender-vos. N'um instante,

Se

Se he vontade dos Deoses, nós podemos
Do mais erguido monte da Fortuna
Cahir no baixo valle da miseria.
Eu sou, depois de hum misero naufragio;
Dos companheiros meus, unico resto:
Nestas praias incognito devia

Sómente apparecer, proporcionando
Este meio conforme a meus trabalhos.

Mas vós, e vossa Mãi, que amargo pranto
Me não tendes custado!... Em que pezares

Se não vio a minha alma submergida!...

Ah meu filho, eu vos vejo! Neste instante

Só me lembro de vós, delles me esqueço.

Telemaco.

Ah Senhor! Ah meu Pai! Ah que alegria!

Raro favor dos Ceos! Ouvidos rogos!

Nesta Ventura apenas me conheço.

Mas ai! Vossos trabalhos se acabarão?...

Eu fei, que hum sabio inteiro soffrimento

Guia vosso valor reconhecido

Por todos os mortaes. Sei quantas vezes

Buscou o vosso espirito guerreiro

De proposito empresas arriscadas.

Mas, Senhor, eita empresa he mais que todas

As empresas passadas: Vossa perda

He quasi neste sitio inevitavel.

Logo que estes tyrannos possão ver-vos,

Vereis juntar-se contra a vossa vida

Tropa estranha, vassallos rebelados:

Fugi, Senhor, a tantas mãos contrarias,

Que he indigno de vós este perigo;

E sem expôr a vossa vida amavel
 Aos sacrilegos golpes, he preciso
 Que armando em vosso nome toda a Grecia,
 Sobre estes infieis cahindo, estalem
 Os fulminantes raios da vingança.

Oliffes.

Não, meu filho. He preciso que hoje mesmo
 Ou me perca, ou me vingue: Estes instantes
 Preciosos são, aproveitállos vamos:
 Ide: Ajuntai; mas sem fazer estrondo,
 Estes nobres mancebos, cujo esforço
 Sei, que a favor da Patria se interessa,
 Já Mentor, Halitercio, Phileticio
 Seguem nosso partido; e avisados
 De minha vinda por Eumé já forão.

Telemaco.

Mas que podem fazer? Hum povo mole,
 Inerme, e dos tyrannos seduzido
 Quererá por ventura neste assalto
 Dar a vida por vós, se for preciso?
 Quererá por Senhor reconhecer-vos?
 Mas, meu Pai, a Rainha acaba, espira.
 Só vós podeis livralla deste aperto:
 Correi, correi a vella. Pouco importa
 Que combata por ella o vosso braço,
 Se a vida perder por deixar de ver-vos.

Oliffes.

Ah, que o meu coração arder se sente
 Por hum tão doce objecto! Sim; eu temo
 Que me falte o espirito, se a vejo;
 Não poderei vencer-me. Podem muito

De

De hum Esposo as ternuras; e he preciso
 Fugir de que ellas possão declarar-me.
 Os meus olhos, e os seus... de ambos o pranto...
 Ah! Dirão tudo, sem querer dizello:
 Basta que a salve; e vós buscai, meu filho,
 De a consolar, os meios mais suaves.
 He preciso que ás portas de Palacio
 Tornemos a ajuntar-nos: Buscaremos
 Proporcionado tempo á nossa empreza:
 Tudo nos favorece; o dia, os jogos,
 E o tumulto da Corte. Sim, meu filho,
 Prudencia com valor, vencêrão sempre
 As mais fortes desgraças: Apressai-vos,
 Que logo todos tres seremos juntos. (1)

S C E N A VIII.

Oliffes, e Eumé.

Oliffes.

JÁ do nosso mais alto precipicio
 Tocámos a fatal extremidade:
 Encubrir-vos não posso, inda que eu queira,
 O meu justo receio. Eu vos influo
 Ainda huma esperança, que não tenho.
 Entre os braços dos meus o peito exponho
 Aos tiros da Fortuna descubro;
 E no meio da Patria, sim, no centro
 Do meu proprio Palacio a infautta Sorte
 Do triste Agamenon sómente espero.
 Mas que digo! Será o meu Destino

Ain-

(1) *Vai-se.*

Ainda mais cruel: Eu acho, e vejo
 Huma Esposa adoravel: Huma Esposa
 Digna do meu amor. Quando eu podia
 Ser venturoso, então comigo acabão
 O Pai, a Esposa, o filho, tudo perco;
 Mas figamos a Sorte: Vinde...

Eumé.

Armados

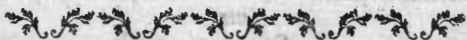
Os nossos inimigos se apercebem.

Oliſſes.

Eu vou reconhecellos; e dispondo
 A occasião, e o sitio, cuidaremos
 No modo mais seguro de atacallos:
 Segui-me, que o meu animo recobra
 O seu valor, o seu focogo antigo.
 Eu não tenho tentado tantas vezes
 Emprezas muito mais difficultosas?
 Quando na immunda, na medonha cova
 Do bruto Polifemo, á minha vista,
 Pelas nervosas mãos fanguinolentas
 Despedaçados os meus focios forão,
 Vendo pendente por hum fio a vida,
 Não escapei triunfante? Castigando
 De hum só golpe mortal tão mortaes golpes?
 Porém contra qualquer Destino, ou Sorte,
 Que pelo Ceo me esteja reservado,
 Grande Minerva! Sábia Protectora!
 Desce: Vem ajudar-me. Em meu espirito
 De novo influe: Sustenta-me este braço:
 Accende em mim aquelle fogo heroico
 De zelo, e de vingança, que algum dia

Me

Me fez triunfar dessa soberba Troia;
 E se a minha desgraça puder tanto,
 Que em fim deva ceder-lhe, faze ao menos
 Que me coroe de huma morte honrada.



ACTO QUINTO

SCENA I.

Penelope, Eumé, e Ericlea.

Eumé.

O H Ceos! Onde correis precipitada?
 Com que motivo, com que impaciencia
 Quereis vós mesmo destruir as nossas

Felices esperanças? Ah Senhora!

Detende-vos hum pouco...

Penelope.

Em vãos discursos

O tempo não gasteis: Esse Estrangeiro

Quero ver: Sei que está no vosso quarto:

Lá mesmo vou fallar-lhe: A' vossa instancia

Nem mais hum só instante attender quero.

Porque a fallar-me se resiste tanto?...

Eumé, dizei-me: Que mysterio he este?

Eumé.

Por vós mesmo, Senhora, neste instante

O seu zelo trabalha: O seu desejo...

Penelope.
 Eu não pertendo que elle exponha a vida:
 Longe de me tentar com vans quiméras,
 Quero só que falle, e deste porto
 Se retire depois.

Eumé.
 Senhora, crede
 Que a mão benigna do Destino póde
 Restituir-vos hoje o vosso Oliſes.

Penelope.
 Por este vasto mar estendo a vista
 De meus faudosos, meus cançados olhos;
 Com elles vou, e venho; as ondas coiro,
 E de ver não acabo o meu Esposo:
 Eumé, virá; mas virá tarde Oliſes:
 Já mui perto de mim vejo da Morte
 O pállido semblante; e para ella,
 Qual paciente ovelha, me preparo:
 Oliſes me abandona, assim o julgo,
 De occultar-se de mim esse Estrangeiro:
 Que he vivo o meu Esposo, me segura;
 O mais, querido Eumé, de mim esconde:
 Não se atreve a dizer-mo, receando
 De accrescentar, talvez, os meus tormentos.

Eumé.
 Vosso Esposo he fiel. Poucos instantes,
 Senhora, passarão, que esse Estrangeiro
 Não ponha termo a vossos váos temores.

Penelope.
 Quanto mais o escondeis da minha vista,
 O desejo de vello mais se accende.

II. Sim,

Sim, eu quero fallar-lhe: Já superfluas
São as vossas escusas: Se elle tarda,
Hum instante sequer, não torna a ver-me:
A huma Rainha, que morrendo implora,
Já he muito esperar: Venha o Estrangeiro.

Eumé.

Oh que extremo cruel! Será preciso
Avisallo da vossa impaciencia:

Elle ha de obedecer, eu vou buscallo;

Mas evitai que público se faça.

Preveni-vos, Senhora, de constancia

Para esconder os naturaes transportes,

Que turbarão vossa alma: Moderai-vos...

Penelope.

Fazei que os meus deitejos satisfaça:

Ide, apressai-vos: Venha, ou vou buscallo.

Eumé.

Vós o quereis assim... virá fallar-vos! (1)

SCENA II.

Penelope, e Ericlea.

Penelope.

Insensivel Olysses! Algum dia,

Condoido talvez do meu tormento,

Tu te arrependerás. Dentró em Corfire,

Bem longe do que eu passo, não se atreve

A deixar as delicias, que o encantão.

Lembra-se de que eu morro? Tem cuidado

Ao menos de informar-me, que ainda vive?

Oii

Que

(1) Vai-se.

Que tem amor? E que esperar o devo?
 Ah! Que este ingrato, se de mim me lembra,
 Será para abusar da fé devida
 A' minha exemplarissima constancia!
 De huma Esposa fiel zomba, e se esquece
 Entre novos cuidados: O meu pranto,
 Os meus suspiros, e os meus ais augmentão
 O seu doce prazer: Em mim os dias
 São seculos de pena, e nelle os annos
 São momentos de gosto: Ao mesmo tempo
 Tão contrarios affectos nos defunem,
 Tão pequena distancia nos separa.

Ericlea.

Porque accusais, Senhora, o vosso Esposo,
 Quando torna fiel aos vossos braços?

Penelope.

Ai, Ericlea, que me enganão todos!
 Já nelles estaria, se outros laços
 De amor o não prendessem. Sim, Olisses!
 Teu Pai quasi que espira de tristeza,
 Mais que do pezo da cruel velhice:
 Tua Mãi desgraçada, ouvindo apenas
 Tua perda fatal, entre os meus braços
 Quasi desfalecidos, encostando
 Sobre este peito a languida cabeça,
 Perdeo a triste vida. A tua ausencia
 Arruinou Iraga; mas teu filho,
 O teu unico filho! O virtuoso,
 O amavel Telemaco, que hoje perde
 O throno, e a vida, este filho ao menos
 Obrigar-te pudera: Tu devias

Voltar a foccorrello; a conduzillo
 Pelos caminhos asperos da gloria,
 Que os Reys heroicamente seguir devem.
 Injusto Pai! São estas as virtudes,
 As acções de hum Heroe, que tu lhe inspiras?
 A mim se me desprezas, porque julgas
 Que me tem feito a idade menos bella
 Do que tu me deixaste? Ah charo Esposo!
 Lembra-te que as saudades ajudarão
 A consumir meus dias: Não te esqueção
 Aquelle pranto, aquelles juramentos, ...
 Em fim aquellas ultimas palavras,
 Que mal pude dizer.. quando a Fortuna
 Te arrancou de meus braços: Reconhece...
 Porém esse Estrangeiro!...

Ericlea.

Elle já chega.

Penelope.

Deixai-me só por só fallar com elle,
 E cuidai em que alguém nos não perturbe. (1)

S C E N A III.

Oliffes, e Penelope.

Oliffes.

ONde me conduzis, Deoses supremos?
 De susto immovel a minha alma sinto!
 Neste estado em que estou, á sua vista
 Como apparecerei?

Pe.

(1) *Vai-se Ericlea.*

Penelope.
 Vinde, chegai-vos.
 Dizei-me: Vive Olfesses? Na memória
 Ainda me conserva? Tem fallado
 De mim alguma vez? Quando vem elle?
 Seria seu desejo, que escondendo
 De mim, que ainda vivia, em tantas penas
 Submergida acabasse? Como d'antes
 Já me não ama?

Olfesses.
 Oh Ceos! O vosso Esposo
 A ninguem ama, nem amar podia
 Mais do que a vós sômente: Socegai-vos:
 De hum amor tão fiel, tão verdadeiro
 Vereis a duração, vereis a prova.

Penelope.

Deoses! Que fiato em mim? Oh que suave,
 Que penetrante voz! O meu Olfesses
 Assim he que algum dia me fallava!
 Que doce encanto a minha dor suspende!
 Quanto mais vejo... quanto mais reparo...
 Mais... Ah Senhor! Sois vós o meu amado?
 Sois vós o meu Olfesses? Sois vós mesmo?

Olfesses.

Eu sou, Senhora, o mesmo: Este he o Esposo
 Feliz, que vos adora: He este o mesmo
 Que tantas afflicções vos tem cuitado.

Penelope.

Tanta ventura comprender não posso.
 Isto será verdade? Inda receio
 Que os meus olhos me enganem. Sim: Duvido...

Mas

Mas não: Vós sois o mesmo. Aquelle estranho
Presentimento occulto da minha alma
Não podia enganar-me: O meu espirito
Do erro acautelado, em fim cubertos
Meus tristes olhos da pezada nuvem
De tão continuas lagrimas, perdêrão
O seu perfeito uso. Amado Oliffes!...

Oliffes.

Doce Esposa! Penelope querida!...

Penelope.

Ditofo dia!

Oliffes.

Instante venturoso!

Penelope.

Mas porque retardastes a meus desejos
Tão suspirada vinda? Conhecendo
O meu temor, a minha impaciencia;
Espirando eu por vós? Como pudestes
Em tão pouca distancia nestes fúios,
Neste mesmo Palacio tantas horas
A meus faudosos olhos esconder-vos?
Vós, Senhor, suspirais? Ah quanto temo
Que esses suspiros triste annúncio sejam!
Vós só!... Lançado ao impeto das ondas
Nas vossas mesmas praias... Esta vinda
Inopinada os Deoses não quizerão
Mais que para entregar-vos neste dia
A's mãos infames de inimigo vossos.
Ah, fujamos, Senhor, destes tyrannos:
São menos feros os Leões, e os Tigres;
Os inconstantes mares, mais seguros:

Vin-

Vinda imprudente ! Temerario arrojo !
 Ah ! Para que viesstes ? Melhor fora
 Perder a gloria de tornar a ver-vos.

Oliffes.

Tornai a vós , Senhora. A minha vista
 Em vez de moderar , não accrescente
 As vossas afflicções : Entre esses duros ,
 Tão diversos trabalhos , que hei soffrido ,
 Unicamente foi a vossa aulencia
 Quem me fez suspirar : Se me não virão
 Ceder aos golpes da cruel Fortuna ,
 Dos elementos , dos oppostos Deoses ;
 Se os mares contrastei , que separavão
 Os meus dos vossos olhos , foi sômente
 Para tornar a vellos , e entregar-vos
 De novo a hum coração , que só he vosso.
 Adoravel Esposa , o vosso pranto
 Quando deve cessar , não se renove.

Penelopc.

E eu como vos vejo ! Eu não descubro
 Mais do que as sombras da terrivel morte ,
 Que nos rodeão.

Oliffes.

Neste grande dia
 Eu venho terminar as vossas penas :
 Vereis ficar os inimigos vossos
 Todos vencidos , quando vós vingada.
 Da nossa Sorte , os Deoses querem hoje
 O termo decidir. Eu mesmo espero
 Que da vossa alma heroica , respeitando
 As sublimes virtudes , quantos raios

Con-

Contra nós até agora arremeçarão,
 Da mão lhes caião; e se voltem todos
 Contra os nossos crueis perseguidores,
 Nos Celestes foccorros confiemos.
 Porém, Senhora, muito me internece
 O vosso pranto, quando devo armar-me
 De hum novo ardor, de hum animo invencivel:
 Deixai que eu corra...

Penelope.

A ir buscar a morte?

Oliffes.

Vou defender-vos. ...

Penelope.

E eu acompanhar-vos.

Oliffes.

Bem queria esconder-me aos vossos olhos.
 Elles são os contrarios, que eu mais temo:
 As vossas afflicções, o vosso pranto
 Me farão conhecer. Esses tyrannos
 Pelos vossos clamores avisados
 Podem-se prevenir. A Deos, eu parto...
 Mas que posso eu dizer-vos? Penetrado
 Desses afflictos ais, tremo, e suspiro;
 Nem ficar devo, nem partir-me posso...
 Mas não he tempo: Eu corro a defender-vos.

Penelope.

Sejão, ou não os Deotes compassivos,
 Havemos fer já agora iguaes na Sorte:
 Será talvez comigo menos dura,
 Levando a gloria de morrer comvosco:
 Eu não vos deixo.

Olif.

Oliffes.

Que fazeis, Senhora!
 Attendei, esperai, que eu já vos busco. (1)

Penelope.

Ah! que se vai perder. Vamos com elle.

S C E N A IV.

Eurimaco, Penelope, e Ericlea.

Ericlea.

DAs vossas ansias reprimi, Senhora,
 Tão extrema violencia: Olhai que chega
 O tyranno Eurimaco.

Eurimaco.

O impostor foge,
 Sómente por não ver-me: Em vão procura
 Moderar a colerica vingança,
 Que me ferve no peito: Eu desejava
 Diante de vós mesmo convencello.
 Inda este lance eu esperar podia!
 Julgais talvez por certa essa noticia,
 Que espalhou entre nós esse Estrangeiro?
 Vós o credes?

Penelope.

Senhor, creio a verdade:
 O meu Oliffes vive.

Eurimaco.

Eu o desejo:
 Os Deoses o permitão: Mais sensivel
 Lhe será o meu odio, se inda vive;

(1) *Vai-se.*

A sua confusão, a sua affronta,
 Tudo será materia gloriosa
 Para a minha ~~Fortuna~~: Sim desejo
 Que elle me veja dominando Itaca,
 Pacífico Senhor dos seus direitos.
 Com vergonhosos, com pezados ferros
 Em perpétua prizão verá seu filho:
 Vera seu povo ás minhas Leis sujeito:
 Triunfarei á vista dos seus olhos;
 E quando submergido nos abyssos
 Dos fundos mares, escapar não possa,
 Do meu triunfo lá no mesmo Inferno
 O rosto esconderá de envergonhado.
 Fazei, se podeis tanto, que hoje venha
 Augmentar os motivos no meu gosto:
 Reflecti, que das minhas Leis não póde
 Defender-vos ninguem: O vosso filho
 Fôrma em vão hum projecto temerario:
 Já tenho prevenido quantos meios
 Elle póde tentar: As minhas ordens
 Para ser prezo já passadas forão:
 Esse impostor, que Olisses resuscita,
 Em presença do povo ao cadafalso
 Conduzido será. A Deos, Rainha,
 Vou de Antinois accrescentar a furia:
 Dei a sentença, e perdoar não posso. (1)

(1) Vai-se.

SCE-

S C E N A V.

*Penelope, e Ericlea.**Penelope.*

HE este o doce, o promettido fruto
 Das minhas esperanças?...Grandes Deoses!
 Era assim, que hum Esposo vos pedia
 Nos meus constantes votos, suspirando
 Por elle ha tanto tempo? O meu Esposo,
 Depois de rebater por tantas vezes
 Os encontros da Sorte, ter sabido
 No Mundo vencedor de mil combates,
 De mil crueis naufragios, virá hoje
 Dentro do seu Palacio, em fim no meio
 De seus charos Penates, e parentes
 Morrer, morrer á vista dos meus olhos,
 Entre mãos infieis? Mas ah traidores!
 Contra quem? Contra Olisses! Furiosos
 O braço armais? E não vos treme o braço
 Só de olhar para elle? Sim, tyrannos!
 Vou morrer a seu lado heroicamente:
 Ambos de hum golpe a vida acabaremos.

Ericlea.

Senhora...

Penelope.

Ah Ericlea, que os meus gritos
 Darão a conhecer o meu Esposo:
 Sim, pôde ser que ainda vacillantes
 Não descarreguem nelle esses tyrannos
 De todo o seu furor, e que suspendão

Por

Por algum tempo derramar seu fangue;
 Mas se descobrem que he o grande Olifses,
 Indispensavelmente o matáo logo.
 Que resolvo? ... Que faço? ... Oh Ceos! Que pena!
 Detem-me o fusto, quando amor me arrasta:
 Corramos, procuremos defendello...
 Sim, busquemos Ifise.

Ericlea.

O Ceo parece
 Que vo-la quiz trazer. Ifise chega.

S C E N A VI.

Penelope, Ifise, e Ericlea.

Ifise.

Que fazeis vós, Senhora? Eu vinha agora
 De entrepôr com meu Pai as mais ardentes
 Súplicas de huma filha; porém elle
 Sem me escutar, sem me attender, com cêga
 Defensfreada colera procura
 A vossa perdição: Os seus soldados
 Anima com palavras de ousadia:
 Arcás, e Aninois, desse Estrangeiro
 O sangue todo, não lhe farta a sede
 Do seu rancor antigo: Em Telemaco
 Tambem vingar-se querem. Vós, Senhora,
 Não acudis, podendo, ás vossas penas?
 O povo se alvorota: Em toda a parte
 Agudas lanças contra vós reluzem.

Penelope.

Ah! Que vós mal sabeis a quantos golpes

Ex-

Exponho o peito, o animo preparo!
 Minhas desgraças já crescer não podem:
 He morrer o meu unico remedio.

Ifse.

Que impaciencia indigna da vossa alma!
 Só de fracos espiritos triunfa
 A desesperação. Ah! Não, Rainha.
 Vós podeis só c' uma palavra vossa
 Pacificar os animos de todos,
 Salvar o vosso filho, e arrancallo
 Quasi das mãos da Morte. O amor ardente
 De meu Pai este premio vos mereça,
 Que elle mesmo de novo sujeitando
 A's vossas Leis os rebelados póvos,
 Das aleivosas mãos fará cahir-lhes
 As lanças, e as espadas: Apressai-vos:
 Vede que morre o Principe. Ah, Senhora!
 Se he tempo ainda, quero soccorrello. (1)

S C E N A VII.

Penelope, Ericlea, e Eurinome.

Penelope.

MInha Ericlea, não tardemos, vamos
 Mostrar por huma vez o mar de horrores,
 Em que fluctua, em que se affoga esta alma.
 De nós a duvidosa gente aprenda
 A morrer por seu Rey. O meu exemplo...
 Mas, Eurinome, que temor te affusta?
 Até onde os tyrannos levar querem

(1) *Vai-se.*

A cruel injustiça? Esse Estrangeiro...

Eurinome.

Dizem que já Olíffes se conhece
Que o sacrificáo, que hoje mesmo o matáo.

Que furioso combate! Que medonho
Espectaculo! Oh Ceos! De horror enchêrão!

Estes meus olhos tristes! Eu não pude
Distinguir quem triunfava, ou quem morria:

Era tudo huma trágica mistura
De gritos, sangue, e mortes. He Olíffes...

Entre confusas vozes se escutava;
E junto c' o seu nome repetião

O nome de Antinoís. O Rey, disseráo,
Ao número já cede, que o ataca;

Este execrável monstro a vida perca:
Cheio de furia, o Principe, torçando

A entrada de Palacio, grita, e corre
Com a espada na mão. Para buscar-vos

Com ella abre caminho, derramando
A' custa de mil mortes, outras tantas

Fontes de sangue perfido. Tremia
Debaixo de seus pés. Mas elle chega.

S C E N A VIII.

Telemaco, Penelope, Ericlea, e Eurinome.

Penelope.

MEu filho, onde correis? Vinde comigo,
Acabaremos ambos.

Telemaco.

Ah Senhora!

O Ceo está por nós; meu Pai triunfa,
 O seu braço invencível... Mas que digo!
 Não pôde ser. Alguma Divindade
 Debaixo da mortal visível tórma
 De Olliſſes nos defende. Este milagre,
 Este prodigio, ah! Senhora, eu meſmo
 Inda depois de vello o não alcanço!

Penelope.

Justos Deoses!

Telemaco.

Em fim, eſſes tyrannos

Com implacavel colera o tratavão
 Mil vezes de impostor. Elles querião
 Infamemente á vista deſte povo
 Salpicar com ſeu fangue os vis Altares
 Do abominavel Odio: Os inimigos
 Soldados o rodeão, procurando
 Impedir-lhe a ſahida de Palacio.
 Ah, Senhora, ſe o viſſes!... Quando a cheia,
 Que engroſſa de repente, e os deſcuidados
 Paſtores accommette, e que os boiantes
 Troncos, e gados ante ſi lhes leva,
 Deſtruindo-lhes os campos, tanto medo
 Não põe nos corações, como animoſo
 Por entre as armas da inimiga gente,
 Dando golpes mortaes, ganhando campo,
 Faz tremer tudo á vista de ſeus olhos,
 Sóbe os degrãos do Templo, e de hum aſpecto,
 Qual Jove tem, quando no Ceo ſe irrita,
Ah traidores! exclama, cujo braço
Na minha auſencia vergonhoſamente

De-

Desolou atrevido os meus Estados;
 E que sem resistencia maltratando
 O tenro filho, a delicada Esposa
 Pensastes ver, talvez por minha morte,
 Sem exemplar castigo as vossas culpas:
 Inda vivo, inda reino, inda confervo
 A impreterivel Regia authoridade,
 De fazer sobre vós summa justiça.
 Aos golpes desta (e levantou a espada)
 Por terra cabireis, reconhecendo
 A gloria do meu nome. Eumé, segui-me;
 Mentor, e Filiticio, acompanhai-me:
 Então co' fulminante ferro erguido
 O infame peito de Antinois traspassa:
 Este he o Rey: Em altas vozes grito;
 Este he meu Pai. Seguindo o seu exemplo,
 Contra a guarda estrangeira me arremeço:
 Arcás, e os outros Chefes todos ficão
 Ou já sem vida, ou esperando a morte.
 Nossos fieis amigos inflamados
 De hum zelo heroico todo o povo animão:
 O seu furor as armas lhe ministra:
 Cresce o tumulto, todos se perturbão;
 Nenhum resistir ousa. Alguns, que fogem,
 O medo sobre o mar os precipita:
 Por livrar Eurimaco, a seus navios
 O faço conduzir. Oh quanto pôde
 A presença dos Reys! Basta escurar-se
 O nome de meu Pai para entregar-lhe
 Sem mais contradicção os seus direitos:
 O seu Augusto aspecto, a sua força

Defarmou, e punio quantos tyrannos
 Se oppunhão contra elle. Os mais rebeldes,
 Os mais frouxos vassallos já de todo
 O seu dever, e as Leis Reaes conhecem.
 Em quanto de meu Pai inda a victoria
 Pede a sua assistencia, elle me ordena,
 Que venha procurar-vos. Eu já tenho
 Affugentado as guardas atrevidas,
 Que as portas de Palacio defendião:
 Por essas Praças seu indigno fangue
 Inda quente fumeja. A ver Oliffes
 Vinde pois: Aprellai-vos: Vinde vello:
 No meio das victorias, que o coroaõ,
 Quer-vos a par de si; pois não pertende
 Outro premio maior dos seus triunfos.
 Eu vou buscar Ifise, e em seus desgostos
 Mostrar-me agradecido ao que lhe devo...
 Que quer Eumé?

S C E N A IX.

*Eumé, Telemaco, Penelope, Ericlea,
 e Eurinome.*

Eumé.

EM fim tudo em Itaca
 Respira huma pacífica bonança;
 Porém livrar não pôde o voiso empenho
 A vida de Eurimaco; pois chegando
 Já mui peito das náos, foi soçobrado
 Das ondas o escaler, que o conduzia.

Te-

Telemaco.

E onde está Ifise?

Eumé.

Ella inda ignora
A perda de seu Pai. Por vós espera
O grande Olisses para ver Laertes.
Senhora.

Telemaco.

Perdoai-me, que eu não posso ...
Ah cara Ifise!

Penelope.

He justo o sentimento.
Vós me ouvistes em fim, supremos Deoses!
Meus trabalhos crueis recompensastes;
Mas este bem, meu filho, que conferem
A meus ardentes votos, imperfeito
Será, se não permite o Ceo benigno
Ver-vos reinar em paz, viver ditoso.



VIRIACIA.

TRAGEDIA ORIGINAL

TIRADA

DA HISTORIA LUSITANA

POR

JOÃO XAVIER DE MATOS.

ARGUMENTO.

*D*epois de assassinado pelos Romanos Viriato, bem conhecido na Historia da Lusitania, Viriacia sua filha foi eleita pelos povos Rainha desta; e sendo atacada, em Lacobriga sua Capital, por Pompeo, então General das tropas Romanas, se defendeo deste valerosamente. Entretanto chegou a soccorrella Corrobo, Principe de Galeces seu alliado, e amante. Pompeo, temendo o novo soccorro, pede huma conferencia, a que assiste Sertorio, desertado Capitão de Roma, recebido dos Lusitanos, eleito seu General, fa-

vorecido, e amado da Rainha. Commette
Pompeo a paz; Viriacia a recusa; e Cor-
robo desprezado della, e cioso de Sertorio,
busca a Pompeo; e com elle, e com Aris-
tia, sua repudiada mulher, refugiada na
Lusitania, tratão de atraçoar a mesma
Rainha. Descobre-se opportunamente a trai-
ção; são prezos, e convencidos nella Aris-
tia, e Corrobo. Perdoa Viriacia a am-
bos. A primeira volta com Pompeo para
Roma: O segundo se mata com a sua mes-
ma espada, que se lhe entrega; e Viria-
cia dando pacificamente a mão de esposa
a Sertorio, o constitue Rey dos Lusitanos.
O mais se verá do contexto da Obra,

ACTO-

A C T O R E S.

- VIRIACIA, Rainha da Lusitania, Filha de Viriato.
- SERTORIO, Romano, General das tropas Lusitanas.
- ARISTA, Mulher de Pompeo, repudiada, achando-se com os Lusitanos.
- CORROBO, Principe de Galeces, alliado de Viriacia.
- ESPANO, Confidente de Corrobo.
- ARCÁS, Confidente de Sertorio.
- ELMIRA, Confidente da Rainha.
- POMPEO, General das tropas Romanas.
- AUFIDO, Tenente de Sertorio.
- CURIO, Capitão das guardas da Rainha.
- Guardas.

A Scena se representa no Palacio da Rainha na Cidade de Lacobriga.

ACTO

A C T O R E S.

TRACIA, Rainha de Bithynia, filha
 de Viduro.
 STORTILO, Romano, General das tro-
 pas Romanas.
 ARISTA, Mulher de Pompo, torpe.
 Mãe de Stortilo.
 CORRORO, Principe de Galles, filho
 do de Vitorio.
 ESTANO, Constante de Corrolo.
 ARCAS, Constante de Stortilo.
 FEMIRA, Constante de Rainha.
 POMPO, General das tropas Romanas.
 Tercio de Stortilo.
 CURIO, Capitão das guardas da
 Rainha.
 Guardas.

A scena se representa no Palacio da Rainha
 e na Cidade de Laodicea.

ACTO



A

N

O
 Lho
 Ná
 E c
 O
 Do
 Qu
 Ma
 Em
 Em
 A



ACTO PRIMEIRO

SCENA I.

Viriacia, e Elmira.

Viriacia.

NAõ, Elmira: Não temas, não te affuste
Guerreiro estrondo de inimigas armas:
A multidão dos perfidos Romanos
Não he sempre quem vence nas batalhas:
O engano, e a traição, que n'outros tempos
Lhe tem dado triunfos vergonhosos,
Não lhe hão de valer hoje: Os bons soldados,
E os Capitães, que em meu favor pelejão,
O enfiado rosto nunca virão
Do susto, e do temor, que te perturba:
Quanto mais os perigos crescer vejo,
Maior valor para vencellos sinto:
Em vão cerca Pompeo estas muralhas:
Em vão levar esta Cidade intenta:
A grande resistencia, que acha nella,

E

E a vinda inopinada de Sertorio
 Huma breve, mas prompta conferencia
 Lhe tem feito pedir.

Elmira.

Mas ah, Senhora,
 Vede o grande poder dos inimigos,
 Que já tendes á vista, que vos cercão
 Dentro destas muralhas! Vede as armas,
 Vede os preparos!

Viriacia.

Tudo tenho visto.
 Quando este povo me elegeo Rainha
 Da guerreira, da antiga Lusitania,
 A quem por minhas direcções, e industria
 Fiz sacudir do jugo dos Romanos
 O maltratado, misero pescoço,
 Pelo sangue jurei, por esse sangue
 De Viriato meu Pai, o Grão Viriato,
 Vingir-lhe a morte, conservar-lhe o nome.
 Sim, Elmira, esse sangue grita, e clama
 Vingança contra as mãos do ímpio Aulaces,
 Do falso Distalião, do vil Minuro,
 Que nelle se manchárão.

Elmira.

Mas os tempos
 Tudo mudão, Senhora: Os Lusitanos,
 Que nesse tempo vosso Pai mandava,
 Não são os mesmos, que mandais agora:
 A mole paz por vezes recebida,
 Pela ausencia de hum Chefe experimentado,
 Costuma pouco a pouco ir affroxando

O valor militar: Desses guerreiros,
 Por terra os murriões jazem cahidos;
 As ferrugentas lanças encostadas;
 E que soccorros esperais agora
 De hum braço, que não vive ás armas feito?
 Dos successos, o Tempo, a face muda:
 Temei os tempos muito mais que os homens,
 Que hum zelo igual não fortalece a todos.

Viriacia.

Não he a multidão, ó almas fracas,
 Quem só faz o Destino das coroas,
 Quem decide da Sorte das batalhas:
 O valor, e a prudencia dos que mandão,
 He o Astro, que influe; e se se juntão
 A's forças naturaes altos mysterios,
 Os Geriões, os Ciclopes, as Furias
 Do mesmo Inferno, em negro campo armados,
 Não podem resistir. Elmira, sabe,
 Que esta passada noite hum sonho tive,
 Em que víra meu Pai: Elmira, tremo
 Quando quero dizello! Os olhos turvos,
 Nadando já nas afflicções da morte,
 Como quem lhe cultava levantellos;
 Os beiços roxos, o semblante afflicto....
 Tal o vi sobre a terra inda vestido
 Das armas brancas, de que usou na guerra:
 Ergue o meio corpo, e mal podendo
 No cotovelo esquerdo sustentar-se,
 Lançando rios de espumoso fangue
 Pelos golpes mortaes das rotas fauces,
 De hum tom doente, de humna voz truncada;

Po-

Pode apenas dizer-me: *Digna filha*
De hum Pai, qual Pai eu fui; estes os premios,
Que recebi dos meus? Estes os louros,
Que a veneravel fronte me cercarão?
Este incansa-vel defensor da Patria,
Este braço, flagello dos Romanos,
Nem para sustentar-me já tem forças:
Sim, esta boca, Oraculo da guerra,
Que passou tantas ordens, já não pôde
Mais que recommendar-vos, e pedir-vos
Vingança, e mais vingança contra aquelle
Infame Consul, Scipião infame,
Que aos authores crueis da minha morte
Suggerio com promessas corruptoras
Em nome do Senado, em voz do povo:
E saiba Lusitania, saiba Roma,
E se he possível, todo o Mundo saiba,
Que no meu sangue, o meu valor herdaste.
 Mas quiz dizer, e dizer mais não pôde.
 Tremo de vello, affusto-me de ouvillo:
 Não me cabia o coração no peito:
 Nelle a respiração me apressava:
 Fôra de mim no mais cruel transporte,
 Que pôde imaginar-se, de ternura
 De amor, de compaixão, entre gemidos,
 Para o defunto corpo, abrindo os braços,
 Como douda corri; mas neste esforço
 Do impulso, que tomei, acórdos, e vejo,
 Que em vez do corpo, que abraçar queria,
 As sombras vans do meu passado engano
 He fomite que abraço: Eu não demoro

Hum

Hun
 Em
 Que
 Sim
 Que
 Me
 Que
 Toc
 Que

Não
 Pô
 Pel
 Pin
 Esp
 Sen
 Qu
 Qu
 De
 A's
 Ma
 Do

Cor
 O
 Ca
 Ell
 Qu
 Ao

Hum só momento á íntima vingança,
 Em que abrazada toda a minha alma finto:
 Quem me alenta, não pôde ser só ella:
 Sim, de meu Pai o espirito parece,
 Que se me transmittio, se faltou nelle:
 Meu Pai he só quem falla, quem medita,
 Quem dirige os meus passos, quem governa
 Todas minhas acções; em fim quem manda,
 Que vingue a tua morte.

Elmira.

Ah, não, Rainha,
 Não vos perturbeis tanto, socegai-vos:
 Pôde a nossa estragada fantasia,
 Pela impressão continua da memoria,
 Pintar-nos entre sonhos pavorosos
 Espectros muito mais extravagantes,
 Sem que involvão mysterios: Eu não digo
 Que vos deixeis vencer sem resistencia;
 Que sem fatisfação deixeis a morte
 De vosso amavel Pai; que deis ouvidos
 A's infieis propostas dos Romanos;
 Mas que temais as forças superiores
 Dos vossos inimigos.

Viriacia.

Que inimigos,
 Contra a razão, contra a justiça, podem
 O braço levantar, que se não vejam
 Castigados dos Deoses? Por ventura
 Elles já não tem raios? Não são elles
 Que os Celestes avisos communicão
 Aos miseros humanos, por caminhos

A's

A's vezes naturaes, de que se servem?
 Sim, Elmira, este sonho ser não pôde
 Mais, que hum aviso dos Supremos Deoses;
 Elles amão a gloria, que resulta
 Igualmente do premio, e do castigo;
 E se huma acção culpavel os irrita,
 Huma justa vingança os lisongea.
 Alma benigna, sombra generosa
 De meu Heroico Pai! Só tu es digna
 De ir aos Elizios sem passar o Erebo:
 Espera ver por mim, gostosa espera,
 Desempenhada a gloria do teu nome
 Nos maiores assaltos; tudo quanto
 Pôde caber no braço delicado
 De huma fraca mulher, que mais estima
 Morrer, dando sinais de filha tua,
 Que ser Rainha sem ficar vingada.
 Mas Curio alvoroçado!

S C E N A II.

Viriacia, Elmira, e Curio.

Curio.

JÁ, Senhora,
 Chega Sertorio ás portas da Cidade,
 E na frente do exercito marchando
 Em ordem de batalha, se apresenta
 Diante dos contrarios, que a cercavão;
 Os nossos inimigos vão perdendo
 O posto, que ganhárão. De huma parte

Já

Já temos para o campo Lusitano
Livres os passos, o caminho aberto,
Por onde entrando o Principe Corrobo,
A Palacio chegou: Sómente espera,
Que para vos fallar lhe deis licença.

Viriacia.

Dizei-lhe, que entrar pôde. Mas dizei-me,
Os nossos Capitães onde ficarão,
Que da sua Rainha não procurão
As ordens, e a presença?

Curio.

Elle o campo
Desamparar não podem: Ficão todos
Já promptos ao combate: Impacientes,
C'o a prompta vista no seu Chefe, esperão
Sinal para envestir: Cada hum delles
Ser hum Leão Famelico parece:
N'um desejo marcial arder se sentem:
Em fim soffrer não podem, que hum instante
Se lhes dilate a gloria da peleja.

Viriacia.

Ide, dizei ao Principe, que pôde
Entrar para fallar-me, que eu o espero.

S C E N A III.

Viriacia, e Elmira.

Viriacia.

Q ue mal resisto á repugnancia interna,
Que sinto dentro n'alma, quando escuto
O nome deste Principe.

El-

Elmira.

Senhora,
A vossa alma fômente com Sertorio
He que se ajusta, communica, e entende.
Competidor o Principe o contempla:
Tem vassallos fieis, e tem debaixo
Do feu poder disciplinadas tropas;
Do Lusitano, do guerreiro corpo
A principal, a maior parte fôrmao;
Náo desgosteis hum alliado amante,
Que vos pôde servir: Vede com susto
Que he do desprezo consequencia o odio.

S C E N A IV.

Corrobo, Espano, Viriacia, Elmira, e Curio.

Corrobo.

Chegou, Rainha, o opportuno instante
De expôr por vós gostosamente a vida,
Se he que devo arriscalla, sendo vossa.

Viriacia.

Senhor, não vos entendo: Outros cuidados...

Corrobo.

Digo, Senhora, que melhor seria
Contervar-vos em paz, viver ditosa
No meio da pacífica alliança,
Que Roma vos propõe: Indecorosos
Os partidos não são, quando são justos:
Vede bem, que do Mundo são Senhores
Nossos feros contrarios; mas com tudo
Se vós o permittis, se he gosto vosso

Que

Que hoje me vejão acabar no meio
 Das inimigas, das agudas lanças,
 Poderão, sim, por vós tirar-me a vida;
 Mas não tirar-me a gloria de perdella.

Viriacia.

Sei muito bem, Senhor, quanto vos devo:
 Tudo quanto he valor, e gloria estimo:
 Do vosso braço o grão poder respeito,
 E torno a respeitallo, porque he vosso.
 Mas eu não sei, Senhor, se estes discursos
 São indignos de vós, e improprios d'elle.
 Que procurão de nós estes Romanos?
 Cidade he Roma, como as mais Cidades,
 Mais direito não tem: Essa Fortuna,
 Que lhe ergueo a cabeça sobre as outras,
 Não foi para as mandar: E que Destino
 Fez ao Tibre Senhor, ao Téjo escravo?
 As armas fazem só conquistadores;
 Podem fazer, e desfazer Imperios;
 Porém a Natureza, e a Justiça
 He só quem dá legitimos poderes.
 Estas Leis são a unica baliza,
 Que demarcou, que repartio as terras:
 Roma tem Leis iguaes; se abusa dellas,
 Nós faremos o mesmo? Não, Corrobo;
 Crime será não defender o proprio,
 Como injustiça conquistar o alheio.
 Se já não cabe em seus districtos Roma,
 Dentro da Lusitania nós cabemos.
 Fomos queimar-lhe as terras, as Cidades?
 Roubar-lhe as povoações? Pôr-lhe tributos?

Só para elles será feito o Mundo?
 Principe, somos livres, temos armas,
 Valor, e Capitães: Se isto não basta,
 Temos justiça, somos Lusitanos.

Corrobo.

Que isso baste, ó Rainha, os Deoses queirão;
 Mas se elles forem taes, quaes forão d'antes
 A favor dos Romanos, que faremos?
 Vede, lembrai-vos, meditai hum pouco
 No Destino de Antiocho: Lembrai-vos
 Daquelle Rei, que dominando a Asia,
 De hum numeroso exercito seguido,
 Cuidando ser conquistador do Mundo,
 C'os soccorros de Anibal, derrotado,
 Perdeo mil terras n'uma só batalha.
 Quem teve mão no throno vacillante,
 Que herdára de seus Pais? Quem? A alliança
 Desses mesmos Romanos, que algum dia
 Tantas vezes olhou de hum ar soberbo:
 Vede em fim de Mitridates a Sorte,
 Grande em forrunas, em desgraças Grande:
 E que fez este Rei em campo armado?
 Outra cousa não foi vencer os Gregos,
 Que preparar triunfos aos Romanos:
 Vede qual fora a Sorte de Jugurta,
 Outros exemplos.

Viriacia.

Principe, não podem
 Esses, nem outros assustar-me agora:
 Não temo Roma, nem imito a Asia:
 Asia soberba, poderosa, e rica,

En-

Encurvada co' pezo do feu ouro,
 As armas manejar não saberia:
 Nem resiste melhor aos duros golpes
 O dourado broquel, que a ferrea malha.
 Não conquisto, defendo o que me toca:
 As nossas lanças como as outras ferem:
 Frescas memorias ante os olhos temos:
 Os veneraveis muros de Palença,
 Testemunhas authenticas, e eternas,
 Ainda não cahirão, não cahirão
 Ao impeto Romano: O sitio forte,
 Que Luculo lhe poz, soffreo constante,
 Té que se retirou de envergonhado:
 O intrigante, o inconfidente Galba
 A' traição, (de outra forte o não faria,)
 A' traição intentou, matando os nossos,
 Lavar no nosso sangue a sua affronta.

Curio.

Já para nós, com passos diligentes,
 Hum estranho guerreiro se encaminha.

SCENA V.

Arcás, e os precedentes.

Arcás.

HOje Sertorio aos Deoses soberanos,
 Co' as mais ardentes supplicas, pretende
 Offercer hum devoto Sacrificio,
 Para os ter favoraveis na victoria,
 Que dos Romanos confiado espera.
 Já em torno das Aras Sactos sanctas

Q ii

As

As enfeitadas victimas ficárão:
 Já o lume sagrado resplandece:
 Já o cheiroso fumo aos ares sóbe.
 Pende da mão do grande Sacerdote
 A affiada bipene; e em altas vozes,
 Cheio da Divindade, que o inspira,
 O mais feliz successo nos agoura:
 Tudo está prompto: Só por vós se espera.

Viriacia.

Vamos, vamos honrar os grandes Deoses;
 Pedir-lhe protecção, render-lhe culto:
 Principe, confia, que hoje seremos
 De louros coroados; porque os louros
 Não se crearão só para as cabeças
 Dos soberbos, dos perfidos Romanos.

SCENA VI.

Corrobo, e Espano.

Corrobo.

E Que Destino encaminhou meus passos
 Para vir á presença perigosa
 Desta altiva mulher, desta Rainha?
 Quem vio alma tão grande, alma tão cheia
 De hum furor militar! Quem nunca a víra!
 Quem nunca lhe fallára! Quem tivera
 Para lhe resistir huma pequena
 Parte do seu valor! Mais que os Romanos,
 Os meus desejos temo! Mas que braços
 Podem quebrar cadeias, que se forjão
 Pelas mãos da belleza, e da virtude.

Di-

Diante della, eu já não sou Corrobo:
 De tanta sujeição, eu me confundo!
 Comigo mesmo em huma guerra vivo:
 Nas mãos de Amor, o meu maior contrario,
 Ponho as armas, e fujo; elle me segue,
 Elle me alcança, elle de mim triunfa:
 Fraco lhe chamo, quando eu fui o fraco:
 As palavras escolho; o modo estudo,
 Com que lhe hei de pintar, sem que a offenda;
 O ardor interno deste amor, que sinto:
 Para dizer-lho, algumas vezes solto
 Humas primeiras, timidas palavras,
 Que costuma forjar o amor, e o susto;
 Mas eu não fei que gésto lhe descubro,
 Que não posso firmar a confiança
 De dizer-lhe o que sinto: Ella me corta
 Co' a mais alta politica os discursos:
 Arde-me o peito, gella-se-me a boca:
 Impacientes ciumes me devorão:
 Que he meu competidor Sertorio, julgo:
 Mas quem sabe se são estes juizos
 Imagens vans de frivolas suspeitas!
 He preciso mais prova.

Espano.

Que mais prova?

Senhor, dai-me licença de dizer-vos,
 Que ardeis em vão, que suspirais de balde.

Corrobo.

Fiel Espano, dize-me o que sentes;
 Esclarece-me, inspira-me se podes;
 Se he tal a minha Sorte.... Grandes Deoses!

Mas

Mas com tudo, talvez... Acaba, Espano,
Não nos precipiremos.

Espano. Permitti-me

Que vos falle, Senhor, com liberdade
De vassallo fiel, e de hum vassallo,

Que vos trouxe nos braços tantas vezes:

Esta mulher soberba, que amais tanto,

Ou se finge, ou tem alma impenetravel

A tudo o que he temura: Ella se ferve

De nomes estrondosos: Os triunfos,

As coroas, a honra, a fama, a gloria,

Só se lhe ouve na boca a cada instante:

Sertorio só, que o Heroísmo affecta,

Que he o mais falso hypocrita da fama,

Digno dos seus affectos lhe parece:

O vosso coração não se conforma

Com o feu coração: Nelle só reina

O amor de Sertorio: Senhor, crede,

Crede o fiel, o verdadeiro Espano.

Quem vos diz, que não quer esta Rainha,

Dando a este guerreiro a mão de Esposa,

Reinar sobre nós todos? Os Romanos

São bons para aliados, Viriacia

Fraca para inimiga; e melhor fora

Viver por vós, do que morrer por ella.

As nossas armas...

Corrobo.

Não, Espano, a honra

He dos Heroes o principal objecto:

A traição a destroe; eu a aborreço:

Ao desbocado monstro do ciume
He preciso lançar por ora hum freio:
Veremos... sim, veremos... Mas que digo!
Eu não sou igualmente que a Rainha
Absoluto Senhor dos meus Estados?
Não tenho forças? Armás? Braço? Gente?
Não devo ser o Pai dos meus vassallos?
Conservallos em paz, vello felices?
Mas, Deoses immortaes! Que ha de ser della?
Poderei vella fustigar no meio
Dos Romanos furores? Conduzida
Indecorosamente, feita escrava,
Prezas talvez as mãos, os olhos baixos,
Servindo de despojo, e de ornamento
A' carroça dos barbaros triunfos?
Ou solitaria, fugitiva, errante
Pelos montes da Patria? Pelos montes,
Que ella já vio coroados de bandeiras,
Insignias de victoria? Não, Corrobo
Não he tão vil: Quem ama não se vinga;
E se se vinga, mente, que não ama.
Mas aonde, oh suspeitas inquietas,
Me levais o discurlo? Essa Estrangeira,
Que em nossas tropas segurança busca,
A quem tanto Sertorio favorece,
Póde ser.....

Espano.

Ah, Senhor, abri os olhos:
Formais torres no ar? Primeiro ouvi-me;
Depois resolvereis como quizeres:
Eu fei que esta mulher he da familia

De

De huns póvos alliados dos Romanos ;
 E que ao odio dos seus fugindo ; busca
 Segurança entre nós.

Corrobo.

Com tudo eu quero
 Saber qual he de todo o meu Destino ;
 Tentarei novamente resoluto
 A empreza de explicar-me co' a Rainha
 Em termos mais precisos : Se a resposta
 For á minha esperança favoravel ,
 Entáo por outro modo pensaremos ;
 Mas se for defabrida , neste caso
 Busco Pompeo , componho-me com elle ;
 Vingo-me de Viriacia , e de Sertorio ;
 O banido Sertorio , nestes braços
 A vida acabará ; e sem piedade ,
 Hum tyranno serei , em vez de amante ;
 Em vez de hum alliado , hum inimigo ;
 Sim : Pelos Manes , pelos Deoses todos ;
 Se necessario for , prometto ; e juro
 De não tornar atrás : Postas em campo
 Do negro Averno as vingativas Furias
 Contra os fracos mortaes , tão dura guerra ,
 Táo lamentavel , tão furioso estrago
 Não faráo , como eu só contra esta gente ,
 Movendo o escudo , arremeçando a lança .

ACTO SEGUNDO

SCENA I.

Sertorio, Arcás, Aufido, e Capitães.

Sertorio.

EM fim, os grandes Deoses se declarão
 Já em favor das armas Lusitanas:
 Eu observei nos auspicientes voos
 Das agoureiras aves, por tres vezes,
 Certos sinais da protecção Celeste:
 As palpitantes, tepidas entranhas
 Das victimas sagradas, nos segurão
 Inda mais a esperança, que ter devo.
 Nós não temos, leaes compatriotas,
 Mil favores do Ceo experimentado?
 Quando fugimos da confusa Roma,
 A' injusta proscricção do infame Silla,
 Sem Patria, errantes, sem abrigo expostos
 A's mãos dos mais crueis perseguidores,
 Esta grande mulher, esta Rainha,
 Esta Deosa benigna nos recolhe;
 Dá-nos soldados, armas nos offerece,
 Com que me faço Chefe do partido,
 Que vós hoje seguis: A vossa Patria
 Já não he Roma, a vossa Patria he esta:
 A obrigação de defendella he vossa:
 Não receeis; seremos vencedores;

E

E se possível for, inda poremos
Perpétuo jugo na cervis de Italia.

Aufido.

Sertorio, como vós respeito os Deoses;
Sou grato aos beneficios; reconheço
Que devo dar-lhe graças; mas não posso
Ver sem rancor, ouvir sem repugnancia
Huma Rainha cheia de soberba;
Huma audaz, temeraria Lusitana;
Huma filha... (não posso reperillo
Sem suspirar! Oh Deoses!) Huma filha
De Viriato, Capitão, que a Roma
Será sempre odioso.

Sertorio.

Mas que importa,
Se aos Deoses agradável será sempre.
Por mais que dilcorramos, não podemos
(Tal he Aufido, a nossa curta esfera)
Exceder os limites finalados,
Que poz á Natureza o Author della:
Co' a nossa vista, a nossa intelligencia
Tem grande semelhança: Distinguimos
Os objectos sómente em certo ponto;
Além do qual, não percebemos nada
Senão contusamente: E se os mysterios
Communs aos homens, como aos Deoses, fossem,
Que ficava de grande a Divindade?
Ella só os revela como, quando,
E a quem quer, como o fez a este indigno
Miseravel humano: Foi servida
A casta Deosa, a minha protectora,

Cla-

Claríssima Diana, apparecer-me
 N'um doce sonho, quando descanzava
 Huma vez sobre as fervidas areias
 Das praias Africanas; Vai (me disse)
 Buscar soccorros entre as gentes Lusas:
 Viriácia acharás, a mais prezada,
 A mais querida filha do meu Coro;
 Com ella farás guerra aos teus contrarios:
 Darás batalla; sahirás triunfante.
 A' voz do Ceo obedecer he justo:
 Ao aceno dos Deoses nós devemos
 Abaixar a cabeça.

Aufido.
 Eu a inclino

A tão altos Decretos.

Sertorio.
 Sim, Aufido,
 Mais remedio não ha que obedecer-lhe.
 Saberás, que Pompeo pede á Rainha
 Hoje huma conferencia; e devo ouvilla
 Sobre a resolução deste incidente:
 Em tanto não convem, que o campo esteja
 Sem a vossa pessoa; de quem fio,
 Que a qualquer movimento dos contrarios
 Sejais attento; e que animeis de novo
 Para qualquer succello as nossas tropas.

SCE-

SCENA II.

*Sertorio, e Arcás.**Sertorio.*

TU bem sabes, Arcás, que sempre foste
 Depósito fiel, guarda segura
 Dos mais particulares sentimentos,
 Que ha no meu coração: Os inimigos,
 Que eu mais devo temer, não são aquelles,
 Que tu vês contra nós postos em campo:
 Estes mesmos Romanos fugitivos,
 Que nos tratão com rosto de amizade,
 São os maiores...

Arcás.

Quem? Esses Romanos,
 Esses proscriptos, que, fugindo á morte,
 Achárão só em vós a segurança?
 Será possível!

Sertorio.

Sim: Este despojo,
 Misero resto das vencidas tropas
 Do nosso infeliz Mario: Esses ingratos,
 Que da grandeza vá dos seus maiores
 Se jactão, como Silla: Eu sei, que todos
 Do meu escuro nascimento fallão;
 Mas o meu braço temem; sim: Murmurão
 Desta mesma Rainha generosa,
 Quem em suas terras os recolhe, e ampara,
 E querem dar-lhe Leis.

Ar-

Arcás.

Esta Rainha, *tu me*
 Por vós, e não por elle dissimula:
 Eu não sei que ternura em vós observe;
 Por mais que disfarceis, assim que a vedes:
 Sobresaltai-vos só de ouvir-lhe o nome:
 Vós, que no meio de crueis fadigas,
 Apenas escapando ás mãos dos vollos,
 Perseguido da Patria, inda tão longe,
 Que nem aqui vos deixa estar seguro;
 Vós, que em todos os lances da Fortuna
 Hum final de fraqueza nunca destes,
 Ou no rosto, ou no peito, como agora
 Suspirais, e tremeis? Muito vos deve,
 Senhor, esta Rainha.

Sertorio.

Sim; eu amo,
 Eu amo a Viriacia; pois conheço
 Não ser mais, que huma Deosa bemfeitora,
 Que o Ceo nos deparou: Eu amo nella
 Igualmente a belleza, e a virtude:
 Já de meu coração a fiz Senhora:
 Por ella he que suspiro: Não presumas,
 Que os homens são de pedra: Quando a vejo,
 Não cuides que he Sertorio quem suspira,
 Quem suspira he sómente a Natureza.

Arcás.

Mas dizei-me, Senhor, como he possível,
 Como he possível, que quem ama engane?
 Que a façais crer nos Deoses, que vos fallão?
 Que a façais adorar falsos mysterios?

Ser-

Sertoria.

Tu, meu sincero Arcás, inda não sabes
 Conduzir os mortaes: Quem os dirige
 Pelo simples caminho da verdade,
 Difficilosamente os traz sujeitos:
 As Leis da natureza, e os dictames
 Da suprema razão, lhes bastaria
 Para os trazer conformes; porém julgão,
 Que as acções mais heroicas não são grandes;
 Se não são reveladas; e os successos
 Ainda mais communs, mas ordinarios,
 Só acções grandes são, se são mysterios:
 Imaginão que os homens, recebendo
 O espirito dos Deoses, por quem fallão,
 Nelles os mesmos Deoses se transformão;
 Convem muito entreter esta Rainha,
 Co' as apparencias vans de altos prodigios,
 Por não ir cegamente expôr-se á furia
 Das lanças inimigas: Deste modo
 He que das almas credulas triunfa
 A vã superstição: Os Sacerdotes,
 Que de hum ar magestoso revestidos
 Vês estender as mãos fobre os Altares
 Contra innocentes victimas, não cuides
 Que são mais, que huns hypocritas Ministros
 Da leve suggestão, que o povo adora:
 Não vês hum destes co' cabello hirsulto,
 Torcendo a boca, revirando os olhos,
 Entre desconcertados movimentos
 Desfatar sonhós, agourar futuros?
 Pois não he mais que hum meio extravagante,
 Com

Com que affecta no Mundo a industria humana,
 O rapto excelso de hum furor Divino,
 Que falla nos Profetas. Mas que vejo,
 Que já chega a Rainha: O seu aspecto....

S C E N A III.

Viriacia, Sertorio, Arcás, Curio, e Guardas.

Viriacia.

JÁ, Senhor, vossa vinda inesperada,
 Para mim principia a ser gostosa,
 Para Pompeo a ser fatal começa:
 Pela parte mais forte da Cidade,
 Desamparando o campo, se retira:
 Marchou a unir as tropas, e fez alto:
 Não sabemos qual seja o seu designio.

Sertorio.

Não, Rainha; a mim não; a vós se deve
 Todo esse favoravel movimento,
 Que fez o inimigo: O vosso esforço,
 As vossas providencias, a vossa alma,
 São os soccorros, que Pompeo mais teme:
 Atribui, Senhora, esse receio
 Mais aos vossos dictames, que ao meu braço,
 De não poder vencer-vos, os Romanos
 A affronta dissimulão, com pedir-vos
 Talvez, em vergonhosa conferencia,
 A paz, e não a guerra: Sois Rainha,
 Sois Senhora absoluta; e neste caso
 Vossa vontade decidir só póde:
 E estai certa, ó Rainha, que o meu peito,

O meu braço, o meu sangue....

Viriacia.

Pois, Sertorio,
O meu sangue, o meu peito, e o meu braço
Arriscarei também: Ver-me-heis na guerra
Sempre junto de vós: E que Fortuna
Não será para mim ver-me triunfante,
Para mais generosa, neste dia,
Os meus triunfos repartir convosco!

Sertorio.

Magnanima Rainha, o vosso esforço
Eu o conheço, o inimigo o teme,
A mesma Roma o sabe; mas, Senhora,
A vossa vida, a vossa amavel vida,
Não deveis arriscar: As nossas bastão
Só para honrosas victimas da guerra:
Val menos hum exercito no campo,
Do que vós na Cidade: Dentro della
Inimigos domesticos não faltão,
Que da vossa presença necessitão:
Não são menos heroicos os triunfos,
Que se conseguem da perfidia occulta,
Que sobre as Cortes o veneno espalha:
Finalmente, Senhora, revelado
Me foi dos Deoses, que só sabem tudo,
Que fahir não deveis desta Cidade.

Viriacia.

Oh Deoses immortaes! Será possivel,
Que nos peitos fieis dos Lusitanos
A feia nódoa da traição cahisse!
Aquella mesma gente, aquelle povo,

Que

Que jurou nestas mãos fidelidade!
 E que á sua Rainha devem tanto,
 Que ainda não tem as lagrimas enxutas
 Na morte de seu Pai! O seu abrigo,
 O seu unico abrigo, o seu remedio,
 O seu escudo, o defensor da Patria!
 Se he tal a minha Sorte, eu já não quero,
 Já não quero viver: Vinde, Romanos,
 Em mim primeiro experimentai as lanças:
 Tirai d'entre os humanos a mais triste,
 A mais infausta vida.

Sertorio.

Socegai-vos;
 Outra gente, sem ser a Lusitana,
 He quem deveis temer: Importa muito
 Cuidar na guarnição destas muralhas;
 E muito mais, que toda se componha
 Dos vossos nacionaes: Podeis, Senhora,
 Confiando-vos delles, dar sem susto
 As Ordens, que quizerdes; que depende
 Da vossa duração, da vossa vida
 Toda a felicidade Lusitana.

Viriacia.

Que presagas suspeitas me inquietão
 O triste coração! Nesta Cidade
 O Principe fozo, e descontente,
 Sendo quasi hum garante, hum medianoiro
 Entre mim, e Pompeo! Eu dependente
 Das suas tropas! Ah, cruéis suspeitas!
 Valei-me, oh Ceos, em taes desconfianças.

Curio.

Senhora, eu vi o Principe Corrobo,
 Não ha muitos instantes, neste Paço
 Confuso, absorto, pensativo, incerto,
 Ora fazendo acções, ora folhando
 Mal compostas palavras, como aquelle,
 Que revolver costuma na memoria
 Successos grandes, temerosas cousas!

Sertorio.

Não temamos; nos Deoses confiemos:
 E em quanto eu vou examinar a fórma,
 Que Aufido terá dado ao nosso campo,
 E a inspirar nos soldados novo alento,
 Sem mais perda de tempo, vós, Senhora,
 Ide incensar os Idolos da guerra;
 Marte nos cubrirá c'ò seu escudo:
 Contra elle vai, quem contra nós peleja:
 Valor, presteza, acordo, he só quem fazem
 O bom, ou máo successo das campanhas:
 Compra-se a Fama á custa dos trabalhos:
 São os grandes perigos Pais da gloria.

Viriacia.

Fiai, Senhor, da minha vigilancia
 Os mais possiveis, os mais prompts meios
 De atalhar os enganos, e os assaltos
 Das intestinas sedições, que possão
 Ameaçar levemente esta Cidade.
 Como hum forte soldado, eu mesmo armada
 Irei rondar da Patria Lacobriga
 As invictas muralhas, as ameias,
 Té os medonhos foços, tudo, tudo

Visitarei eu mesmo: A mão, que pôde
Com o pezo do Sceptro, tambem possa
Mover a espada, sopezar a lança. (1)

S C E N A IV.

Sertorio, e Arcás.

Arcás.

HE possível, Senhor, que hajão traidores
Dentro desta Cidade! E que derramem
Occultamente o tragico veneno
Das fedições Romanas!

Sertorio.

O receio

He da prudencia amigo inseparavel:
He meu rival o Principe Corrobo:
Não sei que má vontade lhe descubro
Contra o nosso partido: Arcás, eu temo;
(Os Ceos o não permittão) que os Romanos
Ainda tenham nelle hum alliado;
E assim que esta Rainha o defengana,
Tu o verás traidor. Mas Aristia!
Tu retira-te, Arcás, que eu já te busco.

SCENA V.

*Sertorio, e Aristia.**Aristia.*

HUma noticia, que de ouvir acabo;
 De hum frio susto, o coração me gella:
 Dizem, Senhor, que de Pompeo mandado
 Hum heralto, do campo aqui chegára;
 E que á Rainha huma audiencia pede
 Para tratar, e conferir as pazes,
 Que propõe receoso aos Lusitanos.
 Ah! Se sabe, Senhor, o meu Esposo,
 Que ainda dura Aristia, e que respira
 Dentro destes lugares!

Sertorio.

Nada posso
 Dizer-vos, Aristia: Sei, que os Deoses
 Dos humanos respeitão a innocencia:
 Sois fiel ao Esposo, e elles devem
 Premear a virtude: As nossas armas,
 E o seu favor tereis.

Aristia.

De vós, e delles
 Todo o favor confio: Tudo espero.

Sertorio.

Eu vos deixo, Senhora, porque entendo
 Que assim as vossas mágoas lisongeo:
 Não vos quero tirar o triste allivio
 De poder suspirar a vosso gosto. (1)

SCE-

(1) *Vai-se.*

S C E N A VI.

Aristia só.

HE possível, oh Deoses! Que nem tenha
Tempo para ser triste! Que não possa
Fartar huma alma triste de tristeza!
Quem me diria, oh Fortuna instavel!
Oh tempo enganador! Quem me diria,
Quando ouvindo os applausos, e os louvores,
Que tu dourar costumás, conduzida
Entre os affagos da subtil lisonja
A ver, e authorizar, por tantas vezes,
Os grandes espectaculos de Roma!
(Ingrata Roma!) Sim, quando escutava
As acções grandes, os heroicos feitos
Dos Capitães, dos Consules famosos,
Que formavão a serie esclarecida
De meus altos Avós! Quando os triunfos,
Que pelas tuas ruas mal cabião
Em dourados paineis, hia notando
Cheia de gosto, cheia de vaidade:
Quem diria, oh Fortuna! Oh Roma! Oh Tempo!
Que toda essa grandeza era hum ensaio
Do meu abatimento! Quem diria,
Que depois de pizar, como Senhora,
A Capital do Mundo, como escrava
Peregrinar havia os apartados,
Desconhecidos montes Lusitanos!
Quem diria, que a Esposa, a fiel Esposa
Do tyranno Pompeo, fosse obrigada

A buscar nos estranhos a piedade,
 Que não achou nos seus, nem nelle mesmo!
 Barbaras Leis, dictames sem justiça,
 Que permittistes o cruel repudio
 Das miseras mulheres! Só dictados
 Pelas bocas infames de imprudentes,
 Impios Legisladores. Não sei como
 Tão cuberta de affrontas appareço
 Na face do Universo! Eu corro, eu fujo
 A buscar outro Mundo, onde não haja
 Quem do meu mal se ria: Mas primeiro,
 Tu, injusto Pompeo, que me abandonas,
 Dos Deoses te verás desamparado,
 Dos homens perseguido, feito escravo,
 Morto, sem sepultura, e vagabundo,
 A tua negra sombra sem repouso,
 Sem esperança, sem allivio, nunca
 Da presença dos Deoses será digna.



ACTO TERCEIRO

SCENA I.

Corrobo só.

Que se veja a grandeza de Corrobo
 Quasi publicamente atropelada
 Dos insolentes pés de hum vil desprezo!
 Desprezado não só, mas preterido!

E

E por quem? Por Sertorio! Hum revoltoso,
 Hum rebelde, hum escandalo da Patria,
 De nós malquistos, e enre os seus sem nome!
 Que tolere o final desfabrimento
 De huma altiva mulher, de huma Rainha,
 Que inda fora vassalla, se eu não fora!
 Que podia a Coroa disputar-lhe,
 Negar-lhe os meus soccorros! Ah! Tyranna!
 Se eu não fora, talvez que nem pudeses
 Firmar a planta no degrão primeiro
 Do mal seguro Throno, que hoje occupas.
 Tu verás contra ti o mesmo braço,
 Que ha pouco tempo em teu favor se erguia:
 Hoje sera hum raio fulminante;
 Hum raio da vingança, que respiro.

S C E N A II.

Corrobo, e Espano.

Espano.

S Enhor, quem vos offende, e vos obriga
 A tão ardente, a tão fatal transporte?
 Bem sabeis que o meu zelo...

Corrobo.

Ah charo Espano!

Sabe, que Viriacia... Mas não saibas
 Tambem a minha affronta. Não sei como
 Incendio ral me não reduz a cinzas!
 As implacaveis Furias me devorão
 As ciosas entranhas: Huma braza
 Tenho por coração: Huma faisca

Sól-

Sóto em cada palavra, que artículo:
 Só relampagos vejo: A meus ouvidos
 Só troveja a vingança. A ímpia, a ingrata,
 A cruel Viriacia.

Espano.

Desprezou-vos?

Eu o sinto, Senhor, por vossa honra.

Corrobo.

A Corrobo, a hum Principe, não deve
 Responder-se tão mal. Quiz por mil vezes
 Dizer-lhe o meu amor: Principiava...
 E ella, sem me ouvir, interrompia
 A prática amorosa: Até que exposto
 Ao que sempre temi, já não podendo
 Soffrer tanto artificio, tudo quanto
 Subministra a paixáo, Amor fecunda,
 Balbuciante lhe disse: Entáo a ingrata,
 Sem querer pôr-me os olhos, me responde...

(Não posso repetir!) Em fim de todo

As minhas esperanças se acabáráo:

Porém o meu amor (ah charo Espano!

Olha, tenho vergonha de dizer-to)

Não se acabou com ellas: Inda sinto...

Eu me confundo, eu não me entendo, eu morro.

Amar, e aborrecer como he possível!

Como he possível, sim, que ao mesmo tempo

Me façáo guerra, o peito me traspassem!

De Amor as setas, e o punhal do Odio!

Espano.

Inda vós vacillais irresoluto?

Quereis que a Lusitania de vós zombe?

Que-

Quereis ser , ah Senhor ! O assumpto , o objecto
 Da irrisão de Roma ? Quereis hoje
 Ajudar a Fortuna de Sertorio ?
 Essas finezas ; que de vós confegue
 Esta altiva mulher , não são , Corrobo ,
 Mais que triunfos , que de vós alcança
 Vosso mesmo rival : Abandonai-a :
 Se ella vos quer perder , que perdeis nella ?
 Não a façais ingrata ; se vos foge ,
 Fugi-lhe vós tambem , que nesta guerra
 As retiradas tambem são victoria.
 Desamparai , Senhor , estes ingratos ;
 Não vos sacrifiqueis : Que esperais delles ?
 Não he melhor juntar-vos aos Romanos ;
 Unir ás de Pompeo as vossas tropas ;
 O número augmentar dos descontentes ,
 E talvez dos vassallos ? Sim ; quem sabe . . .
 Bem pôde ser que então esta Rainha . . .

Corrobo.

Sim ; estou resolute : O teu conselho
 Será hoje o Senhor do meu Destino :
 A's tuas sabias direcções me entrego :
 Busca Pompeo ; propõe-lhe os meus designios :
 De ti confio tudo .

Espano.

A confiança ,
 Que vós fazeis de mim , e a que ter devem
 Na vossa approvação os meus antigos ,
 Fieis procedimentos , liberdade
 Para tudo me dá : Já instruido
 Estou das injustiças , que comvosco

Pra-

Praticou a Rainha; e não soffrêndo,
 Que fosseis por mais tempo de huma ingrata
 O público ludibrio, por pessoa,
 Capaz de manejar qualquer destreza,
 Fiz propôr a Pompeo da vossa parte
 Hum pacto de amizade: Elle gostoso,
 Este partido vantajoso acceita,
 Com que espera trazer ao nosso jugo,
 Em pouco tempo, as forças Lusitanas:
 E porque sabe, que anda em nossas tropas
 Acafo esta mulher desconhecida,
 Que se diz ser Romana; generoso,
 Com mil promessas de avultados premios,
 O animo dispoz do mensageiro,
 Para poder facilitar-lhe o modo
 De encontrar-se com ella, ao mesmo passo
 Que a fallar-vos chegasse.

Corrobo.

Ah charo Espano!

Que fieis, que politicas idéas!
 Que providencias, dignas de memoria,
 N'um Principe offendido! Mas que vejo!
 Viriacia! ... E com ella ... oh Ceos! Fuja-
 mos. (1)

(1) *Vai-se.*

SCE-

S C E N A III.

*Viriacia, Sertorio, Curio, e Guardas.**Sertorio.*

A Sfastado Corrobo, de mim foge:
 O meu reccio, ó Rainha, he certo:
 Mas, Viriacia, não temais, que a falta
 De hum froxo defensor não enfraquece
 As nossas forças; temos as que bastão.

Viriacia.

Não ha fitio, Senhor, nesta Cidade,
 Nem lugar importante, que eu não vísse,
 Que eu não examinasse: Os que a defendem
 São soldados fieis, são Lusitanos:
 Não he o inimigo o que eu mais temo;
 De outro susto maior me bate o peito:
 Pompeo está chegando: A recebello
 Já enviei as escolhidas Guardas,
 Com que á minha presença neste instante
 Será solemnemente conduzido.
 Mas elle chega já. O Ceo me inspire.

S C E N A IV.

*Pompeo, Sertorio, Viriacia, Curio, e Guardas.**Pompeo.*

R Espeitando, Senhora, o vosso esforço,
 E as amaveis Virtudes, que vos cercão;
 Huma perpétua paz, huma alliança,
 Que os Deoses amão, que as Nações invejão,
 Ho-

Hoje, em nome de Roma, vos offereço:
 Eu já por vós me interessei com ella,
 Pintando-lhe a grandeza da vossa alma:
 Aquelle povo generoso, e forte,
 Nascido só para dar Leis ao Mundo,
 Quer a vossa amizade, e tó pertende
 Que lhe restituais alguns.....

Viriacia.

Ouvi-me:

O povo meu, que me erigio Rainha,
 Foi para o conservar independente,
 Foi para o defender; e hei de entregallo?
 Hei de prender-lhe as mãos, para lhe pôrem
 Novos grilhões de sujeição Romana?
 Fazer escravo, a quem nasceo tão livre?
 A nossa Lusitania he tão Senhora,
 Como he a vossa Roma: Se orgulhosa
 Affecta dictar Leis ao Mundo todo;
 Do alto Capitolio, do meu Throno,
 Das minhas proprias terras, daqui mesmo,
 Posso pollir, posso dar Leis aos Póvos,
 Que me vivem sujeitos: Não pertendo
 Dirigir os alheios: A Justiça,
 A Verdade, a Razão, a Temperança,
 Que fugirão de Roma, aqui se adorão.
 Em fim Pompeo.....

Pompeo.

Ah, eu não fei, Rainha,
 Não fei, Senhora, se affiais a espada,
 Que vos ha de ferir! Pensais muito alto,
 E temo a vossa proxima ruina:

Os

Os vossos poucos annos, e os conselhos,
Talvez pouco prudentes, dos que vivem
Dentro da vossa Corte, alguns Romanos,
Que escapados da morte, vagabundos,
E vencidos.....

Sertorio.

Quem são esses vencidos?

Este rosto, Pompeo, sim se tem visto
Na frente dos exercitos contrarios,
De sangue, e pó cuberto muitas vezes;
Porém nunca medroso, nem voltado:
Essas mesmas campinas, que já forão
De agonizantes, e de armados corpos
Semeadas mil vezes, perguntai-lhe,
Que mãos, que ferros as tingio de sangue;
Perguntai-lhe quem foi, que dos Romanos
Tantas almas mandou ao Reino cicuro;
Os Pretores, os Consules serião,
A quem eu vi as costas? Com Sertorio
Cuido que não fallais: Os meus soldados,
Sim, os meus Lusitanos, brevemente.....

Pompeo.

Basta, Sertorio: Sei o vosso esforço:
De todos esses miseros Romanos,
Sei qual fora o Destino; mas, Sertorio,
Vede bem, que he Pompeo, com quem fallastes.
E a vós, Rainha, quero dar-vos tempo
Para pensar melhor: De vans quiméras
Não vos alimenteis: Senhora, vede,
Vede, que o tempo corre....

Viriacia.

A Viriacia,

He todo o tempo o mesmo: Eu não procuro
 Fazer guerra a ninguém; a paz desejo;
 Mas huma paz segura, honrada, e livre
 Das vergonhosas condições, que Roma
 Põe a seus alliados: Renuncio
 Privilegios, e titulos pomposos,
 Com que á gente insensata engana, e tenta:
 Essa doce amizade dos Romanos,
 Não he mais do que hum ferro, com q̃ imprimem
 Na vergonhosa face dos viventes
 A marca vil da escravidão infame
 Dos pobres alliados: Essa féra,
 Esse monstro de Roma, cuja boca
 Sempre faminta, sempre ensanguentada,
 Quer tragar as Cidades, e os Imperios,
 Quando he que ha de fartar-se? Por ventura
 Quererá engolir o Mundo inteiro?
 Sim; dizei-me, Pompeo, se os Lusitanos
 Fosse cercar a vossa illustre Roma;
 Matar-lhe as gentes; destruir-lhe os campos;
 Pôr-lhe de duras Leis pezado jugo;
 Com intestinas barbaras discordias
 Envenenar-lhe o Tibre; que dirião?
 Que dirião os vossos Senadores,
 Padres conscriptos, povos illustrados,
 Que querem ser os sabios do Universo?
 Pompeo, reflecti bem, pensai hum pouco:
 Lisonjeiros partidos não me tentão:
 Protesto conservar livre o meu Reino,

Em

 Em
 Cora
 Nem

 N
 Que
 Cor
 A' f
 Que
 As
 Já v

 Apr
 Efte
 A f
 A j
 Just
 Qu
 Qu
 Co
 O
 Ta
 Vó
 Da

Em quanto tiver vida ; ou sepultar-me
 Coma elle juntamente : Em fim , comvosco
 Nem quero a paz , nem me intimida a guerra. (1)

S C E N A V.

Pompeo , e Sertorio.

Pompeo.

NÃO fei , Sertorio , como vós , sabendo
 O vantajoso , o desigual partido ,
 Que temos contra vós , vedes , sem mágoa ,
 Correr precipitada esta Rainha
 A' sua perdição ! Contra nós , vede ,
 Que já não valem do passado engano
 As traições , e as industrias : Essas armas
 Já valer vos não podem.

Sertorio.

Nem eu devo

Aproveitar-me dellas : Este braço ,
 Este peito , essa gente , aquelle campo ,
 A simples força , a natural defeza ,
 A justiça da causa , em fim , aquelles
 Justos Deoses , sagrados Protectores ,
 Que se alimentáo da verdade eterna ,
 Que vós desconheceis , serão as armas ,
 Com que vencer espero : Tal foi sempre
 O caracter dos nobres Lusitanos :
 Tal he agora o meu : E vós , bem cedo ,
 Vós , bem cedo , vereis nesse theatro
 Das tragedias Romanas , se he preciso

(1) *Vai-se.*

Para Sertorio, o vil estratagema
 Daquella falsa fé, que n'outro tempo
 Já deo (se deo) algum triunfo a Roma.
 Do vosso braço, e do meu braço, o Mundo,
 (Que o Mundo algumas vezes faz justiça)
 O poder, e o valor julgará hoje:
 Julgará qual de nós merece o nome....
 A Deos, Pompeo: No campo nos veremos.

S C E N A VI.

Pompeo só.

Que soberbo caracter destas gentes!
 Terriveis, perigosos inimigos.
 Que faça o nome só de Roma, ouvido,
 Estremecer o Mundo, e que não faça
 Todo o poder das armas Consulares
 Medo a hum canto da terra, tão pequeno,
 Como he a Lusitania! Que os Romanos,
 Devastando os limites do Universo,
 Venhão, cheios de barbaros triunfos,
 Perder aqui a gloriã, que ganharão
 De Africanas, Asiaticas conquistas!
 Os mais famosos Capitães de Roma
 Todos aqui perdêrão, (que vergonha!)
 Ou a vida, ou o nome. Ainda o Téjo
 Corre turvo c'o sangue derramado
 De immensas vidas, de milhões de corpos.
 Porém hoje vereis, ó Lusitanos,
 Geração atrevida, que só sabe
 Pompeo vingar a Patria: O pouco tempo,

Que
 Para
 Que
 Prin
 A p
 Con
 A'v
 Já,
 Sem
 Sim
 Não
 Pon
 Os
 Ind
 Ser
 De
 Ba
 Ba
 Pa
 Do
 De
 Co
 En
 Pe
 Ol
 De
 O
 A

Que

Que pedi á Rainha, foi sómente
Para esperar aqui esta Estrangeira,
Que dizem ser Romana: E de Corrobo;
Principe de Galeces, acceitando
A precisa alliança, espero, espero
Com sua gente forte, dar principio
A' vingança de Roma. Já, Sertorio,
Já, soberbo Sertorio, estás vencido,
Sem que Pompeo desembainhasse a espada.
Sim; para que he manchalla no teu sangue?
Não esperarás tanto: Neste dia
Porás nas minhas mãos, sem resistencia,
Os vencidos troféos: Dos teus soldados,
Inda hoje mesmo; os preparados ferros
Servirão só para cortar os louros,
De que espero croar esta cabeça.
Basta escutar-se do meu nome o éco,
Basta a minha presença temerosa
Para attrahir, para vencer as armas
Dos teus mesmos amigos. Com que affronta;
Descuberta a cabeça, o pé descalço,
Com os olhos no chão, com vis cadeias,
Entrarás entre os miseros escravos
Pelas portas de Roma! E com que gosto
Olharão para ti esses guerreiros,
De quem triunfaste já! Mas com que mágoa
Os parentes, e amigos! Será esta
A mulher, por que espero? Assim parece.

S C E N A VII.

*Aristia, e Pompeo.**Aristia.*

A Onde vou? Que empenho será este
De me fallar . . . não sei, não sei que fusto,
Que gosto, e que temor, ao mesmo tempo
O inquieto espirito me agita!
Mas que vejo!

Pompeo.

Aristia! Como! Oh Deoses!

Aristia.

Pompeo! Cruel Pompeo, inda tão longe
Me persegue . . . fugamos.

Pompeo.

Chara Esposa,
Socegai-vos, detende-vos hum pouco:
Vós neste sitio! Quem vos trouxe a elle?
Peregrina, sem fausto, em terra estranha,
Eclipsado o esplendor d'alta grandeza
Do vosso nascimento! Que imprudencia!
A vossa condição, o vosso sexo,
O nome, a Fama, o credito da Patria
Devicis respeitar: Que dirá Roma,
Que dirá Lusitania, vendo a Esposa
De Pompeo neste estado!

Aristia.

E neste estado,
Que dirá Roma, Lusitania, o Mundo,
Vendo os procedimentos inhumanos,

As

As f
Que
O E
Que
A F
Deis

Não
A m
Para
Ent
A m
Qua
Ent
Dos

Off
Cor
Me
Cuj
Baf
De
Qu
De
Qu
Qu
Já
Se
Da

As sem-razões, a pública injustiça,
Que praticou com frívolos pretextos
O Esposo de Aristia! Esse guerreiro,
Que se jacta de Heroe, mais lhe convinha
A Fama de cruel, de Tigre o nome;
Deixai, que de vós fuja....

Pompeo.

Amada Esposa;
Não me fujais; amada Esposa, basta
A minha confusão para castigo;
Para desculpa a minha mocidade,
Então inadvertida: Este conforcio
A meus loucos desejos se propunha,
Qual soberba montanha, que se erguêra
Entre mim, e a Fortuna: Mas já agora
Dos meus erros passados....

Aristia.

Desses erros
Offendidos os Ceos, por sua conta
Corre a justa vingança: Eu sou quem tenho
Menos que perdoar-vos: Os Romanos,
Cujas barbaras Leis o permitirão,
Basta que vos desculpem: Sim, deixai-me,
Deixai-me ir acabar, onde não haja
Quem seja testemunha das affrontas,
De que vós me cubristes: Vede, vede,
Que inda sou Aristia, e que esse tempo,
Que tantas vezes me chamastes vossa,
Já se acabou: Ah! Não queirais, tyranno,
Segunda vez fazer-me desgraçada:
Da minha desventura satisfeito

Ficai, que eu vou sentilla

Pompeo.

Que transporte

Vos perturba, Senhora? Reconheço

Que sou réo ante vós; mas réo de hum crime,

De que os Patrios costumes me livrarão,

Antes de o commetter.

Aristia.

E das promessas

Daquelle eterno amor, que me jurastes,

Tambem as Leis vos salvarão?

Pompeo.

Senhora,

Não mallogreis o instante favoravel,

Que a Sorte nos offrece. Ah! Crede, Esposa,

Se fordes minha, que serei só vosso:

Triunfastes de mim: fazei agora

Que triunfe comvosco.

Aristia.

E he possivel

Que eu me esqueça, Pompeo, de que me fostes . . .

Pompeo.

A ser victorioso neste dia,

Vós podeis ajudar-me: Neste instante

Dei a mão a Corrobo, e nos ligamos

Para esta grande empreza, em que seremos

Senhores da Cidade em poucas horas;

E podeis entregar-vos, tem receio

A's direcções do Principe Corrobo,

Que vos ha de fallar.

Arif-

Aristia.

Que novos sustos!

Pompeo.

Senhora, não temais: que o Ceo nos guia.

Oh instante feliz! Elle parece

Que deste dia me duplica as glorias:

A Fortuna com ellas, para sempre,

Ha de dourar do nosso amor os laços;

Amavel *Aristia*, a Deos: He força

Que vos perca de vista estes momentos. (1)

S C E N A VIII.

Aristia só.

A Deos, *Pompeo*: Sabe a Fortuna, quando

Tornaremos a ver-nos: Tanto gosto,

Tanta Ventura, eu não fei se a creia!

Hum coração ferino, hum Tigre humano,

Inda, inda em *Pompeo* se me figura:

Este mesmo *Pompeo* compadecido,

Não he outro *Pompeo*; he esse mesmo,

Que já me fora ingrato: Sim, quem sabe

Se serão estes meus contentamentos

Letras c'o dedo sobre a agua escritas,

Que inda antes de formadas se confundem!

Depois de ser a fabula de Roma,

Inda serei da Lusitania o risco?

Triste imaginação, não me perturbes

Huma esperança fragil, que começa

Inda agora a nascer. Por hum instante

Dei-

(1) *Vai-se.*

Deixa-me crer no gosto, que me finge
 O meu Pompeo, o meu amado Esposo:
 Deixa-me com tão pouco estar contente;
 Mas a minha alegria he misturada
 Não fei com que tristeza, com que susto!
 Meu coração, (qual vaso, que tivera
 Amargoso licor por muito tempo,
 E que difficilmente se lhe tira
 A força ingrata do sabor primeiro)
 Perder, perder de todo inda não pôde
 Dos passados desgostos, que o cercarão,
 Que o enchêrão de sustos, as angustias,
 As nódoas, e os sinaes: Porém ligamos,
 Sigamos a Fortuna: A ti, Fortuna,
 A ti, Amor, a ti, Pompeo, me entrego.



ACTO QUARTO

SCENA I.

Scrtorio, e Arcás.

Scrtorio.

NÃO fei, Arcás, que novos sobressaltos
 Trago no coração. Esta Rainha
 Perturbada, parece que não pôde
 Acabar de dizer tudo o que sente:
 Não fei que temo, Arcás!

Ar-

Arcás.

Anciosamente
 Vigiei este instante, em que pudesse
 Comvosco achar-me só, para dizer-vos,
 Que hoje Aristia com Pompeo foi vista
 Largamente fallar, como em segredo.

Sertorio.

Que dizeis! Aristia, que affectava
 Temer a sua vinda ha poucas horas!
 Que novos ameaços crescer vejo!
 Que triste aspecto as cousas vão tomando!
 Que negra tempestade vejo armar-se
 Sobre nossas cabeças! Descontentes
 O Principe, e Pompeo! Ah tudo excita
 Os meus justos receios! Mas ás vezes
 Desfazem-se em chuveiros de bonanças
 As pezadas carrancas da tormenta.
 Confiemos nos Deoses. Mas, Aufido,
 Para nós apressado! Que successo
 Póde obrigallo a tanto!

S C E N A II.

*Sertorio, Aufido, e Arcás.**Aufido.*

HUma noticia,
 Que espalhando se vai de boca em boca
 Entre os nossos soldados, me parece
 Digna de reflexão: Publicamente
 Dizem, que hoje a Rainha rejeitára

A

A paz em Roma, que Pompeo lhe offrece:
 Deveis aconselhalla, e influir-lhe
 Favoraveis tenções a vós, e a ella:
 Não chameis a desgraça, que inda vemos
 Tão distante de nós: As alianças
 Forão sempre as escoras dos Imperios:
 Sem ellas, Roma, a mesma grande Roma,
 Não chegara a ser grande. Ah! Não vos cegue
 O gosto de mandar!

Sertorio.

Aufido; a gloria,
 O valor, a razão, a experiencia,
 Por outro modo a discorrer me ensinão:
 Quem diminue, quem enfraquece os Reinos,
 São talvez essas mesmas alianças,
 Que ou temor, ou a illusão vos pinta:
 Se Roma já he grande, nós faremos
 Que ella seja maior? Essa amizade,
 Com que se ajudão mutuamente os povos,
 Que os contém moderados nos limites
 De huma justa grandeza, he quem sustenta
 Huma certa igualdade, que se chama
 Entre nós equilibrio: Em fim, no Mundo
 Todos devem ter parte; e Roma nunca
 Distingue a vassallagem da alliança:
 Sempre são seus partidos affrontosos;
 Quando já sente a mão enfraquecida
 Com o pezo da espada, então co'a outra
 Semea sedições, maneja industrias,
 Quaes as que vemos hoje: Esse sussurro
 Hum meio he só de enfraquecer as forças

Das

Das tropas Lusitanas: Sim, Aufido,
Para estas fracas gentes sempre torão
As traições fiadoras das victorias.

Aufido.

Ah eu temo, Sertorio, neste dia
O Principe Corrobo! Elle convoca
Todos seus Capitães a huma assemblea:
Temo a sua resulta: Os seus soldados,
Separados dos nossos, fôrmao corpo
N'um sitio vantajoso ao nosso campo;
De donde, c'uma vista ameaçadora,
Medindo estão qualquer dos movimentos
Que faz a nossa gente: Em fim receio,
Que as nossas forças não possão
Fazer huma pequena resistencia,
Quanto mais conseguír huma victoria.

Sertorio.

He Aufido quem falla? Oh Ceos! Que escuto!
O companheiro, o amigo de Sertorio!
Eu sou, eu sou o Capitão, e o Chefe
Eleito por vós mesmo, por vós mesmo,
Que mandado por mim n'outras emprezas,
Fizestes já, com desigual partido,
Estremecer Pompeo, fugir Metelo.
Que vos não balte, Aufido, as manifestas
Próvas do meu valor para animar-vos!
E que sobeje só para temerdes
Hum General de Silla, hum moço incauto,
Qual he Pompeo, qual póde ser Corrobo!
Homens não temem homens; sim: Os Deoses
Só nos são superiores: Confiemos,

Con-

Confiemos nos Deoses : Se-até agora
 Nos forão favoraveis , ah ! Que insultos ,
 Que grandes erros , que delictos novos
 Podem fazer-nos neste dia indignos
 Da protecção Celeste ? Vós se acaso
 Sentis o vosso espirito gravado
 De accusadores , de fiscaes remorsos ,
 (Sempre do nosso crime indicios certos)
 Recorrei logo ás súplicas ardentes ,
 A's gratas expiações , que eu vos protesto ,
 Por esses mesmos Deoses , que este dia
 Ha de fazer a Epoca brilhante
 Dos tempos de Sertorio : Ha de escrever-se ,
 (Vós o vereis , ó Seculos futuros)
 Para gloria nos Faustos Lusitanos ,
 Para deshonra nos Annaes de Roma.
 Aufido , ter valor : Voltai ao campo :
 Ide , esperai , sede huma vez Sertorio ;
 E em quanto eu busco as Ordens da Rainha ,
 Fico que executeis as que já tendes .

Aufido.

Estai certo , Senhor , que a obedecer-vos
 Parto , em vós , e nos Deoses confiado .

S C E N A III.

Sertorio , e Arcás.

Sertorio.

T Aõ tristes circumstancias são bastantes
 Para abalar o animo mais firme ;
 A Rainha , sem dúvida , informada

Es-

Está de alguma dellas: Aristia....
 Pompeo.... Corrobo.... que resolver pôde
 Toda a prudencia humana? Não suppunha,
 Que tão perto de nós se preparava
 O golpe ameaçador; por Viriacia
 He que temo fômente. Ah! Que ella chega!
 Deoles, affugentai desta Rainha
 As desgraças, que a cárcão! Mas finjamos
 Mais valor do que temos: A esperança
 He a ultima coufa, que em nós morre.

S C E N A IV.

Viriacia, Sertorio, e Arcás.

Sertorio.

CHegou em fim, magnanima Rainha,
 O venturoso instante, em que seremos
 De huma gloria immortal ambos croados:
 Espera-nos Pompeo, e os nossos ficão
 Promptos para envestir; só me faltava
 Vir á vossa presença: Os vossos olhos,
 Os vossos bellos olhos, são as luzes,
 Onde o meu coração ardendo busca
 Purificar-se das terrenas manchas
 De fraco, e de mortal: Elles me influem
 Parte do feu espirito: Não temo,
 (Por vós o juro, se de tal sou digno)
 Não temo a guerra, não me affusta a morte:
 Para vencello só basta lembrar-me,
 Que contendo por vós: Em vosso nome,
 Que invocarei mil vezes nos affaltos,

To-

Tomarei novo esforço: Em fim, Senhora,
 Neste momento, de que pende a gloria
 De toda a Lusitania, a vossa graça
 He o unico auxilio, que procuro;
 He o unico Templo, que visito.

Viriacia.

Virtuoso Sertorio, o vosso esforço,
 As vossas expressões, o vosso zelo,
 As cousas grandes, que a vossa alma enferra,
 Em fim, hum não sei que, que em vós descubro,
 Que vos põe muito além da esfera humana,
 Digno vos faz da doce recompensa,
 Que hum Heroe, como vós, que ama a virtude,
 Pôde esperar de huma mulher Rainha.

Sertorio.

Sertorio nada espera; e se esperára,
 Só fora amar-vos mais, se mais pudesse:
 Não amo a guerra pelas consequencias
 De importantes despojos, amo a guerra
 Sómente, porque he guerra, porque he justa,
 Porque vós a fazeis, e mais que tudo,
 Pelos altos estímulos da gloria
 De offrecer hoje aos vossos pés triunfantes
 Rotas bandeiras, destroçadas lanças:
 Aquelle mesmo reverente affecto,
 Que tantas vezes me obrigára a ver-vos,
 He neste instante, (que custoso instante!)
 Que a deixar-vos me obriga: A Deos, Senhora...
 Em fim, a Deos, Rainha... a Deos.

Viriacia.

Sertorio?

Ser-

Sertorio.

Senhora!

Viriacia.

Oh justos Ceos! Como he possível
Que vos veja partir, e que não possa
Tambem acompanhar-vos! Permitti-me
Que morra junto a vós, que ao vosso lado
Vos sustente o broquel, ministre as lanças;
Outras vezes, se acaso no combate
Ameaçado vos vir de mão traidora,
Ou correrei a receber-lhe o golpe,
Ou vos darei final, soltando hum grito;
Não he desconfiar do vosso esforço,
He dar-vos huma prova do meu zelo;
Eu quero acompanhar-vos resoluta.

Sertorio.

Socegai-vos, Senhora, a minha vida
Não vale tanto, que nos custe a vossa:
Pór mim, por vós, por ella aos Deoses juro;
De vos deixar vingada; mas, Senhora,
O tempo corre, permitti que parta:
Crede, ó Rainha, que vos levo n'alma,
Onde reinareis sempre: Não se estendem
A tanto os vis Imperios da Fortuna,
Que lá vos fação guerra: Mas a guerra
Torna a chamar-me: He tempo. A Deos, Senhora.

Viriacia.

Mas, Senhor, esperai... Em fim, Sertorio,
Eu fico, e vós partis? Deoses, que pena!
Que extremo de impaciencia! Ah! Que eu não posso
Viver sem vós, nem acabar com vosco!

Ser-

Sertorio.

Já me falta o espirito. Senhora,
Olhai que nos perdemos: Permitti-me . . .
A Deos, Senhora: Crede que vos amo.

Viriacia.

Posso morrer no vosso amor segura?
Amais quanto dizeis?

Sertorio.

Vós me abonastes
Ha bem poucos instantes: Como posso
Deixar de vos amar, se amo a virtude!

SCENA V.

Curio com os precedentes.

Curio.

A Pressai-vos, Senhor, que os inimigos
Já para esta Cidade se encaminhão:
Vede, vede, que he tempo . . .

Sertorio.

Sim: He tempo:

E aonde ficão de Corrobo as tropas?

Curio.

Marchão com passo vivo as de Pompeo;
Mas ainda em distancia consideravel,
Não se distingue bem se as de Corrobo
Virão incorporadas: Entre nuvens
Do cego pó, que os esquadrões levantão,
Entre o tropel de Numidas cavallos,
Gemendo vem as gravidas carretas
C'os petrechos de guerra: Mais ao longe

Va-

Vagaroso , pezados Elefantes ,
 Formidaveis á vista , me parecem
 Montanhas , que se movem : Treme a terra
 Com tanto pezo : As inquietas lanças
 Dos errantes soldados , representão
 Qual da ondosa grandissima seára
 As fluctuantes , aridas espigas ,
 Açouradas do vento : Os nossos ficão
 Medrosos , não de todo , mas turbados :
 Importa muito que volteis ao campo
 A animar nossa gente.

Sertorio.

Sim : Eu parto ,
 Eu corro a soccorrellos , e a vingar-vos :
 Invencivel Rainha , de Corrobo
 Não temais as traições : Vivei segura ;
 O coração não mente : Os grandes Deoses
 Não enganão os homens : Tudo , tudo
 A mais certa victoria nos promette :
 A voz do Ceo escuro ; elle me falla :
 O meu rival , o perfido Corrobo ,
 Hoje mesmo , hoje mesmo , atado ao carro ;
 Servirá de troféo á vossa gloria :
 Hé preciso partir.

Viriacia.

Partis , Sertorio ?

Sertorio.

Fico convosco , leva-vos comigo. (1)

SCE-

(1) *Vai-se.*

SCENA VI.

*Viriacia, e Curio.**Viriacia.*

AH querido Sertorio! Quanto temo
 Teu incerto Destino! Esta Estrangeira,
 Tu me disseste, Curio, que fallára
 Com Pompeo em segredo ha poucas horas.

Curio.

Nada distintamente escutar pude;
 Mas nos alegres rostos se lhes lia
 Hum interno alvoroço, huma esperança
 De exito venturoso no successo,
 Que acautelados entre si tratarão:
 Ficou depois hum pouco pensativa;
 E fazendo observar-lhe os movimentos,
 Sei, que, antes de sahir desta Cidade,
 Fallára com o Principe Corrobo;
 E que vão para o quarto de Aristia
 Gentes desconhecidas concorrendo:
 Da facção de Corrobo se presumem.

Viriacia.

Com Pompeo Aristia! E vacillante
 O Principe Corrobo! De Sertorio,
 O zelo que fará? O que o esforço?
 O que huma Rainha, rodeada
 De traições infieis, de vis enganos
 Urdidos pelas mãos dissimuladas
 De inimigos domesticos? Injusto,
 Orgulholo Pompeo, mulher infame,

Cor-

Corruptos Capitães, armas indignas,
 Armas só feitas para as mãos daquelles
 Inimigos da honra, e da verdade,
 A quem o justo Ceo fecha os ouvidos,
 A quem não vale a protecção dos Deoses.

S C E N A VII.

Elmira, e os precedentes.

Elmira.

A H Senhora! Perdidos somos todos!
 Huma tropa infiel de homens armados
 Sahio com Anistia do seu quarto:
 Tumultuariamente correm todos:
 He tudo confusão, desordem tudo:
 Impossivel parece a resistencia,
 Quanto mais a victoria: Oh Ceos! Fugamos,
 Procuremos salvar-nos! De Corrobo
 Outro corpo de tropas às muralhas
 Dizem que se avizinha.

Viriacia.

Ide, apressai-vos, (1)
 Convocai, em meu nome, toda a gente
 Capaz de tomar armas; toda, toda
 De ambos os sexos, de ambas as idades:
 Se houver algum tão vil, que vacillante
 No sacrosancto amor, que à Patria deve,
 Duvide froxo, irresoluto fique,
 Fazei o que eu fizera: A vossa espada
 Com elle augmente o número dos mortos:

Tom. II.

T

Ide,

(1) *Para Curio.*

Ide , em quanto eu não vou , c'ó meu exemplo ;
 Com a minha vida , c'ó meu fangue todo ,
 Encher de inveja a Fama , a Patria de honra ,
 Roma de confusão , de gloria o Mundo.

Curio.

A executar as vossas Ordens parto.
 Encomendai aos Deoses o successo.

S C E N A VIII.

Viriacia , e Elmira.

Viriacia.

P Ara isto , Fortuna mentirofa ,
 Para isto he que fui . . . oh Patria ! Oh Deoses !
 Oh Lacobriga ! Oh sombra generosa
 Do grande Viriato ! Vedes , vedes
 A vossa soberana , a vossa filha
 Cercada deffes mesmos deshumanos ,
 Que o jugo vos puzerão , que tirarão
 A vida ao defensor , que peleijara
 Só pela vossa honra , e não vos move
 O estado , em que estou ? Pois vinde , vinde
 O' assassinos de meu Pai , tirai-me
 C'ó a mesma espada a vergonhosa vida ,
 Ainda mais cruel , que a mesma morte :
 Mas primeiro estas torres , estes muros ,
 Estes sagrados Templos , estas mesmas
 Paredes de Palacio , reduzidas
 A cinzas se verão ; e as mesmas cinzas ,
 Que restarem do estrago , aos Deoses juro
 Defender , até dar o ultimo alento :

Que

Que ás vezes o temor faz valerosos :
Faz a conternção desesperados.



ACTO QUINTO

SCENA I.

Aristia preza conduzida por Guardas.

Aristia.

Onde estou ! Que fiz eu ! Injustos Deoses !
Que horror ! Que susto o coração me agita !
Sonhadas alegrias , vans promessas ,
Crédulas esperanças , já de todo
D'ante meus tristes olhos me fugistes :
Para elles não ha mais do que as sombras
Dos infames delictos , que me accusão :
Indignos são de ver os resplandores
Do luminoso dia ; nem me atrevo
A erguellos para o Ceo de envergonhada.
Que facil fui ! Que deshumano has sido ,
Imprudente Pompeo ! Estas cadeias
São os dourados , venturosos laços ,
Com que havia de unir-nos para sempre
A Fortuna , e Amor ? Tu me lançaste
Neste profundo abyssmo de miserias :
Tu as cruentas Aras erigiste :
Tu me trouxeste ao sacrificio infame
De huma perpétua injúria : Sim : Tu mesmo ;

Tu me fizeste Aithora de huma culpa,
Que, ainda perdoada, não se extingue
Na memoria das gentes.

S C E N A II.

Aristia, Viriacia, e Elmira.

Dizei-me, que motivo...

Viriacia.

Aristia.

Amargo lance!

Senhora, a negra mão de antigos Fados,
Que sempre como sombra me acompanhão,
Os olhos me fechou, guiou meus passos
Ao fatal precipicio, em que me vedes
De todo despenhada: Eu sou a triste
Esposa de Pompeo, (que nunca o fora!)
Entrei na vossa Corte perseguida;
Porém não aleivosa: Mas, Rainha,
Pompeo..... o amor.....

Viriacia.

Já sei: Fez-vos traidora:
Ereis Romana, haviéis fer ingrata:
Que Leis sagradas, que civis costumes,
Que honrados sentimentos influirão
Na vossa educação! He deste modo,
He deste modo, que a polida Roma
Nutre a sua grandeza! He este o premio
Do brando acolhimento, que encontrastes
Nas minhas terras? Do benigno hospicio,
Que Sertorio vos deo, o premio he este?

Le-

Levai-a; e preza fique, até que ordene
Qual seja o seu castigo.

Aristia.

Basta, basta
Para castigo a minha desventura,
A minha confusão, a minha affronta:
Eu quero ser, grande Rainha, eu quero
Ser a mais empenhada medianeira
Entre vós, e Pompeo: Vede, Senhora,
Que ainda póde ser.

Viriacia.

Bem vos entendo:
Tomai bem as medidas aos projectos,
Que vos propõe a vossa temeraria,
Orgulhosa esperança: Por ventura
Esperais ver Pompeo victorioso
De mim, e de Sertorio? E que imploremos
A vossa protecção? Se a minha Sorte. . . .
Mas inda não he tempo: Retirai-vos.

Aristia.

Que confusão! Oh Deoses! Acabai-me! (1)

SCENA III.

Viriacia, e Elmira.

Viriacia.

JÁ os Deoses piedosos principião
JÁ ouvir nossos rogos: Já começo
A ver alguns princípios de triunfo:
Bastou minha presença na Cidade,

Pa-

(1) Vai-se.

Para pôr em socego aos habitantes:
 Desamparando as casas, perturbados
 Fugião, sem saber onde fugião:
 As temerosas Mães, os tenros filhos
 Apertando nos braços, levantavão
 Por toda a parte inconsolavel pranto:
 A tropa, que as muralhas guarnecia,
 Posto que forte, e bem disciplinada,
 Não esperando a subita violencia
 Do intestino assalto, peleijava
 Contente de morrer, pois da victoria
 Desconfiavão todos: Chego; e á vista
 Da consternada gente, sopezando
 A lança, que levava, me convido
 Para ser a primeira, que atacasse
 Os insolentes, perfidos authores
 Da infame fedição: Todos recobráo
 O perfido valor: Sem consentirem
 Que eu os acompanhasse, arremetterão
 A' gente de Corrobo, que forçava
 A porta principal: Em fim ganhámos
 O posto, que perdemos: Aristia,
 Essa indigna mulher, no meio delles
 Os animava com razões forjadas
 Nas barbaras políticas de Roma:
 Mas eu estou contente! Justos Deoses!
 Qual será o Destino de Sertorio?
 Ah que se elle não entra em Lacobriga,
 Hoje mesmo triunfante, de que servem
 Todas estas victorias!

Elmira.

Da Fortuna

Porque desconfiais, quando vos mostra
Tão risonho semblante?

Viriacia.

Ah minha Elmira!

Quem crê nos falsos risos da Fortuna,
Não a conhece bem. Mas Curio chega.

S C E N A IV.

Viriacia, Curio, e Elmira.

Viriacia.

Que noticia nos dais do nosso campo?
Pudestes das muralhas observallo?
Distribuístes, Curio, as minhas ordens
Como eu vo-las passei? Como encontrastes
O animo dos nossos? Ficão todos
Promptos, e firmes para a nova empreza!

Curio.

Senhora, a inexpugnável Lacobriga
Cozando fica de huma paz serena:
Os seus alvoroçados habitantes
Subidos nas muralhas, não se fartão
De dar graças aos Deoses; repetindo,
De quando em quando, entre festivos écos;
O vosso grande, e respeitável nome:
Jurão todos por elle, ao vosso lado,
Perder antes a vida, do que a gloria
De acabarem comvosco: Mas do campo
Nada pôde saber-se: Só se observa

Ao

Ao longe o vulto de hum guerreiro armado,
 Que tão rapidamente se encaminha
 Para esta Cidade, que parece
 Que o chão não trilha, que não rompe os ares.

Viriacia.

Não posso: He tempo de quebrar de todo
 A rédea ao soffrimento: De Sertorio
 Eu mesmo irei saber, qual o Destino,
 Qual a Sorte tem sido: Hum só instante
 Sobreviver não quero á sua perda:
 Vou perder-me com elle: Sim; no meio
 Das inimigas lanças, juro aos Deoses....
 Porém Arcás cheio de fangue, e pó cuberto!
 Esperemos: Primeiro quero ouvillo.

Arcás.

Venturosa, e magnanima Rainha,
 Somos felices, fomos vencedores,
 Fugio, fugio Pompeo; triunfou Sertorio:
 Elle por mim vos manda esta noticia,
 Em quanto a vossos pés não vem trazer-vos
 Os vencidos despojos da batalha.

Viriacia.

Que gosto! Que interior contentamento!
 Ah meu Arcás! Tanta ventura he certa?
 Ah! Dize-me, e Sertorio, o meu Sertorio,
 Inda tardará muito? Vem ferido?

Arcás.

O fangue todo, que lhe tinge as armas,
 He dos seus inimigos: Tão illêso
 Volta, como partira: Chega ao campo;
 E c'os olhos correndo as nossas tropas,

As

As observou tão froxas, que parece
Que já hião vencidas: De Corrobo
As aleivolãs gentes se puzerão
A favor de Pompeo, e parte dellas
Para esta Cidade se apressarão:
Sertorio se perturba; e não podendo
Voltar a soccorrer-vos, porque estava
Em acção de investir contra os Romanos,
Que vinhão procurallo, vendo quasi
Defanimados já os seus, e os nossos,
Os Capitães do exercito convoca
Para a frente das tropas; e subido
N'um lugar alto, a todos dominante
De huma voz, que as entranhas penetrára
Do furdo abyssmo, em que Plutão se encerra;
Soltou estas palavras temerosas,
Que a ira lhe ensinou mais que a eloquencia:
Amados Lusitanos, companheiros,
Mais do que subalternos de Sertorio,
Que ira dos Ceos, que vil desconfiança
Vos ata as mãos? As mãos, que n'outro tempo
Tão famosos triunfos recolherão,
Tantos, tantos Romanos maneatarão;
Tanto sangue esparzirão; tantas vezes
Se erguerão para os Idolos devotos
A dar-lhes graças nos piedosos Templos,
Cujas paredes inda estão cubertas
De pendent despojos! Nestes valles
Inda ao longe parece que se escutão
Os lastimosos, ultimos gemidos
Das miseras donzellas, que espirarão

Abra-

Abraçadas co' a terra ás mãos infames
 Dos soldados de Galba: O' gente forte,
 Que esperais? Que temeis? Hum alliado,
 Que havia ser traidor, já era indigno
 De ser nosso alliado: Que perdemos?
 Que nos levou? Tirou-nos a justiça:
 Das mãos a espada? Os corações do peito?
 A protecção dos Deoses? A Fortuna?
 Tudo temos ainda; ainda somos
 Os mesmos que até agora: Eu reconheço
 O perigo, em que estamos; mas se he grande,
 Maior será a gloria, que resulta
 De morrer pelejando, que fugindo.
 Haveis de abandonar, (suspirando
 Disse:) A vossa Rainha, a nossa amavel,
 Antiga protectora? Ao mesmo tempo,
 Com o braço estendido, nos amostra
 As tropas dos Romanos, que já vinhão
 Muito perto de nós; e continúa:
 Esperais que estes barbaros Romanos
 Nos venhão desfamar? Tirar as vidas,
 Como a mansos cordeiros? Que vergonha!
 Vamos, vamos morrer. Para investillos
 Deo final a trombeta Lusitana:
 Avanção todos; cada hum dos nossos
 Hum Sertorio parece: Ferem, matão,
 Vencem, triunfão; finalmente, cantão
 A victoria maior, de que tem sido
 De Lacobriga os montes testemunhas:
 Por elles vai fugindo envergonhado
 Pompeo, e alguns dos seus, que mal pudérão

Escapar a Sertorio: Elle não pôde
Tardar muitos instantes; pois voltava
Para esta Cidade, receando
Os insultos das armas de Corrobo,
Que virá para ella encaminhar-se.

Viriacia.

Ah meu Arcás! Que justos são os Deoses!
O' Razão, ó Justiça, ó Innocencia,
Filhas do Ceo, authoras da victoria,
As mais seguras, invenciveis armas,
Com que os Reinos pelejão; aliados,
Que nunca se corrompem; alicerces,
Que nunca dão de si: Em vós se fundão
Todas as minhas forças: Já de todo
As traições, e os enganos se acabárão!
Já para o negro Tartaro descêrão
As vingativas Furias! Vamos, vamos
O Templo visitar. Mas vem Sertorio!

S C E N A V.

Sertorio, Viriacia, e os precedentes.

Viriacia.

PErmitte o Ceo em fim, que torne a ver-vos,
E a ver-vos vencedor! Estimo em menos
Todos os interesses da victoria,
Do que a reputação do vosso nome,
E a vossa amavel vida, pois sem ella
Hum só instante a minha não durará.

Sertorio.

Pela vossa, ó Rainha, he que o meu zelo

Tra-

Trabalhou, e venceu tantos perigos:
Elles forão os creditos, os louros,
A gloria, a Fama, a honra, que podia
Esperar quem não tinha outra esperança,
Do que ver-vos vingada, e do que ver-vos.
Os Deoses me livrarão.

Viriacia.

Mas dizei-me,
Quem são os prizioneiros? De Corrobo
Como foi o Destino?

Sertorio.

Foi, Senhora,
Qual esperar-se de hum traidor podia:
Igualou na balança a Sorte, e a culpa.
Já sabeis por Arcás, que este tyranno
Se separou dos mais, vindo atacar-vos
C'uma parte dos seus, sem que eu pudesse
Embaraçar-lhe o passo; mas vencidos
Os perfidos Romanos, tendo a gloria
De ver fugir Pompeo desbaratado,
Voltando a soccorrer-vos, no caminho
Encontro o vil Corrobo, que fugia
Tambem desta Cidade: Em fim de medo
Elle, e os seus perturbados não pudérão
Fugir de todo ao impeto dos nossos,
Que entre colera, e gosto, com que vinhão
Da passada victoria, os atacarão
Quasi sem resistencia: Huns arrojárão
As armas sobre a terra, outros as armas
Deixão cahir das mãos, pedindo a vida;
Todos em fim se rendem, só Corrobo,

Não

Não querendo viver, desesperado
 Intenta antes matar-se, que render-se:
 Os nossos lho embaração; e eu lhe mando
 Logo prender as mãos, tirar a espada:
 Prizioneiro o conduzo, e prezo fica
 C'os infelices socios, que rixerão
 A mesma Sorte: Finalmente, delles
 O vosso arbitrio decidir só póde;
 E na vossa presença, neste instante
 Serão julgados todos: Só esperão
 Que mandeis, que appareção:
Viriacia. Sim, que venhão,
 E tambem Aristia. (1)

S C E N A VI.

*Corrobo com ferros, varios Capitães, com
 os precedentes.*

Corrobo.

AH! Que até foge
 De mim a mesma morte! Amigas Parcas,
 Que tantas almas a Plutão levastes
 Dos companheiros meus; tanto vos péza,
 Tanto vos péza a minha? E tu, Sertorio,
 Tanto nella te vai? As mãos me solta;
 Com ellas mesmas eu verei se posso
 Quebrar o negro fio, que sustenta
 Huma vida tão triste: Acaba, acaba

De

(1) *Senza-se.*

De triunfar de mim, como triunfaste
 Do duro coração dessa Rainha,
 Que eu não pude abrandar; que não pudéram
 Meus suspiros, e lagrimas movello:
 Faze-lhe o gosto, tira-me do Mundo,
 Em cuja face apparecer não deve
 Hum monstro aos mesmos monstros odioso,
 Que infecta com seu halito maligno
 O ar da Lusitania, a terra toda,
 O mar, e o Ceo; até ao mesmo Inferno
 Será minha presença pavorosa
 Hum tormento de mais aos condemnados;
 Mas he Corrobo tal, que não merece
 Ainda a mesma cólera dos Deoses:
 Não tem Jupiter raios; não tem penas
 O inexoravel Minos, que se possão
 Medir co' as minhas culpas: Oh se houvesse!
 Oh se houvesse hum lugar fóra do Mundo,
 Aonde respirasse, onde não visse
 Mais do que! O espirito me falta,
 Acaba-me, Sertorio.

Sertorio.

Não, Corrobo;
 Desgraçado Corrobo, a minha espada
 Não se fez para barbaro cutélo
 De victimas humanas, que não podem
 Empunhar outra espada.

SCENA VII.

*Aristia, e os precedentes.**Aristia.*

A Cada instante
 Bebendo estou mil mortes! Oh que lento,
 Vergonhoso supplicio! Sem desculpa,
 Sem amigos, sem Patria, sem Esposo,
 Na terrivel presenca da Rainha,
 Que novamente me encherá de injúrias!
 Companheira do crime de Corrobo!
 Ah Fortuna! Ah Pompeo!

Sertorio.

Como he possivel
 Que Aristia tambem contra nós fosse!

Viriacia.

Tu, Aristia, observa quão differentes
 São nossos corações: O teu respira
 Huma injusta vingança; e o meu perdoa
 Huma infame traição.

Aristia.

Do meu Destino
 Tu es hoje a Senhora: Faze agora
 De mim o que quizeres; pois he tua
 A brilhante Fortuna deste dia.

Viriacia.

Não he o meu triunfo o que o faz grande,
 Sim a minha piedade unicamente:
 Para vos perdoar he que o estimo:

Náo

Não me quero vingar: Para vingança
Basta poder tomalla: Eu vos perdoó.

Sertorio.

Oh esforço! Oh virtude do Heroísmo!

Aristia.

Oh famosa Rainha, digno fangue
Do grande Viriato! Serás sempre,
Onde quer que a Fortuna me acompanhe,
Dos meus louvores o mais alto assumpto,
Nascida para exemplo dos que mandão
Sobre a caduca terra: Rodeado
De tão nobres virtudes, o teu Throno
Dure, em quanto no Mundo houver vassallos;
Pois só tu, tu só es entre os humanos
Alma Real, dignissima de Imperios.

Corrobo.

Que horror! Que pejo dentro d'alma encerro!
N'um mar de indignação fluctua, e bate
O afflicto coração! Em vez de fangue,
Mortal veneno as veias me circula.
Já deste corpo o espirito raivoso
Quer sahir, e não póde: Já me falta
A luz, a força, o soffrimento; tudo
Me vai desamparando: Já não posso...
Sobrevier não posso á minha affronta.
Sim, até Aristia testemunha...
Quando espero morrer, se hoje não morro!

Viriacia.

Vivei, vivei, Corrobo, que o castigo
Tereis na propria infamia: Dai-lhe as armas;
Soltai, soltai-lhe as mãos: abri-lhe as portas:

Ide

Ide bater ás da soberba Roma,
 A recolher em si acoftumada
 A traição, e a perfidia: Sim; dizei-lhe;
 Que nós os Lusitanos não sabemos
 Abufar da desgraça dos vencidos:
 Que aprendão delte exemplo a fer com elles
 Mais fieis, mais polidos, mais humanos.

Corrobo tomando a espada.

Sim; he tempo. Rainha deshumana,
 Venturofo Sertorio, vede, vede
 Da folta liberdade, que me déstes,
 O ufo, que hoje faço: Acaba, morre,
 Morre, infeliz Corrobo. Viriacia;
 Já que não pude a Deos, n'alma te levo. (1)

Viriacia.

Oh Ceos! Oh Ceos! Que barbara vingança!
 Que impiedade! Tirai d'ante meus olhos
 Tão trifte objecto.

Sertorio.

Vil procedimento.

Viriacia.

Vamos, Sertorio, agradecer aos Deofes
 Tão grandes, favoraveis beneficios;
 Ante cujos Altares, coroados
 De facrofanctos louros, ficaremos
 Por Hymineo ligados para sempre.

(1) *Mata-se.*



MISCELLANEAS
DE
JOÃO XAVIER DE MATOS.
M O T E

*Quanto importa, e quanto val
Para o mal, e para o bem,
Quem de seu hum casal tem,
Que viva no seu casal.*

F GLOZA DO A.

Abio, que foi Cortezão,
Remediado, e valido,
Quanto dera de haver sido
Antes hum pobre Aldeáo!
Sim teve da sua mão
Pendente o arbitrio Real:
Foi grosso o seu cabedal:
Pôde o que quiz sem demora;
Mas pergunte-se-lhe agora
Quanto importa, e quanto val.

Que importa o ter governado
 Com ordens vistas, e occultas?
 Se hoje as que propõe consultas
 São de tão mísero estado:
 Antes que o Sceptro, o Cajado
 Servíra como convem:
 Nas Cortes não vive alguém
 Seguro a bem, nem a mal:
 No campo ferve hum casal
Para o mal, e para o bem.

Não he melhor ter o amanhã
 Da lavoura, inda que pobre,
 Que vir a parar hum Nobre
 N'um desamparo tamanho?
 Ter de ovelhas hum rebanho,
 Que as pelles, e o leite dem?
 Não ha mais seguro bem:
 Pois quanto ao discurso meu,
 Não sabe o que tem de feu,
Quem de feu hum casal tem.

Estas cousas são tamanhas,
 Medidas pela razão,
 Que a sua ponderação
 Tem povoado as montanhas:
 Mas se acaso são estranhas
 A' aquelle, que em caso tal
 Se não vio, fugindo ao mal,
 Eu lhe recommendo aqui,
 (Porque viva para si)
Que viva no seu casal.

M O T E

*Tão costumado a desgraças
 Está vivendo em meus males,
 Que mais me affiustão os gostos,
 Que me atormentão pezares.*

G L O Z A D O A.

CRuel Fortuna, ergue a mão,
 Fere, mata-me a teu gosto,
 Que não se me enfia o rosto,
 Nem me bate o coração:
 Vejo o raio, ouço o trovão,
 Sem que estremecer me faças:
 Em vão, em vão novas traças
 De affustar buscando vens
 A hum triste, que tu já tens
Tão costumado a desgraças.

Póde hum gosto acabar
 A quem feliz se presume;
 Mas a hum triste por costume,
 Só póde hum gosto matar:
 Podes, por me atormentar,
 Empenhar tudo que vales;
 Que não he crível que abales
 A constancia deste peito,
 Com que já tão satisfeito
Está vivendo em meus males.

Já com animo sereno

Vejo o teu gésto medonho :
 Sem tremer-me a mão, já ponho
 A' boca o cruel veneno :
 Peno, sem saber que peno,
 No meio dos meus desgostos ;
 Mas se assim os tens dispostos,
 Porque algum delles me acabe
 De susto ; enganás-te, e sabe,
Que mais me assustão os gostos.

Quando nelles imagino,

Que só assim posso tellos,
 Só em cuidar que hei de vellos,
 Falta-me a luz, perco o tino :
 Muda, muda o teu Destino,
 Que para me atormentares,
 São estes mais singulares,
 E fica defenganada,
 Fortuna, do pouco, ou nada,
Que me atormentão pezares.

M O T E

*No Templo do Deos Cupido,
Com incessante porfia,
Em seus profanos Altares
Todo o mortal sacrifica.*

G L O Z A D O A.

MArcia, esses factos, que estão
Pintados de Amor no Templo,
Se eu pudera, para exemplo
Riscára co' a propria mão:
Em lugar delles entáo,
Para mais honra de Gnido,
Tendo huma estatua erigido
A' tua belleza rara,
Só fora a que collocára
No Templo do Deos Cupido.

Alli de nenhuma sorte

A louca Venus pintára;
Nem a historia recordára
Desse adultero Mavorte;
De Dido a barbara morte,
De Eneas a tyrannia,
E o mais que o pincel fingia,
Sem nascer de amor fizudo,
Por isso reprovo tudo
Com incessante porfia.

Sem

Sem recorrer a ficções,
 Menos a historias incertas,
 Pintára puras offertas
 De mais limpos corações:
 O meu livre das paixões
 De espiritos populares,
 Do Templo em Santos Lugares
 Ardêra, que fora horror
 Queimar tão casto penhor
Em seus profanos Altares.

Aos pés da tua figura
 Fora o meu Altar mais certo,
 Por ir ahi de mais perto
 Contemplar-te a formosura:
 Altar de nova eltructura,
 Que a mais déltra mão fabrica,
 E de materia tão rica,
 Qual ao culto corresponde;
 Que eu não sacrificio, aonde
Todo o mortal sacrifica.

M O T E

*Da escravidão do Deos cego
 Já livre os grilhões penduro:
 Oh quem mais cedo pudera
 Desfatar o laço duro!*

G L O Z A D O A.

EM fim já de Amor isenta
 Tenho a doce liberdade;
 E quero em tranquillidade
 Ouvir de longe a tormenta:
 Já agora de balde intenta
 Captivar-me de outro emprego;
 Pois não arrisca o socego,
 Que tantos ais lhe custou,
 Quem huma vez escapou
Da escravidão do Deos cego.

Esses ferros, que arrastei
 Já hoje sem prejuizo,
 Tantas vezes quebro, e pizo,
 Quantas por gosto os beijei:
 Despedaçados irei
 Levallos ao mais seguro
 Lugar, porque o santo, e puro
 Desengano para exemplo
 Conheça, que no seu Templo
Já livre os grilhões penduro.

Alli deixo ao Passageiro

Pendente o fatal despojo,
 Porque enfreie o cégo arrojo
 De ser como eu prizioneiro:
 E este aviso derradeiro
 Dar-lhe mais cedo quizera,
 Porque ha mais tempo vivêra
 Livre do amoroso enredo;
 Porém não pude mais cedo:
Oh quem mais cedo pudera!

O jugo de Amor tyrano

Já sacudi, já lá vai,
 Sempre assim me conservai
 Santo feliz desengano:
 Em fim saiba esse inhumano,
 Que escarneço, que murmuro
 De seu poder mal seguro;
 E que pôde huma alma forte
 De Amor, a pezar da Sorte,
Desatar o laço duro.

M O T E

*Amor anda pelo tino,
 Que he cego, não traz bordão:
 Quem tiver bom coração,
 Accommode este menino.*

G L O Z A D O A.

A Mor ao Mundo fahio
 Vendo bem, e assim viveo,
 Até que lhe aconteceu
 Cegar depois que te vio:
 Desesperado partio,
 E fez-se então mais malino;
 Em fim todo o seu Destino
 He tomar de ti vingança;
 E só por ver se te alcança,
Amor anda pelo tino.

Mil fethas do arco facode,
 Lá vão mil almas render;
 E tudo só para ver
 Se contigo acertar póde:
 Suspira; e se alguém lhe acode,
 Se acaso te deo, então
 Pergunta, e ouvindo que não,
 Pedê que onde estás o leve;
 Que ir sózinho não se atreve,
Que he cego, não traz bordão.

Assim vai matando a gente:

Olha que encargos, tyrana,

Es a culpada, e inda ufana

Vês morrer tanto innocente?

Ah! Que huma alma delinquente

Não está segura, não;

E elle tem tanta razão,

Que do mal, que te fizer,

Até sentirá prazer

Quem tiver bom coração.

Porque o cegaste, não crêas

Que já não pôde forjar

Settas para te atirar,

Para te prender cadêas.

Pôde com outras idéas

Vingar o teu desatino;

E pôde haver tão malino,

Tão forte, e dêstro sujeito,

Que á força, dentro em teu peito,

Accommode este menino.

M O T E

*Bem póde o Tempo tirar
O tempo de te não ver,
Que o tempo de te querer
Não póde o Tempo tirar.*

G L O Z A D O A.

Tire o Tempo, sempre opposto
A's humanas pertenções,
A gloria a mil corações,
Martyres do seu proprio gosto:
Da Ventura, em que os tem posto,
Faça o gyro desfandar;
Mude-os do estado, e lugar,
Ulando as acções mais cruas;
Que estas cousas, pois são suas,
Bem póde o Tempo tirar.

Mas nesta alma, que te adora,
Onde meu Bem sempre estás,
Nenhuma ruina faz
Do Tempo a mão gastadora:
Se não posso a toda a hora
Presente esses olhos ter,
Nem por isso has de temer
Que possa o Tempo triunfar;
Pois levo em te contemplar
O tempo de te não ver.

Todo este tempo aproveito,
 Por mais que o Tempo resista;
 Pois se te perco de vista,
 Logo te encontro no peito:
 Nelle, a pezar de hum effeito,
 Que sinto, e não sei dizer,
 Sempre dominio has de ter,
 Que não acha o meu cuidado
 Tempo mais bem empregado,
Que o tempo de te querer.

O Tempo, a Fortuna, a Morte,
 Tyrannos contrarios são;
 Porém não os teme, não,
 Amor, que Amor he mais forte:
 Contra Amor, o Tempo, e a Sorte
 Póde o braço levantar;
 Mas nunca d'alma arrancar
 Paixão, que della nasceo;
 Que o que Fortuna não deo,
Não póde o Tempo tirar.

M O T E

*Todo este monte não tem,
 Como Anfrizo, outro Pastor;
 Nem que tenha tanto amor,
 Nem que saiba amar tão bem.*

G L O Z A D O A.

AH Michalia, que desprezes
 O pobre Pastor Anfrizo!
 Por não ter, como tem Nizo,
 Largas terras, gordas rezes!
 He desgraça, que mil vezes
 Todos lamentar me vem:
 Desgraçado Anfrizo, a quem
 Tão pouco o Ceo concedeo;
 Que só para o dar, de feu
Todo este monte não tem.

Mas troca, Michalia ingrata,
 De Amor os bens verdadeiros
 Por lavouras, e carneiros,
 Bens, que o Tempo disbarata:
 Embora a Anfrizo maltrata:
 Trata a Nizo com favor:
 Como Nizo outro Senhor
 De gados podes achar;
 Mas nunca para te amar,
Como Anfrizo, outro Pastor.

Faze, faze o que quizeres,
 Que ou ames a Nizo, ou não;
 Vale este meu coração
 Muito mais que os seus haveres:
 Amor firme não o esperes,
 Salvo se em meu peito for;
 Que não ha outro Pastor,
 Quando em querer bem se empenha,
 Nem que mais desgraça tenha,
Nem que tenha tanto amor.

Já por gabar-me, não digo
 Que na luta, e baile espanto,
 E que Nizo, quando canto,
 Não tem que fazer comigo;
 Mas só vaidoso me obrigo
 Ir á posta em querer bem,
 Pois neste monte ninguem
 Acharás, posto que pobre,
 Nem de coração mais nobre,
Nem que saiba amar tão bem.

M O T E

*Quando te não conhecia,
Nada de ti se me dava;
Sem pensamentos dormia,
Sem cuidados acordava.*

G L O Z A D O A.

N, Algum tempo, ah tempo amado!
De enganos me não mantinha,
Não tinha amor; e se o tinha,
Era sómente zo meu gado:
Neste monte sem cuidado
O meu rebanho trazia:
Eu me deitava, eu m'erguia
De toda Aldêa beni quisto;
Mas sabes quando foi isto?
Quando te não conhecia.

Quantas vezes, na floresta,
Lambendo-me o meu rafeiro,
Passei quasi hum dia inteiro
Sem me lembrar de outra festa:
No baile depois da festa
Mui poucas vezes entrava:
O peito não se alterava,
Não se entristecia o rosto:
Só isto me dava gosto,
Nada de ti se me dava.

Não he hoje assim, tyrana,
 Que por ti deixando o gado,
 Troquei pelo meu cuidado
 O focego da cabana:
 A hora, o dia, a semana,
 Sem que huma só vez me ria,
 Passo a noite, passo o dia,
 Olha como estou diferente
 Do tempo, em que docemente
Sem pensamentos dormia.

Dormia ao suave canto
 Do passarinho innocente,
 Hoje se durmo, he sómente
 Ao triste som do meu pranto:
 Acordo, o rosto levanto
 Desse amor, de quem zombava,
 Temo as fétas, temo a aljava,
 Não era assim algum dia;
 Pois quantas vezes dormia,
Sem cuidados acordava.

M O T E

*Tomára quem me differa,
Com toda a sinceridade,
Se prevalece a mentira
Contra a força da verdade?*

G L O Z A D O A.

Este crê que a falsidade
Póde subsistir mil annos,
Sem que a sombra dos enganos
Se atreva à luz da verdade:
Aquelle se persuade
De que á verdade sincera
Nunca a mão prevalecêra
Da abominavel Mentira:
Qual dos dous he que delira;
Tomára quem me differa?

Mas se eu sei que facilmente
O que he réo, por justo passa;
E o justo soffrer a desgraça,
Que he só propria ao delinquente;
Que arbitro mais competente
Póde haver em toda a idade,
Que esta constante verdade:
Ella decide a questão,
E nos falla ao coração
Com toda a sinceridade.

Affim como succedendo

Vai á noite o claro dia,
 Affim a noite sombria
 Vai o dia interrompendo:
 Huma vez resplandecendo
 Nasce a verdade, outra espira,
 Succede-lhe o engano, e gyra
 A densa nuvem do engano;
 Agora contempla humano
Se prevalece a mentira.

Dixoso aquelle Paiz,

Onde a mentira não tem
 Lugar, porque alli ninguem
 A verdade contradiz:
 Detestavel, e infeliz
 O terreno, onde a maldade
 Com tão céga authoridade
 Deo tanta força á mentira,
 Que se atreve, que conspira
Contra a força da verdade.

O mesmo Mote por outro modo.

G L O Z A D O A.

NAõ sei que ha tempos diviso
 No semblante de Filena!
 Não sei que gésto, que pena!
 Que mysterioso sorriso!
 Hum juizo, outro juizo
 Torno a formar, se eu pudera,
 Mil perguntas lhe fizera,
 Mas teño a irada resposta:
 Se já de mim se desgosta,
Tomára quem me dissera?

Mas em fim determinado,
 Ou ella se enfade, ou não,
 Vou perguntar-lhe a razão
 Do seu novo desagrado.
 Filena, meu Bem, que enfado
 Perturba a serenidade
 Desse teu rosto? A verdade
 Não me occultes mais instantes,
 Se inda fallas como d'antes
Com toda a sinceridade.

Se contigo malquistar-me

Quer alguém, vê que te engana;

Porque.... mas ah que a tyrana

Fugio; não quiz escutar-me:

Mil vezes irá culpar-me

Como cega, e cheia de ira:

Não fora assim, se me ouvira

Com semblante mais humano;

Porque só dura o engano,

Se prevalece a mentira.

Virá tempo, em que Filena;

Dentro do seu coração,

Conheça a industria da mão,

Que a verdade lhe invenena:

Como ficará de pena,

De confusão, de piedade!

Quando vir que a falsidade,

Que mil vezes a cegou,

Em vão de enganos se armou

Contra a força da verdade.

M O T E

*Se te aborrece o querer-te ;
He forçoso o desprezar-te ;
Ensina-me a aborrecer-te ,
Que eu não sei senão amar-te.*

G L O Z A D O A.

EU já quiz ver se podia
Trocar em odio este amor ,
E armei-me do teu rigor
Contra a minha sympathya :
Muitas vezes conhecia
Que perco pouco em perder-te :
Quiz deixar-te, quiz não ver-te ;
Porque não ver-te, ou deixar-te,
Talvez pudesse agradar-te,
Se te aborrece o querer-te.

Sei que me aborreces tanto ,
Que o meu mal he o teu sustento :
Sei que o teu divertimento
He ver correr o meu pranto :
Eu me confundo, eu me espanto
De inda não poder deixar-te ;
E que o meu amor em parte
O teu rigor adoçando,
Te queira mais inda, quando
He forçoso o desprezar-te.

Desprezar-te, razão era,
 Mas amor não he razão,
 Nem tem mais Lei, que a paixão,
 Que domina o home, e a fera:
 Não posso, que se pudera,
 Deixaria de querer-te;
 Mas se acaso de offender-te
 Podes, tyranna, obrigar-te,
 Tu para tudo tens arte,
Enfina-me a aborrecer-te.

Mas nem teu genio inimigo
 Teria tanto poder;
 Sim, que eu não posso aprender
 A ser ingrato contigo:
 Das regras, de Amor, que figo,
 Não haverá quem me aparte;
 E as de offender-te, ou deixar-te,
 Nunca já mais seguirei,
 Nem taes lições tomarei,
Que eu não sei senão amar-te.

M O T E

*Já sei, ingrato, já sei,
Que essas lagrimas fingidas
Erão de appetite cheas,
Porém não de amor nascidas.*

G L O Z A D O A.

E Nganada a fantasia
Me trouxe a minha innocencia,
Em quanto em ti a apparencia
Verdade me parecia;
Porém já chegou o dia,
Em que me defenganei;
E os defenganos comprei
Bem á custa dos meus damnos,
Pois todos os teus enganos
Já sei, ingrato, já sei.

N'outro tempo só de ver
Arrazar teus olhos de agoa,
Sentindo não sei que mágoa,
Toda me deixei render:
Hoje bem podem correr
Delles aguas repetidas,
Nunca de mim serão cridas;
Que fora muita innocencia
Poder menos a experiencia,
Que essas lagrimas fingidas.

Correrão affortunadas,
 Porque em fim puderão tanto,
 Que alcançarão com seu pranto
 Coufas bem mal empregadas:
 Sahirão acompanhadas
 De palavras de fereas;
 Já com ellas não me enleas:
 Que as lagrimas, e as razões
 Vinhão cheas de traições,
Erão de appetite cheas.

Desculpa-te c'os desdens,
 Que viste da minha parte,
 Que para tudo tens arte,
 E nisto inda mais a tens:
 Defengana-te, se vens
 Com mais lagrimas fingidas,
 Que ellas por mais repetidas
 Que appareção; fim ferão
 Nascidas de outra paixão,
Porém não de amor nascidas.

M O T E

*Vai, afflicto coração,
Conta bem o que padeces,
Para ver se assim mereces
Tenhão de ti compaixão.*

G L O Z A D O A,

Coração, se ainda aquella,
Que te maltratou, duvida
De que he mortal a ferida,
Que te fez, por ser tão bella;
Voa, vai diante della,
E bem que o farás em vão
Cheio de dor, e afflicção,
Para essa chaga malina,
Vai pedir-lhe a medicina,
Vai, afflicto coração.

De queixas enchendo os ares;
Coração, por onde fores,
Com suspiros sécca as flores,
Com pranto accrescenta os mares:
Quando á presença chegares
Dessa gloria, que appeteces,
De te queixares não cesses,
Solta a voz, accende a fragoa;
Repete-lhe a tua mágoa,
Conta bem o que padeces.

Mostra á formosa homicida

Co' as roxas azas cruzadas,
 Que inda as levas salpicadas
 Do sangue d' atroz ferida:
 Mostra a chamma, que accendida
 Nas Aras do peito offreces;
 E pois só lhe desmereces,
 Faze, faze, coração,
 Esta ultima oblação,
Para ver se assim mereces.

Se inda assim for tão tyrana,

Que de ti nenhum dó tenha;
 Vai-te queixar a huma penha;
 Será talvez mais humana:
 Fôge dessa tigre Hircana,
 Vai contar tua afflicção
 A outras fêras, que são
 Nascidas nas toscas grutas,
 Póde ser, sendo tão brutas,
Tenhão de ti compaixão.

M O T E

Amor perfeito não dura.

G L O Z A D O A.

Tudo em chegando a tocar
 A linha da perfeição,
 Por natural condição
 Entra logo a declinar:
 No amor inda este desfar
 Cada dia mais se apura:
 A experiencia o segura
 A' custa de tantos ais;
 Que em fim, como tudo mais,
Amor perfeito não dura.

Por outro modo.

Póde alguma vez amor
 No Mundo achar-se perfeito;
 Quando se encontra em fogeito;
 Que seja do meu humor;
 Mas buscallo sem temor
 Em feminil creatura,
 Mais do que engano, he loucura;
 Que principalmente nella,
 Por mais que seja a cautela,
Amor perfeito não dura.

M O T E

Do Téjo as arêas de ouro.

G L O Z A D O A.

OMais rico original
 Em ti, Marcia, o Ceo descreve:
 No rosto espalhou-te a neve,
 Nos dentes poz-te o cristal:
 Para os beiços de coral
 Foi descobrir hum thesouro;
 E para o cabello louro,
 Com que prende os alvedrios,
 Formou em delgados fios
Do Téjo as arêas de ouro.

Por outro modo.

SE puzeres, Ninfa ímpia,
 Termo aos antigos pezares
 De hum pescador, que em teus mares
 Passa a noite, passa o dia,
 Dar-te-hei toda a pescaria,
 Que apanhar no Lima, e Douro:
 Dar-te-hei de mais hum thesouro,
 Que de mergulho profundo
 Ver-me-has ir buscar ao fundo
Do Téjo as arêas de ouro.

M O T E

De Anarda os olhos formosos.

G L O Z A D O A.

VErdes, graciosos outeiros,
 Que em desigual compostura
 Retratais vossa figura
 Nas aguas destes ribeiros:
 Vossos redonhos pinheiros,
 Vossos pampanos viçosos,
 Vossos frutos saborosos,
 E o mais, por que a vista estendo,
 Nada me alegra, não vendo
De Anarda os olhos formosos.

M O T E

Nos dotes, que o Ceo te deo.

G L O Z A D O A.

NAõ te dou, Ninfa excellente,
 Finas pedras Orientaes,
 Nem effes ricos metaes,
 Por quem tanto sua a gente:
 Pedras, que naturalmente
 Pouco a pouco o mar lambeo,
 São as que Amor escolheo
 Para ti; que a Natureza
 Te deo toda a mais riqueza
Nos dotes que o Ceo te deo.

M O T E

Em final da escravidão.

G L O Z A D O A.

REndi-me com tanto acerto,
 Hum Divino rosto vendo,
 Que mil vezes me arrependo
 Do tempo, que fui liberto:
 Por mais cultos, que lhe offerto,
 Poucos acha o coração;
 E com tanta sujeição
 A liberdade me enleia,
 Que eu mesmo beijo a cadeia
Em final da escravidão.

M O T E

Morrendo estou de saudades.

G L O Z A D O A.

AH! Que contra o meu desejo
 Fugindo o meu Bem me vai!
 Detem-te, espera... mas ai,
 Já se foi, já o não vejo:
 Que faço, que não forcejo,
 Por ir com elle? Deidades,
 Dessas mudas soledades
 Ide buscar-me o meu Bem:
 Ide, que elle he só, por quem
Morrendo estou de saudades.

M O T E

Nada do que vejo quero.

G L O Z A D O A.

Mostrou-me a Fortuna abertas
As portas dos seus thesouros:
Mostrou-me as palmas, os louros,
Fez-me mil milhões de ofertas:
Fortuna, tu não acertas,
Lhe disse de hum tom severo,
Porque os altos dons, que espero,
Cruel, não mos podes dar:
Torna o thesauro a fechar:
Nada do que vejo quero.

M O T E

Fez da côr da minha sorte.

G L O Z A D O A.

Quando os olhos vou erguer
Para os pôr nos teus Divinos,
Lembrão-me mil delatinos,
Que sinto, e não sei dizer:
Tu, que sabes comprehender
Este genero de morte,
Perdoa-me algum transporte,
Que vires nos olhos meus;
Culpa os Ceos, porque esses teus
Fez da côr da minha sorte.

M O T E

f. Paixão de amor o que he.

G L O Z A D O A.

M Il vezes de amor zombava,
 Quando te não conhecia,
 Porque inda então não sabia
 O que esta paixão custava:
 Alegre o tempo passava,
 Sem saber o que era fé;
 Mas depois, tyranna, que
 Em teus olhos me empreguei,
 Inda mal que tanto fei,
Paixão de amor o que he.

Por outro modo.

G L O Z A D O A.

A Rrastrar duros grilhões,
 Dar mil gemidos, mil brados,
 Sentir, como os condemnados,
 Infernaes tribulações,
 Fazer mil considerações
 Do que ouve, e do que vê,
 Negar o mesmo que crê,
 Morrer todos os instantes,
 Eis-aqui, tristes amantes,
Paixão de amor o que he.

M O T E

No meio de tanto fogo.

G L O Z A D O A.

P Or toda a parte espalhando
 Os meus suspiros ardentes
 Vou, não só ás vivas gentes,
 Mas verdes troncos queimando :
 Com elle o ferro abrando,
 Derrete-se a pedra logo,
 Só a meu ardente rogo
 Aquella tyranna, aquella....
 Endurece, esfria, gella
No meio de tanto fogo.

C O L X E A

*A's doces prizões de Amor
 Entreguei a liberdade.*

G L O Z A D O A.

N Ize, seja como for,
 Se das mais te queres rir,
 Faze muito por fugir
A's doces prizões de Amor:
 Guarda esse rico penhor
 Da preciosa vontade,
 Para que correndo a idade,
 Não digas, como eu já disse,
 Em negra hora infelice
Entreguei a liberdade.

MISCELLANEAS

COLXE A

*Amor, para me prender,
Os teus olhos me mostrou.*

GLOZADO A.

P Or vingar-se, Amor, quiz ver
Se prender-me falaria:
Que industrias não buscaria,
Amor, para me prender!
Principiou a bater
Mil ferros, que encadeou;
Chaves, algemas forjou;
Porém tudo mallogrando,
Não me prendeo senão quando
Os teus olhos me mostrou.

COLXE A

*Inda que a fonte tem limos,
Quem tem sede sempre bebe.*

GLOZADO A.

G Raças a Deos: Conseguimos
Descubrir neste alto monte
Para beber huma fonte,
Inda que a fonte tem limos:
Com sede, e com calma vimos,
No rosto se nos percebe,
Vai, no tarro a agua recebe,
Que a necessidade ensina,
Que da fonte mais mofina,
Quem tem sede sempre bebe.

E N D E I X A S

I

Alvaro, que amava
 Dinamene bella,
 Andava por ella
 Sempre a suspirar.

Fugindo da gente,
 Porque não queria
 Outra companhia
 Mais que o seu pezar.

Nas margens desertas
 Do Téjo saudoso,
 Se vai desgostoso
 Sózinho encostar.

Contando ás hervinhas
 Da fresca espezura
 A pouca Ventura,
 Que teve em amar.

Do peito defata,
 Em seu defalento,
 Suspiros ao vento,
 Lagrimas ao mar.

E como que estava
 Já perto da morte,
 Em vão desta sorte
 Se entrou a queixar.

Gentil Dinamene,
 Honra desta Aldèa,
 Do bosque, e da arèa
 Ninfa Tutelar.

Por ti ha mil dias
 Que morro, vivendo,
 Porque vá morrendo
 Sem nunca acabar.

Depois que os meus olhos
 Nos teus empreguei,
 Ver outros não sei,
 Que os possa alegrar.

Se os meus te aborrecem,
 Porque andão chorosos,
 Põe-lhe os teus piedosos,
 Faze-os enxugar.

Se he que então meu pranto,
 Que hoje he só desgosto,
 Não correr de gosto,
 Vendo-te abrandar.

Se fables que eu morro ,
 Porque não me acodes ;
 Pois bem fei que podes
 Dar vida , e matar.

Amor nem com todos
 Se empenha de véras ;
 Que amor tem as féras ,
 Sem saber amar ?

Bem fei que hum Pastor ,
 A quem rudo falta ,
 A Ninfa tão alta
 Não deve aspirar.

Mas não ama o corpo ,
 Ama a alma forte ,
 E Amor como a morte
 Nos sabe igualar.

Se não tenho gado ,
 Que offercer te possa ,
 Se não tenho choça
 Para te abrigar ,

De puros affectos ,
 Candido rebanho ,
 Formarei tamanho
 Como terra , e mar.

E estas innocentes
 Entranhas mil vezes,
 Em lugar de rezes,
 Sobre o teu Altar,

Irei, Ninfa, eu mesmo,
 C'o peito já roto,
 Alegre, e devoto
 A sacrificar.

E se for possível,
 Depois desta vida,
 A' minha alma unida
 A tua ha de andar.

Mais dizer queria
 De feu mal tyrano;
 Mas não pode Albano
 Adiante passar.

Das tremulas mãos
 Cahio-lhe o encosto,
 Sem o triste rosto
 Poder levantar.

Porém Dinamene,
 Que ouvindo estivera
 Quanto elle dissera
 Cheio de pezar,

Fez tão pouco caso

De seu mal ouvir,

Que em vez de o sentir,

Se poz a cantar.

II

PAstora, a mais bella,

Que nessa espeçura

Permittio Ventura

Fosses minha Estrella.

Não são as que eu vejo

No Ceo tão brilhantes,

Nem estão tão distantes

Para o meu desejo.

Mas se tão formosa

Lá do Ceo cahiste,

Porque não sahiste

Como elle piedosa.

Se teu rosto a palma

De Angelico tem,

Mostra que es tambem

Angelica n'alma.

E se prezo vivo

Dessa formosura,

Trata mais brandura

Com quem está cativo.

A tua inclemencia

Ociosa não seja,
Que aonde amor sobeja,
Sobeja a violencia.

A minha faudade

Capaz he de tudo,
Que he mal mais agudo,
Que a tua crueldade.

E neste excessivo

Mal, em que discorro,
De não ver-te morro,
De adorar-te vivo.

Ah se tu estiveras

Dentro neste peito,
Do mal, que lhe has feito,
Tu te arrendêras!

Mas ai que eu me engano!

Dentro nelle estás:
Apalpa, e verás,
Que he o teu Albano.

Dá-lhe este conforto,

Acode a seus ais:
Vê se tarda mais,
Que o achas já morto.

Se este amor não queres,
 E o bem me demoras,
 Direi que as Pastoras
 Também são mulheres.

III

ANdais enganados,
 Corações humanos,
 Que Amor não tem culpa
 Dos vossos enganados.

Quem d'elle se queixa,
 No mal, que padece,
 Quanto mais o culpa,
 Menos o conhece.

Eu, que recebi
 Feridas tamanhas,
 Que inda verto fangue
 Das rotas entranhas,

Nem por isso volto
 Contra elle os tiros;
 Antes dou por elle
 Gostosos suspiros.

Não ha maior erro,
 Que o filho innocente
 Pagar os delictos
 Da mãe delinquente.

Ella

Ella lhe accomoda
 Nas mãos delicadas
 O arco sonoro,
 As settas douradas.

As settas lhe aponta,
 O corpo lhe ampara,
 O braço lhe curva,
 O tiro dispara.

Porém como ás cegas
 O simples rapaz
 Faz quanto a Mãi quer,
 Não sabe o que faz.

Comigo mil vezes
 Baldou estes meos,
 Porque andava armado
 De antigos receios.

Té que hum certo dia,
 Que eu tenho em memoria,
 Dispoz-me batalha,
 Conseguiu victoria.

Das armas do filho
 Não se quiz valer,
 Que tem outras armas
 Para me vencer.

Hum formoso rosto,
 Hum riso modesto,
 Hum volver de olhos,
 Hum mudar de gésto,

As armas só forão
 Da sua conquista;
 Porque pode menos
 O ferro, que a vista.

Se a bella figura
 De Venus, então,
 Gemer não fizera
 O meu coração,

Não cuides, se as pontas
 Do arco ajuntáras,
 Que nelle hum só tiro
 Cupido acertáras.

Este anda mostrando
 As chagas do peito;
 Dizendo, que es tu
 Causa deste effeito.

Aquelle pragueja
 Os grillhões dourados,
 A todos contando,
 Que lhe são pezados.

Hum diz que padece
 Frenetico mal,
 Nascido de hum fogo
 Ciúme infernal.

Outro, na balança
 De huma dor immensa,
 Vai pezando as faltas
 Da má recompensa.

Que culpa tens tu,
 Menino innocente,
 Do mal que discorre
 Esta-louca gente?

Não ferás Virtude
 Praticada assim,
 Para quem abusa
 Do teu justo fim;

Mas para quem sabe
 Dirigir seus passos;
 São tuas cadeias
 Os mais doces laços.

Vive Amor, e reina
 Só nos corações
 Daquelles, que sabem
 Conter as paixões.

Será o teu nome

Todos os instantes
Por mim defendido
Dos loucos amantes.

Tecer-te-hei grinaldas

Com mãos cuidadas
De candidos lirios,
De purpureas rosas.

De innocentes rolas

Cem formosos pares,
Banhárão de fangue
Teus puros Altares.

Este sacrificio,

Doce Amor, acceita
A quem por seu gosto
Tanto se fujeta.

Ajudem-me todos

A dar-te louvores,
E formem-se as queixas
Da Mãi dos amores.

De Amor não culpeis

Os farpões tyrannos,
Que amor não tem culpa
Dos vossos enganós.

M O T E

A ti só, e a mais ninguém.

G L O Z A D O A.

MArcia, os mãos versos, que estão
 Escritos neste volume,
 Mais digno de arder no lume,
 Que de vir á tua mão:
 Foi gastar o tempo em vão,
 De que me arrependo bem:
 A culpa o meu Fado a tem;
 Pois inda então não sabia,
 Que fazer versos devia
A ti só, e a mais ninguém.

SONETO

A' Estatua Equestre.

SE queres ver huma Memoria estranhã,
 (Remoto povo) arma veloz Navio;
 Demanda as praias do famoso Rio,
 Cujó nome tomou de hum Rei de Hespanhã:

Não são despójos miserós que apanha
 Barbara mão de vencedor Gentio;
 São os triunfos de hum Monarca Pio,
 Representados n'uma só façanha:

São de hum Conquistador, sem ser Guerreiro,
 Pacificas acções, Obras felices,
 Sobre as ruinas de hum Imperio inteiro;

He finalmente (ah! se agora o visses!)
 Modêlo Augusto de hum José Primeiro,
 Fiel Retrato de hum segundo Olisses.

SONETO

Ao mesmo.

A Sombra de altos Cedros levantados,
Entre as quatro Estações, e os doze Mezes;
Sobre hum montão de Tógas, e de Arnezes,
Descançar vejo os Seculos passados:

Huns empunhando estão os Sceptros dourados,
Outros abrindo os Fastos Portuguezes:
Os nomes lem deſſes Heroes, mil vezes;
Santos nas leis, nas Guerras esforçados:

Mais antigas acções de Heroes admirão,
Com que se honrara o Seculo de Augusto,
Por quem os noſſos tempos não suspirão:

Porém, naquella Eſtatua, e neste Buſto,
Eſſes ditos Seculos não virão
Hum Miniſtro tão ſabio, hum Rei tão juſto.

SONETO

Ao mesmo.

NÃO he do Estatuario a mão perita,
 Que admiro, ó Rei, na tua Cópia Augusta;
 Fecunda idéia, proporções ajusta;
 Braço Real, emprezas facilita:

Não he a massa enorme, a que acredita
 O respeito da máquina robusta:
 O que ella representa, he que me assusta,
 Que a ver me móve, que a fallar me incita.

Estatuas de alguns Reis tem visto a Historia,
 E haver já não devia entre os humanos
 De taes Estatuas, de taes Reis memoria:

O que faz immortaes os Soberanos,
 He saber, como tu, encher de gloria
 A carreira incansavel dos seus annos.

SONETO

Eu nunca largarei laços amantes.

SONETO

OS ares enchão de mortaes gemidos,
Os que, de Amor, no Mundo maltratados,
Por não poderem co's grilhões pezados,
Estão já de seu jugo arrependidos:

Voltem-se contra Amor, de mal soffridos
Nas suas afflicções, nos seus cuidados;
E já dos laços seus desesperados,
Quebrem, podendo, os ferros desabridos:

Quebrem, fujão de Amor, e absortos vejão,
Que elle forças me deo tão relevantes,
Que para supportallos, me fobejão:

Embora sejam todos inconstantes,
Que por mais duros que estes laços sejam,
Eu nunca largarei laços amantes.

M O T E

Em chamma de Amor arde o meu peito.

S O N E T O

E Sse fogo de Amor, em que alguma hora
Ardeo, por lenha, o coração magoado,
A cinzas reduzido, a pó tornado,
Por huma vez de todo lancei fóra:

Que Medéa, que Cerce encantadora
(Dizia eu no meu tranquillo estado)
Por mais laços que tenham preparado,
Podem prender-me o coração já agora?

Mas, que valeo a solta liberdade?
Se só dos olhos teus hum breve geito
Vence o mais alto imperio da vontade!

Só tu fazer podias tanto effeito,
Que a pezar da soberba, e da vaidade,
Em chamma de Amor arde o meu peito.

M O T E

Em ti a mão da natureza enferra.

S O N E T O

Q uiz Amor resumir n'um só fogeito
 Quanto tem pelos outros repartido:
 Nos olhos, poz-lhe as setas de Cupido,
 E a voz de Cisne lhe infundio no peito:

Por ti absorto o timido respeito,
 Anda em todas as gentes dividido:
 Em fim, não ha em nós hum só sentido,
 Que se não veja a teu poder sujêito:

Honra pois do teu sexo, honra a memória,
 Triunfa, que se alguma te faz guerra,
 Terás, por campo, o Mundo, na victoria:

Enche de pasmo o Ceo, de assombro a terra;
 Que quanto ha em epilogo na gloria,
Em ti a mão da natureza enferra.

SONETO

CHorando Venus por seu filho andava,
 Não ha muitos instantes, e dizia,
 Que humas grandes alviças daria
 A quem lhe descubrisse, onde elle estava:

Para se conhecer, os signaes dava;
 A todos affirmando, que trazia,
 Fogo nos olhos, em que o Mundo ardia,
 No hombro tenro, e nú, pendente a aljava:

Eu, sabendo qual era o seu destino,
 Da mái desconfolada enxugo o pranto;
 Comigo a levo, onde elle está, lhe ensino:

Venus olhou, e cheia de alto espanto,
 Vio estar o Deos de amor, o seu menino,
 Elevado nas glorias do teu canto.

SONETO

Humas vezes, não sei porquê motivo,
Me sinto andar, assim como palmado,
Outras vezes de rodo sepultado
No desacordo, não pareço vivo:

Lá torno em mim, e fico pensativo
No destino infeliz do meu cuidado:
De hum triste sono, funebre, e pezado,
De novo, outra vez torno a ser cativo.

Os olhos fecho, a languida cabeça
Para a parte humas vezes se reclina,
Outra vez para os hombros se atraveça:

Ser triste, e desgraçado, em mim foi fina;
Pois quem tão mal do berço assim começa,
Só tem na sepultura a medicina.

SONETO

ERguei-vos, Ninfas, madrúgai, Pastores,
E lá de cima do mais alto outeiro
Vede raiar os novos resplandores
Do melhor dia, desde que ha Janeiro:

Vede queimar-lhe, em fervido brazeiro,
Cupido as setas, em lugar de flores;
Porque completa mais hum anno inteiro,
A que nasceo, para matar de amores:

Semeai em seu nome, se quizeres
Ver do anno a colheita mais distincta,
Com auxilio de Pan, favor de Ceres,

Em quanto eu peço a Amor, que me consinta,
Que em té dos vossos, e dos meus prazeres,
O nome escreva da immortal Jacinta.

SONETO

Musa, que voa ha tanto tempo errante
 Nas azas da mortal melancolia,
 Dizer não póde, quanto pede hum dia,
 Que affinalou voffo natal brilhante:

Por mais que sobre as nuvens se levante,
 Como vê, soffocada na agonia,
 Poucas vezes o rosto da alegria,
 Treme fô de lhe ver o bom semblante:

Ella fim tinha o animo disposto,
 Para tecer á tua vida hum canto,
 Digno de apparecer neste meu rosto;

Mas o costume de chorar he tanto,
 Que se tenho algum gosto, fahc o gosto
 Disfarçado nas lagrimas do pranto.

SONETO

Fileno, essa paixão modera, e esfria,
Que já he contumacia a persistencia;
E de amor, nos triunfos, a violencia,
Passa de ser victoria a ser porfia:

Ah! Deixa essa cruel, deixa essa ímpia,
Que assim lhe lisonjeas a inclemencia;
Pois talvez seja culto a desistencia,
Onde foi sacrilegio a idolatria:

Não dôbres, não, a hum pedernal o joelho,
Que faz a adoração barbaridade:
Melhor o sentes tu, que eu o aconselho:

Nega-lhe o culto, volta-o á amizade;
E vendo o seu rigor, e o meu conselho,
Mais que esse engano, adora esta verdade.

SONETO

Fileno, acorda tu, e durma a fria,
 A crua Dinamene muito embora:
 O seu amor confunde, o teu melhora,
 Que nem o préza, nem o merecia:

Deixa-a ficar no sono em que jazia,
 Não a desperte o teu amor já agora;
 Porque hum igual descuido em quem adora
 Não he sono sómente, he lethargia:

Insensível ao teu merecimento,
 É intorpecida de hum quebranto enorme,
 Não dá, de amor, mais leve movimento:

Recebe pois este importante informe;
 E então darás ao Mundo o documento,
 Que sabes despertar, quando ella dorme.

SONETO

DEixa, Eneas, a Dido, e da saudade,
Conseguindo triunfos a memoria,
Troca, pela de amor, mais alta historia
Nos caminhos, que abriu á Herocidade:

Porém quando lhe désse a qualidade
De Heroe completo, a successiva gloria,
Bastaria a seu nome esta vitoria,
Para o ir collocar na eternidade:

Do antigo Lacio, na Região procura
Ir búscar mais vitorias, noutra empreza;
Que a de Carthago assim, já tem legura:

Porfiga a viagem, próve a fortaleza;
Que não teme os poderes da ventura,
Quem domina os imperios da belleza.

SONETO

Sempre me pareceo que neste dia,
 De Dinamene visse o bello rosto;
 Mas sempre hum infeliz acha desgosto,
 Onde imagina achar doce alegria!

Não fei que amavel, terna sympatia
 A bem querer-lhe, já me tem disposto!
 Mas a tão bello natural composto,
 He divida a mais firme idolatria:

Minha alma he dos seus olhos prizioneira,
 E deste cativoiro lhe redunda
 Escravidão gostosa, e lisonjeira:

No suave prazer, toda se funda
 De tella visto já a vez primeira;
 Mas quando a tornarei a ver segunda?

SONETO

NA razão superior que em vós se alcança,
 Não se queixa a justiça da ventura,
 Pois só no vosso merito segura,
 Sem os perigos do favor, descança:

Da vossa felicissima bonança,
 Por mais que a Inveja fardida mormura,
 O legal simulacro então procura
 Sustentar o equilibrio da balança:

De litigar-se a causa, não se entenda
 Menos justiça em vós; se assim não fora,
 Não se apurara no crysol do pleito:

Foi preciso durar esta contenda;
 Porque o dar-se-vos logo o bem da posse,
 Parecêra equidade, o que he direito.

SONETO

SE eu pudera, meu bem, neste retiro
 Explicar da minha alma o desalento,
 Bastarão para vozes do tormento
 As eloquentes frases de hum suspiro:

Mas a violenta dor he tal, que infiro
 Do meu peito será punhal cruento;
 Pois se hum ai quero dar, no sentimento
 Soffocada a mesma alma, nem respiro:

Eu me sinto mortal; mas desta sorte
 Melhor exprimo a dor, sem outro ensaio;
 Que diga a pena, que encareça o corte:

Mas, se he a ruina quem abona o raio,
 Que melhores imagens para a morte,
 Que os afflictos silencias de hum desmaio?

F I M.

TABELLA

De todos os Sonetos, que contém este segundo Tomo, affinalados alfabeticamente com as paginas aonde vão lançados cada hum per si, e juntamente as mais Obras grandes, e pequenas.

A

A Quelles dous, que oppostos sempre andá-
rão, pag. 5.

Aquelle rosto, aquella affável rosto, 13.

Anarda, vossa Mana será bella, 23.

Aos Santos bosques do Tojal me guia, 31.

Apartar-me de Marcia pretendia, 36.

Abre as azas de linho, Ave rasteira, 34.

As negras roupas com felice agouro, 42.

Amor por se vingar d'uma alma izenta, 43.

C

Contra o poder das vossas mãos, Senhora, 9.

Chegou, Pastora, o termo derradeiro, 6.

Chorai Graças: Chorai: Chorai Amores, 45.

Cravados pés, e mãos, e da cabeça, 49.

D

Do Téjo as manças ondas apartava, 16.

E

Eu chorarei de Amor tão docemente, 1.

Em batalha campal me desafia, 8.

Em ti mil Graças sempre estão chovendo, 12.

Enganei-me com Jonia, paciencia, 19.

Em brando verso celebrar queria, 25.

Em torno de hum Altar, onde apparece, 29.

F

Fugi, prazeres, de quem chora, e sente, 39.

TABELLA

I

Já lá vão sete lustros, que este monte, 30
 Já me não enganais rostos fingidos, 4.
 Já me não vence Amor d'um gesto lindo, 7.

N

Nunca mais tornarei a ver teu gosto, 15.
 Não vades hoje ao campo, ó Pastores, 20.
 N'um tronco Amor á vista dos Pastores, 22.
 Não foi Marilia a tua formosura, 27.
 N'um vale, cujo nome não sabia, 44.

O

Ora aqui, ora alli ferindo a gente, 24.
 O roxo Baccho, que espiemendo estava, 38.
 Os rijos ventos, que as prizões quebrarão, 41.
 Os versos, que cantei já n'outra hora, 48.

P

Para que em mim os olhos teus puzesses, 14.
 Podem contra Leões, contra Serpentes, 37.
 Pobre, ou rico, vassallo, ou Soberano, 47.

Q

Qual depois de horrorosa tempestade, 17.
 Qual muda rez de pés, e mãos ligada, 18.
 Qual o menino pela mão levado, 30.
 Quiz ver o Sol de noite, o Luar de dia, 33.
 Quem corre apôs do bem, que alcança, 35.
 Querendo erguer em honra deste dia, 40.
 Que dons dignos de ti offreceria, 46.

S

Se quem te vê, bellissima tyranna, 11.

T

Temão embora a morte os que afferrados, 2.
 Trazei do Ceo medicinal Virtude, 32.

Vai,

TABELLA

V

- Vai, ó charo Limano, que a Ventura, 10.
Vai Genoveva: Os favoraveis ventos, 21.
Vão de valor, vão de Fortuna armados, 26.
Vós arenosas, Escalabitanas, 28.
Vinde, ó Anjo da Paz, e da Alliança. 50.

O D E S.

- Infeliz instrumento, 51.
Socega-te, e respira, 54.
Fez-te calvo este monte, 58.
Tu, brilhante Chiméra, 69.
Alviçaras humanos, 61.
Musá minha, voemos, 64.

C A N Ç Õ E S.

- Tu, que tens feito na minha alma affento, 89.
Aquelle, que fulcando, 98.
Já sobre os Horizontes, 102.
Quem são? Quem são aquelles exemplares, 108.
Illustre D. Gastão, sabio Coutinho, 111.

I D I L I O S.

- Hum dia ao pôr do Sol, hum triste dia, 74.
Não são dos passarinhos os reclamos, 78.
Gostosa companhia, 81.

E P I C E D I O.

- Da chara vossa Irmá, Illustre Conde, 86.

T R A G E D I A S.

- Penelope, traducção, 129.
Viriacia, ficção, 227.

M I S C E L L A N E A S.

- Motes alheios glozados pelo A.*
Quanto importa, e quanto val, 301.
Tão costumado a desgraças, 303.

TABELLA

- No Templo do Deos Cupido, 305.
 Da escravidão do Deos cego, 307.
 Amor anda pelo tino, 309.
 Bem pôde o Tempo tirar, 311.
 Todo este monte não tem, 313.
 Quando te não conhecia, 315.
 Tomára quem me dissera, 317.
 Se te aborrece o querer-te, 321.
 Já sei, ingrato, já sei, 323.
 Vai afflicto coração, 325.
 Amor perfeito não dura, 327.
 Do Téjo as arêas de ouro, 328.
 De Anarda os olhos formosos, 329.
 Nos dotes, que o Ceo te deo, ibid.
 Em final da escravidão, 330.
 Morrendo estou de faudades, ibid.
 Nada do que vejo quero, 331.
 Fez da côr da minha Sorte, ibid.
 Paixão de Amor o que he, 332.
 No meio de tanto fogo, 333.

C O L X E A S.

- A's doces prizões de Amor, 333.
 Amor, para me prender, 334.
 Inda que a fonte tem limos, ibid.

E N D E I X A S.

- | | | |
|-----------------------|---|------|
| Albano, que amava | } | 335. |
| Dinamene bella | | |
| Pastora a mais bella, | } | 339. |
| Que nessa espeçura | | |
| Andais enganados, | } | 341. |
| Corações humanos | | |

TABELLA

Dos Sonetos novamente accrescentados.

SE queres ver huma Memoria estranha, pag.
347.

A' sombra de altos Cedros levantados, 348.

Não he do Estatuario a mão perita, 349.

Os ares enchão de mortaes gemidos, 350.

Esse fogo de Amor, em que alguma hora, 351.

Quiz Amor resumir n'um só sogeito, 352.

Chorando Venus por seu filho andava, 353.

Humas vezes, não sei porque motivo, 354.

Erguei-vos, Ninfas, madrugai, Pastores, 355.

Musa, que voa ha tanto tempo errante, 356.

Filleno, essa paixão modera, e esfria, 357.

Filleno, acorda tu, e durma a fria, 358.

Deixa, Eneas, a Dido, e da faudade, 359.

Sempre me pareceo que neste dia, 360.

Na razão suprior que em vós se alcança, 361.

Se eu pudera, meu bem, neste retiro, 362.

PROTESTAÇÃO.

AS palavras Numen, Fado, Destino, Divindade, &c. empregadas sómente para melhor exprimir a ficção Poetica, não tem alguma cousa de commum com os internos sentimentos do Author, que como obediente filho da Igreja em tudo se submete ás determinações della.

